

DEPOSITO LEGAL

# FLAMA

N.º 1.000 / ANO XXIII / 5 DE MAIO DE 1967 / 5.00

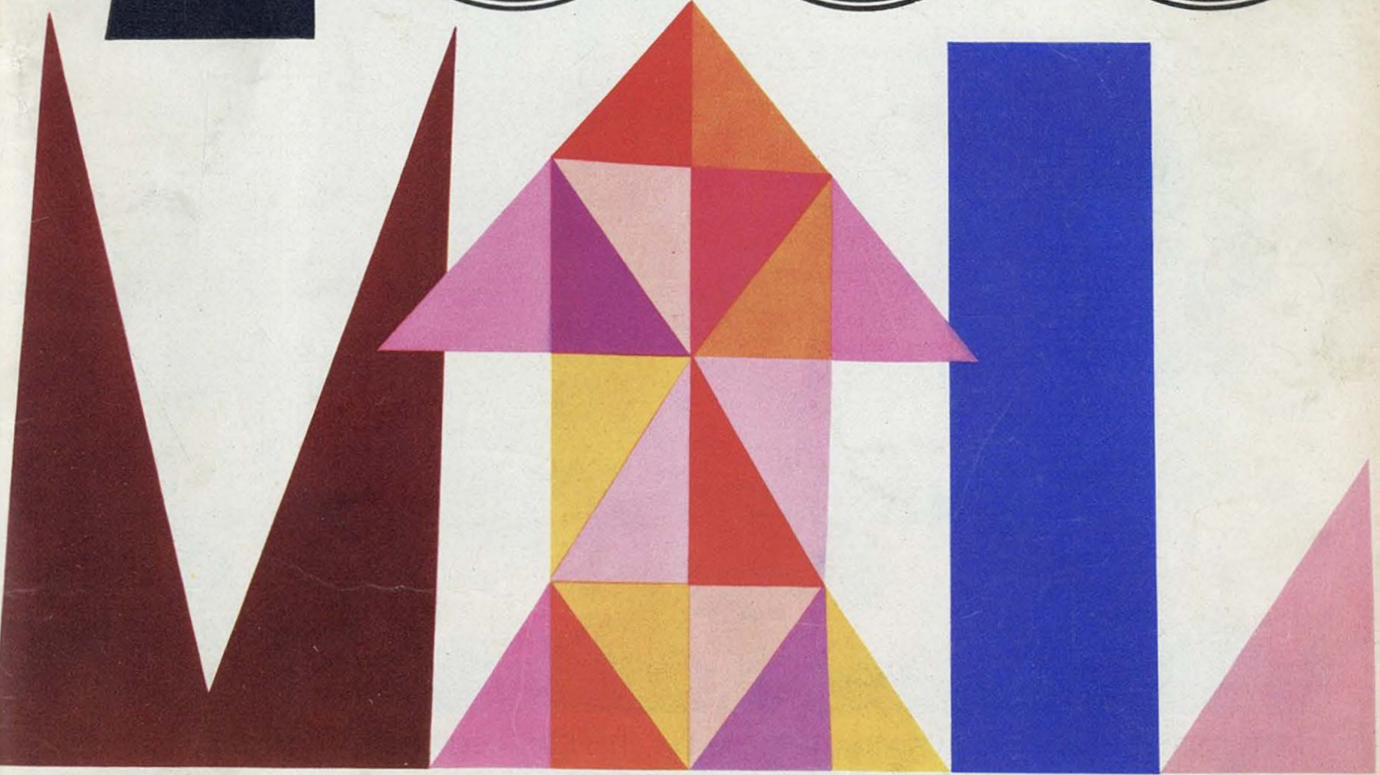
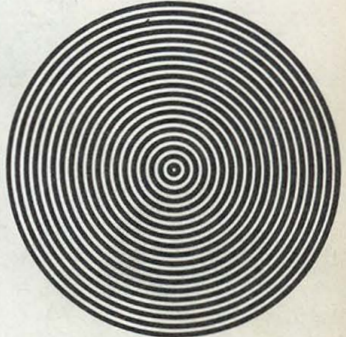
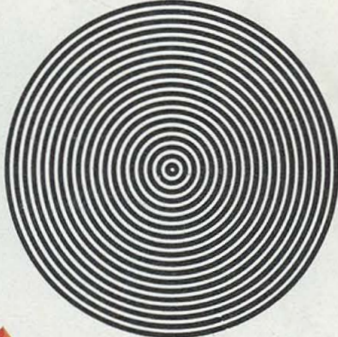
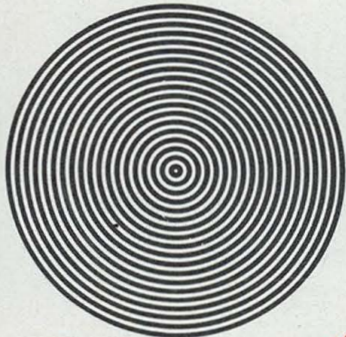


**especial**

116 páginas

Número - Recordação

# 1



Que há de diferente  
nos novos lençóis  
de **'TERYLENE'** algodão?

Muito mais finos, muito mais confortáveis!

'Eles' têm um toque natural,  
são facilísimos de cuidar,  
dispensam o ferro. Duram anos e anos.

...E são escolhidos  
pela mulher que sabe.

**'Terylene'** marca o rumo



**'TERYLENE'** É UMA MARCA REGISTRADA DA IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES LTD.

# CAMPEONATOS NACIONAIS DE CONDUTORES 1966

**OS CAMPEÕES NACIONAIS  
PREFERIRAM**

# SACOR



**Manuel Lopes Gião**

**campeão nacional de  
RALIS**

**Josquim Pereira Gomes**

**campeão nacional de  
REGULARIDADE**

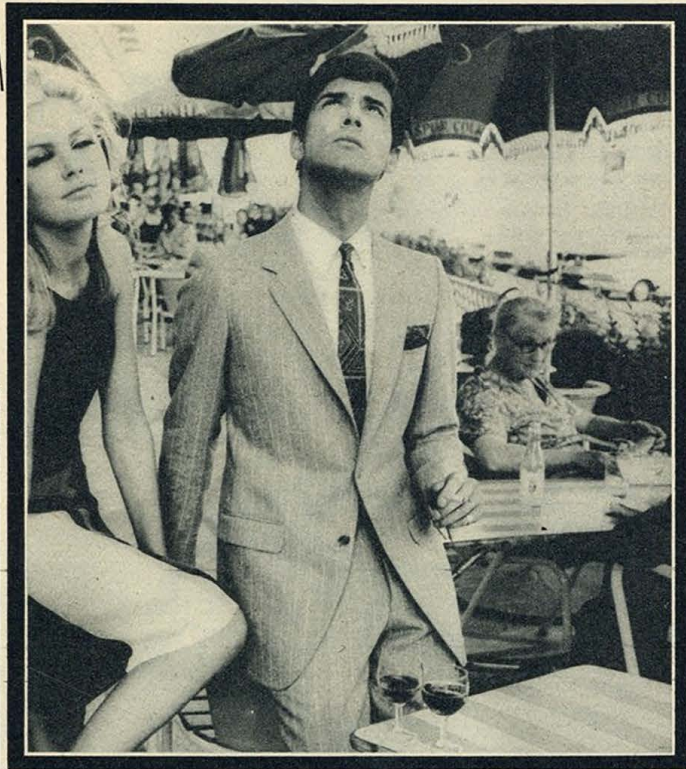


**CIDLA • Distribuidores Exclusivos dos Lubrificantes SACOR**



PURA LÃ VIRGEM

# a WOOLMARK garante o segredo da melhor lã \* PURA LÃ VIRGEM



Verifique se  
a WOOLMARK  
está impressa na  
orela do tecido



A WOOLMARK é o símbolo mundial de qualidade para os artigos de pura lã virgem. Portanto é uma garantia para os consumidores que ao adquirirem tecidos de pura lã virgem desejam usar o que distingue a melhor e a mais bela lã produzida no mundo.

Com *Tecidos Pontifice* — WOOLMARK, de pura lã virgem penteada, a moda masculina em Portugal dispõe agora da mesma qualidade de tecidos e de padrões que os mestres-alfaiates de Londres, Paris e Milão preferem para criar os modelos de cada estação.

\* É pura lã porque não tem mistura de outras fibras; é lã virgem porque não foi recuperada de artigos já usados. Ele conserva assim todas as suas qualidades naturais.

## Tecidos Pontifice



AUSTRÁLIA

# DIÁLOGO COM O LEITOR



**C**HEGAMOS AO N.º 1.000. PARA TODOS OS QUE FAZEM A «FLAMA» ESTE MOMENTO É DE ALEGRIA. TANTAS SÃO AS FADIGAS QUE UMA REVISTA COMO A NOSSA DÁ, QUE O FACTO DE SE ATINGIR A EDIÇÃO MIL É JÁ POR SI MESMO MOTIVO DE JÚBILO PARA NÓS. CREMOS QUE O SERÁ, DE IGUAL MODO, PARA TODOS OS NOSSOS LETORES QUE, NO FUNDO, CONSTITUEM A ÚNICA RAZÃO DO NOSSO TRABALHO.

A «FLAMA» CHEGA À EDIÇÃO MIL NA PRIMEIRA LINHA DAS REVISTAS PORTUGUESAS. POUCAS SÃO AS MAIS ANTIGAS (TALVEZ, DUAS!). E NENHUMA EM PORTUGAL EVOLUIU TANTO COMO A NOSSA NOS ÚLTIMOS ANOS. DESTE MODO, A **FLAMA** NÃO RECEIA HOJE CONFRONTO COM QUALQUER OUTRA REVISTA DO GÉNERO, QUER EM APRESENTAÇÃO GRÁFICA, QUER EM QUALIDADE JORNALÍSTICA.

PORQUÊ ESTE APARENTE AUTO-ELOGIO? A RAZÃO É SIMPLES: NOS ÚLTIMOS TEMPOS, NO NOSSO PAÍS, TEM HAVIDO UMA GRANDE FLORAÇÃO DE REVISTAS E REVISTAZINHAS. ACONTECE QUE, POR VEZES, HÁ EXAGEROS NO REIVINDICAR DAS POSIÇÕES EM DETRIMENTO DOS QUE, DE HÁ MUITO, SE BATEM E SERVEM

O PÚBLICO PORTUGUÊS. DAÍ A NECESSIDADE DE, TEMPOS A TEMPOS, DIZER AOS NOSSOS AMIGOS LEITORES E ANUNCIANTES QUE A **FLAMA** ESTÁ ATENTA E NÃO TEME EM NADA COMPARAÇÃO COM AS OUTRAS REVISTAS. SOMOS UM SEMANÁRIO DE ACTUALIDADES, DE INSPIRAÇÃO CRISTÃ, ATENTO A TUDO O QUE É PROBLEMÁTICA DO HOMEM MODERNO NAS SUAS VARIADAS FACETAS. PROCURAMOS SERVIR O PÚBLICO EM GERAL, DESDE O HOMEM DA RUA AO DE PREOCUPAÇÕES INTELECTUAIS. POR ISSO, A «FLAMA» INSERE ARTIGOS E REPORTAGENS SOBRE OS MAIS VARIADOS TEMAS.

ESTE N.º 1.000 É PARA TODOS NÓS UM REDOBRAR DE JUVENTUDE E O PRINCÍPIO DE UMA NOVA CAMINHADA QUE TERÁ COMO PONTO CULMINANTE AS COMEMORAÇÕES DAS **BODAS DE PRATA** DA «FLAMA» À INICIAR DENTRO DE UM ANO E EM QUE PENSAMOS PUBLICAR ALGUNS «NÚMEROS DE OURO».

AOS NOSSOS QUERIDOS LEITORES E ANUNCIANTES QUEREMOS PEDIR NESTA HORA QUE CONTINUEM A APOIAR A **FLAMA** NA CERTEZA DE QUE PROCURAREMOS CORRESPONDER SEMPRE AO INTERESSE ATÉ AQUI MANIFESTADO.



moda  
com  
dralon®

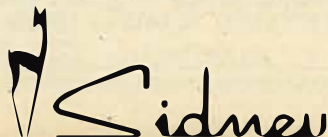
## São tão elegantes e modernas as malhas Sidney em Dralon Brilhante...

No campo, na praia, no escritório, ou, simplesmente na Primavera, use a sua blusa de gola alta. Notou como foi fácil ser elegante e moderna? E não teve que preocupar-se com problemas

de lavagem; você sabia que a sua blusa em 'Dralon Brilhante' podia perfeitamente ser lavada, e num mínimo de tempo! Ao comprar as suas malhas note sempre se na etiqueta diz: Sidney, em 'Dralon'!

**BAYER**  
*Fibras de Qualidade*



**Sidney**

# A MISSÃO CONTINUA



Cada um dos sucessivos Directores da «Flama», ao tomar posse do cargo, assumiu responsabilidades que ultrapassam simples perspectivas de êxito profissional ou legítimas ambições materiais.

Na verdade, no desenrolar dos acontecimentos — dos mais vulgares aos de maior relevo — na própria passagem do testemunho entre as equipas que se renovam, tem de estar presente a necessidade de bem se interpretar o pensamento católico, quer pelo que a Revista contém, quer pela perfeita honestidade, esclarecimento e coerência dos que nela trabalham.

Pelo que a «Flama» já conseguiu realizar, vê-se bem que não há necessidade de dissimulação para tornar possível o encontro com o próximo, na construção de um mundo melhor.

Para bem se realizar, isto é: levar o Evangelho onde o Evangelho — porque é Evangelho — não ilumina nem aquece, a «Flama» não tem necessidade de se deformar naquele jeito tão próprio de quem não se apresenta de frente, nem tão-pouco de transigir em questões de dignidade ou de se comprometer em abdições duvidosas.

Quanto a mim, é suficiente aparecer com simplicidade e honestidade, sem nos arvorarmos em juiz e, embora possuindo a verdade, não nos arrogarmos a supremacia nas opiniões, esquecendo a caridade e o respeito que é devido ao próximo, às suas ideias, às suas preferências e, finalmente, à liberdade a que todos temos direito.

Esta foi a preocupação que justificou a criação da Revista e esta é, quanto a mim, a razão da sua existência e da imensidade dos esforços que a mantêm viva até à publicação do seu número MIL, que festejamos com emoção e com a esperança de que seja cada vez melhor.

Milhões de «Flamas» têm penetrado em ambientes hostis, onde por certo deixaram o testemunho de Cristo que importa levar a todos — precisamente aos mais desesperados, desiludidos ou tristemente cépticos, porque descrentes.

Nos meios indiferentes ou acomodaticios, onde não há perturbações porque nada se faz, talvez tudo tenha permanecido na crônica sonolência à espera da morte definitiva em que se não pensa.

Dentro do meio católico — terrível designação esta de católico que no julgamento de Deus será confirmada ou rejeitada — algum fermento ficou a marcar o permanente trabalho da nossa conversão.

Durante o período em que fui Director da «Flama», se não consegui convencer ninguém da importância da Revista, não será agora que vou ter audiência nos seus milhares de leitores.

Entretanto, é oportuno lembrar a influência cada vez maior da imprensa na vida moderna. Nesta tomada de consciência de que a «Flama» deu testemunho nos nossos tempos, apesar das tremendas resistências que se lhe opunham, seja-me permitido evocar Frei João Diogo Crespo, há bem pouco chamado a prestar contas.

Durante a sua vida, tive oportunidade de me referir às suas qualidades de sacerdote e de homem. No entanto, o seu julgamento por Deus está feito. Não adianta agora juntar palavras que, embora elogiosas e humanamente justas, já nada acrescentam. A sua missão está cumprida.

O que resta do P.<sup>o</sup> Diogo é a lembrança dos seus olhos voltados para o Infinito e o exemplo que nos transmitiu de um catolicismo alegre e comunicativo, centrado no amor a Deus e não no medo da morte.

Nele, o pensamento de Cristo não se vestia de negro, nem se fechava na estreiteza de manifestações egocêntricas e egoístas, na posse de um Bem que nós todos sabemos ser forçoso repartir, de uma verdade que é forçoso revelar para garantir a salvação de todos — incluindo todos, sem excepção.

Frei Diogo era alma aberta e o seu espírito jovem era atracção da juventude. Que o seu exemplo não se esqueça na maldição do nosso tempo, que é a falta de tempo.

por **MÁRIO SIMAS**  
ANTIGO DIRECTOR DA «FLAMA»

# JORNALISMO E REVISTAS ILUSTRADAS

Por SILVA COSTA

ANTIGO DIRECTOR DA «FLAMA»  
E REDACTOR  
DO «DIÁRIO DE LISBOA»

É curioso: em Portugal, as «revistas ilustradas» apareceram muito cedo. Cedo demais, talvez. Essa prematuridade pode explicar a breve existência da maioria das revistas: vi nascer e morrer dezenas de publicações do género. Não exagero se disser que ainda a «Life» estava na incubadora e já no nosso País se tinham feito excessivas experiências de jornalismo gráfico. Tentativas frustradas, bem entendido. O que não significa que a genealogia das «revistas ilustradas» portuguesas seja uma sucessão de abortos. Tendo em conta as circunstâncias de tempo e de lugar, até se afirmará que entre nós foram publicadas «revistas ilustradas» de notável factura — recorde-se a «Ilustração Portuguesa», cuja colecção é hoje um repositório de imagens raríssimas, o arquivo fotográfico de uma época da vida nacional — e que o valor delas se agiganta porque os jornais seus contemporâneos hesitavam em adoptar a fotografia, de nenhum modo a utilizando como «o mais importante instrumento do jornalismo» desde a invenção da Imprensa.

Seja como for, com excepção do «Século Ilustrado», que é o mais antigo, e da «Flama», agora no número 1.000, nas últimas décadas tiveram curta existência todas as publicações portuguesas classificáveis de **revistas ilustradas nacionais de informação geral** («revistas ilustradas» pela concepção jornalística e pela técnica de impressão, «nacionais» pela difusão à escala do País, e «de informação geral» pelo estilo e âmbito do seu conteúdo — o que as distingue, designadamente, das publicações voltadas para uma especialidade ou grupo de especialidades afins).

A que atribuir o desaparecimento precoce de todas essas revistas, desde o «Domíngio Ilustrado» ao «Mundo»? Será o público português alérgico a um tipo de semanários que nos últimos trinta anos assumiu posição de primeira linha no quadro internacional da informação?

A procura duma resposta global excede as intenções deste artigo. Agrupei, no entanto, algumas hipóteses que talvez permitam uma primeira aproximação do fenómeno:

1. Por defeito de concepção, muitas revistas não chegaram a justificar-se aos olhos dos leitores. Inseriam artigos, contos e no-



Silva Costa, jornalista prestigioso dentro da moderna geração, na sua mesa de trabalho

velas, muitos deles de apreciável qualidade literária, mas apenas acompanhados de um desenho ou de uma fotografia alusiva; publicavam fotos isoladas, imagens «estáticas» dos principais acontecimentos, bem como poesias, gravuras paisagísticas e material magazinesco. Viviam um pouco ao sabor das «colaborações». Repetiam, portanto, com ligeira variação e às vezes nem sequer em melhor papel, a informação dada por outros periódicos. Ao contrário do que se fez norma nas revistas europeias e norte-americanas pelo menos desde 1936, os semanários ilustrados portugueses só por acaso ofereciam o impacto de reportagens originais, plenas de vida e actualidade, feitas em estilo cinematográfico — isto é, tendo por linguagem essencial a fotografia «dinâmica», também chamada jornalística.

2. As empresas editoras não estavam dimensionadas ou, como dizer?, mentalizadas para a montagem da complexa estrutura exigida por uma revista ilustrada de informação geral e para as prolongadas inversões de capital que deveriam preceder uma exploração rentável. Dois sinto-

mas: a acusação de pelintrice, lançada ao rosto das administrações de revistas desaparecidas pelos responsáveis do sector redactorial; o aparecimento de revistas ilustradas portuguesas parcialmente impressas em tipografia, numa altura em que os semanários gráficos triunfantes se imprimiam já em rotogravura e alguns, como o «Match» e a «Época», publicavam páginas interiores a cores...

3. Finalmente, e «not the least»: às revistas ilustradas portuguesas faltou, durante muito tempo, o apoio da publicidade. O mercado publicitário português tem, no máximo, uma dúzia de anos. Surpreende até que duas revistas ilustradas nacionais de informação geral sobrevivessem num País onde o poder de compra era demasiado débil para motivar a indústria da publicidade.

## O FUTURO

Esta rápida excursão pela história evidencia, por contraste, as grandes perspectivas que hoje se abrem ao jornalismo gráfico no nosso País. Por um lado, o pro-





gresso geral da Imprensa faculta às revistas matéria-prima de melhor qualidade e facilita-lhes a formação dos seus quadros (inexplicavelmente excluídos dos órgãos que representam ou associam os profissionais do jornalismo). Por outro lado, as modernas técnicas de análise comparativa eliminaram o monopólio do conhecimento das leis do interesse universal dos leitores: nenhum fracasso poderá defender-se legitimamente invocando a ignorância, e nenhum êxito tem o mérito da «descoberta da pólvora».

Já se disse, e é verdade, que, se há 50 anos as notícias levavam mais tempo para dar a volta ao Mundo, a sua circulação encontrava menos obstáculos extratécnicos do que hoje. Todavia, coexistem condições favoráveis: a lenta melhoria do nível de vida alarga constantemente o público potencial das revistas ilustradas, e a promoção cultural levará os portugueses a adoptar o hábito — porque não «o vício»? — da leitura intensiva, que fez a popularidade dos semanários gráficos no Mundo. Um dos argumentos válidos que as revistas utilizam para justificar os altos preços da pu-



## Ilustração Portuguesa



blicidade nas suas páginas é exactamente o da duração de cada número, que é concebido e realizado para «viver» uma semana.

Em termos universais, parece igualmente certo que as espectaculares transformações operadas nas condições de informação — como a utilização dos primeiros satélites artificiais para a transmissão da palavra e da imagem entre Continentes, que é o facto mais notável e mais promissor neste capítulo — abrem largos horizontes ao fotojornalismo, ao mesmo tempo que a evo-

lução das técnicas gráficas favorece sobretudo os sistemas que directamente importam aos semanários ilustrados, permitindo inovações como a telautografia ou a «lumitipia» francesa, que prenunciam uma revolução na arte de imprimir, com o eclipse dos caracteres em relevo e o embaratecimento dos processos similares da rotogravura e do «off-set».

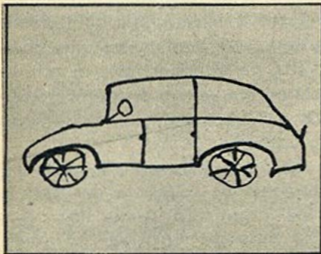
E às revistas ilustradas está destinado um lugar importante na cobertura das actuais carências da informação. Ainda hoje, dois milhões de pessoas, repartidas por mais de 100 países e representando 70% da população mundial, não dispõem de informação suficiente — situam-se à quem do mínimo meios definido pela UNESCO («Information à travers le Monde» — 1966), sejam 10 exemplares de quotidianos, cinco receptores de rádio e dois lugares de cinema por cada 100 habitantes. Em Portugal metropolitano, segundo as últimas estatísticas daquela organização, havia, em 1964, um total de 43 quotidianos (20 no território continental e 23 nas ilhas adjacentes), com uma tiragem diária global de 688 000 exemplares, o que corresponde a 7,7 exemplares por cada 100 habitantes. (Entre parêntesis: as cifras dos outros meios de informação considerados ultrapassavam o mínimo estrito: 12,2 receptores de rádio e 2,9 lugares de cinema por 100 habitantes). Assinalam-se deste modo vastas possibilidades de melhoria da informação, para que podem contribuir decisivamente os 704 periódicos não diários que, segundo a UNESCO, existem entre nós, e principalmente as revistas ilustradas de informação geral, cuja eficácia é muito grande, dada a força psicológica que as imagens possuem e a tendência internacional dos semanários deste tipo para o que poderemos chamar a «informação sistemática». Um dos pecados do jornalismo moderno é, efectivamente, mais do que o sacrifício aos grandes títulos, por parte de muitos periódicos, o abandono do leitor à selva do noticiário, cada vez mais disperso e complexo. «O leitor, por consequência, tem que fazer um esforço para se informar por si mesmo» — tarefa que poderá ultrapassar a sua capacidade. Perseguido as notícias através de grandes repórteres fotográficos, que saibam pensar e exprimir-se em imagens, e de jornalistas recrutados de entre o escol das redacções dos quotidianos, e por isso aptos a sistematizar e clarificar o relato dos acontecimentos, as «revistas ilustradas» podem desempenhar um papel de primeiro plano para uma informação suficiente e orientada no sentido do progresso do País.

# DESENHA UM CARRO DIR-TE-EI COMO GUIAS



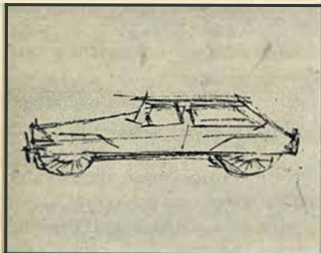
Possuir a carta de condução é hoje tão necessário como adquirir outras habilitações, pois a vida movimentada e apressada dos nossos dias não consentem demoras. E quatro rodas sempre andam mais do que duas pernas... Acontece, porém, que muitas pessoas têm dificuldade em ajuizar das suas aptidões para conduzir. Para esses, pomos à sua disposição este teste: desenha um carro, de qualquer forma, de frente ou de perfil, de qualquer marca, como o seu jeito ou inspiração ditar, em papel branco, de preferência a tinta preta (embora também possa ser a lápis), escreva por baixo o seu nome ou pseudónimo (e se quiser, para melhor identificar a resposta que lhe será dada, acrescente a localidade) e envie para a Redacção da «Flama», rua de Santa Marta, 48 — Lisboa 2. Através dele, o Prof. Exíquo Carbaljo, em exclusivo para a nossa revista, dir-lhe-á como conduz ou como virá a conduzir. Não necessita informar se tem ou não carta, nem se possui ou não automóvel. Tem apenas, como dissemos, de desenhar um carro.

**ADRIANO OLIVEIRA — Guimarães**



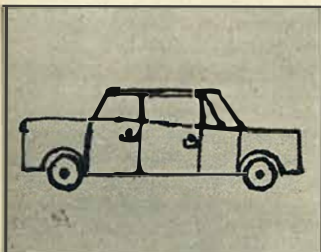
Em primeiro lugar, precisa de adquirir confiança nas suas forças e segurança nos movimentos para poder chegar a conduzir correctamente. Creia que se não se cansar da repetição conscienciosa de todas as manobras que a pouco e pouco irão tornando os seus movimentos mais firmes, poderá vir a ser um bom volante. É possível que tarde em perder a indecisão, mas logo que comece a obter segurança nas mudanças tudo lhe parecerá mais fácil. Cuidado, porém, para não cair no extremo oposto e entusiasmar-se com grandes velocidades. Entretanto lembre-se que só com força de vontade e muita prática se consegue uma condução perfeita. Há ainda que ter em conta os veículos que vêm atrás. Use o retrovisor constantemente e não se importe de deixar outros que tenham mais pressa.

**J. CORREIA — Lisboa**



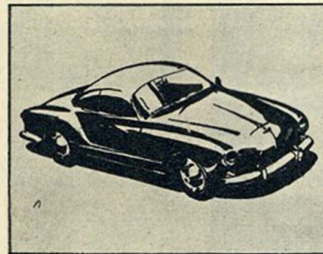
Precisa de muito cuidado, muita atenção e muita visão para chegar sem novidade quando tiver um volante nas mãos. Tem capacidade para conhecer, facilmente, o mecanismo do carro, e bem assim o seu funcionamento. Gostará de «lançar-se» nas rectas, mas cuidado com as mudanças de direcção. Não se deve deixar dominar por excessos de prudência. Tudo se quer na justa medida. Use a máxima cautela nas paragens. Dedique algum tempo à aprendizagem dos sinais e às situações a que cada um corresponde. Tem de praticar bastante para se habituar a encontrar para cada obstáculo que se lhe apresente a solução exacta. Seria conveniente exercitar-se em pequenos circuitos durante alguns minutos cada dia.

**JOÃO CALISTO — Braga**



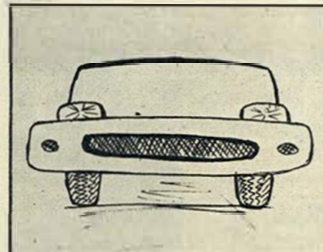
Tem tendência para se «lançar» ou para parar sem atender ao que se passa atrás, pois apenas o preocupam os veículos que seguem à sua frente. Deve, por isso, habituar-se a dar atenção tanto ao trânsito que segue à frente como ao que segue atrás. Por outro lado, terá que «identificar-se» com o carro, isto é, sentir que a máquina que conduz obedece à sua vontade. Para tanto, terá que adquirir flexibilidade e destreza no manejo do volante, dado que a sua tendência inicial revela certa «rigidez». Também o estudo dos sinais lhe é muito necessário, pois tem o hábito de os confundir. Aprenda as regras de trânsito com cuidado e paciência.

**ANTÓNIO JOAQUIM TAVARES FERREIRA — Carvalhos**



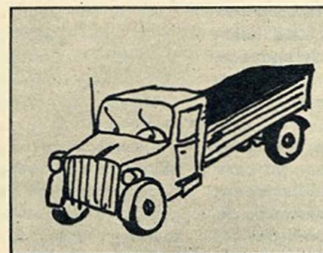
O autor deste desenho precisa de se adaptar às normas de condução com a maior cuidado e sem deixar de se vigiar a si próprio. Isto quer dizer que as dificuldades que virá a encontrar não advirão somente da sua capacidade para o conhecimento e manejo do conceito em que se tem. Estes factos, para conduzir, constituem por vezes um obstáculo. Creio que é esse o seu caso. Aconselho-o, pois, a viajar tranquilamente em caravana, sem possibilidade de avançar mais do que o permitido pelos demais. Procure ter paciência e pense que os outros existem e podem conduzir mal. Mais uma razão, portanto, para que se acatele e defenda o seu carro. Vejo-o capaz de levar de vencida quem se lhe oponha em certas ocasiões. Convém, por isso, praticar com um carro pequeno durante algum tempo.

**M. I. P. — Beja**

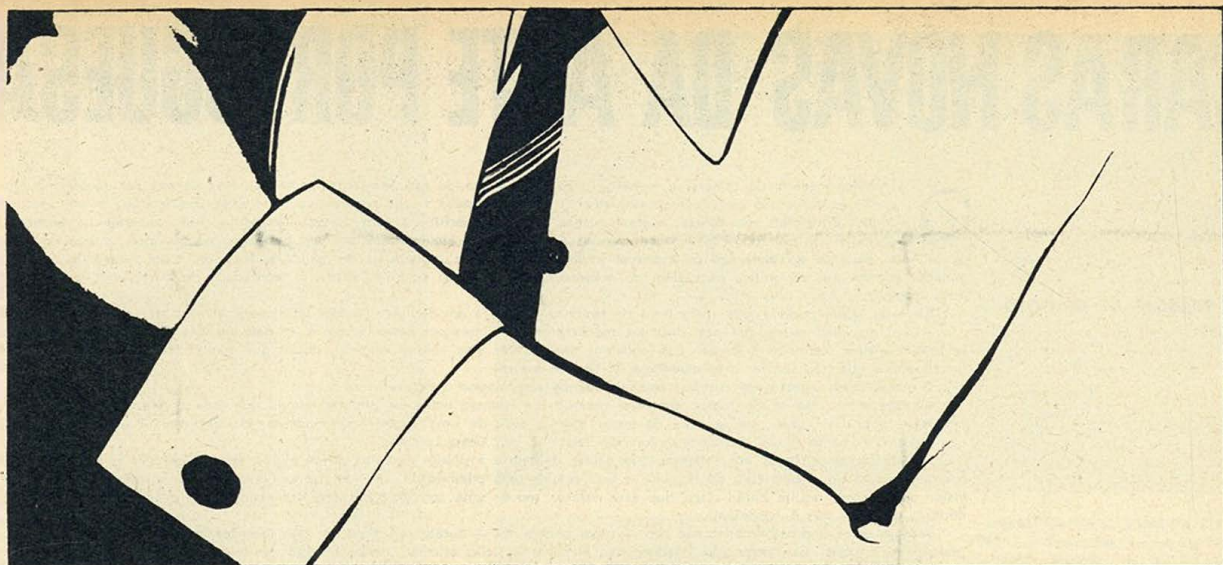


O autor deste carro terá que adestrar-se na observação cuidada e minuciosa de cada operação a efectuar, antes de pôr em prática as indispensáveis manobras. Possui condições para guiar bem se o fizer com calma. Não tem dificuldade em arrumar o carro, nem em colocar-se devidamente na estrada, embora, às vezes, lhe custe a admitir a presença de outros veículos, que o impedem de lançar-se em grande velocidade, como seria seu desejo. Não se importe de repetir, quantas vezes lhe for necessário, todas as regras do Código. Só assim reagirá automaticamente perante os sinais, pois tem tendência para os ignorar. Aproveite, portanto, as suas qualidades para se aperfeiçoar na condução, procurando obter um automatismo rápido e preciso.

**MARIA TERESA G. DE OLIVEIRA — Lisboa**

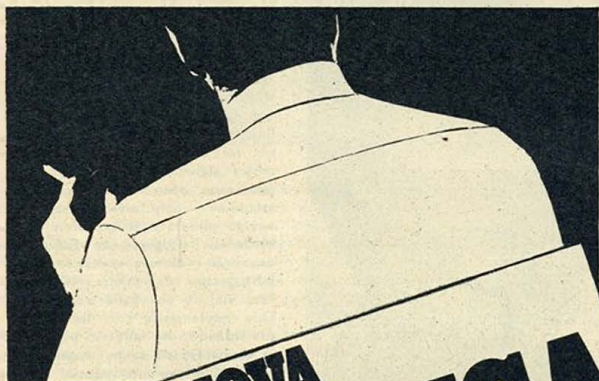


É possível que em competição nunca chegue em primeiro lugar, contudo, dadas as suas condições para conduzir com atenção, cuidado e prudência, é quase certo que chegará sempre em bem ao seu destino. Mas também pode acontecer que devido a cansaço físico a sua atenção acuse, por vezes, falhas, impedindo-a de se concentrar completamente. Por isso convém-lhe praticar em percursos extensos e monótonos, a fim de vencer essa tendência. Procure manter sempre durante toda a viagem o mesmo entusiasmo do princípio. Trabalhe para adquirir o domínio perfeito do volante, actuando com firmeza, segurança e serenidade. Tenha, sobretudo, confiança em si. Faça por vencer os momentos de desfalecimento que a fazem duvidar das suas faculdades. Quando sentir uma falha, reconheça-a, pois não pense que elas não existem.



**ELEGANTE NO CONJUNTO!**

**IMPECÁVEL NOS DETALHES!**



**PARTICULARMENTE LEVE!\***

**A NOVA  
CAMISA**

com a aprovação da marca francesa



\* LEVE E AREJADA \*

\* particularmente leve,  
particularmente confortável,  
particularmente elegante,  
esta nova camisa  
é prática, durável  
lava-se facilmente,  
não precisa  
de ser passada a ferro  
e tão distintamente elegante !

# CARAS NOVAS DA ARTE PORTUGUESA

por NELSON DI MAGGIO

**Q**UE melhor maneira de celebrar o número 1.000 da «Flama» do que apresentar as caras novas da arte portuguesa? O futuro é dos jovens e são eles quem presentemente tentam oferecer novas perspectivas e frescas inquietações à arte nacional. Alguns principiam com timidez e acanhamento, outros já perfilham, com nitidez, um estilo. Tudo depende da experiência de cada um, em todos os âmbitos da vida e do espírito. Alguns trabalham em Lisboa ou na provincia, outros no estrangeiro. Tudo depende da dimensão da aventura e das possibilidades individuais de realizá-la. Mas, em todo o caso, há um denominador comum que os unifica para além do numerador variável que a singulariza: a necessidade de criar, aqui e agora, uma nova tradição.

São eles quem poderia fazer pela boca de Noronha da Costa um dos mais lúcidos dos jovens artistas, as seguintes afirmações:  
— Eu, que não quero que nos sintamos moralmente inferiores por pertencermos a um país em vias de desenvolvimento, como se costuma dizer, continuo a pensar que podemos desenvolver uma cultura original, desde que tenhamos entendido as estruturas fundamentais que irão separar o homem-novo do homem-caduco.

E quiçá, todos estejam de acordo, também, quando este mesmo artista afirma:

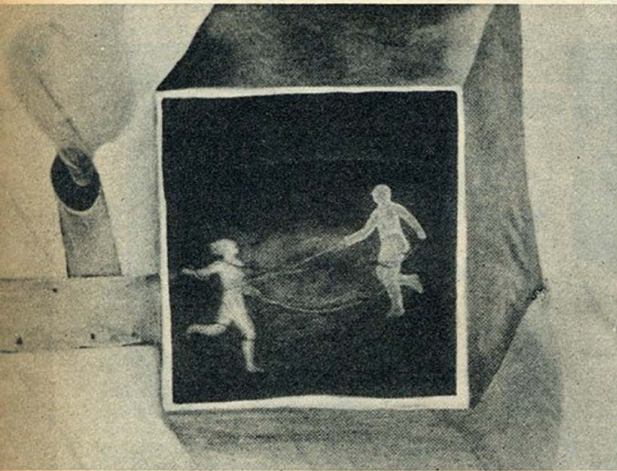
— Para mim, trata-se de tornar concreto, perante um número maior de pessoas, aquilo que toda a cultura moderna nos tem proposto; quer isto dizer que se trata de trazer todo o peso de uma experiência moderna, do «abstracto» para o «concreto».

Noutro momento duma demorada entrevista, Noronha da Costa confessa:

— Simplesmente, todos nós sabemos que passar da teoria à prática é muito difícil e que sendo essa teoria, a que eu aspiro o entendimento do acto criador do homem, e essa prática uma criatividade, daí decorrente, e extensível a um número cada vez maior de pessoas, resulta então claro que esse esforço requer uma comunicação cada vez maior entre o indivíduo e a colectividade, o que entre nós é impossível.

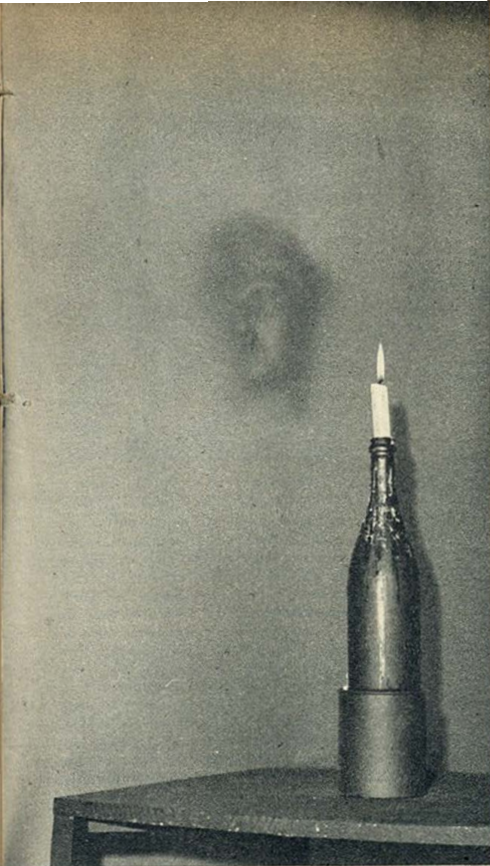
Mas se essas impossibilidades não são — nem podem ser — duradouras e podem ser tomadas como mais «parentes do que reais e se o poder de imaginação criadora não afrouxa, é lícito afirmar, desde já que os jovens artistas hoje aqui apresentados hão-de constituir, num futuro próximo, uma arte autêntica e original, renovadora e entusiástica que libertando-se, nos ponha em contacto com a nossa própria liberdade.

**VERA CASTRO** (Luanda, 1946) — Frequenta o curso de Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Entre Outubro de 1965 e Junho de 1966, assistiu ao curso de gravura artística orientado pela artista argentina Carmen Gracia na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses. Quando, no final do curso, foram exibidos os trabalhos dos alunos, o nome de Vera Castro foi imediatamente apontado pela crítica atenta como um dos mais interessantes dentro de um conjunto de indubitável bom nível. Posteriormente enviou pintura à II Exposição de Arte Moderna Portuguesa do Funchal e à exposição «Últimas revelações da arte portuguesa» da galeria «Quadrante». Tem viajado por Itália e Paris. A sua obra referencia-se com lembranças da sua infância, um universo plástico onde os elementos do sonho, vagamente surrealistas, criam uma especial atmosfera poética, povoada de cores agressivas, onde uma narrativa ordena e conduz as linhas composicionais.



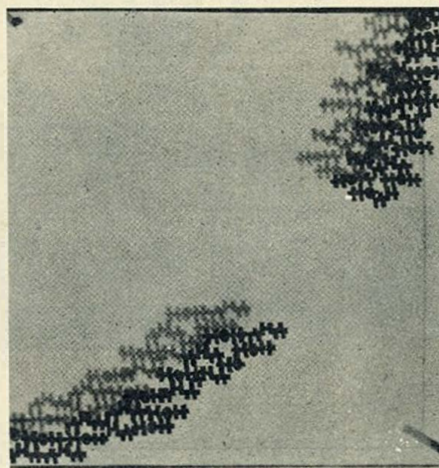
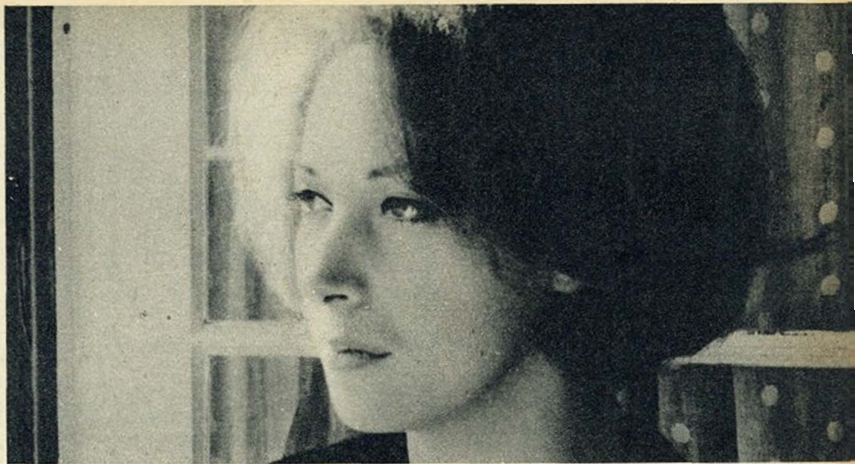
**EDUARDO MANUEL BATARDA FERNANDES** (Coimbra, 1943) — Frequenta o curso de Pintura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Tem realizado breves viagens a Paris e a Itália. Foi no Salão de Maio de 1966 que as suas telas chamaram poderosamente a atenção dos visitantes, pela força invulgar dos elementos grotescos e sarcásticos, incorporados com um à-vontade espantoso. Seja na cor, na composição ou na temática empregada, Batarda Fernandes evidencia uma personalidade artística vincadamente pessoal, que se foi confirmando noutras exposições: «II Exposição de Arte Moderna Portuguesa do Funchal», onde foi um sério candidato a um dos prémios, «Novas Iconologias» da galeria Buchholz e «Últimas Revelações na Arte Portuguesa» da galeria Quadrante, figurando ao lado dos mais distintos representantes da vanguarda portuguesa contemporânea. Apesar de não ter feito ainda uma exposição individual, a sua obra possui coerência e unidade expressiva, segurança de intenções e decidida posição perante o Mundo.



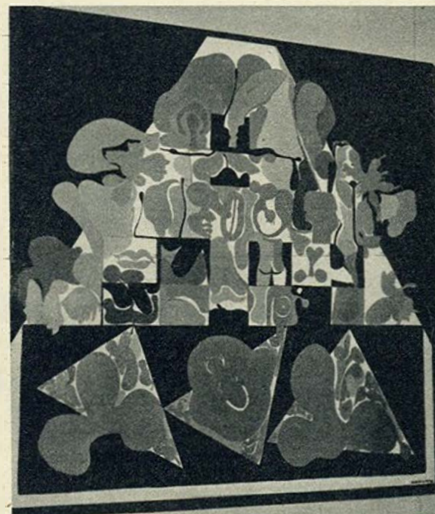


**LUIS NORONHA DA COSTA** (Lisboa, 1942). — Actualmente está no último ano do curso da Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Visitou há pouco a Espanha, a Itália (esteve na última Bienal de Veneza), a Grécia, a Áustria e a Roménia. Expôs pela primeira vez no Salão de Maio da S. N. B. A. (1966), continuando depois na exposição «Novas Iconologias» da galeria Buchholz e em «Últimas revelações da Arte Portuguesa» da galeria Quadrante. Tenciona realizar no presente mês uma exposição individual.

De todos os artistas novos, é provável que seja Noronha da Costa o que possui um temperamento especulativo mais amadurecido e uma capacidade de trabalho mais regular e constante. Num só ano de trabalho, sério e fecundo, passou das colagens, de uma técnica espantosa, à criação de objectos ou «assemblages», onde reactualiza as formas da pintura metafísica dos italianos e, noutra medida, do surrealista Magritte.



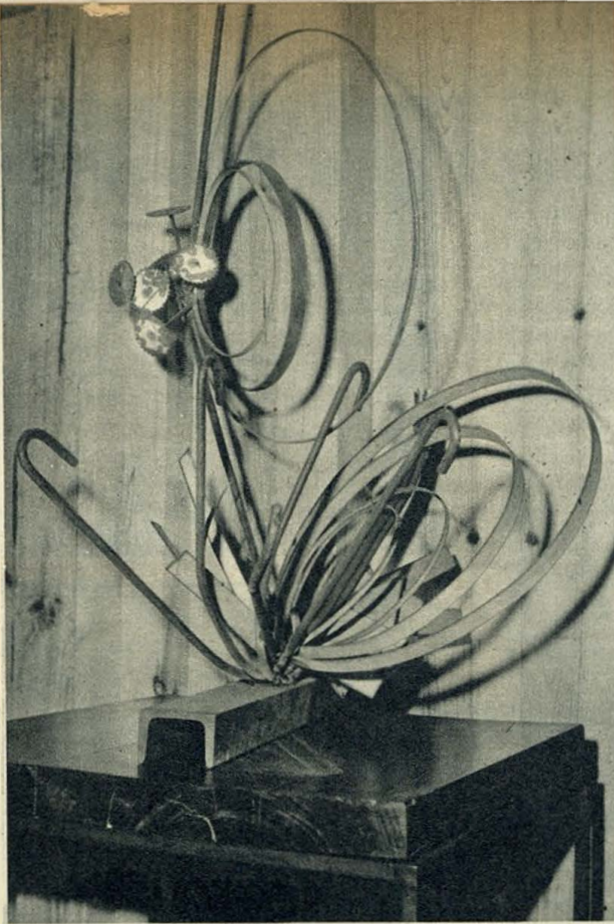
**MARIA MANUELA ALMEIDA** (Lisboa, 1945). — Frequenta o curso de Pintura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Acaso não será alheia à sua vocação a condição de membro de uma família de artistas (filha do Mestre Leopoldo Nunes de Almeida, irmã do pintor e arquitecto Leopoldo Almeida e da pintora Helena Almeida, e cunhada do arquitecto e escultor Artur Rosa) onde naturalmente se fala e se faz arte. Tem-se deslocado a Paris, Itália e Espanha em várias oportunidades, tomando contacto com a arte de todos os tempos, nos museus e galerias. Participou no Salão de Desenho e Gravura da S. N. B. A. (1965); Salão de Maio da S. N. B. A. (1966); II Exposição de Arte Moderna Portuguesa do Funchal e «Últimas revelações da Arte Portuguesa», da galeria Quadrante. Embora a sua presença nas exposições colectivas tenha sido limitada a um número reduzido de obras fez um lento percurso de afirmação — dentro do campo das correntes cinéticas.



**ISABEL LAGINHAS** (Lisboa, 1942). — Actualmente, frequenta a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (curso de Pintura). Orientou, durante breve tempo, a pequena galeria «Degrau», na Avenida General Roçadas, onde revelou o talento de outros artistas jovens, seus colegas. Tem realizado várias viagens pelo estrangeiro: Áustria, Suíça, Alemanha e Espanha. Entre os artistas portugueses que mais lhe interessam, figuram José Escada, Manuel Baptista, Lourdes Castro, António Areal, João Vieira; entre os estrangeiros: Matisse, Arp, Chagall, Max Ernest Picabia. Estas preferências ou afinidades estéticas revelam um temperamento barroco e sensual, como o evidenciou a obra apresentada na exposição denominada «Últimas revelações da Arte Portuguesa». Uma linha de longa tradição na arte portuguesa, a partir do manuelino e dos azulejos. É a pintora menos conhecida pelo público, já que, praticamente, apresentou uma só obra numa única exposição colectiva.

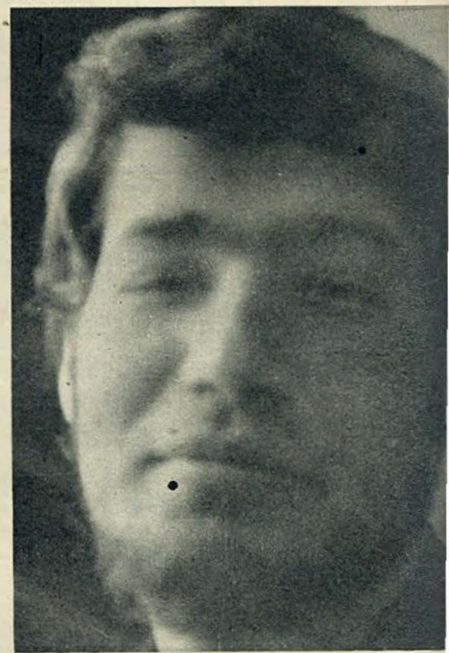
SEGUE

# CARAS NOVAS DA ARTE PORTUGUESA

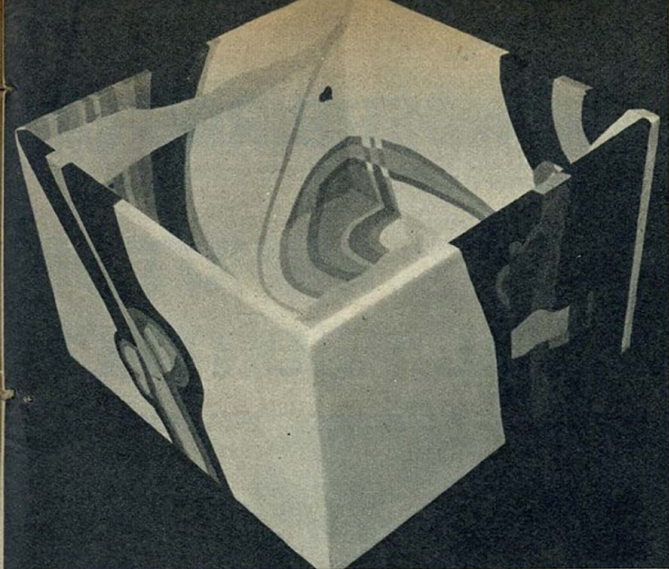


**CARLOS BAPTISTA** (Lisboa, 1948). — Frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arroio. Iniciou-se na cerâmica (exposições colectivas nos salões do Estoril, onde foi premiado, e no VII Salão dos Novísimos). Em 1966, começou a fazer esculturas em ferro, apresentando-se no Salão Nacional de Arte (Évora, Porto) e no último salão de Outono do Estoril, onde recebeu o Prémio Revelação. A obra dos escultores nacionais Jorge Vieira e Fernando Conduto tem condicionado ou influenciado o seu trabalho escultórico, incitando-o a utilizar a sucata como material fundamental. Participou na exposição de «Últimas revelações na arte portuguesa» da galeria Quadrante.

Como escultor, Carlos Baptista continua a pequena tradição local da escultura em ferro, incorporando os materiais tal qual os encontra, mas outorgando-lhes após a soldadura, um sentido espacial dinâmico e muito expansivo.

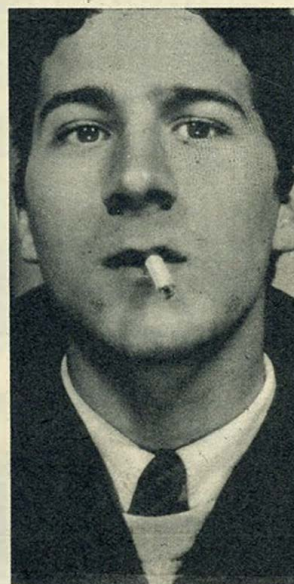
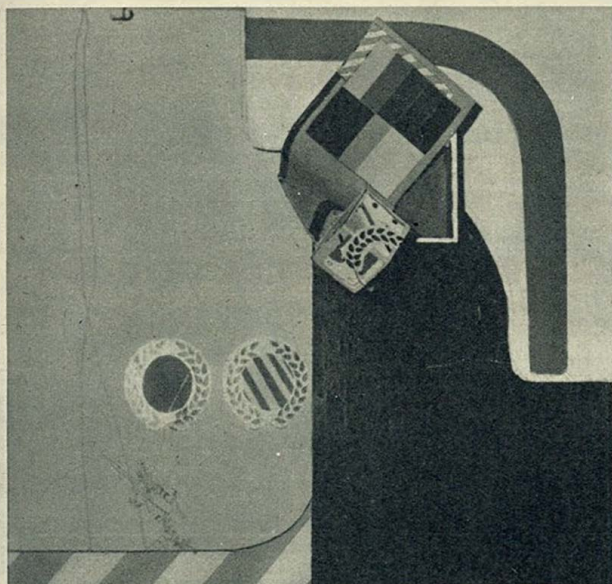


**MIGUEL VÁSQUES** (Lisboa, 1941). — Frequentou o Liceu Francês, tendo recebido o incentivo do pintor José Júlio. Começou a pintar com Eduardo Cruzzeiro; frequentou o curso de arquitectura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, viajou por toda a Europa, estudando nas escolas e academias de Berlim, Munique e Viena de Áustria. Em Paris, trabalhou com Manuel Cargaleiro. Esteve representado no Salão dos Novísimos (1962, 63 e 64), no Salão de Arte Moderna da SNBA (1962) na Exposição Nacional de Arte (1966) e realizou a sua primeira exposição individual em 1966 no Palácio Foz, ficando como a revelação dessa temporada artística, pelo seu talento para o desenho poético e humorístico, por um expressionismo suavizado pela cálida humanidade do autor. Como pintor, esteve representado na II Exposição de Arte Moderna Portuguesa do Funchal (1967). Actualmente, está radicado em Montreal (Canadá), onde tem interessado algumas das principais galerias, a ponto de ter já marcada uma próxima exposição das suas obras.



**HELENA SALVADOR (Peniche, 1945)**

— É aluna da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. A sua primeira participação pública foi na II Exposição de Arte Moderna Portuguesa do Funchal, onde revelou um singular temperamento criador, confirmado e renovado posteriormente na exposição «Últimas revelações na Arte Portuguesa» da galeria Quadrante. Uma pintura robusta e material, com a incorporação de tempos e espaços diferentes, unidos numa singularidade perceptiva. Presente e passado, memória e esquecimento, monumentalismo e formas mínimas, conjugam-se simultaneamente, até atingir, recentemente, através de objectos-caixas, coloridos e sensuais, uma dimensão mais ampla e estimulante das suas possibilidades expressivas.

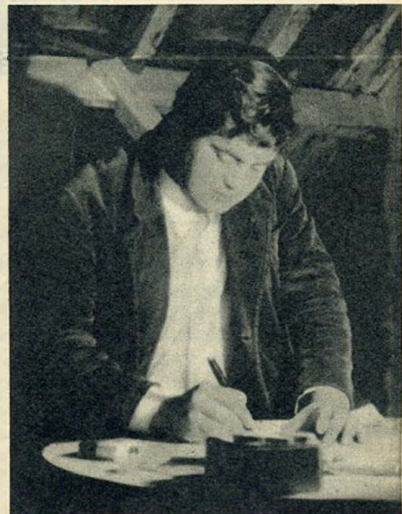
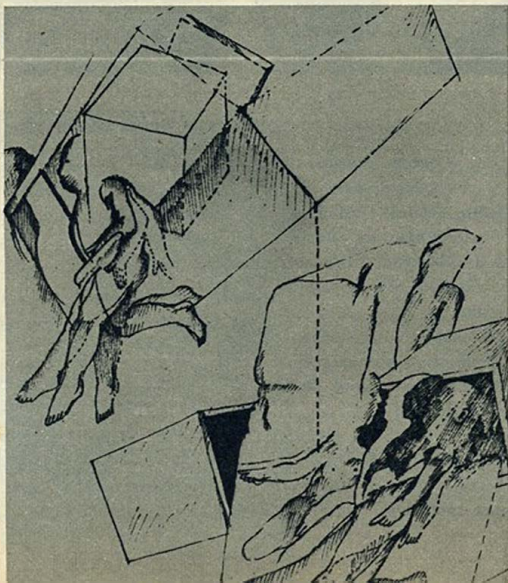


**ANTÓNIO PALOLO (Évora, 1946)**

— Auto-didacta. Começou a dedicar-se às artes plásticas no ano de 1961. Participou pela primeira vez numa exposição colectiva no Festival de S. Lucas (Évora, 1961). Em 1964, participa no Salão Claro-Escuro na S. N. B. A., e a sua primeira exposição individual realiza-se na galeria «111», em 1964, logo sendo considerado pelos críticos como a revelação da temporada. Em 1966, efectua a segunda exposição individual na mesma galeria; em 1967, é convidado a participar na II Exposição de Arte Moderna Portuguesa do Funchal e nas exposições «Novas Iconologias» e «Últimas revelações na Arte Portuguesa». Reside em Évora.

O caso de António Palolo é quase fora de série na pintura portuguesa contemporânea, tal a precocidade do seu talento e o vigor da sua obra. Aos 18 anos de idade, realiza a sua primeira exposição individual, irrompendo com uma vitalidade espiritual e uma singularidade formal realmente insólitas. A sua obra posterior não desmentiu o esplêndido impulso inicial; melhor ainda, ultrapassou-o com uma obra que, pese à sua juventude, está definitivamente incorporada na história da arte portuguesa.

**HENRIQUE MANUEL DOS SANTOS (Lisboa, 1945)** — Formou-se na Escola de Artes Decorativas António Arroio. Presentemente está radicado em Paris. A sua actividade artística foi, no início, orientada pelos trabalhos em escultura, tendo realizado mais de quarenta peças em gesso e em cimento. Tem-se apresentado em vários salões colectivos com desenhos, mas a sua presença como desenhador ficou marcada pela primeira exposição individual na galeria «111», em 1965. A partir dessa data, crítica e público têm seguido com atenção a sua carreira. Uma segunda exposição, vista na galeria «111», em 1966, permitiu observar uma lenta passagem das suas formas expressivas: de um alucinante e corrosivo humor negro, utilizando figuras diminutas que simbolizam uma realidade total, aos comentários aparentemente amáveis e risinhos posteriores, para situar-se, agora, nas coordenadas duma recriação dos temas renascentistas com personagens ingénuas e inocentes, mas que aludem a um mundo terrífico e diabólico, onde tudo parece uma impressionante ilusão.



# ENCONTRO COM OS "THUNDERBIRDS" (CON)

## EM SESSENTA MINUTOS O IMPOSSÍVEL ACONTECE

Com este artigo, concluímos a pequena série em que temos vindo a descrever as peripécias que acompanharam a invenção do «Supermarionation», o engenhoso processo que imprime movimento aos encantadores heróis da «Brigada Internacional».

**P**ARECE inacreditável... Como conseguem eles fazer aquilo? Milhões de pais intrigados fazem a mesma pergunta, todas as semanas, quando os «Thunderbirds» aparecem no «écran» da TV. Foguetões lançados para a atmosfera, vulcões entram em erupção, o mundo é ameaçado constantemente por malfeitores. No fim, o bem triunfa sempre e tudo se salva. O impossível acontece no espaço de 60 minutos.

Quando os «maus» são derrotados e os foguetões voltam aos hangares, surge a mesma pergunta: «Como conseguem eles isto?»

Para o descobrir, dirigimo-nos ao quartel-general dos Anderson. Dentro do estúdio, esperam-nos um mundo de «putlano», cujo «centro nervoso» é a Secção de Efeitos Especiais.

Aqui se produzem desabamentos de terra, explosões, as chamas que o foguetão produz ao partir, vulcões, tremores de terra, cheias e incêndios.

### DOUTOR «DESASTRE»

Basta pedir, e Derek Meddings e a sua jovem e brilhante equipa de colaboradores têm uma solução. Um incêndio envolvendo um arranha-céus poderá levar cinco minutos, mas o fim do mundo levaria mais.

Meddings é um calmo pai de família que nunca se irrita. Tem 34 anos e há 10 que trabalha nos Efeitos Especiais, onde lhe dão

o nome de «Doutor Desastre». — Gosto verdadeiramente do meu trabalho. Temos feito aqui quase de tudo. Todos os efeitos exigem uma cuidadosa planificação, mas creio que nos é possível fazer tudo.

No primeiro episódio dos *Thunderbirds*, contava-se a aventura dum avião gigantesco com 600 pessoas a bordo, em cujo trem de aterragem o «mau» da história colocara uma bomba. Se o piloto pusesse o trem a funcionar, o avião explodiria.

Os oficiais do aeroporto de Londres andaram aflitos, até que a Brigada Internacional entrou em acção.

Fazem sair três carros elevadores que se deslocam à mesma velocidade dos aviões. Os pilotos têm de utilizar as largas traseiras dos carros para amortecer a aterragem. Meddings e a sua equipa de aperfeiçoamento deram um esplêndido exemplo da sua eficiência com o resultado obtido.

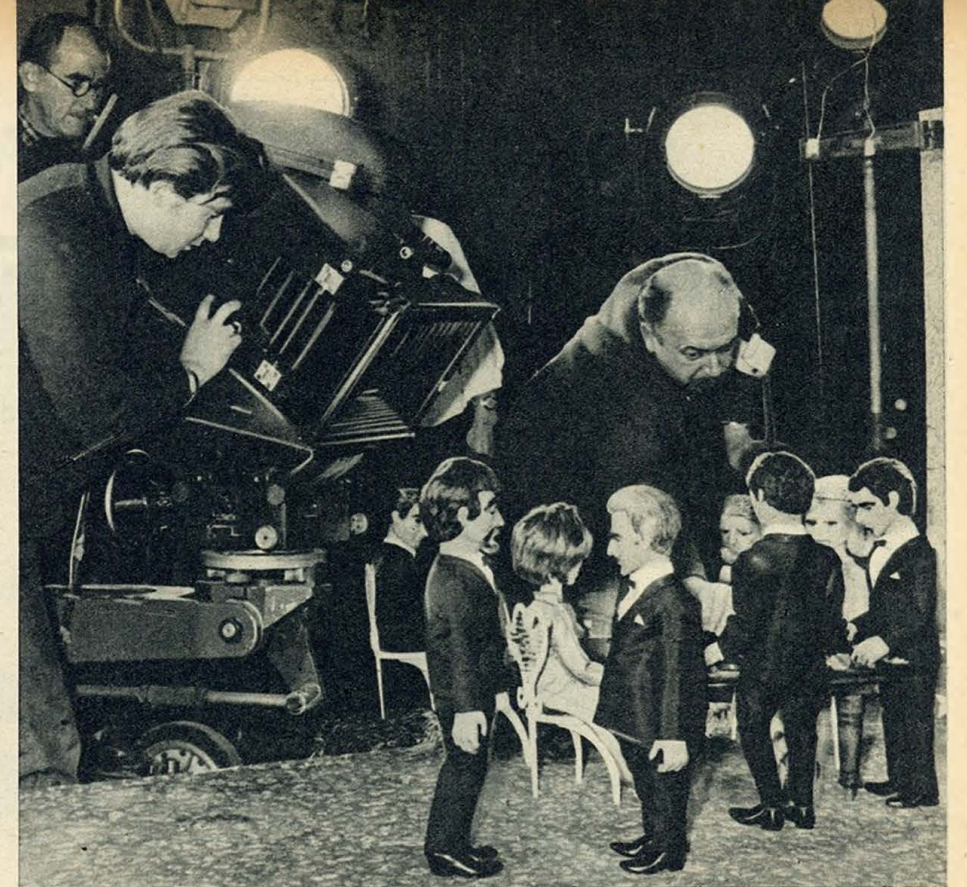
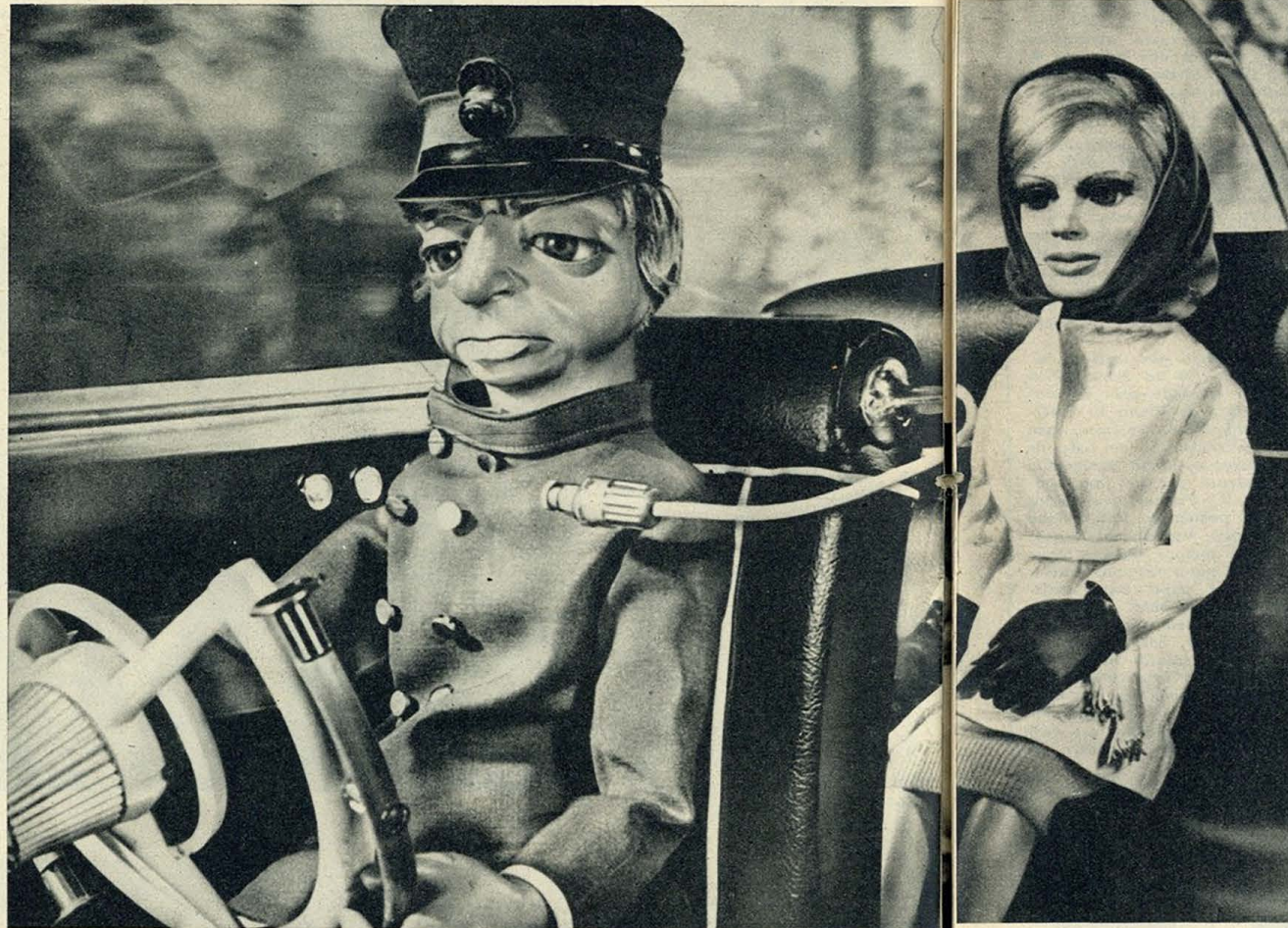
Segundo o «Script», um dos carros sairia fora de controle e iria despedarçar-se contra uma fila de aviões. Havia explosão seguida de incêndio.

Outro carro é chamado a entrar em acção e o enorme avião é salvo lentamente.

Para obter a máxima realidade no filme, os colaboradores de Meddings fizeram arder debaixo do peso do avião os pneus dos carros, até se tornarem numa massa informe de borracha queimada. Ainda para conseguirem

CÁMARAS EM ACÇÃO... AS MARIONETAS DOS ANDERSON ESTÃO PRONTAS PARA FILMAR UMA CENA.

LADY PENELOPE E O SEU MOTORISTA PARKER, NO «ROLLS» COR-DE-ROSA ESPECIAL.



um efeito tão real quanto possível, usaram a pista de aterragem, e o céu móveis. Há sequências em que se vê a pista deslizar a grande velocidade, como se fossem filmadas da cabine do avião, mas este não se move.

Enquanto decorria a acção, a fila dos aviões estacionados, onde o carro elevador foi chocar, foi alegremente incendiada. Como se conseguia que tudo parecesse real?

— Por vezes é um quebra-cabeças — admitem os peritos dos Efeitos Especiais. — As mario-

netas são feitas segundo determinada escala, mas uma chama é uma chama e só com a mudança de velocidade da filmagem é possível transformar um pequeno jacto de fogo num incêndio.

### FOGUETÕES VERDADEIROS

Folhas em miniatura são usadas para fazer a vegetação, e o carvão salpicado de tinta cinzenta, é ótimo para fazer as cumes das montanhas. Para o gelo usam pedacinhos de vidro extraídos das bocas dos fornos de cozer vidro.

Quando estavam a fazer experiências com os foguetões, as instruções eram as seguintes: «Os foguetões elevam-se com um rasto de lume, e numa fúria de fumo e chamas os enormes aparelhos são disparados para o ar...»

Meddings e os seus homens tentaram os truques habituais incluindo gelo seco e fumo artificial. Não ficaram satisfeitos.

Viram foguetões verdadeiros numa fábrica da Marinha britânica.

A secção de pesquisas da fábrica de foguetões construiu miniaturas para os *Thunderbirds*. Este é o departamento que traduz os sonhos futuristas de Gerry Anderson para a «vida real» do cinema.

Gerry e a sua loura esposa, Sylvia, têm personalidades notáveis. Sugerem as ideias para as séries e Gerry «inventar» os personagens necessários para os valorizar.

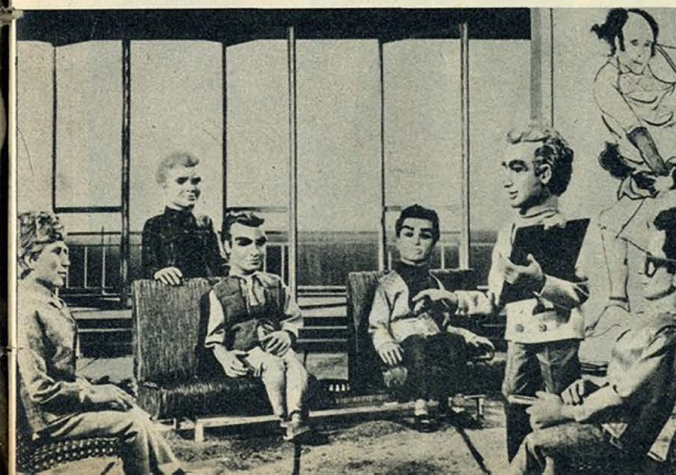
Gerry admite que ideias provêm da sua infância.

Hoje, os projectos concretizam-se numa base mais adulta. A marinha e as indústrias americanas vêem os filmes com a esperança de neles colher ideias que possam ser desenvolvidas militarmente e as indústrias britânicas procuram sugestões no filme.

— Alguma vez se esgotarão as ideias?

Gerry Anderson ri: — Não creio. Já tenho projectos dum série para substituir os *Thunderbirds* e que será maior e melhor do que já fizemos.

ESTA REVISTA A BRIGADA INTERNACIONAL. NOVA MISSÃO. SAO VAI TER INICIO.





# COMO NASCEU A "FLAMA"

A «Flama» entrevista, hoje, o seu assinante n.º 1 — o sr. José Estêvão da Câmara Manuel Cordovil —, afinal, um dos fundadores da Revista. É o n.º 1 por engano; esse número devia caber ao Cardeal-Patriarca de Lisboa, mas um erro casual fez com que assim não fosse. E ao saber da questão, o Cardeal-Patriarca decidiu que estava bem entregue a honra — a um dos jovens da primeira hora da Revista. Quase um quarto de século volvido, recorda para nós os primeiros passos da «Flama».

É um homem alto e magro, de 43 anos, elegantemente vestido com um príncipe de Gales impecável. Fuma constantemente, ora um cigarro, ora uma cigarrilha terminando numa pequena boquilha branca. Lança uma espiral de fumo para o ar. E recorda:

— Tinha 18 ou 19 anos e era vice-presidente da Direcção-Geral da J. E. C. Tinha havido um conselho-geral que decidira criar um órgão informativo e formativo, capaz de nos fazer contactar melhor com os outros rapazes, estabelecendo laços mais estreitos com a nossa geração. A guerra tinha acabado havia pouco, e só se viam, por toda a parte, revistas distribuídas pelas embaixadas, que nos faziam lembrar os horrores do conflito. A única revista de actualidades que circulava então era o «Século Ilustrado».

Era preciso criar algo que fosse uma chama a aquecer os ideais da geração que despontava para as responsabilidades da vida. Ora tinha-se publicado (eventualmente), durante três números, um boletim da J. E. C. que usava o nome de «Flama», cuja publicação se interrompera por falta de verbas. E o título que estava mesmo a calhar para os jovens que queriam alargar o contacto com os outros...

— Decidimos deitar mãos à obra. Contactei com a Tipografia e com a Censura. E foi aqui que surgiu a maior contrariedade inicial, justamente quando tínhamos o número quase pronto: como a «Flama» se tinha publicado e deixara de aparecer durante um certo espaço de tempo, havia perdido o direito ao título. Disseram-me, pareceu-me que em tom de brincadeira, que só o Presidente do Conselho é que poderia autorizar a saída da revista. Decidi subir as escadas da residência do Prof. Salazar. Claro que não cheguei até ele, mas mesmo assim a questão resolveu-se no mesmo dia: rece-



EM CIMA: O sr. José Cordovil, com a sua esposa, apreciando a «Flama». EM BAIXO: A família Cordovil, quase completa (falta apenas uma das filhas, ausente no momento em que a foto foi feita, e que aparece na imagem do centro).

beu-me o dr. Luís Avilez, que era então o secretário de Salazar, e expuz-lhe o que se passava. Ele disse que sim senhor, que ia fazer o que pusesse, e eu vim-me embora com uma grande esperança. O certo é que no mesmo dia a Censura tinha ordem para deixar publicar a «Flama»...

Mas as dificuldades não iriam ficar por ali. Tornava-se necessário um depósito de dez contos, como garantia.

— Claro que não tínhamos tanto dinheiro! E quem nos emprestou a quantia necessária foi o sr. Durand, a pedido do seu filho, o José Fernando Martins de Carvalho, que depois se formou em Direito, e veio a morrer há poucos anos num acidente com o seu avião pessoal, no norte do País. O sr. Durand emprestou os dez contos e durante anos o depósito manteve-se, sem que o proprietário do dinheiro no-lo pedisse uma vez que fosse. Creio que esses dez contos, que hoje não são quase nada, mas que eram bom dinheiro há 24 anos, foram uma das bases da sobrevivência da «Flama».

O sr. Cordovil evoca alguns nomes dessa equipa que «fez» a «Flama»: Rui Ramires Sanches, Carlos Rosmaninho, Francisco Garcia, António Corrêa d'Oliveira («Tônão»), Manuel Correia Botelho, Carpelco. Como eram todos menores, foi um seu cunhado, o dr. João Raposo de Magalhães, quem ficou como editor da revista. E recorda, agora, com carinho especial, a figura do Padre Frei Diogo Crespo:

— Tínhamos sido todas formados por ele, que era o assistente da J. E. C. Exercia em todos nós uma enorme influência e creio que ninguém que o tenha conhecido poderá esquecê-lo. Ele era tudo na revista: redactor, revisor, o homem da publicidade, tudo... Ao sair o terceiro número, foi falar a diferentes igrejas de Lisboa, fazendo sentir a necessidade de auxiliar a revista

que ensaiava os primeiros passos. Os primeiros mil ou dois mil assinantes foram arrançados assim, através das palavras de Frei Diogo Crespo do alto do púlpito. Em muitos domingos ele começava a falar na missa das 7 horas e acabava na das 13. E nós, os rapazes, constituíamos comissões que iam de porta em porta, a angariar fundos. Davam-nos um ou dois escudos. Mas a revista foi-se fazendo...

E continua a grata evocação. Para o equilíbrio financeiro da revista era essencial angariar publicidade. O sr. Cordovil conta-nos como conseguiu o primeiro grande contrato de publicidade.

— Um certo dia meti-me no comboio e fui ao Porto. Pedi para ser recebido pelo director do Instituto do Vinho do Porto, dr. Costa Lima. Tivemos uma longa entrevista, e ao cabo de duas horas eu tinha conseguido um contrato por um ano, garantindo à «Flama» três contos por cada publicação. Foi também um auxílio excepcional nesses primeiros tempos difíceis. Hoje reconheço que a «Flama» desempenhou um papel importantíssimo na minha vida. Aquilo que tenho conseguido fazer na vida é, posso dizer, consequência do meu sonho realizado através do «Flama»! A «Flama» pediu muito — mas acabou por ser muitíssimo útil: fez-me sentir que as dificuldades podiam ser vencidas com luta, com força de vontade.



**FÁBRICA DE CALÇADO**  
**CAMPEÃO PORTUGUÊS**

**DE**  
**DOMINGOS TORCATO RIBEIRO & C<sup>A</sup> L<sup>DA</sup>**

**GUIMARÃES**



**A MARCA É UM TÍTULO**  
**QUE O PÚBLICO CONSAGROU**



**TELEF. PPC 2 LINHAS - 40281**

uma julha, e nessa altura lá estão os habituais executantes para a cobrir, pois por experiência sabem o que devem fazer. E isto, é claro, não falando no conforto moral que a presença deles me daria.

Elmer Pessca, um dos elementos dos «Rocks», afirma:

— Tivemos pena de não poder ir com ele. Esperávamos que se lembrassem de nós. Mas não estamos zangados com ninguém. O triunfo do Eduardo é, também, nosso, até pela popularidade que nos trouxe. Esteve muito bem e mais que os três

## O FESTIVAL PASSOU E O "ED" VOLTOU

**P**ARECE certo dizer-se que, depois da actuação individual no concurso da Eurovisão, Eduardo Nascimento voltou para junto dos «Rocks»?

— Mas não pode dizer-se que o «Ed» regressou ao conjunto — afirmam.

— Houve afastamento pela distância, mas acompanhámo-lo sempre, quer através de telegramas, quer pela ansiedade com que aguardávamos o dia do concurso. Vivemos com ele aqueles dias e seguimos a transmissão da TV.

A princípio tiveram a impressão de que estava um pouco nervoso. Depois, logo viram que estava mais à vontade.

— E gostámos da interpretação dele. Ficámos decepcionados com a classificação, ao princípio, depois aceitámos. Considerámo-la uma injustiça, mas a nossa representação esteve ao nível de todas as outras e ninguém, em nossa opinião, teria feito melhor que o Eduardo.

Por isso, o desgosto que a princípio sentiram passou, e ficaram muito orgulhosos com a interpretação. Tudo foi como se «lá» tivessem estado.

— E eu senti bem a presença deles, todo o apoio moral que me deram. No entanto, se estivessem junto de mim e me tivessem acompanhado durante a actuação, teria sentido ainda maior segurança, porque o artista só tem vantagem em ser acompanhado por músicos que conheça bem e que o conheçam. Está-se sempre sujeito a ter

pontos da classificação falam as felicitações, os contratos e o acolhimento do povo português. Fomos todos ao aeroporto esperá-lo, mas ele nem nos viu, de tal modo foi assediado. Confesso que ao princípio até fiquei arrepiado com a comoção. Não pudemos chegar junto dele e só aqui em casa o abraçamos e



De novo reunidos, os «Rocks» comentam a sua última aventura — o desastre de automóvel em que podiam ter perdido a vida.



Um momento de repouso dos «Rocks», no «Porão da Nau», «boite» de Lisboa, onde actua todas as noites. Eduardo Nascimento fala de Viena.

manifestámos a nossa alegria.

Na actividade artística, Nascimento trouxe, além de popularidade, mais contratos.

— Em Viena aceitei contratos para actuar em várias capitais da Europa e, talvez, nos Estados Unidos da América do Norte. Não sabemos ainda quando iremos, por causa do nosso contrato na «boite» o «Porão da Nau». Para isto contamos com a habitual compreensão do nosso empresário Vasco Morgado. Cláusula fundamental para aceitar esses convites foi que eles seriam extensivos a todo o conjunto.

Diz outro dos elementos:

— Quando se disse que o Eduardo aceitara contratos para actuar, com ou sem os «Rocks», nós sabíamos que para ele não havia, de certeza, alternativa e esse «com ou sem» só podia significar «com» os «Rocks».

No passado dia 17 de Abril, completou-se um ano sobre a data em que os «Rocks» chegaram à Metrópole. Então, como agora, para eles o lema é o mesmo — «um por todos, todos por um.»

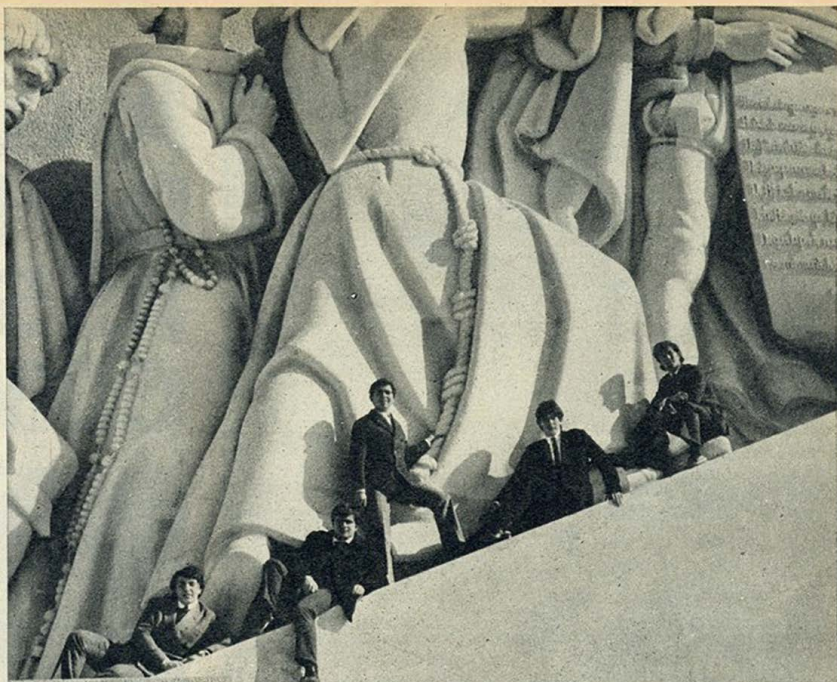
### AS «POPS» RESISTEM AO ÊXITO

Estudantes do liceu, as «Pops» não perderam a cabeça com o êxito e têm recusado convites para actuar, nestes últimos tempos. Só dois foram aceites: a participação no arraial de Santo António que será realizado pelas alunas pré-finalistas do Liceu Rainha Dona Leonor, e para gravar um disco, o seu primeiro disco. Mas só nas férias grandes... Até lá, pensam nos exames.



## A FARINGITE DE SANDIE

Embora temporariamente sem voz e retida no leito devido a uma faringite, a cançonetista Sandie Shaw mostra-se satisfeita, pois o diagnóstico permitiu-lhe descansar uns dias na sua casa de Dagenham (Essex, Inglaterra), a dois passos da fábrica «Ford», onde trabalhava como operária, quando Adam Faith a foi «descobrir». O cãozinho que lhe faz companhia chama-se «M'Lord».



## OS DESASTRES DOS «CHINCHILAS»

Os «Chinchilas» sofreram há pouco um contratempo nos seus afazeres artísticos. (Nem tudo são rosas...). Tinham um contrato para actuar num clube nocturno, por 15 dias, mas a estreia teve que ser adiado, porque o viola-baixo, Alfredo José, não tinha a carteira de profissional em ordem. Brevemente, irá sair um disco do conjunto e, talvez em Junho, se concretize uma digressão pelas Américas do Sul e do Norte, onde actuarão para a colónia portuguesa.

## JOHNNY-SYLVIE: CASAL DIOPTRIA

O casal Hallyday adoptou decididamente a moda dos óculos escuros (grandes para ela, redondos e pequenos para ele). Ei-los conversando animadamente num bar de Paris, muito frequentado pelos artistas «nova-vaga».



## A «NOIVA» DE SALVATORE

Salvatore Adamo estreia-se no cinema. Está, presentemente, a rodar «Les Arnaud», em Aix-en-Provence, no Sul de França. Ei-lo (sentado) junto da actriz que é sua noiva... na fita — Christine DeLaroche.



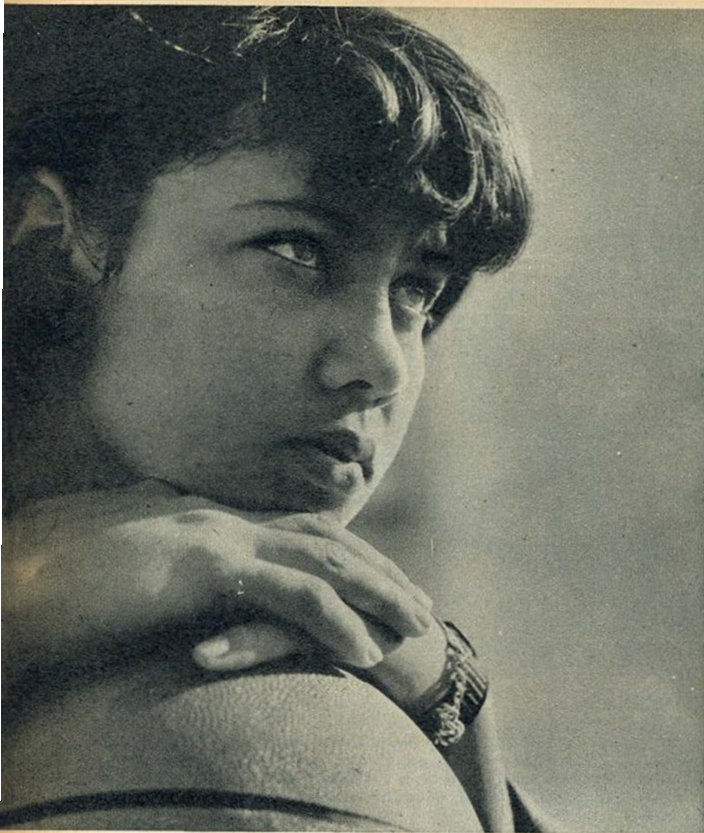
## SILÊNCIO JUSTIFICADO

Os «Jets» remeteram-se ao silêncio. Motivo: preparar a gravação de um disco que sairá por estes dias. Esmearam-se, para que o disco não seja «mais uma gravação dos Jets», e, sim, «algo de diferente». Diferente em quê? É segredo. Só levantaram uma pontinha do véu, para os seus admiradores. Serão quatro canções em inglês, três da autoria deles, e a última uma adaptação dum canção dos «anos trinta».

mondo  
**JOVEM**

KATHLEEN BINDA-CAMPEÃ ESPONTÂNEA

# A GAZELA DA BEIRA ASSUSTADA COM LISBOA



REPORTAGEM SIMEÃO RAMIRES  
FOTOS JOSÉ NUNES CORREIA

**T**EM a graça da gazela quando projectada no salto, os lábios que os nossos avós gostavam de comparar com as cerejas, dois grandes olhos cor do mar e a pele azeitonada daqueles morenos-de-verde-luna das planuras da Andaluzia que o poeta García Lorca cantou.

Caracteriza-a uma franqueza directa. Uma objectividade total está sempre na sua conversa. A descontração, a alegria na actividade física e um sorriso aberto, que ilumina como o Sol quando rompe nuvens de borrasca, são cutros dos seus predicados.

Bom, ela tem taitos que a gente até se esquece de que estamos a falar da campeã nacional de salto em altura, de uma exímia basquetebolista, de uma lançadora de disco e de uma corredora de 200 metros.

Chama-se Kathleen Margarida Binda e nasceu, há 19 anos, na cidade da Beira, em Moçambique. Os amigos tratam-na por Guida.

É solteira e, como foi educada na Rodésia, dos 12 aos 15 anos, mostra um pudor quase britânico em se referir aos seus assuntos sentimentais por que tanta gente (especialmente do sexo feminino) se interessa. de modo quase doentio, nesta nossa metropolitana terra.

É foi assim que, embora tendo feito a pergunta, como o seu dever lhe impunha, o jornalista ficou satisfeito com a evasiva, para não dar pasto à curiosidade doentia.

«Claro que, como sou uma mulher normal, penso casar e ter filhos, mas quanto a projectos, ou hipóteses, isso apenas a mim diz respeito», disse com um sorriso de desculpa.

Guida veio a Lisboa integrada na equipa do Desportivo da Beira que tão boa figura fez no Campeonato Nacional de Basquetebol, cujo título «só por pouca sorte não ganhámos», na opinião da atleta, corroborada com um aceno de cabeça significativo do dirigente Humberto Correia, vice-presidente do clube para as actividades desportivas.

«É claro que as vencedoras, cujo mérito só quero realçar, opinarão de modo diferente, como é lógico», acrescentou Kathleen.

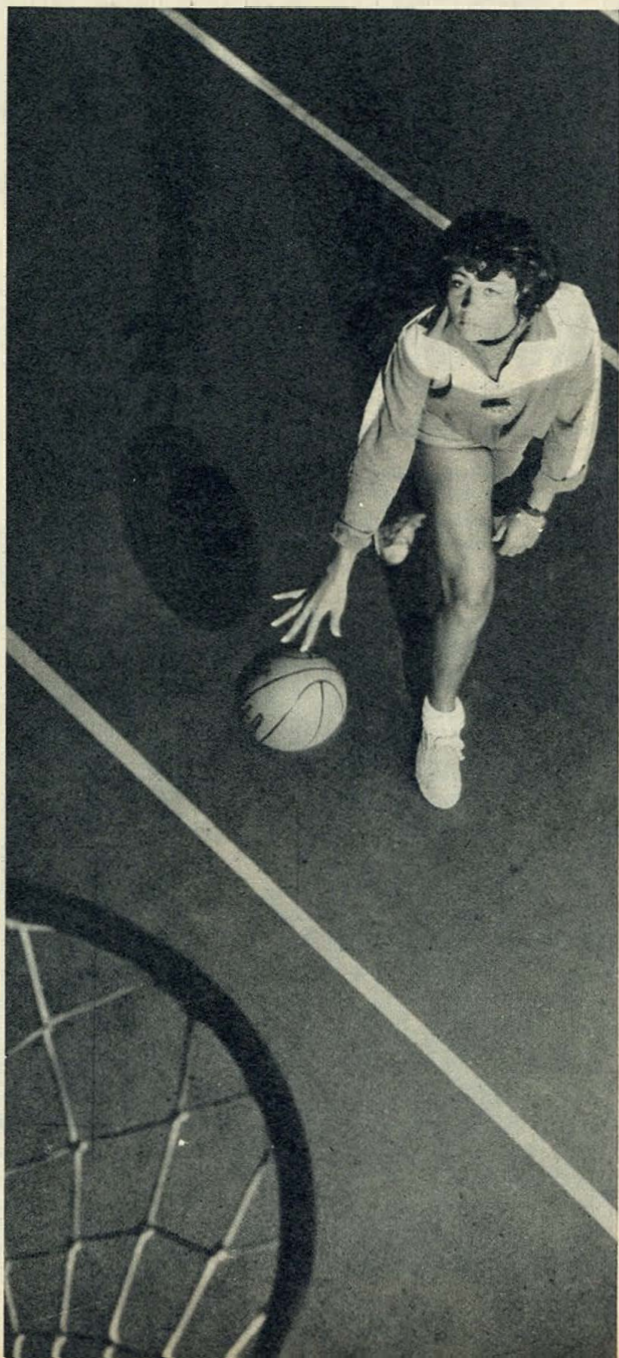
A campeão nacional de salto em altura (1,50 m.) tem quatro irmãos, dois mais velhos e dois mais novos. Nenhum dos outros pratica desportos. «O mais velho, porém, porque não pode, não só devido à sua vida muito ocupada, mas também à circunstância infeliz de ter sofrido uma grave lesão, (fractura da rótula e rotura de ligamentos) quando praticava basquetebol, desporto para o qual tinha a maior habilidade».

«Agora, o esforço físico faz-lhe inchar o joelho».

Kathleen é funcionária da Câmara Municipal da Beira e frequenta o 4.º ano do curso comercial da Escola Industrial e Comercial Freire de Andrade, naquela urbe.

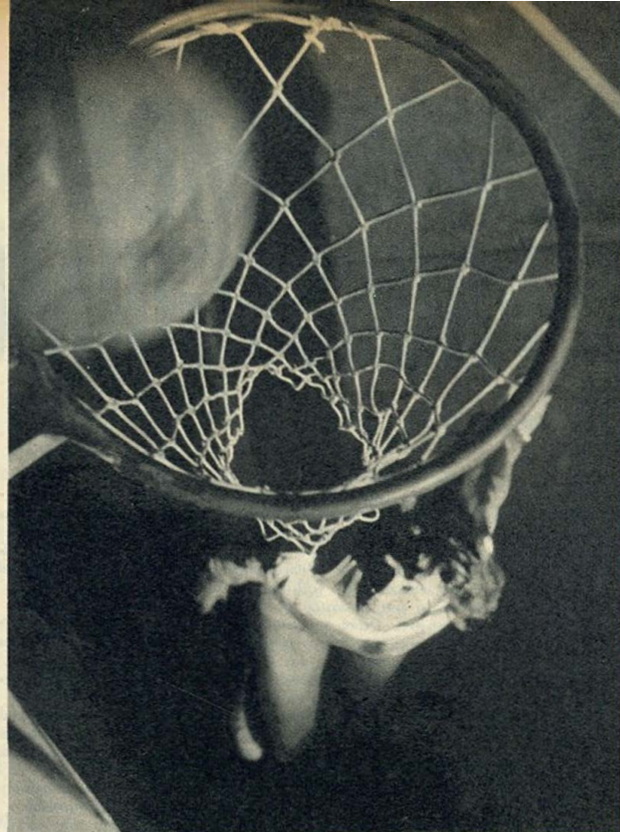
Todo o seu tempo livre (1) é utilizado na prática do basquetebol há 4 anos, na equipa do Desportivo, que é treinada por Firmino de Almeida.

Quanto ao atletismo, começou de brincadeira, na praia, com moças e moços amigos. «Um deles, o Amândio de Sá, levou-me para o Ferroviário da Beira, onde, treinada pelo tenente Hermanno Schultz, depressa atingi a altura





DE OLHOS POSTOS NO CESTO, KATHLEEN PREPARA-SE PARA O LANÇAMENTO (À ESQUERDA); COM UM GESTO GRACIOSO DA DESPORTISTA, A BOLA VOA PARA O ARO, ONDE ACABARÁ POR ENTRAR, SOB O OLHAR DA ATLETA.



que me deu o recorde nacional» disse Kathleen.

«Também corro 200 metros, sendo de 29 s., a minha melhor marca, e lanço o disco, mas, para falar com franqueza, não sei qual é a minha melhor marca nesta especialidade», acrescentou a jovem moçambicana.

No entanto, como o tenente Schultz vai deixar de treinar as equipas do Ferroviário, pois regressará à metrópole no fim da sua comissão de serviço em Moçambique, e como o Desportivo vai passar a ter secção de atletismo, é possível que Kathleen venha a concentrar toda a sua actividade desportiva neste último clube.

A conversa que tivemos com a jovem decorreu no I.N.E.F., onde a equipa do Desportivo esteve instalada durante a sua permanência em Lisboa, e no Estádio Nacional, em cuja caixa de saltos a campeã quis fazer alguns ensaios.

«Assim, — comentou Kathleen — já poderei dizer que saltei no Estádio Nacional, que todos nós, lá na Beira já conhecíamos, por fotografia, mas que «ao vivo», é ainda mais impressionante».

— E a gente de Lisboa, que lhe pareceu? — inquirimos.

— Demasiado sérios, preocupados. A gente que passa pelas ruas pareceu-me viver sob uma tensão enorme. Não se ouve gargalhadas, não se vêem sorrisos nas caras das pessoas. E andam todos num ritmo endiabrado.

— E a cidade, que impressão lhe causou?

— Sinceramente, desiludiu-me, porque me pareceu hostil. É, talvez, uma cidade demasiado grande para mim, que estou habituada à minha terra, onde todos ou quase todos nos conhecemos, nos cumprimentamos e sorrimos sem maldade e temperamos os aborrecimentos ao soltar, ou ao ouvir soltar uma gargalhada sã.

— Segundo chegou a ser anunciado, você ficou tão mal impressionada que recusou um convite do Sporting para

vir fazer parte da respectiva equipa de atletismo.

— Não é bem verdade, pois ainda nada está decidido e quem terá a última palavra, como é lógico, será meu pai.

E acrescentou:

— Recebi, já há tempos, na Beira, um honroso convite do Sporting, convite esse que me foi reiterado agora, num passeio oferecido à nossa equipa pelos dirigentes daquele clube, passeio esse que terminou com uma visita às instalações do Estádio José Alvalade.

— Quais as bases desse convite:

— O Sporting arranjar-me-ia emprego em Lisboa, pagar-me-ia as viagens e subsidiaria a minha estada aqui. A oportunidade é magnífica, não só para o meu futuro como empregada, mas até talvez quanto a estudos mais completos. Mas, como disse, a última palavra caberá a meu pai.

Kathleen, que também já praticou hóquei em campo e «net-ball», na Rodésia, no treino de basquetebol e nos saltos que deu, evidenciou nitida fadiga. Os jogos do campeonato e o programa de visitas sociais cansaram as moças da Beira.

Além disso, a instalação longe do centro da cidade e o facto de não terem um transporte privativo às ordens, obrigaram as atletas moçambicanas a um rude esforço, com poucas horas de repouso.

«Gastámos um dinheirão em táxis para chegar a tempo. Outras vezes, gastámos um tempo precioso, nos transportes colectivos, para poupar dinheiro», disse Kathleen.

«Não fomos aqui recebidas do mesmo modo que, lá na Beira, acolhemos as equipas metropolitanas, quando elas lá vão. Isso magoou-nos muito», ajuntou.

O dirigente Humberto Correia informou-nos, depois, que embora no I.N.E.F. todas tivessem sido incedíveis de atenções (professores e alunos), a verdade é que a instalação de nove moças



EM LISBOA, NO ESTADIO NACIONAL, A JOVEM MOÇAMBICANA FAZ ALGUNS ENSAIOS DO SALTO EM QUE É CAMPEÃ.

da equipa numa camarata provocou complicações, «até pelo facto de umas estarem habituadas a dormir com a janela aberta e outras com ela fechada».

Kathleen contou também que, uma equipa que certa vez se deslocara à Beira, «foi tão bem tratada que as suas componentes até lavaram a cara com água mineral e ficaram instaladas no que havia de melhor».

Depois de referir que a melhor pontuação atingida no basquetebol tinha sido de 29 pontos, num jogo da sua escola contra a equipa do Liceu de Pero da Naia, na Beira, Kathleen afirmou que, normalmente, jogando a defesa, marca uma média de 12 pontos por jogo. Se joga à frente, a média sobe para 15.

A conversa mudou de rumo, depois, para o que mais lhe tinha agradado na visita à Metrópole.

«Adorei Sintra e as suas montanhas tão arborizadas, a fazerem um contraste tão nítido com as planuras baixas da Beira. Também gostei muito de toda a região de margem esquerda do Tejo e da ponte, donde se avista uma paisagem deslumbrante. Talvez tenha começado ali a compreender melhor Lisboa e a atemorizar-me menos com ela. Outro aspecto muito positivo da minha estada aqui foi a amabilidade das pessoas que conosco contactaram, incluindo as adversárias que tivemos no campeonato».

E Kathleen teve aquele seu sorriso que o Sol ilumina depois de tempestade.

# RESPIRAMOS E PROSSEGUIMOS

POR MANUEL BEÇA MÚRIAS

**A** CONTECE com todos os empreendimentos produzidos por uma equipa, para servir o público — seja uma peça de teatro, um jornal, um programa de rádio ou uma revista como a «FLAMA» — somos, para a massa anónima a quem oferecemos o nosso esforço, uma entidade igualmente anónima, por detrás de um produto que lhe agrada. E que se compra. Com os cinco escudos entregues, fica um contrato firmado e aberta para nós a obrigação de ter antecipadamente sabido quais os gostos de quem puxou pelos cordões à bolsa, e segue, alegremente, com a «FLAMA» debaixo do braço para casa.

Quando falhamos, incorremos nas suas iras e geralmente recebemos uma carta de protesto; quando acertamos, raramente chegamos a captar outra manifestação além de uma vaga notícia interna com os administrativos aplausos. Felizmente, podemos dizê-lo, a segunda hipótese tem-se verificado com uma frequência esmagadoramente mais elevada, e a atestá-lo estão os resultados obtidos.

Quem é pois o repórter que todas as semanas dá o melhor do seu esforço para vos agradar? De gravador na mão, ou de máquina fotográfica em punho, no momento em que a «FLAMA» chega até vós — é-lo que se embrenha no mato, acompanhando uma patrulha militar, ou apanha um táxi a caminho do aeroporto de uma cidade longínqua, a fim de enviar o serviço pelo primeiro avião, ou se debruça da portinhola do «Junkers» para fixar na película a partida do pára-quadista para um salto livre, ou espera horas a fio por um artista renitente a fim de obter a entrevista do momento. Poderá, ao contrário, encontrar-se nesse momento, mergulhado em velhos aljarrábios, ou a traduzir para português o que um seu camarada (que só conhece de nome) tem a dizer sobre outras gentes de outras terras, sobre o «Boeing» caído em África, a Princesa que se casou na florida catedral do Norte da Europa, ou os políticos reunidos para decidir dos quilos das bombas a lançar sobre o Vietname do Norte. Outro estará de visita a uma exposição de artes plásticas, ou percorrendo as ruas da cidade para entrevistar as novas cantoneiras de limpeza, caminhando atrás dos seus vultos alegres que ajudam a cidade a ficar mais limpa. Ou assistindo no estádio à evolução dos grandes ases, cujas impertinências muitas vezes terá depois de suportar, porque o público assim o exige, e deseja saber tudo sobre a forma como aquele golo impossível foi marcado, mas também o que o seu autor come ao pequeno almoço, qual o programa de Televisão que prefere.

Espectadores atentos das grandes horas, das alegrias e tristezas, dos dramas pungentes e dos éxitos da Ciência e da Técnica, das indistricções, dos golpes espectaculares, das decisões que abalam o mundo, é o fruto do seu trabalho que cai sobre as mesas da Redacção, em linguados manuscritos ou dactilografados, em longas tiras de papel vomitadas pelos tele-impressores, em cópias nevoadas despejadas pelos receptores de tele-fotos, em magníficas reproduções cuidadosamente reveladas em laboratórios de luzes

multicoiores e um cheiro acre a estranhas alquimias.

Cortar, emendar, amplificar, ponderar, timar. — uma autêntica oficina a Redacção, na hora em que tudo pode cair por terra.

Novamente, o papel branco, duas páginas virgens onde o lápis nervoso desenha — a página vai nascer, a foto é medida e o tamanho, com que finalmente surgirá impressa, cuidadosamente calculado para causar a melhor impressão, de acordo com as vizinhas que sofreram idêntico tratamento.

A foto é tratada como coisa viva, possuindo linguagem própria, e uma delicadeza tal, que pode morrer se lhe for truncado qualquer elemento pulsante.

E tem nome — a legenda que a acompanha, e o seu conjunto com o texto é preciso que saia homogêneo e enquadrado no todo, encabeçado por um título.

E altura de darmos as mãos para uma autêntica dança de roda. A revista vai nascendo página a página, pacientemente edificada como um grande arranha-céus, tijolo a tijolo.

Ah, o suplício máximo, quando é preciso voltar ao princípio para a implacável guerra das gralhas, das fotos invertidas, dos lapsos de sintaxe, das asperezas dissonantes de um todo que deve ser harmónico!

Mas há também aquele outro momento em que todos vestimos em pensamento um «smoking» impecável, quando nos trazem ainda cheirando a tinta as cinquenta e duas páginas que são um pouco de todos nós, um pouco do tempo que roubamos ao nosso descanso, das refeições comidas à pressa, das noites de vigília, das horas de insónia.

Folheia-se a revista em gestos pausados, e desde logo críticos e insatisfeitos, numa promessa de fazer melhor. Remiramos vinte vezes a capa e procuramos prever a reacção que irá provocar. A imagem que nos aparece, colorida, cheia de «glamour», atraente é o resultado de uma prolongada discussão à porta fechada e tem quase o valor de um reconhecimento tácito da figura que representa, é o rosto do nosso trabalho de uma semana, tem sempre em si algo de válido, que faz esquecer os seus possíveis defeitos, uma figura que é de todos e que tanto nos pertence, coma a si, leitor, que não tarda, está a abrir a mão de cinco escudos, pouco, é certo, para pagar todo o nosso esforço, mas que se compensam abundantemente com a sua preferência e a sua amizade.

O nosso amigo que nos escreve da Turquia, o assinante que vive em pleno Saara, o homem das cidades da Metrópole, do Ultramar, das Ilhas, os que em longas terras procuram aquilo que a sua lhe negou, estão à espera.

A «FLAMA» parte alegremente ao seu encontro, com uma perspectiva de sete dias que procuramos fazer para durar muito mais, que acompanhará milhares de pessoas na fastidiosa viagem de comboio, nas horas de repouso merecido, na praia, entre dois mergulhos, quando o corpo estendido ao sol se refaz de uma semana de nervos, pois o espírito precisa de deambular por mundos que o quotidiano não atinge.

E nós? Continuamos, nem chegamos a parar, respiramos e prosseguimos.



# FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS «A FLOR DO CAMPO»



MAGNÍFICAS INSTALAÇÕES DA FÁBRICA DE TECIDOS «A FLOR DO CAMPO»  
EM S. MARTINHO DO CAMPO (SANTO TIRSO)

- ARTIGOS PARA EXPORTAÇÃO
- VICHIS
- FLANELAS
- SARJAS
- KAKIS
- POPELINES
- ATOALHADOS DE MESA
- PANOS DE LENÇOL
- LENÇOS PARA AS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS, ETC., ETC.

**FIAÇÃO MÉDIA, FINA E GROSSO  
TECELAGEM • ACABAMENTOS • TINTURARIA  
DO MAIS ACTUALIZADO MECANISMO**

★

S. MARTINHO DO CAMPO (SANTO TIRSO)  
TELEFONE 54203

*Sofil*

**SOCIEDADE DE FIAÇÃO DE VIZELA, LDA.**

**S. MARTINHO DO CAMPO**

(Santo Tirso)

TELEFONE 80 — S. MARTINHO DO CAMPO



# COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

SOCIEDADE ANONIMA  
DE RESPONSABILIDADE LIMITADA  
COM O CAPITAL DE  
ESC. 294 100 000\$00

PESQUISA E EXTRACÇÃO  
DE DIAMANTES  
NA PROVÍNCIA DE ANGOLA  
EM REGIME DE EXCLUSIVO

SEDE SOCIAL: LISBOA  
RUA DOS FANQUEIROS, 12-2.º  
TELEG. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONCELHO  
DE ADMINISTRAÇÃO  
E ADMINISTRADOR-DELEGADO  
DR. GUILHERME LUISSELLO  
ALVES MOREIRA

PRESIDENTE DOS GRUPOS  
ESTRANGEIROS  
LE BARON PIERRE BONVOISIN

DIRECÇÃO-GRAL NA LUNDA  
DIRECTOR-GERAL  
ENG.º JOÃO AUGUSTO BEXIGA

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA  
REPRESENTANTE  
DR. SÍLVIO GUIMARÃES



## ACONTECEU PRIMAVERA

(AO NUNO, MANEL E ÂNGELA)

UM CONTO DE MARIA AURORA  
(Apresentadora dos programas infantis da R. T. P.)

**A**CONTECEU Primavera!  
Os carréirinhos cinzentos desviam-se no céu para as bandas do sul e a bola brilhante, astro de luz, promessa de clareza, acordou as flores nos jardins.

Flores e as glândulas e o seu perfume penetrou na casa toda.

E os primeiros zumbidos das abelhas preencheram os cantos nos cantos. As rosas despertaram e, como contos brilhantes, os botões mostraram-se ao Sol.

O Zé despertou na primeira clareza matutina.

Gargalhar na boquilha redonda, luz feliz no olhar doirado.

Correu em pijama para o jardim, ao Sol. Gafanhotos, grilos, formigas!

E o Zé sem saber o porquê do mundo... do seu pequeno mundo que é promessa.

Porquê o Sol? A Luz? E a Primavera?

Do nascer do dia, o nascer da esperança.

E eu penso que há Primavera em todos os dias do Zé, ao correr de todo o ano.

Na gaiola, há um pássaro triste. De vez em quando, bate com a cabeçita eriçada nas grades e as asas ensaiam voos toscos.

Lembrança de horizontes vastos e liberdade ao Sol.

O pássaro é do Zé. Alguém lho deu e há sempre cuidados renovados para com a avezinha que já não chilreia.

Aconteceu Primavera!

No seu poteiro, sobre o canteiro das maravilhas, que usam bibeis cor de laranja bem engomados, o passarito de olhos melcos sonha bandos de aves voando à luz da manhã.

O Zé traz-lhe água e a sua mão afaga-lhe as asas numa ternura infantil muito sua. Mas logo se distrai porque um gafanhoto lhe saltou para as pernas e imediatamente a sua mão o aprisiona.

Uma caixa de fósforos serviu-lhe-á de casa. E é preciso dar de comer ao gafanhoto.

Porém, um insistente «cri-cri» lhe desvia a atenção e é a vez do grilo ir para a gaiola com a sua folha de aiface.

E até as formiguinhas acabam num frasco com uns tantos torrões de açúcar! O mundo do Zé é agora um pequeno reino de bichos.

E preciso explicar ao Zé que nada há melhor que a liberdade.

De Sol, de poentes, de amor e de paz.

Mas a palavra nada significa ainda para ela. Nem os porquês do mundo e das coisas. Vê tudo à clareza do mundo de si mesmo.

Primavera, certeza na manhã de Sol. Mas ainda não Primavera segura. Tudo se remove no desabrochar de cada planta; os galvos deixam um perfume intenso e os lírios roxos, erectos na sua haste estão engalanados como soldados em parada.

O Zé está debruçado no formigueiro... formiga que leva, formiga que traz, carréirinho de costas pretas em permanente movimento.

O Zé ajuda uma delas a transportar um grande pedaço de pão... e fica tranquilo, olhos no carréirinho... formiga que vai, formiga que vem!

Mas, num repente, uma borboleta fez balçoar o junquillo e as suas asas quase se confundem com as pétalas de flor.

O Zé, porém, sabe onde está a borboleta e as mãos correm já a aprisioná-la.

E outra caixa, com muitos furos e cheia de pétalas de rosa, servirá de ninho à borboleta.

A Primavera porém não é ainda Primavera segura.

E os carréirinhos cinzentos voltam ao céu azul, escondem a grande bola de fogo e, em breve, o céu começa a chorar.

Num repente, as lágrimas ventidas convertem-se em grossas bategas e é ver o Zé a carregar apressadamente todos os bichos para o seu quarto.

Aparecem grandes charcos no jardim.

De cabeçita encostada ao vidro da janela, os olhos do Zé tornam-se mais tristes... Não entende por que chove e está aprisionado no seu quarto.

A chuva é insistente. O Zé impacienta-se, dá pontapés na bola, e acaba por se aborrecer com os soldados de chumbo.

Mas é frequente espreitar pela janela e todo ele é espera pelo amanhar da chuva.

O pássaro agita-se na gaiola, o gafanhoto escarafunha dentro da caixa de fósforos, o grilo parece mais negro junto da aiface verdeja.

As formigas ficaram quentes à volta do açúcar e, a borboleta parece que já não sabe voar!

E com o primeiro ralo de Sol que rompe a cinza do céu, desce sobre as flores do jardim a alegria de bonança.

E o Zé saía do seu quarto, de novo carregando a bicharada...

Senta-se no degrau e fica por segundos imóvel. Depois, as suas mãos gordinhas abrem a gaiola ao pássaro que num voo rápido, chilreando alegremente, desaparece rumo ao Sol.

Um a um todos os bichos são soltos!

Per fim, gafalhas vazias, caixas abertas, borboletas na flor, grilo no canteiro, gafanhoto na haste da roseira, formigas no carréirinho, o Zé fica tranquilo, olhos brilhantes num rebentar de lágrimas.

Mas o Sol é quente e há flores nos jardins.

E o Zé recomeça as correrias, riso de cristais, olhar feliz na manhã de Sol.

Aconteceu Primavera!



# BANCO BORGES & IRMÃO

**CAPITAL E RESERVAS: ESC. 271 000 000\$00**  
**TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS**

**PORTO (Sede)—Rua Sá da Bandeira, 20**  
**LISBOA (Filial)—Largo de S. Julião, 1 e 2**

**DEPENDÊNCIAS NO PORTO:** Casa Antiga—Sá da Bandeira—Boa Vista—Campanhã—Carlos Alberto—Carvalho—Costa Cabral (Marquês)—Costa Cabral (Areosa)—Foz do Douro—Infante—Monte dos Burgos (à Circunvalação).

**DEPENDÊNCIAS EM LISBOA:** Estados Unidos—Fontes Pereira de Melo—Estefânia—Álvares Cabral (Rato)—Cais do Sodré—Estrela—Olivais Sul—Restauradores.

**AGÊNCIAS NA PROVÍNCIA:** Abrantes—Albergaria-a-Velha—Almada—Amarante—Arrifana—Beja—Braga—Cantanhede—Cascais—Faro—Funchal—Gondomar—Guimarães—Lelria—Lourosa—Matosinhos—Murtoza—Oliveira do Hospital—Ovar—Pinhão—Ponte de Lima—S. Mamede de Infesta—Santarém—Setúbal—Torres Vedras—Valenço—Vila do Conde—Vilar Formoso (Postos Cambiais)—Vila Franca de Xira—Vila Nova de Gaia.

**CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO**





# COMEÇARAM AS OBRAS NA VELHA ESTAÇÃO DO PORTO

## "S. BENTO" NÃO FECHA

### MILHARES DE FAMÍLIAS RESPIRAM DE ALÍVIO

ESTÁ DECIDIDO. «S. BENTO» NÃO FECHARÁ. A ESTAÇÃO CENTRAL DO PORTO COMEÇOU A SER REMODELADA. O FUMO VAI DESAPARECER. COMBOIOS ELÉCTRICOS SUBSTITUIRÃO AS VELHAS LOCOMOTIVAS A CARVÃO. A OBRA É DIFÍCIL E ONEROSA E DEMORADA. COMPREENDE-SE. E A ESTAÇÃO DEVERIA SER ENCERRADA POR UM CERTO PERÍODO. ERA ASSIM QUE ESTAVA PREVISTO. A MEDIDA IRIA AFECTAR MILHARES DE PESSOAS, SOBRETUDO EMPREGADOS, OPERÁRIOS E ESTUDANTES QUE UTILIZAM O COMBOIO E TEM NO CENTRO DO PORTO AS SUAS OCUPAÇÕES. ERA UMA MEDIDA QUE COLOCAVA EM PERIGO MUITOS ORÇAMENTOS FAMILIARES INDEPENDENTES DAS DEMORAS E DAS

MAÇADAS QUE ORIGINAVA A UTILIZAÇÃO DE UM OUTRO MEIO DE TRANSPORTE ENTRE CAMPANHA E O CENTRO E VICE-VERSA. E A C. F. PENSO NISSO. TEVE EM CONTA OS INTERESSES DO PÚBLICO E VAI FAZER AS OBRAS SEM INTERROMPER O TRÁFEGO FERROVIÁRIO. É UMA BOA NOTÍCIA PARA IMENSAS FAMÍLIAS.

Para conciliar as obras com os interesses do público a C. P. pede a este um pouco de sacrifício e muita compreensão. Não é possível realizar a obra e, ao mesmo tempo oferecer um serviço normal. Vão surgir alguns pequenos atrasos, será preciso saltar por cima de montes de entulho, é natural,

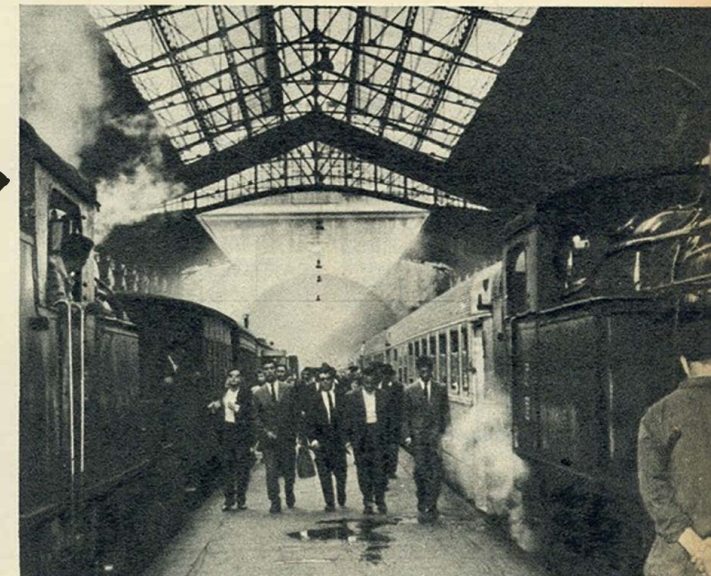
até, que alguns fatos se sujem, mas para receber é preciso dar. Sempre foi assim. Para já, a estação de S. Bento está encerrada da 9.40 às 12.10 horas, das 14.45 às 16.45 e das 20.40 às 6.10 da manhã. Suprimiram-se portanto os comboios das chamadas «horas mortas». Aproveitando esses períodos de pausa principalmente o da noite, dezenas de operários lançaram-se ao trabalho desde há dias. A primeira fase das obras em curso, é a da impermeabilização do túnel. Este está a ser revestido de um novo tecto para que a humidade não prejudique depois as linhas aéreas e a catenária. Em seguida, serão tirados os carris para modificar as estruturas da via. Finalmente, proceder-se-á à construção de novas plata-

formas, e ao arranjo total do interior da estação. O arranjo do interior da estação de S. Bento está de certa maneira ligado ao do largo fronteiro ao majestoso edifício que outrora foi convento. Com efeito a estação passará a ficar ligada à Praça de Almeida Garrett, por passagens subterrâneas que resolvam o problema do escoamento de passageiros e simultaneamente o trânsito na zona envolvente. O ideal seria portanto que a C. P. e a Câmara Municipal do Porto levassem a efeito as obras, simultaneamente. Já foi divulgado que o projecto da Avenida da Ponte recebeu finalmente a aprovação superior. A esse projecto está ligado o do arranjo da Praça de Almeida Garrett. Assim, tudo leva a crer

AS OBRAS DA ESTAÇÃO ESTÃO DIRECTAMENTE LIGADAS ÀS QUE O MUNICÍPIO PORTUENSE VAI LEVAR A EFEITO, TANTO NA PRAÇA DE ALMEIDA GARRETT, COMO NA AVENIDA DA PONTE. A COORDENAÇÃO DAS DUAS IMPÕE-SE, COMO SE IMPÕE A UTILIZAÇÃO DO LOCAL ONDE AGORA FUNCIONA A ESTAÇÃO DOS C.T.T. PARA O SERVIÇO DE BILHETEIRAS DA ESTAÇÃO DE S. BENTO, DADO QUE É NESTE ÂNGULO QUE SE PROCESSA TODO O MOVIMENTO DE PÚBLICO.



AS COLUNAS QUE SUSTENTAM A COBERTURA MANTER-SE-ÃO, MAS PINTADAS DE COR MAIS ALEGRE E A COBERTURA SERÁ LIMPA OU RENOVADA.



OS COMBOIOS VÃO DEIXAR DE FUMEGAR NA ESTAÇÃO DE S. BENTO. SERÁ UM ALÍVIO PARA OS PASSAGEIROS E PARA AS CASAS DAS REDONDEZAS.

O ÁTRIO DA ESTAÇÃO TERÁ QUE SER LIBERTO DAS INESTÉTICAS BILHETEIRAS PARA EXIBIR TODA A BELEZA DOS SEUS MAGNÍFICOS PAINÉIS DE AZULEJO E OS ACESSOS E OS ESCOAMENTOS SERÃO MELHORADOS COM A UTILIZAÇÃO DE PASSAGENS SUBTERRÂNEAS, ALÉM DA RENOVAÇÃO DAS PORTAS ACTUAIS.



que a C. P. e o Município aproveitem a oportunidade para conjugar esforços lucrando ambos com isso e muito mais o público.

Nas a renovação do edifício da estação de S. Bento não será tarefa fácil. Nas instalações actuais, falta tudo: salas de espera, restaurante, sanitários, e até bilheteiras. As actuais estão ultrapassadas, não chegam para as necessidades e, ainda por cima, são um aleijão num átrio imponente recheado de valiosos painéis. E as bilheteiras, estão para uma estação como uma sala de operações para um hospital. Mas para onde transferi-las? O edifício dispõe de um sítio ideal para isso. O local porém, está ocupado pelos C.T.T. E nessa zona que se processa toda a corrente de trânsito para a estação. S. Bento não terá melhor situação para as suas novas bilheteiras. E é possível (e necessário) que os Correios e a C. P. cheguem a um entendimento.

A conclusão da electrificação da via entre Campanhã e S. Romão permitiu que os trabalhos e as atenções se concentrem a partir de agora sobre a estação de S. Bento. Esta ficará a dispor futuramente de oito vias úteis com via dupla no túnel de ligação a Campanhã,

permitindo um escoamento de tráfego à altura de futuras necessidades. E a obra de S. Bento tem que ser feita em ritmo acelerado, dada a sua enorme utilidade: É que a electrificação da via até S. Romão, e proximamente Braga, não dará pleno rendimento sem que o antigo terminal do Porto receba comboios eléctricos. E isso representa um prejuízo duplo: para a C. P. e para os passageiros. E estes são muitos, da ordem talvez (grosso modo) dos 6 a 7 mil por dia, com tendência para um aumento rápido logo que a electrificação da linha até Braga esteja concluída e assegurada uma boa frequência de comboios. Repare-se: actualmente, em obras e com limitações, há 21 comboios ascendentes e 22 descendentes. Não será bastante para o público mas é muito para as possibilidades actuais da velha estação. Se tudo correr bem, segundo as previsões mais optimistas, é possível que, daqui a oito meses, o Porto disponha de uma nova estação de S. Bento e o público se veja recompensado dos sacrifícios que tem feito e a que será obrigado ainda neste período. A electrificação da via vai trazer, além da comodidade, uma rapidez no transporte de ordem dos 20%.

# "O SANTO" À BEIRA DA DECADÊNCIA (2)

## UM "MAU" BOA PESSOA

**N**O dia da nossa visita a Roger Moore, «O Santo», que hoje continuamos a relatar rodava-se um episódio com o título «A double in diamonds». O «mau» apoderou-se de um valioso colar que «O Santo» terá de recuperar. Claro que de onde estou posso verificar que os diamantes não passam de simples bijuteria de feira. Aliás, isto também não é novidade para os telespectadores. Mas se o mencionamos é para que todos possam mais facilmente «acercar-se» de Roger Moore nestes ângulos tão diferentes da TV.

No estúdio não há milhares de espectadores, como sucederá no dia em que o filme for distribuído. Entre técnicos e artistas serão umas cinquenta pessoas que dependem de Roger. «O Santo» filma no ambiente de um

quarto de hotel. Cama antiga, móveis fora de moda, candeeiros barrocos. Veste fato cinzento claro de corte americano, camisa dum tom escuro, gravata vermelha e sapatos pretos, pontegudos. No braço um abafa escuro e uma pasta de couro castanho. Despede-se duma amiga que o é só ali, pois passado aquele momento logo a ignora. Trata-se duma artista secundária que ocorre sempre que a chamam, para logo, timidamente, se ir sentar muito tranquila no seu canto à espera de nova chamada. Tal como Roger em Hollywood, quando era apenas galã secundária e não trabalhava ainda para a televisão...

### CASTELO SEM MISTÉRIO

De mãos nos bolsos e com o seu habitual sorriso, «O Santo» encaminha-se para nós. Anavelmente, oferece um cigarro e logo se apressa a acendê-lo com o seu isqueiro de prata. Este trajecto desde o «plateau» até nós devia repetir-se muitas vezes naquela tarde em que ele procurou dividir o seu tempo entre ensaiar, filmar e conversarmos.

Trabalha à sua maneira, como quer e quando quer. Ali «O Santo» é amo e senhor. O encarregado da maquiagem, um homem com cara de pássaro, intervém a cada instante de espelho e pente em riste. Muito sofisticada na sua camisola vermelha e calças pretas de «jersey», a anotadora, de óculos escuros, mostra o guião para refrescar a memória, enquanto o director dá alguns conselhos: «Agora Roger deve avançar com o passo tranquilo». O «camarameu» diz também qualquer coisa. «O Santo» inicia uma frase e logo esquece o resto. Não importa. Com ar descontraído, acrescenta por sua conta alguns sons gutturais e a cena interrompe-se. O silêncio é profundo. Depois recomeça e ouve-se a frase completa. A acção decorre agora noutra local. Estamos num castelo estilo inglês, onde não falta, por certo, uma boa adega e os indispensáveis fantasmas. A câmara foca um salão luxuosamente mobiliado, com lustres e grandes quadros ornamentando as paredes, garrafas de cristal da Boémia com bebidas diversas, segundo reza o guião. Uma residência senhorial em toda a acepção da palavra, que estamos certos aparecerá envolta em grande mistério perante os olhos dos espectadores, mas que para nós, em boa verdade, nada tem de misteriosa.

### UM «MAU» BOA PESSOA

Um sujeito com aspecto de «mau» acesa ao «Santo» com o olhar. Nos seus olhos brilha o ódio. Contudo, a nós que o observamos à luz intensa dos focos espalhados por toda a parte não nos custa a acreditar que se trata da pessoa mais pacata deste mundo. E para o confirmar, bastaria tê-lo visto há

pouco dormitando beatificamente na sua poltrona, durante um intervalo das filmagens. E de nós para nós não podemos deixar de comentar baixinho: que pena vemos tão de perto os episódios do «Santo»... Aqui toda a realidade dos pequenos «écrans» se «svaá...»

Todavia é bem real a imagem do «Santo» que temos diante de nós. E ele mesmo em carne e



«AVENTURA DO ALASCA» FOI A ÚLTIMA SÉRIE RODADA POR ROGER MOORE, ANTES DE REGRESSAR AOS EPISÓDIOS DE «O SANTO».

# FLAMA

Revista Semanal  
de Actualidades

DIRECTOR: ANTONIO DOS REIS

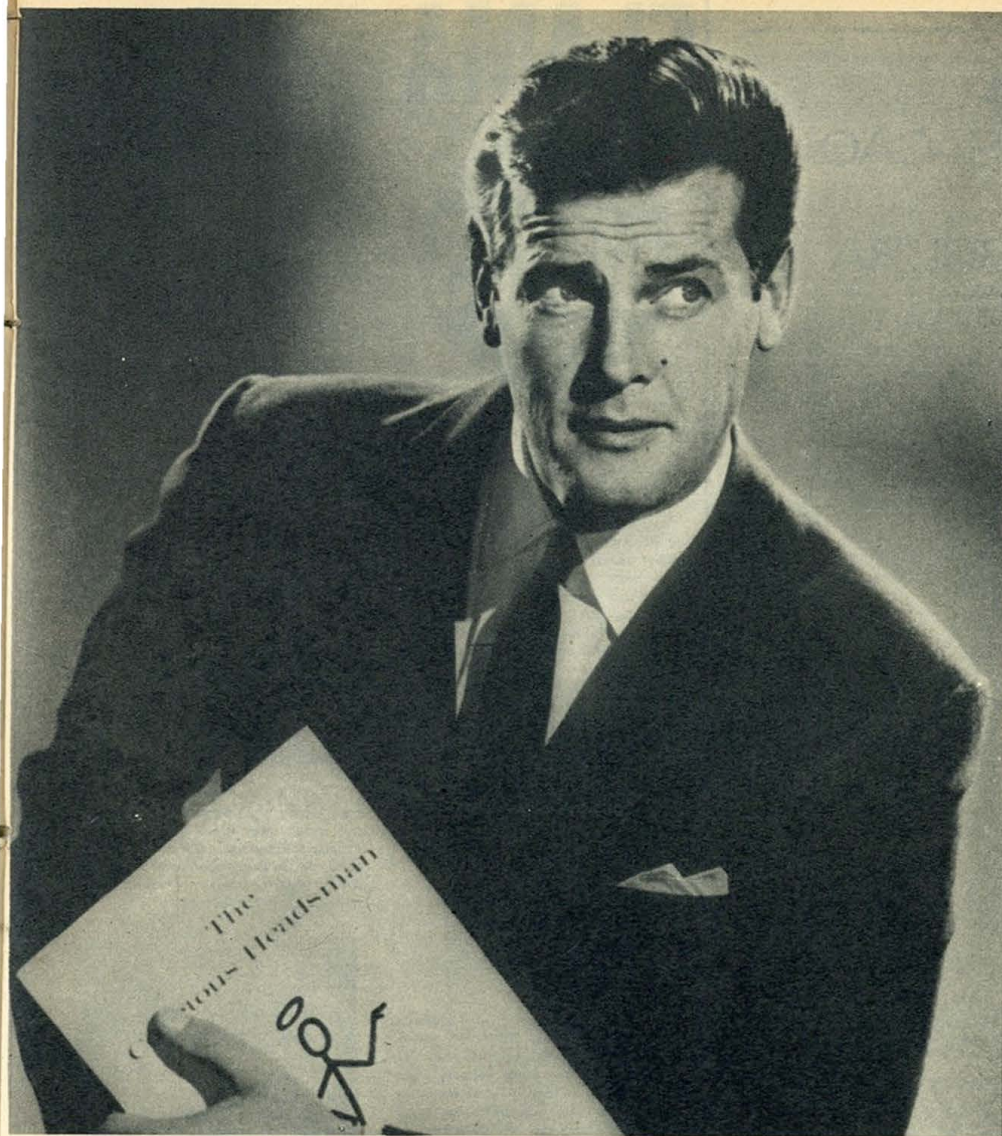
Ano XXII / 1.000 / 5-5-967

EDITOR: ANTONIO DOS REIS /  
CHEFE DA REDACÇÃO: M. BEÇA  
MURIAS / SUBCHEFE DA REDAC-  
ÇÃO: CARLOS CASCAIS / PRO-  
PRIEDADE DA UNIÃO GRÁFICA  
S. A. R. L.

Redacção, Administração e Publici-  
dade: Rua de Santa Marta, 48 —  
LISBOA-2 — Telef. 44191/2 —  
46174/5 — Imprime-se na «União  
Gráfica», S.A.R.L. Fotogravura Na-

PREÇÁRIO (pagamento adiantado):  
cional e na Neogravura, Limitada.  
Metrópole e Ilhas — Assinatura  
anual 220\$00 / Assinatura semes-  
tral 110\$00 / Assinatura trimestral  
55\$00 / Exemplares avulso 5\$00  
/ Ultramar, Espanha e Brasil —  
Assinatura anual 250\$00 — Assi-  
natura trimestral 130\$00 — Exem-  
plares avulso 7\$50 — Outros paí-  
ses — Assinatura anual 330\$00 /  
Exemplares avulso 9\$00 — POR  
VIA AÉREA acresce a respectiva so-  
bre-taxe, por cada exemplar: Me-  
trópole, Ilhas e Espanha 1\$60 /  
Ultramar 12\$00 / Outros países  
da Europa 3\$20 / Restantes países  
14\$00 / Mudança de endereço 1\$00.

A «FLAMA» declina toda a respon-  
sabilidade acerca dos documentos  
que lhe sejam enviados. Os origi-  
nais não publicados não serão de-  
volvidos. A colaboração geralmente,  
é pedida pela Direcção.



ti a algumas corridas, pois ali não há toiros de morte, como acontece nas praças de Espanha. Já vê, uma foto de Simon Templar, o bom, a assistir a um espectáculo sangrento não cairia nada bem na imprensa britânica. E o artista é, em certa medida, escravo da opinião pública. Eis o motivo porque, embora apreciando muito a Espanha, não assistí às suas toiradas.

Este «Santo» é também um bom diplomata. Perante a nossa insistência sobre a sua estada em Portugal, abrez-se um pouco mais. Atira o fumo do cigarro que se ergue em espirais na direcção do electricista que continua dormitando lá em cima, e diz-nos que se sente desgostoso por não ter tido tempo para ver todas as coisas belas que há em Portugal. E acrescenta ainda: «Todos os dias recebo cartas de jovens portuguesas. Aliás, recebo cartas de pessoas de ambos os sexos de todo o mundo. O mesmo acontece com as chamadas telefónicas que vêm dos sítios mais remotos, como a Austrália, por exemplo. Mas o pior — é que nem sempre são de admiradoras, mas sim de «cravas» a pedir dinheiro...

#### O «SANTO» TEME A MAFIA

Já que o tema é o sexo fraco, corre-me perguntar quantas jovens têm actuado nas séries de «O Santo».

— Já lhe perdi a conta. De todas as que têm trabalhado comigo as que mais tenho presente são a Samantha Eggar e a Julie Christie, duas famosas actrizes que tendo interpretado papéis secundários nos meus filmes são hoje detentoras de «Oscars».

Enquanto o escutamos, o nosso câmar dirigiu-se para a jovem tímida agora sentada num canto do estúdio, sem que ninguém reparasse nela. Será que também um dia virá a ser famosa? Quem o poderá saber!

De novo o chamam para filmar e, enquanto se afasta, o seu semblante toma um ar grave. O seu problema é por demais conhecido de todos para que insistamos muito nele. Roger está seriamente apaixonado pela bela actriz italiana Luisa Mattioli, de 30 anos, ou seja menos dez do que ele, mas não podem casar-se, pelo menos por enquanto. Não nos admira, pois, que fale com tanto entusiasmo de Itália e que domine tão bem o italiano. Tão pouco nos surpreende que dentro em breve vá interpretar o filme sobre a Mafia em Espanha e Itália.

— Mas não na Sicília — elucidamos. Ali a Mafia existe de verdade... e não é conveniente brincar...

— E «O Santo» não costuma contra atacar?

— Isso é só na TV. Na vida real não passo de um cidadão pacífico que não quer «embrulhadas»...

(Continua)



◀ ROGER MOORE COM MANUEL BENÍTEZ «EL CORDOBÉS», QUANDO VISITOU A ESPANHA, NO ANO PASSADO.

casc, aquele conhecido herói de tantas aventuras que milhões de espectadores têm presenciado nos seus aparelhos de TV, mas que começa já a «cansar» grande parte do público. Em pessoa tem muito de diferente do outro Roger Moore que acaba de ser registado pela câmara e impresso no celuloide. Esse, será o que, depois de feita a montagem, acrescentada a música e vários outros factores, surgirá nos «ecrãs» como «O Santo» que todos nós conhecemos.

#### OS HERÓIS NEM SEMPRE VÃO ONDE QUEREM

Perguntámos-lhe se gostava de toiradas, e a resposta que nos deu foi esta: «Sou amigo de Córdoba. Só em Portugal assis-

UMA  
SENSAÇÃO  
DE  
FRESCURA  
NO SEU  
DIA A DIA



*Primavera*

uma  
água  
de  
colônia  
agradável  
de  
tipo  
francês



TEMPO

# FLAMA



## ALGUMAS DAS ÚLTIMAS NOVIDADES

A «Alvorada» distribuiu, há pouco, um 45 r.p.m. com a canção que Sonny e Cher apresentaram no Festival de Sanremo deste ano e se chamava «Cammino d'ogni speranza», de U. Napolitano. Outras interpretações deste EP-02-3 da «Atlantic»: «The beat goes on», de S. Bono; «Little man», de S. Bono; «L'umantà», de Pallavicini-Ferrari.



Segundo Galarza e o seu conjunto oferecem-nos no seu último 45 r.p.m. gravado para a «Belter» uma boa interpretação do tema da película «Um homem e uma mulher». Outras melodias deste disco: «Mas que nada», de Jorge Ben; «Catedral de Winchester», de Geoff Stephen; «Guantanamera», de J. Marti-H. Angelo-P. Suger.



Mincuche Barelli, a representante do Mónaco ao Concurso Eurovisão de 1967, gravou para a CBS a sua canção de Viena «Boum Badaboum», de S. Gainsbourg. Outras melodias inseridas neste disco com arranjos e direcção musical de M. Colombier, A. Bobly e L. Clrens: «Je saurai bien me faire aimer», de G. Magenta-Vline Buggy; «Il faut dire», de M. Jourdan-J. Baselli-A. Canfora; «Le garçon d'Ostende», de A. Barelli-P. Delancé.



Eleutério Sanches, um artista angolano já conhecido na Metrópole gravou para a «Dacca» um 45 r.p.m. com as seguintes interpretações: «Confidência», «Cenção do Subúrbio», «Encontro com Lisboa» e «Mulata de Angola». A orquestra é dirigida pelo maestro Joaquim Luís Gomes.



O Conjunto de Guitarras de Raul Nery gravou para a «Alvorada» um 45 r.p.m. com o seguinte: «Mse há só uma», de Alfredo Marceneiro; «Belos tempos», de Júlio de Sousa; «Guitarra triste», de Álvaro Duarte Simões; «Fado das trincheiras», de António Melo.



O Conjunto Sol da Portugal gravou para a etiqueta «Orfeu» o seu primeiro 45 r.p.m. com as seguintes interpretações: «O pará da Dona Inês», de José Guimarães; «O Zé da burra», arranjo de José Guimarães; «Senhora encrenca», de Avelino Carneiro; «O Gregório» de José Guimarães.



# Baby Bouncer\*

o descanso  
da mamã  
e a  
alegria  
do bebê

Joma - cliché ferrária



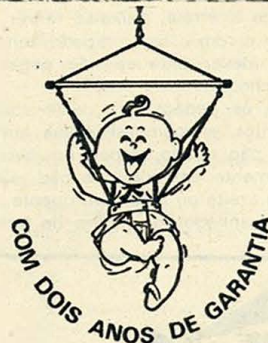
BABY BOUNCER é de construção sólida, todas as peças que o compõem são experimentadas antes e depois de montadas. O BABY BOUNCER pode ser utilizado em casa, no campo, no jardim ou na praia, suspenso pela garra ou pelo parafuso.

BABY BOUNCER foi cientificamente estudado para permitir aos bebês: liberdade de ação e exercícios vantajosos, para o seu desenvolvimento físico e psico, sendo além disso completamente isento de perigos.

Com BABY BOUNCER acabaram as preocupações com os bebês irrequietos, para as mães ocupadas. BABY BOUNCER é tão fácil de colocar como uma fralda. BABY BOUNCER é um alegre e útil exercício que permite aos bebês andarem mais cedo e com maior segurança.

#### IMPORTANTE:

Quando instalar o bebê no BABY BOUNCER, regule o comprimento da corrente, de forma a que somente as pontas dos pés do bebê fiquem a tocar o chão.



Inf. Telef. 870747

Com resultados comprovados, e, usados por milhões no Canadá, Inglaterra, França e Itália, também à venda em Portugal.

# CUIDADOS A TER COM O PEIXE CONGELADO



## COMO SE COMPRA

Ao comprar peixe congelado fique sabendo que 100 gramas de pescado equivalem, em proteínas, a 100 gramas de carne, ou a 2 ovos, ou a meio litro de leite.

Se o comprou já cortado, repare se não há qualquer diferença de cor em toda a superfície dos cortes, mas se o comprou embalado, assegure-se de que a embalagem não está rota e que o peixe não teve contacto com o ar.

Compre sempre o peixe, como de resto todas as produtos congelados, após ter feito todas as outras compras.

## COMO SE CONSERVA

Quando se pretende conservar em casa, o peixe congelado, durante um certo tempo, deverá observar-se o seguinte:

**Se não tem frigorífico** só o poderá conservar durante umas 8 horas, colocando-o em LUGAR FRESCO e bem envolvido em papel. Se utilizar um caixote, com gela picada, a conservação pode ir até 10 a 12 horas.

**Se tem frigorífico** poderá conservá-lo nas prateleiras normais de 10 a 12 horas, consoante o tamanho de peixe.

**Se tem frigorífico com congelador**, essa é a ideal, porque pode conservar o peixe em sua casa, nas melhores condições, durante 10 a 15 dias.

## COMO SE PREPARA

**SE NÃO TEM PRESSA** deixe o peixe descongelar lentamente à temperatura ambiente em qualquer local ou na prateleira do seu frigorífico. Uma peça de pescada com meio quilo demorará a descongelar, no frigorífico, 6 a 8 horas e, fora dele, à temperatura ambiente, cerca de 4 horas.

**MAS SE ESTIVER COM PRESSA** pode cozinhá-lo sem descongelar bastando para isso o seguinte:

**FRITO** — Deixe estar o posto ou filete durante cinco a dez minutos com sal, limão e qualquer outro tempero o seu gosto; em seguida passe-o por farinha ou ovo. Logo que o azeite ou óleo estiver bem quente — fumegante — mergulhe o peixe deixando-o fritar em lume brando.

**COZIDO** — Deite bastante sal na água e os condimentos que entender. Quando a água estiver a ferver mergulhe o peixe e deixe cozer durante um quarto de hora.

**NO FORNO** — Prepare-o a seu modo e coloque-o num forno muito quente, até que comece a alourar. Deixe-o ficar em lume brando até que o calor penetre bem no peixe e este fique completamente assado. Mantenha-o assim durante um quarto de hora por cada meio quilo de peixe.

**EM MOLHO** — Proceda da mesma modo como se tratasse de peixe fresca, apenas deixando-o ferver uns dez minutos mais por cada meio quilo de peixe cozinhado.

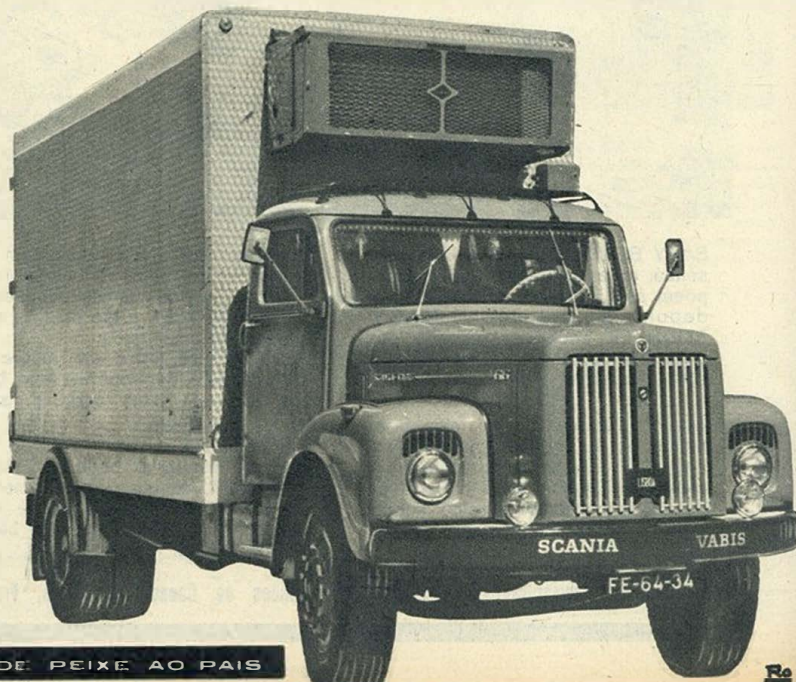
## uma receita para si...

### ARRAIA PANADA

Corta-se a arraia aos pedaços e enxuga-se. Põe-se num tacho uma boa porção de azeite, sumo de limão, alhos pisados, sal, pimenta e um ramo de salsa.

Junta-se-lhe a arraia, deixa-se ferver, em lume brando e com o tacho tapado, tendo o cuidado de mexer para se não pegar ao fundo do tacho.

Retiram-se os pedaços de peixe cozidos mas ainda rijos, envolvem-se numa mistura de queijo e pão ralado, depois em ovo batido e novamente em queijo e pão ralado. Fritam-se em azeite ou óleo bem quente. Servem-se acompanhados de molho de tomate.





# PILAR DE BOURBON: CASAMENTO NA SEGUNDA PÁTRIA



**PORTUGAL FOI PARA ELA E SUA FAMÍLIA UMA SEGUNDA PÁTRIA E A PRINCESA QUIS COMEÇAR EM LISBOA A VIDA NOVA COM QUE SONHARA**

**N**O dia 28 de Dezembro de 1966, tornou-se público, por intermédio da Imprensa espanhola, o compromisso matrimonial da Infanta Pilar de Bourbon, filha dos Condes de Barcelona e irmã do Príncipe D. João Carlos, com o aristocrata espanhol Luís Gomez Acebo e Duque de Estrada.

A notícia comoveu todo o mundo, porque, até então, ninguém tinha conhecimento do noivado da Infanta. Fora um segredo bem guardado pelos protagonistas desta história sentimental que, de manhã à noite, ocupava as primeiras páginas dos jornais e revistas nacionais e estrangeiras.

Em pouco mais de vinte e quatro horas, o mundo inteiro soube tudo sobre os noivos.

## **A NOIVA**

Nascida em Cannes, durante os primeiros anos do exílio do pai, Pilar soube adaptar-se

às circunstâncias dramáticas daqueles tempos, seguindo seu pai com dignidade, como uma perfeita filha de família. Quando a pequena Infanta completou nove anos, seus pais decidiram fixar residência no Estoril, perto da Pátria. Aqui começou a sua preparação, enquanto seu irmão João Carlos o faz em Espanha.

Mais tarde, realizou estudos de enfermagem nas escolas do Estado, demonstrando a todo o momento abnegado espírito de sacrifício, que pôs à prova alguns anos mais tarde, ao ser a primeira a apresentar-se voluntariamente para socorrer as vítimas de um gravíssimo acidente na estação do Cais do Sodré.

Viaja sempre acompanhada de seus pais, ou seu irmão, João Carlos. Causa sensação nas bodas reais de Fabíola, de Constantino e Ana Maria, da princesa Beatriz da Ho-

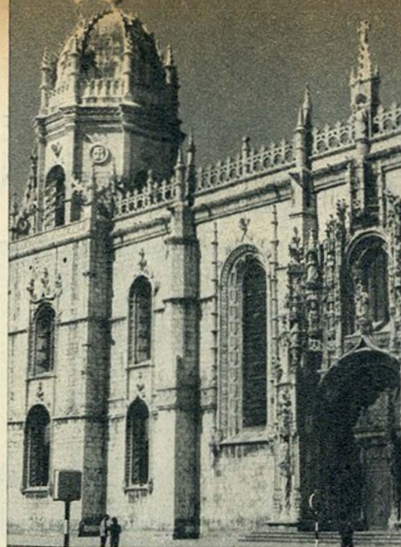
landa e na de seu irmão. Em todas as ocasiões, a Imprensa «do coração» lhe atribui um romance, porque a considera uma das mais atraentes princesas do momento.

Mas Pilar era uma rapariga muito jovem, com muitos anos à frente para decidir sobre o seu futuro sentimental. A sua vida continua a ser simples, sem estridências, sem escândalos, segura de si mesma, do seu nome e do que representa ser filha de quem é.

No Estoril e em Lisboa é querida e admirada por todos. Sempre que pode viaja até Espanha, para passar temporadas com o irmão e a cunhada no Palácio da Zarzuela

Foi justamente numa dessas estadias em Madrid, que a Princesa Pilar conheceu Luís Gomez Acebo — o noivo.

# JERÔNIMOS: CENÁRIO REAL PARA CASAMENTO PRINCIPESCO



O casamento será presidido na majestosa igreja dos Jerónimos, por um antigo Cônego da catedral de Sevilha, Rev. Sebastian Bandiaran, capelão real e grande amigo da família, e que já noutras ocasiões tem abençoado o matrimónio de outros membros da Família Real espanhola.

## O NOIVO

Tem 33 anos, que completou em 23 de Dezembro. É filho do Marquês de Deleitosa e é o quarto dos seis irmãos, cinco rapazes e uma rapariga.

Como a maioria dos rapazes espanhóis, estudou o Liceu e seguiu Direito. Partiu para os Estados Unidos onde trabalhou durante alguns anos numa firma de petróleo. Ao regressar a Espanha, começou a trabalhar como secretário-geral e secretário do conselho de uma empresa hispano-britânica de cimentos. É um rapaz simples, a quem agrada a leitura, a música (é um pianista exímio) e escrever sobre História.

## O NOIVADO

Como dissemos atrás, foi durante uma das viagens da Princesa Pilar a Madrid que se conheceram. Era Primavera. Apresentaram-nos em casa de amigos comuns, e logo voltaram a ver-se em diversas ocasiões, quase sempre que a Infanta ia à capital espanhola, o que começou a acontecer com frequência.

Mas o que se diz «prometer-se», aconteceu muitos meses mais tarde. Exactamente no dia 21 de Novembro de 1966, pouco mais de um mês antes de tornar-se público o noivado, com o comunicado oficial: «O Conde de Barcelona autorizou o enlace matrimonial de sua filha S.A.R. a Infanta D. Pilar com D. Luis Gomez-Acebo...»

Desde aquele dia, Pilar e Luis começaram a ver-se todos os dias. Juntos passeavam pelas ruas de Madrid e arredores. Juntos iam comer a restaurantes típicos e juntos passeavam pelo «Retiro» madrileno, onde um dia sentiram o desejo de estampar a sua felicidade numa fotografia de um fotógrafo da rua.

Poucos dias depois de formalizar as relações, D. Luis viajou até ao Estoril para comunicar pessoalmente aos Condes de Barcelona o seu desejo de casar com Pilar.

Quando a Infanta regressava ao Estoril os noivos mantinham contacto telefónico e epistolar. Largas conversas e cartas ainda maiores, ajudavam os noivos a suportar a separação.



A Princesa prepara as malas para a mudança para o novo lar.

No dia 30 de Dezembro, D. Luis e sua família deslocaram-se ao Estoril, para pedir oficialmente a mão de Pilar.

Para abençoar o casamento, a Princesa Pilar escolheu um antigo e ilustre Cônego da Catedral de Sevilha, D. Sebastian de Bandiaran, capelão real e grande amigo da família real, e que já em outras ocasiões abençoou o enlace matrimonial de outros membros da família real espanhola.

Dias depois da apresentação dos noivos no Estoril, a Princesa mudava-se para Madrid, para começar os preparativos do enxoval e do novo lar.

Como é tradição em Espanha, o vestido iria ser oferecido pelo noivo. A mãe de Luis,

Marquesa de Deleitosa, comunicou a Pilar que podia escolher livremente a casa de alta costura nacional ou estrangeira que havia de confeccionar o vestido. Mas Pilar, ante o espanto de todos, mostrou desejo de que a pessoa encarregada de fazer o vestido, não fosse outra senão D. Isaura, antiga modista da Corte e que já, aquando da sua apresentação na sociedade, desenhou o vestido que a Infanta exibiu naquela ocasião.

Como se sabe, o vestido da noiva, seja qual for a sua condição, é um segredo de Estado. Todos os nossos esforços para conhecer o desenho e pormenores do vestido falharam até agora. Não há outro remédio senão esperar pelo dia do casamento. A maioria do enxoval de Pilar foi confeccionado no convento de São José, em Madrid.



Os irmãos Blanco são os cabeleiros espanhóis especialistas em bodas reais. Pentearam a Princesa Sofia no casamento do Rei Constantino. Serão também eles a pentear a Princesa Grace de Mônaco. Estes são os esboços dos penteados criados para as Princesas Pilar e Grace.



Os noivos com os Marqueses de Deleitosa, pais do noivo, D. Luis Gomez Acebo

## O LAR

Durante o tempo que decorreu entre a apresentação oficial e a data da boda, os noivos tiveram todas as suas horas ocupadas na solução de diversos problemas, sendo o mais importante o do novo lar. Este começou a erguer-se no lugar de Somasaguas, perto da casa de campo, de onde se divisa uma impressionante panorâmica de uma Madrid de Velázquez.

Mas como as obras não estarão terminadas antes do princípio do próximo ano, os noivos, já Srs. de Gomez-Acebo, fixarão residência num andar mobilado da rua de Padilla.

Tanto D. Pilar como D. Luis, não deixaram a decoração do seu novo lar a uma acção mais ou menos directa dos decoradores: eles próprios se ocuparam da tarefa até ao mínimo pormenor. Durante estes últimos meses, não era difícil vê-los pelos antiquários da velha Madrid e do Rastro, procurando uma chaminé, uma coluna ou uma

↳ Pouco depois de se ter tornado público o casamento, começaram a chegar as prendas procedentes de toda a Espanha e do estrangeiro.

porta castelhana. E assim, peça a peça, compraram tudo o que seria necessário para um lar.

O casamento terá lugar no dia 5. Para os cavalheiros recomenda-se traje escuro, e para as senhoras «mantilla» espanhola. Depois da cerimónia haverá um copo-de-água no Hotel Estoril-Sol. E a viagem de núpcias será aos Estados Unidos e ao México.

Para este dia, Pilar não quis um cortejo de damas de honor, como é frequente. Junto dela apenas estarão nesse momento, duas amigas íntimas: Maria del Mar Tornos e Rocio Montellano.

Ainda que a cauda do vestido seja comprida, por desejo do noivo, aquela não será levada por pagens, mas cairá livremente.

Sobre a cabeça de Pilar brilhará um diadema de pérolas e brilhantes, fazendo ondas, e que pertence a sua mãe.

Sabe-se que entre as personalidades que assistirão à boda, contam-se a Rainha Joana da Bulgária, os Reis Simeão e Margarida, o ex-Rei Humberto de Itália, os Condes de Paris, os Príncipes de Mônaco, a Rainha Victória Eugénia, avó paterna da noiva, os Duques de Kent, os Príncipes de Liège, Paola e Alberto...

JAIME PEÑAFIEL



TODA A FAMÍLIA VESTE COM CROCODILO

LA CHEMISE LACOSTE



A venda nas melhores casas do país

REPRESENTANTE EM PORTUGAL:

ALBERTO CORONEL, LDA.

AV. MIGUEL BOMBARDA, 29-1.º - LISBOA

AMADEU

CONFECÇÕES  
AMADEU DE ALMEIDA, LDA.

Rua de Santa Justa, 22, 2.º D.  
Telefone 32 35 73

L I S B O A - 2

ÁGUA DE LUSO  
A MELHOR ÁGUA DE MESA

PEDIDOS A:

REVENDEDORA DE ÁGUAS, LDA.  
SACAVÉM — Telef. 2511302



## SEBASTIÃO RODRIGUES: o autor da capa Mil

**N**A cave dum prédio de Lisboa, onde está instalado o «atelier» do artista gráfico Sebastião Rodrigues, «nasceu» a maqueta da capa comemorativa deste número 1.000 da «Flama».

Artista plástico de renome, e participante em várias exposições em Portugal e no estrangeiro desde 1951, falou-nos da sua arte e da maneira como trabalha.

— Ao conceber a capa da «Flama», não tive em conta o público leitor, o conteúdo da revista ou as suas directrizes — o que terá sido bom ou mau — mas só pensei que era a capa comemorativa do número 1.000 da revista. Surgiu como aquilo a que eu chamo um «jogo» de formas e cores, em que se destacam os algarismos 1.090.

Ilustrador de capas de livros para várias editoras, perguntámos-lhe se é usual a atitude de alheamento em relação ao conteúdo das obras. De pois de reflectir, responde:

— Dependê. Já se vê que, antes de pensar na ilustração da capa, leio a obra. Pode haver uma cena que me pareço significativa; ou pode surgir uma palavra, um pequeno elemento que sugira a realização plástica. Mas também pode surgir uma ideia que nada tenha a ver com o conteúdo da obra e que dê um «jogo» bonito para a capa. E, na verdade, a obra não fica adulterada se a capa não for condizente com o seu conteúdo. Com qualquer capa, permanece a mesma obra, do mesmo autor.

Passando os olhos pelo «atelier» notamos uma parede forrada de cartazes de várias exposições (a que também se dedica).

Conta-nos que, para um deles — de uma exposição de arte do índio no Brasil — lhe surgiu a ideia da decoração da seguinte maneira: viu os objectos a expor e achou que um pequeno pormenor de uma urna em cerâmica seria significativo e chamaria a atenção do público. Com esse pormenor, ampliado, ilustrou o cartaz.

No «atelier» há várias pegas de cerâmica popular portuguesa e, sobre a mesa de trabalho, alguns recipientes de barro com lápis de cor, pincéis, canetas de estranhos aparos (estranho, pelo menos, para quem é leigo na matéria). Godes com guachos, esquadros, régua, uma régua para traçar paralelas.

— As maquetas são feitas em papel cavallinho e depois enviados para a tipografia. O material que emprego é geralmente guacho, aguarela, tinta da China e material fotográfico. Temos de estar sempre atentos aos pormenores de gravura de revista, de livros, porque às vezes um pequeno pormenor numa estrutura metálica, a pequena folha dum vegetal podem sugerir uma ideia para um trabalho. Ou, como por exemplo, no caso dos círculos que formam os três zeros da copo do número 1.000 da «Flama», são fotografias doutros círculos que existem para testes visuais nos consultórios dos oftalmologistas. Quando se encontram estes elementos que nos chamam a atenção, têm de ser guardados num enorme arquivo.

Sebastião Rodrigues (de seu nome completo Sebastião Campo Rodrigues Afonso dos Santos) é um artista gráfico e um profissional de arte gráfica (sujeita a impostos, como qualquer profissão liberal). Frequentou o ensino técnico (industrial), tendo depois começado a trabalhar em «atelier», há 20 anos (hoje tem 38). Não frequentou qualquer escola a não ser a dos ensinamentos colhidos em livros, exposição e outros contactos. Da sua arte e do seu valor, escreveu em 1960, José Cardoso Pires:

«(...) Comportamento ou natureza temperamental de calmos entusiasmos e de trabalhadas das conclusões tudo isso explica que, lembrando-me dele, me lembre de dois escritores sóbrios e inimigos do chamado bom gosto literário, como Irene Lisboa e Almodo. E essa capacidade mais reforço ainda a importância do trabalho de Sebastião Rodrigues num território maldito da criação artística, tão habitualmente dominado de facilidades e de contrafeições». — (M. A.).

SEBASTIÃO RODRIGUES





VICE

**BORGES...**  
**ESCOLHEU BEM!**



**ROSÉ TROVADOR** Rosé Trovador é positivamente a "loucura" das donas de casa. Uma loucura que, aliás, não surpreende. Porque, sendo tão leve e tão bem apaladado, de uma classe indiscutível, este vinho de extrema finura acompanha bem qualquer prato de carne, de peixe, ou de mariscos. Rosé Trovador — eis uma marca que depressa se impôs. Tem, de facto, a cor rosada da aurora e, como o seu nome sugere, há nele o quer que seja de cantante, de jovem, de capitoso, que torna mais bela a existência, — que vai dar às suas refeições uma impressão de "diferente". Vale a pena servir um bom vinho.

# MEU AMOR É MARINHEIRO NO SUBMARINO COR DE ROSA

UMA ESTUDANTE DE MATOSINHOS ENCONTROU NOIVO A BORDO DE UMA UNIDADE DA «ROYAL NAVY» QUE VISITOU LEIXÕES — UM SUBMARINO QUE, AO CONTRÁRIO DO DOS «BEATLES», NÃO É AMARELO MAS... COR-DE-ROSA

REPORTAGEM PINTO GARCIA  
FOTOS JOSÉ RUIZ

Com um maço de livros e cadernos na mão esquerda Lélia Maria saiu preocupada da escola. É estudante. Faltam-lhe apenas três disciplinas para concluir o curso geral do comércio, na Escola Industrial e Comercial de Matosinhos. Foi à saída que a encontramos. Moça simples, pequena (1,55 metros), um pouco tímida, o seu nome anda nos jornais. Correu os fios das agências telegráficas. Lélia é protagonista de uma história de amor. Um «telex» de Londres contou-a em poucas linhas. Lélia Maria deu-nos a sua versão.

**F**oi há dois anos. Uma fiotilha inglesa visitou o porto de Leixões. Marinheiros jovens saíram à vila. Lélia e algumas colegas foram espriear os barcos. Entusiasmaram-se com um submarino. Quiseram ver «por dentro». Um jovem marinheiro serviu-lhes de cicerone. O encontro de Lélia com John Anthony Hughes foi um choque. Um choque de amor. Como nos romances. Amor à primeira vista. Lélia era a única do grupo que falava inglês. Isto mais a aproximou de Johnny. Quando deixou o «submarino cor-de-rosa» trocaram direcções. Depois começaram a corresponder-se. Longas cartas. Muitos sonhos. Uma realidade: amavam-se.

Lélia contou-nos a sua história no caminho da escola para casa. Logo que a mãe lhe abriu a porta o seu primeiro interesse foi para o correio que chegara. Lá estava uma carta listada, a azul o encarnado. Uma carta volumosa. Uma carta da Inglaterra, de Johnny, de Shropshire.

«Não, não vá dizer que trocámos meio milhar de cartas. Toda a correspondência está aqui, não são tantas como dizia o telegrama de Londres». A mãe de Lélia sorria, assistindo à cena. Contou-nos que uma irmã de Lélia vai casar agora, outra já o fez há tempos.

A mãe de Lélia conhece Johnny. O inglês esteve, em Setembro do ano passado, a passar meio mês de férias em Matosinhos. E achou-o «bcm rapaz». Tem 19 anos. Johnny é alto. Tem 1,85 metros. E já deixou a «Royal Navy». Trabalha em Shropshire. E quer casar o mais depressa possível. A sua visita, em Setembro, serviu para resolver uma série de problemas. O seu casamento será misto. Ela é católica e ele protestante. Os papéis demoram. Lélia, passando as duas mãos pelo seu cabelo longo que lhe cobre os ombros teve um desabafo:

— Gostava que o casamento fosse em Maio. Foi nesse mês, há dois anos, que nos conhecemos.

Com 17 anos já não é uma menina mimada. Tinha meses quando o pai faleceu. Cresceu em Alvarenga (Arouca), até aos 10 anos, altura em que veio para Matosinhos. Tem a vida programada. Casando ou não nestas semanas mais próximas, está disposta a concluir



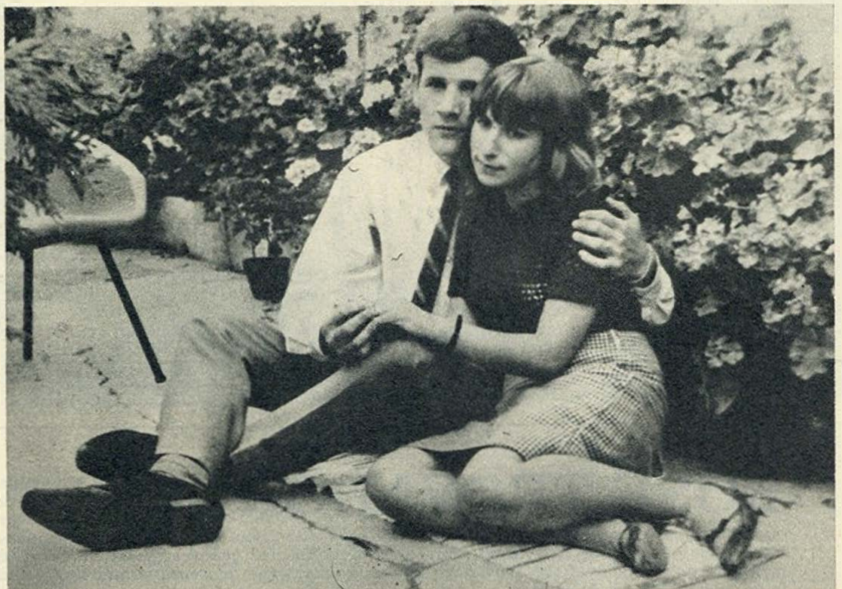
← A SAÍDA DA ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE MATOSINHOS, LÉLIA É UMA ESTUDANTE COMO TANTAS OUTRAS.

TODA A CORRESPONDÊNCIA QUE JOHNNY ENVIOU A LÉLIA: DUZENTAS CARTAS.



o curso antes de assumir o papel de dona de casa, nos arradores de Londres. Até lá, estuda e trabalha. Nas horas que a escola lhe deixa livre, dá explicações. Explicações de inglês.

— É curioso, diz-nos, eu apanhei apenas um 13 no exame de inglês, enquanto a francês tirei 17. Mas, depois do meu encontro com o Johnny, tudo se transformou. O inglês passou para o primeiro lugar. Na capa de couro que envolve os cadernos escolares, de Lélia, estão gravados a tinta vários nomes britânicos: Rolling Stones, Animals, Beatles. E sorrimos ao ler «Beatles». Lembrámo-nos do «submarino amarelo». O do Johnny e de Lélia é «cor-de-rosa».

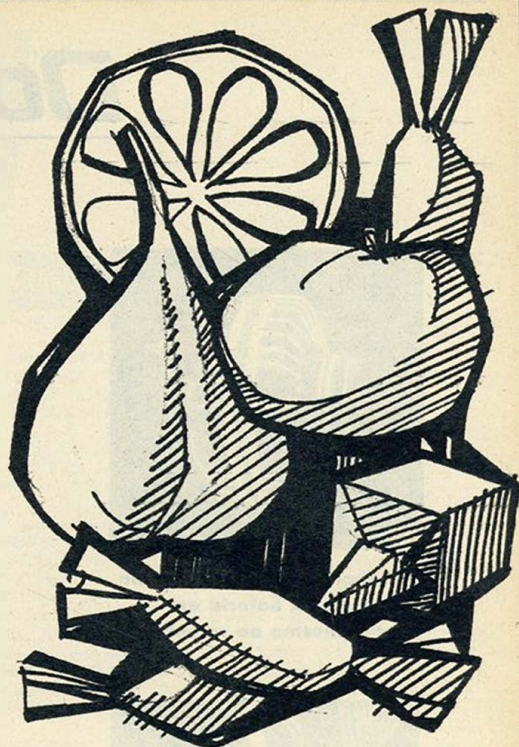


ESTA FOTO ESTÁ NUM LUGAR DE HONRA, NO QUARTO DE LÉLIA. TEM UMA LONGA LEGENDA DE AMOR. TEM 17 E ELE 19 ANOS.

# CONFEITARIA SALITRE, LDA. LISBOA

*Fabricante de uma vasta gama de produtos da especialidade*

- COMPOTAS
- CONSERVA DE COGUMELOS, ESPARGOS  
ERVILHAS E OUTROS LEGUMES
- POLPA E CONCENTRADO DE TOMATE
- FRUTA CRISTALIZADA
- DOCES E GELEIAS
- CAMELOS «VAQUINHA»
- REBUÇADOS



RUA DO SALITRE, 39 A 47 — TELEF. 45976

## Economize com selos

Faça as suas compras  
nos estabelecimentos que  
tiverem o selo **RETA**



# RETA

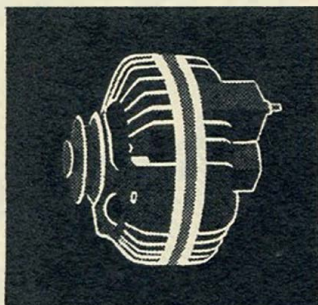


JUNTE SELOS **RETA**  
troque-os por brindes enviando-os  
ao Centro de Trocas **RETA**  
Rua Martens Ferrão, 26-B, Lisboa.

# **Dodge dart**

## **1967**

**conduzi-lo ... é um prazer!**



**alternador de novo desenho mantendo a bateria em carga, mesmo ao ralenti**



**câmaras de combustão de novo desenho, o que proporciona um reduzido consumo de gasolina**

**... e o seu reduzido consumo de gasolina, é uma surpresa!**



---

**serviço de lubrificação de 50.000 em 50.000 Km ou 3 anos  
mudança de óleo de 6.500 em 6.500 Km ou trimestral**

---

em exposição:

**SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.**  
PR. DOS RESTAURADORES, 74 — TELEF. 36 67 51/7 - 37 01 71/5  
e nas Filiais de **COIMBRA, ÉVORA e FARO**

# 7 DIAS DE TV

## SEXTA-5

### CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

- 15.00 — HISTÓRIA PÁTRIA — 1.º Ano.  
15.25 — MATEMÁTICA — 2.º Ano.  
15.55 — DESENHO — 1.º Ano.  
16.20 — EDUCAÇÃO FÍSICA — 2.º Ano.  
16.50 — FRANCÊS — 2.º Ano.  
17.20 — MATEMÁTICA — 1.º Ano.  
17.45 — HISTÓRIA PÁTRIA — 2.º Ano.  
18.15 — FRANCÊS — 1.º Ano.  
18.40 — DESENHO — 2.º Ano.  
19.00 — TV EDUCATIVA — Práticas Pedagógicas.  
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª Edição. Inclui a Agenda da Praça.  
19.50 — SÉRIE JUVENIL — «OS VIGILANTES DA FLORESTA»  
20.20 — SANGUE NA ESTRADA.  
20.35 — BARREIRA DE SOMBRA — Noticiário e actualidades teumáquicas.  
20.50 — FILME INFANTIL — «Carrocel Mágico».  
21.00 — ANGOLA-MARÇO 67.  
21.30 — TELEJORNAL — Edição da Noite. Inclui o Boletim Meteorológico.  
21.55 — TV MUNDO — «O MESIAS», de Haendel. 1.ª Parte pela Orquestra Sinfónica da Radio Telefis Eireann sob a direcção de Tibor Paul.  
22.55 — SÉRIE DE AVENTURAS — SOU ESPÍÃO — Episódio filmado, com Sheldon Leonard, Robert Culp e Bill Cosby. Realização de Mark Rydell.  
23.55 — TELEJORNAL — 3.ª Edição, (últimas notícias), meditação e fecho.

## SABADO-6

### CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

- 15.00 — ORIENTAÇÃO DE MONITOR.  
15.25 — TRABALHOS MANUAIS — 2.º Ano.  
15.50 — RELIGIÃO E MORAL — 1.º Ano.  
16.20 — EDUCAÇÃO FÍSICA — 1.º Ano.  
16.50 — TRABALHOS MANUAIS — 1.º Ano.  
17.15 — TELEJORNAL — 1.ª Edição.  
17.30 — DAKTARI (série juvenil). «Os Reféns», com Marshall Thompson, Cheryl Miller, Yale Summers e Hari Rhooles. Realização de Andrew Marton.  
18.20 — CONCERTO — «O MESIAS», de Haendel — II Parte, pela Orquestra Sinfónica de Radio Telefis Eireann sob a direcção de Tibor Paul.  
19.30 — TELEJORNAL — 2.ª Edição e Agenda da Praça.  
19.50 — TELEDESPORTE — Revista dos principais acontecimentos da semana.  
20.20 — ENCONTRO COM A VIDA — Pelo Rev. Padre Dr. Francisco Videira Pires.  
20.35 — CARTAZ TV.  
20.50 — FILME INFANTIL — «Carrocel Mágico».

- 21.00 — FOLCLORE.  
21.30 — TELEJORNAL — 3.ª Edição. Inclui o Boletim Meteorológico.  
21.55 — TV CLUBE, com Tonicha, Mariette Pessanha, «Os 3 de Portugal» e o Conjunto de Segundo Galarza.  
22.20 — SÉRIE DE AVENTURAS — «O Maioral» — The Virginian. «A Hora do Tigre», com Lee J. Cobb, James Drury e Robert Shore. Realização de Richard L. Bare.  
23.45 — TELEJORNAL — 4.ª Edição (últimas notícias), meditação e fecho.

## DOMINGO-7

- 12.15 — ABERTURA e TELEJORNAL 1.ª Edição.  
12.30 — MISSA DE DOMINGO — Participação do Coro «Stella Vitae».  
13.00 — DIA DO SENHOR — Programa de formação e actualidade religiosa.  
13.25 — PROGRAMA CULTURAL DA UNIVERSITÉ RADIOPHONIQUE ET TELEVISUELLE INTERNACIONAL.  
14.45 — EUROVISÃO — GRANDE PREMIO AUTOMÓVEL DE MÓNACO — Transmissão directa de Monte Carlo da cerimónia da abertura do Circuito por S. A. o Príncipe de Mónaco seguida da reportagem das 15 primeiras voltas (Fórmula 1).  
15.30 — TELEJORNAL — 2.ª Edição.  
15.40 — CONCERTO — «O MESIAS», de Haendel.  
16.15 — EUROVISÃO — GRANDE PREMIO AUTOMÓVEL DE MÓNACO — Transmissão directa de parte da corrida dos concorrentes em Fórmula 1.  
16.45 — DESENHOS ANIMADOS.  
17.15 — EUROVISÃO — GRANDE PREMIO AUTOMÓVEL DE MÓNACO — Transmissão directa de Monte-Carlos das 10 últimas voltas, chegada e entrega do prémio ao vencedor. Programa da Rádio Monte Carlo.  
18.00 — PASSATEMPO INFANTIL — Histórias, jogos e filmes.  
18.35 — INFORMAÇÃO DESPORTIVA.  
18.40 — SÉRIE INFANTIL — «Poly em Portugal», com Pascal, Michel Nautet, Ivon, Di Napoli, Mariane, Corine Armand e Jacky Calatayud.  
18.50 — DESPORTO EM CÂMARA LENTA.  
19.05 — TV RURAL — Um programa do Engenheiro Sousa Veioso.  
19.30 — TELEJORNAL — 3.ª Edição.  
19.50 — VIAGENS SEM PASSAPORTE — Irlanda.  
20.20 — TV 7 — Revista dos acontecimentos da semana.  
20.50 — FILME INFANTIL — «Carrocel Mágico».  
21.00 — CINEMA 67.  
21.30 — TELEJORNAL — 4.ª Edição. Inclui o Boletim Meteorológico.  
21.55 — O MUNDO A CANTAR — Pelo Grupo Coral Feminino Hármoia.  
22.20 — MRS. THURSDAY — 7.º episódio, com Kathleen Harrison e Hugh Manning.  
23.25 — DOMINGO DESPORTIVO — Imagens e comentários à actualidade desportiva.  
23.50 — TELEJORNAL — 5.ª Edição (últimas notícias), meditação e fecho.

## SEGUNDA-8

### CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

- 15.00 — LÍNGUA PÁTRIA — 1.º Ano.  
15.25 — MATEMÁTICA — 2.º Ano.  
15.55 — DESENHO — 1.º Ano.  
16.20 — EDUCAÇÃO FÍSICA — 2.º Ano.  
16.50 — FRANCÊS — 2.º Ano.  
17.20 — MATEMÁTICA — 1.º Ano.  
17.45 — LÍNGUA PORTUGUESA — 2.º Ano.  
18.15 — FRANCÊS — 1.º Ano.  
18.40 — DESENHO — 2.º Ano.  
19.00 — TV EDUCATIVA — Português e Ginástica Infantil.  
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª Edição. Inclui a Agenda da Praça.  
19.40 — SÉRIE JUVENIL — «Hawkeye e o último dos moicanos».  
20.15 — MOMENTO DESPORTIVO — Comentários e entrevistas.  
20.30 — FILME INFANTIL — «Carrocel Mágico».  
20.40 — CAMPEONATO DO MUNDO DE DANÇA DE SALÃO (AMADORES).  
21.30 — TELEJORNAL — 2.ª Edição. Inclui o Boletim Meteorológico.  
21.55 — CONCURSO — «OPERAÇÃO LABIRINTO» (3.ª Edição).  
22.45 — O SANTO, com Roger Moore no papel de «Santo».  
23.45 — TELEJORNAL — 3.ª Edição (últimas notícias), meditação e fecho.

## TERÇA-9

### CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

- 15.00 — HISTÓRIA PÁTRIA — 2.º Ano.  
15.25 — CIÊNCIA GEOGRÁFICO-NATURAIS — 1.º Ano.  
15.55 — TRABALHOS MANUAIS — 2.º Ano.  
16.20 — EDUCAÇÃO FÍSICA — 1.º Ano.  
16.50 — FRANCÊS — 1.º Ano.  
17.20 — CIÊNCIAS GEOGRÁFICO-NATURAIS — 2.º Ano.  
17.45 — LÍNGUA PÁTRIA — 1.º Ano.  
18.15 — FRANCÊS — 2.º Ano.  
18.40 — TRABALHOS MANUAIS — 1.º Ano.  
19.00 — TV EDUCATIVA — Inglês.  
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª Edição. Inclui a Agenda da Praça.  
19.50 — CAMPEONATO DE DANÇA DE SALÃO (AMADORES).  
20.50 — SÉRIE INFANTIL — Para os mais pequenos surge o «Carrocel Mágico».  
21.00 — HOMEM EM CRISE.  
21.30 — TELEJORNAL — 2.ª Edição (Inclui o Boletim Meteorológico).  
21.55 — NOITE DE CINEMA.  
23.45 — TELEJORNAL — 3.ª Edição (últimas notícias), meditação e fecho.

## QUARTA-10

### CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

- 15.00 — RELIGIÃO E MORAL — 1.º Ano.  
15.25 — MATEMÁTICA — 2.º Ano.  
15.55 — DESENHO — 1.º Ano.

- 16.20 — CANTO CORAL — 2.º Ano.  
16.50 — CIÊNCIAS GEOGRÁFICO-NATURAIS — 2.º Ano.  
17.20 — MATEMÁTICA — 1.º Ano.  
17.50 — RELIGIÃO E MORAL — 2.º Ano.  
18.15 — CIÊNCIAS GEOGRÁFICO-NATURAIS — 2.º Ano.  
18.40 — DESENHO — 2.º Ano.  
19.00 — TV EDUCATIVA — Física Moderna.  
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª Edição.  
19.50 — LANTERNA MÁGICA — Desenhos Animados.  
20.20 — RELATORIO DO PROGRESSO — Rubrica dedicada à divulgação das últimas técnicas e acontecimentos científicos.  
20.55 — FILME INFANTIL — «Carrocel Mágico».  
21.00 — DESPORTO E NATUREZA.  
21.30 — TELEJORNAL — 2.ª Edição. Inclui o Boletim Meteorológico.  
21.55 — NOITE DE TEATRO — «Frei Luis de Sousa», de Almeida Garrett, Madalena, Carmen Dolores; Telmo, Luís Santos; Maria de Noronha, Ana de Sá; Frei Jorge, Couto Viãna; Miranda, Mário Sargedas; Manuel de Sousa, Jacinto Ramos; O Romeiro B, Branco Alves.  
23.45 — TELEJORNAL — 3.ª Edição (últimas notícias), meditação e fecho.

## QUINTA-11

### CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

- 15.00 — LÍNGUA PÁTRIA — 2.º Ano.  
15.25 — CIÊNCIAS GEOGRÁFICO-NATURAIS — 1.º Ano.  
15.55 — TRABALHOS MANUAIS — 2.º Ano.  
16.20 — CANTO CORAL — 1.º Ano.  
16.50 — FRANCÊS — 1.º Ano.  
17.20 — CIÊNCIAS GEOGRÁFICO-NATURAIS — 2.º Ano.  
17.45 — LÍNGUA PÁTRIA — 1.º Ano.  
18.15 — FRANCÊS — 2.º Ano.  
18.40 — TRABALHOS MANUAIS — 1.º Ano.  
19.00 — TV EDUCATIVA — Inglês e História de Portugal.  
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª Edição.  
19.50 — HARMONIA E BOM GOSTO — Sugestões úteis de equilíbrio e decoração.  
20.20 — PROGRAMA DA JUNTA DA ACÇÃO SOCIAL.  
20.40 — VAMOS JOGAR NO TOTO-BOLA.  
20.50 — FILME INFANTIL «Carrocel Mágico».  
21.00 — NO MUNDO DA ARTE.  
21.30 — TELEJORNAL — 2.ª Edição. Inclui o Boletim Meteorológico.  
21.55 — MUSEU DO CINEMA — Programa de António Lopes Ribeiro.  
22.25 — MELODIAS DE SEMPRE — Com Humberto Madeira, Gina Maria, Artur Garcia, Carlos Coelho, Helena Tavares, Mariema e Eugénia Maria.  
23.10 — CONTOS DE MAUPASSANT — «Domingo e um burguês de Paris».  
23.40 — TELEJORNAL — 3.ª Edição (últimas notícias), meditação e fecho.





**na  
construção  
civil**

a qualidade de uma tinta também se pode avaliar pela maior duração da sua cor.

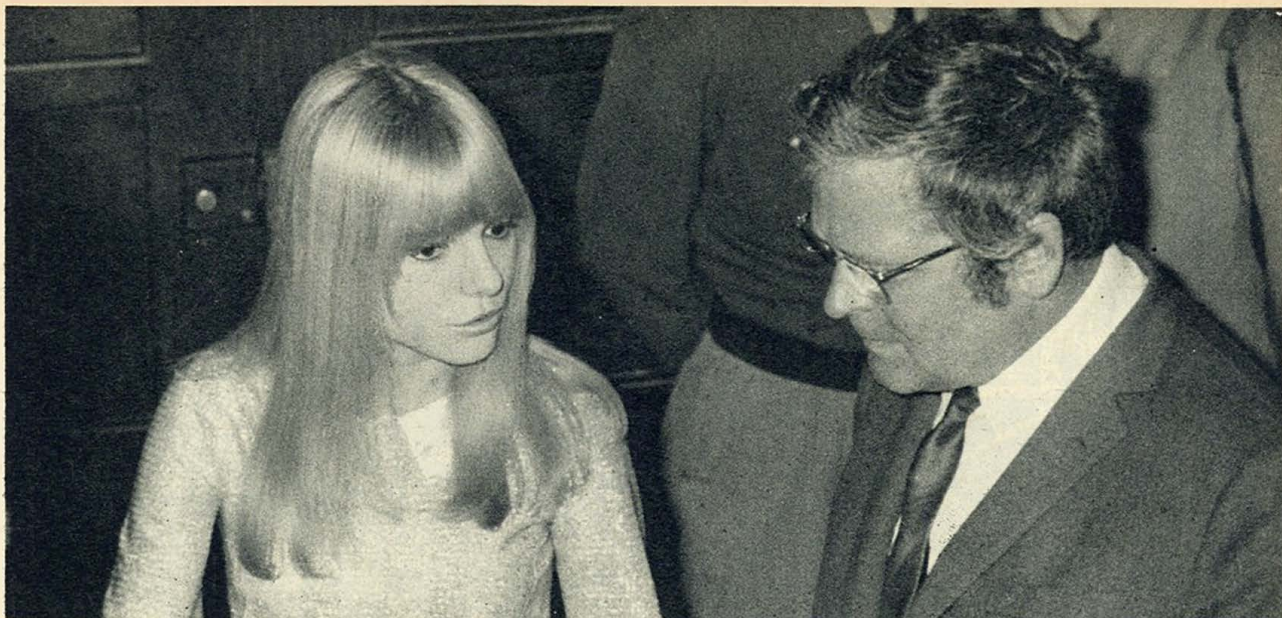
SOTINCO® mercê da experiência acumulada oferece tintas com alto poder de resistência aos meios ambientes mais diversos.

SOTINCO dará ainda a cada problema de pintura a solução técnico-económica mais adequada.



**PRESTÍGIO E QUALIDADE**

**SOTINCO — SOCIEDADE FABRIL DE TINTAS DE CONSTRUÇÃO — TINCO S.A.R.L.**  
FABRICAS NO BARREIRO • SEDE AV. D. CARLOS I. N.º 42 • LISBOA 2



# FRANCE GALL: "QUERO DEIXAR DE SER BONECA"

A VENCEDORA DA EUROVISÃO 65 FEZ ESTE ANO PARTE DO JÚRI QUE ESCOLHEU A CANÇÃO FRANCESA. VEIO A LISBOA ACOMPANHADA DO PAI, O AUTOR DO ÉXITO «LA MAMMA» DE AZNAVOUR

REPORTAGEM MANUELA ALVES  
FOTO RAUL NASCIMENTO

É pouco mais de metro e meio de gente. «Cozinha» frágil forrada de meias de rede e vestido cor de cenoura, com mini-saia. Cabelos louros que lhe cobrem a testa e metade das costas. Rosto miúdo, rosado e sorridente, sem pintura. Fala miúto e com rapidez, responde a todas as perguntas, sem objecções, naquela voz clara e agaiatada que há dois anos divulgou pelo mundo a «Poupée de Cire, Poupée de Son». (Grande Prémio Eurovisão - 1965).

— Foi uma canção de que gostei muito, porque era alegre e moderna. Agora, o meu género de canções evoluiu, já não são tão infantis, são mais... (como dizer?)... mais sérias e mais românticas. Em França, ainda me chamam o «bebé da canção»! Protesto!... Já não sou, propriamente, um bebé!... — e um sorriso de menina rebelde sublinha a afirmação.

Nasceu há 19 anos em Paris (9 de Outubro de 1947), numa família há longa data relacionada com os meios musicais. O avô, Paul Berthier, foi um dos fundadores dos «Petits Chanteurs à la Croix de bois» e o pai, Roberto Gall, é autor de várias canções, algumas que a filha canta (SACRE CHARLEMAGNE, por exemplo) e outras como a célebre «LA MAMMA», cantada por Aznavour. Tem dois irmãos gémeos, mais velhos dois anos. — Patrice e Philippe — estudantes, exímios em guitarra e bateria. A mãe, não desafinar no «tom musical» da família, chama-se Cecília, como a padroeira dos músicos. Não admira, portanto, que o grande sonho de France fosse cantar. Tinha 16 anos e repetia o terceiro ano do liceu («Fui sempre uma aluna distraída e pouco aplicada»), quando conseguiu convencer os pais e que a deixassem gravar um disco. Pouco depois, começou a cantar na televisão e, no ano seguinte, interpretou, como representante do Luxemburgo, a canção vencedora do Grande Prémio da Eurovisão.

— A canção, hoje, é o principal na minha vida. Gosto muito de cantar; reparto-me por ensaios e espectáculos. Faço um pouco vida de saltimbanco, por aqui e por ali... em digressões artísticas. Depois de cantar em Portugal, estarei na Côte d'Azur, para fazer umas fotografias de modas: antes disso, passarei por Paris para ver o «resto» da família, pois o meu pai viaja sempre comigo.

Vivem todos no magnífico apartamento que France possui no 16.º andar dum prédio moderno, com vista panorâmica sobre Paris. Ali, possui um quarto romântico e um pequeno escritório, ostio Luis XIII.

Um dos seus passatempos preferidos é brincar com «Nougata», o caniche preto, e «Sacha», o gato preto e branco. Mas agora não é bem assim. Com grande irritação da mãe, France passa pouco tempo em casa.

— Não frequento «night-clubs», mas, quando tenho tempo livre, meto-me no carro e dou umas voltinhas por Paris. Faço compras, adoro fazer compras! A moda é uma das minhas grandes preocupações («Real», no Faubourg St. Honoré, é a casa de alta costura que prefere). Compro muitas revistas de modas. Ir ao cinema? Ah! mas é uma das minhas grandes paixões! Vou todos os dias. O meu actor preferido é Peter O'Toole, porque é belo e representa bem. Não tive ainda oportunidade de trabalhar no cinema mas no próximo Verão interpretarei uma «comédia musical para a televisão francesa».

Sempre risinha, e à-vontade, continua a falar com fluência.

— Quando, às vezes, fico em casa, também ouço música. Gosto muito de «jazz» e de ouvir Frank Sinatra, Nat King Cole, os «Beatles», James Brown e a Sheila. Ler? Ah, sim... Colette, Balzac. Mas é raro. E gosto muito de telefonar aos amigos. Velhos amigos, de infância. Na minha profissão não faço amizades, pois tenho o tempo quase todo ocupado.

No entanto, — garantiu-nos — também não quer criar inimizades; como boa profissional sabe que o estar de bem com todos é o melhor.

Quanto a ela, o Concurso da Eurovisão «estava muito bem»!

— Fiz parte do júri francês e achei que o Grande Prémio foi muito bem atribuído a Sandie Shaw. «Pup-

pet on a String» é uma canção alegre e gostei muito de a ouvir.

Após a sua actuação no «Império», para a E. N. France Galle deixou Lisboa, para voltar no fim deste mês, a fim de gravar um «show» para a R. T. P.



Dia 4 de Março de 1967 — Basílica da Estrela  
Casamento de:  
João Alfredo de Oliveira e Silva  
Maria Natália Nobre de Oliveira e Silva

Nacional Fotos  
Fotografia-Cinema



Av. Elias Garcia, 187 — LISBOA  
Telefone 77 55 70



# BOM - JESUS DO MONTE

ENCANTADORA ESTANCIA DE  
TURISMO E REPOUSO

## Hotel do Elevador

COMPLETAMENTE REMODELADO.  
TODOS OS QUARTOS COM BANHO.  
TELEFONE E AQUECIMENTO.  
A INAUGURAR BREVEMENTE

## Hotel do Parque

QUARTOS COM E SEM BANHO.  
ÓPTIMO SERVIÇO DE MESA

## Hotel Sul-Americano

QUARTOS COM E SEM BANHO

EXCLUSIVO

# KOMAROV: "MEU SONHO ERA VOAR"



ANTES DE PARTIR PARA A SUA ÚLTIMA VIAGEM, O ASTRONAUTA SOVIÉTICO, CUJA NAVE «SOYUZ-1» SE ESMAGOU CONTRA O SOLO, FOI ENTREVISTADO POR UM REDACTOR DO «DAILY MIRROR» QUE RECOLHEU O IMPRESSIONANTE DOCUMENTO QUE PUBLICAMOS EM EXCLUSIVO PARA PORTUGAL.



Cortejo fúnebre em Moscovo; o cosmonauta Vladimir Komarov é acompanhado por uma densa multidão até a sua última morada. A foto foi obtida, quando o féretro passava na Praça Vermelha de Moscovo, perante centenas de milhares de pessoas.

## UM ARTIGO DE VLADIMIR KOMAROV

**E**U nasci em Moscovo, capital da União Soviética, a 26 de Março de 1927.

O meu pai, um modesto operário fabril, recorda que foi um belo dia de Primavera cheio de sol, que inundava de alegria a Terceira Rua Meshchanskaya, onde habitávamos. Havia muitas crianças entre as famílias que residiam no nosso pátio. Todos se fizeram meus amigos. Cresci a seu lado e frequentámos a mesma escola.

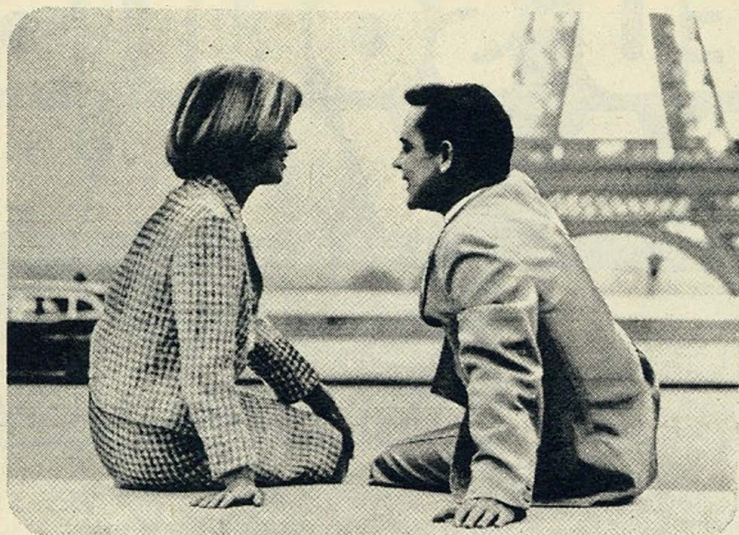
Recordo que três das famílias desse nosso pequeno pátio moscovita perderam os filhos na guerra. Todos os habitantes passaram a odiar profundamente a guerra.

Ainda conservo um sentimento do mais profundo respeito pelos meus professores, que me ajudaram nos primeiros passos da vida. Quando tenho tempo livre, gosto de voltar à velha escola para passar alguns momentos com os meus professores, cuja cabeça já se tingiu todo de branco.

Durante o Verão costumava ir visitar a minha avó que vivia na aldeia de Filino, a 120 quilómetros de Moscovo. Gostava imenso daquele local pitoresco, entre uma floresta de pinheiros junto de pequenos lagos e do rio Klyasma. Sempre me divertia.

segue

## CRÉDITO PARA FÉRIAS\*



MARQUE *fa* AS SUAS FÉRIAS...

DÊ REALIDADE AO SEU SONHO ATRAVÉS DAS FACILIDADES  
QUE O BANCO TOTTA-ALIANÇA CONCEDE AOS SEUS DEPOSITANTES  
EM CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS

\*  
mais um serviço...  
ao seu serviço

**BANCO**  
**TOTTA-ALIANÇA**  
UM BANCO NOVO COM MAIS DE CEM ANOS  
DE EXPERIÊNCIA

Telefs. (Aces. e Contabilidade) 558 20 e 499 50

### Auto João Antunes Ribeiro, L. da

IMPORTADORES DE ACESSÓRIOS  
E FERRAMENTAS PARA AUTOMÓVEIS

RUA MORAIS SOARES, 130

LISBOA

# KOMAROV:

## PRIVAÇÕES

Domíngio, 21 de Junho de 1941. Esperava em Filino que meu pai nos visitasse, mas quando voltava de apanhar cogumelos no campo tive o pressentimento de que algo não estava a correr bem. Ele não apareceu. Fora chamado para as fileiras. Por todo o lado se começou a sentir a escassez de braços. As crianças principiaram a ser chamadas para trabalhar nas granjas colectivas, transportando legumes para os armazéns, ceifando e malhando. Deixei a aldeia em Outubro de 1941.

Moscou vivia uma era sombria. Julgo que todos os rapazes sonhavam ser aviadores. Tudo indicava que a minha aspiração se tornaria realidade. Ouvei dizer no pátio que a escola de aeronáutica aceitava matrículas a título excepcional.

Fui aceite condicionalmente, mas logo que passei nos exames e fui aprovado em todos os testes médicos admitiram-me efectivamente.

Quase a seguir a ter sido admitido disseram-nos que a escola ia ser evacuada para a Sibéria.

Voltámos para Moscovo, à nona classe, no princípio de 1944.

O dia do exame na escola especial aproximava-se, e nós afligiamo-nos, sem sabermos se seríamos admitidos na escola de voar.

Nessa altura, sonhava vir a ser grande como avião, «licenciado» por uma academia, com conhecimentos de engenharia e actuando como piloto de testes.

Tenho a certeza que há milhões de russos da minha geração e de gerações anteriores que nunca esquecerão o dia 5 de Maio de 1945.

*O chefe de família... Komarov em casa com a mulher, Valentina, e a filha de nove anos de idade, Irina.*



Consegui chegar à praça Sverdlov com o meu amigo Victor Kekushnev. As pescas atraçavam-se e felicitavam-se pela vitória.

Estudava ainda quando um desgosto abalou a família. Minha mãe morreu.

Ao sair da escola, vários graduados, eu inclusive, fomos enviados para um regimento ao norte do Cáucaso. Continuámos a voar ali, mas em aviões a jacto.

Quando começámos a dominar a arte de voar e vencer as dificuldades nos tratavam em plano de igualdade, comecei outra vez a pensar em entrar para a Academia. Fiz um requerimento e recebi permissão.

Em breve eu, Vladimir Komarov — o sobrenome significa «mosquito» — passei nos exames e fui admitido no primeiro Curso da Academia de Engenharia da Aeronáutica, de Ihukovsky.

## FILHO

Então, conheci, por acaso, minha mulher, Valentina. Tornei-me o seu companheiro de passagens ao fim da tarde e de horas de estudo na biblioteca.

Casámos, e em 1951 nasceu um filho. Pus-mos-lhe o nome de Yevgei. Hoje, considera-se quase adulto.

Em 1958 veio a filha, Irina.

Finalmente, quando tirei a licenciatura em 1959, fui chamado à presença do chefe do Curso. Disse-me: «Você pediu-nos sempre que o mandássemos voar. Tome este endereço e dirija-se lá. Dar-lhe-ão instruções».

E assim entrei para o número dos cosmonautas.

No dia 12 de Outubro de 1964, a nave espacial «Voskhod» foi colocada em órbita por um novo e potente foguetão. A bordo, seguiam comigo Konstantin Fockistov, um perito em ciências técnicas e um médico. Boris Yegercv. Fui encarregado de comandar a nave.

A «Voskhod» voou à volta da terra 16 vezes, e ao terminar o programa aterrou na área pré-estabelecida.

Senhei com outros vãos, com o objectivo de explorar o Espaço para benefício de toda a Humanidade.

continua



## VISITE PORTUGAL



NOS MODERNOS AUTOCARROS DA CARRIS

UM ITINERÁRIO DIFERENTE  
EM CADA FIM DE SEMANA

EXCURSÕES TODAS AS SEMANAS

PEÇA PORMENORES

GARLAND, LAIDLEY

RUA DO CAIS DO SODRÉ, 24 - LISBOA  
TELEFONES 32 04 42/3 - 3 31 91/5



## Visite CASTELO BRANCO

Tem o moçelar **HOTEL DE TURISMO** e boas pensões

**LINDOS JARDINS (EPISCOPAL E PARQUE)**  
Nos arredores: **MALPICA E MONSANTO**  
**ALPEDRINHA** e o **VALE DA OCREZA**  
(este, em plena Serra da Gardunha,  
é dos mais lindos cenários da nossa terra)  
e outras paisagens que encantarão V. Ex.ª



Um trecho do jardim Episcopal

Informações / Inquiries / Renseignements / Informes

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO

Telefone: 1002 — Informações: 146



Compre os instrumentos  
que os melhores  
conjuntos musicais usam

Veja a exposição da  
**CASA GOUVEIA MACHADO**

RUA S. JOSÉ, 152 — LISBOA

PEÇA CATÁLOGO N.º 66



**SOCIEDADE TÊXTIL ALBANO COELHO LIMA, LDA**

FABRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DE LINHO E ALGODÃO  
ESPECIALIDADE EM PANOS PARA LENÇÓIS

Telef. P.P.C. 40141  
Telef. COELIMA  
APARTADO 5  
PEVIDEM  
PORTUGAL

é moda...é

# TREVIRA

Qualidade indiscutível  
Conforto total  
Longa duração



studio hollenstein □ photo cornelis morrison

---

# FÁTIMA - 1967 : CINQUENTENÁRIO

---

CINQUENTA ANOS DE FÉ PASSARAM JÁ SOBRE FÁTIMA, TORNADA UM SÍMBOLO DA ESPERANÇA DA HUMANIDADE. NO LIMIAR DAS COMEMORAÇÕES QUE ESTE ANO RECORDAM OS ACONTECIMENTOS DE 1917, A FLAMA OFERECE AOS SEUS LEITORES A MAIS COMPLETA REPORTAGEM ATÉ HOJE PUBLICADA SOBRE AS ORIGENS DE FÁTIMA. EM DEZASSEIS PÁGINAS QUE CONSTITUEM UMA SEPARATA INOLVIDÁVEL.



*Os três pastorinhos, na época das Aparições. Da esquerda para a direita, Jacinta, Lúcia e Francisco.*

# Os três pastorinhos eram crianças absolutamente normais, tal como os outros zagaletes da região

Fátima era uma pequena paróquia rural, a uma centena e meia de quilómetros ao norte de Lisboa, no concelho de Vila Nova de Ourém, pertencente ao distrito de Santarém. Dependuradas nas dobras da serra de Aire, espalhavam-se quarenta lugarejos, que somavam quando muito, dois mil habitantes. O solo ingrato, é geralmente pedregoso e estéril. Na região, apenas o trabalho duro dos serenos é capaz de transformar a terra, aqui e ali, em campos frutíferos e abendigoados. Em Junho, o campo poderá dar uns alqueires de trigo. Em Setembro estará capaz de fornecer milho para uma eira, e algumas pipas de vinho. Em certas regiões da serra as encostas enchem-se de oliveiras a perder de vista: a riqueza da serra é o azeite.

Os pequenos pastores, principais protagonistas desta fantástica história que completa agora meio século, moravam num desses lugares dos arredores: Aljustrel. Como por toda a parte na região, a vida era monótona, apenas variada pela missa do domingo (seguida da visita ao cemitério, a dois passos da igreja paróquia) ou por raras viagens à vila de Ourém, por ocasião das feiras. As crianças não iam à escola. Em 1920, apenas 91 entre 1179 mulheres da pequena paróquia sabiam ler «letras redondas» (impressas). Como ainda hoje, (salvo uma ou outra excepção) as casas eram pequenas, sem andares, cobertas de telhas. As casitas, bem caídas, abriam-se para o exterior por duas pequenas janelas e uma porta estreita, com dois ou três degraus à entrada. Lá dentro, mobiliário rústico, camas de ferro encimadas por cruzifixos. Nas paredes, uma profusão de imagens piedosas. Cá fora, a graça de um pequeno jardim, com figueiras e outras árvores de fruto. No canto mais resguardado dos calores do sol, via-se o poço, uma cisterna aberta na rocha, onde a água da chuva se mantinha fresca e agradável para matar a sede.

Os três pastorinhos eram crianças absolutamente normais, iguaiszinho aos outros pequenos zagaletes da região. Lúcia, a mais velha, tinha dez anos e era filha de António dos Santos (a quem chamavam o «Abóbora», e da sr.<sup>a</sup> Maria Rosa. Robusta e sã, não era, contudo, uma rapariga bonita. A única beleza do seu rosto morava nos olhos grandes e pretos, a espreitar sob espessas sobrancelhas. O nariz era achatado, os lábios fortes, o rosto moreno e redondo. Muito esperta e meiga, era a grande amiga de todas as crianças da vizinhança. Nos jogos ninguém a vencia: às escondidas, ou ao «rôgôgô»: «Rôgôgô, rôgôgô, rôgôgô todos se escondem que eu já lá vou!...» Era especialista nos jogos do botão, das pedrinhas e das prendas. E não havia como ela para contar histórias sem parar.

Francisco e Jacinta eram primos de Lúcia. Eram o 6.º e 7.º filhos do sr. Manuel Pedro Marto, e 8.º e 9.º de Olímpia de Jesus Santos, (irmã do pai de Lúcia) pois a mãe casara em segundas núpcias, tendo já dois filhos de anterior casamento. O rapazito tinha cara redonda e bochechuda, de tez morena. A boca era pequena, rodeada pelos lábios breves. Os olhos e os cabelos castanhos, ajudavam a compor um rosto alegre. Era amável com toda a gente. Brincava com todos e só uma vez por outra questionava com a irmazita. Não era nada medroso: brincava com as cobras e

lagartos que encontrava, e dava-lhes a beber, nos buracos das pedras, o leite das ovelhas. Passava horas e horas a tocar o seu píforo, sentado em qualquer pedra. Gostava de imitar os pássaros do céu e dizia que as estrelas eram as lâmpadas que a Senhora e os Anjos acendiam à noite para afugentar a escuridão. Se tivesse crescido teria sido poeta...

A Jacinta era diferente. Também de rosto redondo, tinha feições regulares e perfeitas: boca pequena, lábios finos, corpito bem proporcionado. Usava um casaquito claro, uma saia de chita e uns sapatinhos. Amava as suas ovelhas, as quais tratava pelo nome: a *branquinha*, a *pomba*, a *estrela*, a *mansa* — os nomes mais bonitos que sabia. Sentava-se em qualquer canto, com os cordeiritos ao colo, abraçava-os, beijava-os. E à noite trazia-os para casa ao colo, para que se não cansassem, tal como tinha visto numa estampa do Bom Pastor. Amava igualmente as flores. A serra inteira era um canteiro florido na Primavera: as primeiras rosas albardeiras eram todo o seu enlevo. Colhia as flores, enfeitava-se com elas e fazia grinaldas para a Lúcia, a sua maior amiga: dia que passasse longe da prima, era uma tristeza. Foi esta amizade que a levou para a serra, ainda pequenita, com 7 anos apenas. O que ela se divertia na serra, cantando e brincando com o eco dos precipícios! Às vezes rezava *avé-Marias* inteiras, lentamente, esperando que a montanha lhe devolvesse cada palavra.

Os pequenos eram acordados pela Ti Olímpia um bom pedaço antes de nascer o Sol. Daí a pouco saíam com o pequeno rebanho, a caminho das pastagens. Iam sempre alegres como pássaros: numa curva do caminho estaria a Lúcia à espera, com as suas ovelhas. O encontro dos três era uma festa diária, sempre repetida. E lá iam para os locais indicados pela Lúcia, em qualquer ponto dos descampados ao redor de Fátima, ou nas charnecas da Moita ou de S. Mamede, a Prêgueira ou o Cabeço (este o lugar preferido das três crianças). Enquanto os animais pastavam tranquilamente, os pequenos pegureiros divertiam-se com os jogos organizados pela Lúcia. Ao meio-dia, quando ecoavam as *avé-Marias* pela serra, paravam de brincar e repartiam a merenda. Depois de uns minutos recolhidos, para rezar o terço, recomeçavam a folgar, até que o sol começava a esconder-se ao longe, atrás da última montanha. Então, reuniam o gado e regressavam. Não tardava muito que estivesse cada qual em sua cama de enxergas de estopa, cheias de folhas de milho, dormindo como anjos...

## 1915: O SOBRENATURAL INICIA A CABETEQUESE DOS VIDENTES

Correriam os meados de 1915 quando Lúcia experimentou pela primeira vez o contacto do sobrenatural. Era ainda muito pequena. Devia ser um dos primeiros dias em que a mãe lhe entregara o rebanho, ainda o Francisco e a Jacinta não tinham recebido a ansiada autorização para acompanharem a prima. As companheiras de Lúcia nas deambulações pela serra, em busca do melhor pastagem para as ovelhas, eram então três meninas da sua idade: Maria Rosa, Teresa e

Maria Justino. Essa primeira aparição manifestou-se às quatro crianças na encosta do Cabeço, sob a forma de uma nuvem mais branca do que a neve, transparente e com forma humana, mas sem cabeça. A estranha figura branca apareceu mais duas vezes, mas a sua impressão foi-se desvanecendo natural e insensivelmente.

Um ano mais tarde, na Primavera de 1916, já os três amigos andavam juntos, aconteceu a primeira aparição clara do Anjo. Os três primos, que até então brincavam indistintamente como todas as crianças da região, começavam a sentir já uma certa necessidade de se isolarem. E foi numa bela tarde, quando já tinham merendado e rezado o terço, que os pequenos pastores receberam a celeste visita. Jogavam às pedrinhas. De súbito, insólito na calma absoluta da tarde iluminada pelo céu sem nuvens, um golpe de vento fê-los levantar a cabeça para a copa das árvores. Verificaram, com espanto, que uma luz muito branca, mais brilhante do que um cristal atravessado pelos raios do sol, se aproximava lentamente. Ao chegar junto dos pastorinhos, disse-lhes: «Não temais. Sou o Anjo da Paz. Orai comigo». Depois ajoelhou-se e curvou a cabeça até à terra. Os pastores, atônitos, imitaram a celeste visão que ia dizendo: «Meu Deus, eu creio, adoro, espero, e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam, e não vos amam». E ao desaparecer, o Anjo recomendou às crianças que rezassem três vezes a jaculatória que acabara de lhes ensinar: «Orai muito! Os corações de Jesus e Maria estão atentos às vossas súplicas».

Pouco depois, quando o Verão já abrasava tudo ao redor, o Anjo apareceu uma vez mais. Surpreendidos nas suas habituais brincadeiras, os pastorinhos ouviram a aparição perguntar: «Que fazeis? Orai muito! Os corações de Jesus e Maria têm sobre vós designios de misericórdia. Ofereci constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios».

Então atreveu-se a Lúcia a perguntar: «E como havemos de nos sacrificar?». Respondeu o Anjo: «De tudo o que puderdes, ofereci um sacrifício ao Senhor, em acto de reparação.»

Finalmente, no Outono, deu-se a derradeira aparição do Anjo. Os três amiguinhos tinham passado da Prêgueira para a Lapa, dando a volta à encosta pela Casa-Velha. Tinha o rezo do terço e a oração que o Anjo lhes havia ensinado, quando a aparição surgiu de novo, trazendo na mão um cálice e sobre ele uma Hóstia da qual caíam para o cálice algumas gotas de sangue. Como da outra vez, o Anjo prostrou-se por terra e repetiu três vezes a oração: «Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o Preciosíssimo Corpo, Sangue Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos do seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores». Em seguida, tomou de novo o cálice e a Hóstia, deu a Hóstia à Lúcia e o conteúdo do cálice à Jacinta e ao Francisco, dizendo: «Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.» E o Anjo partiu depois de ter repetido ainda três vezes a invocação à Santíssima Trindade.

As aparições do Anjo de Portugal eram, porém apenas uma preparação para os acontecimentos ainda mais extraordinários que decorreriam na Cova da Iria, entre Maio e Outubro do ano seguinte. Dir-se-ia que os pastorinhos tinham aprendido a catequese que os prepararia para receber e compreender a Mensagem evangélica que o mundo em guerra precisava de ouvir e entender.

## MAIO: COM O SAQUITEL DA MERENDA ÀS COSTAS, METERAM AO OAMINHO DA COVA DA IRIA

Passou um inverno e a nova primavera enchia já a serra de rosmano tingido de roxo e campânhas amarelas. O dia 13 de Maio



que é que Vocemecê me quer?». Não tardou a resposta da visão: «Vim para vos pedir que venhais aqui, seis meses seguidos, no dia 13, a esta mesma hora. Depois direi quem sou e o que quero.» E o diálogo prosseguiu ainda, entre Lúcia e a Senhora. A pastorinha interrogava: «E eu também vou para o céu?» Respondia a Senhora, brilhando sobre a copa da carrasqueira: «Sim, vais.» «E a Jacinta?» tornava a Lúcia. Resposta: «Também.» E o Francisco também teria lugar no céu? Sim, também, mas só depois de rezar muitos terços», esclareceu a Senhora.

É sempre e só a Lúcia quem fala com a aparição. A Jacinta, de mãos postas, ouve e vê tudo o que se passa, enquanto o Francisco apenas ouve as palavras da Lúcia, continuando a fazer perguntas: «E a Maria do Rosário, do José das Neves, está no Céu?» A resposta tranquilizou-a: sim, estava. E a Amélia, onde estaria? — «Ainda está no purgatório». E chegou a vez de a Senhora perguntar:

«Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos em acto de reparação pelos pecados com que é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» A Lúcia respondeu pelos três: «Sim, queremos». Pouco depois, a Senhora elevava-se serenamente, em direcção ao nascente, após ter recomendado às crianças que rezassem o terço todos os dias para alcançar a paz para o mundo e o fim da guerra.

O fim da guerra... Para os pobres pastoritos, que significado podia ter a guerra? E no entanto era essa a grande preocupação da Europa desses dias, ensanguentada por uma luta que já durava havia três anos. De tal modo violenta e sem esperança que o Papa Pio X morreria de desgosto logo nas primeiras semanas do conflito, impotente para o deter. E entre os homens que se batiam nas trincheiras da frente, havia soldados portugueses, para lá enviados a satisfazer alianças. O fim da guerra... A paz era a grande aspiração de todos, nessa hora em que a vida do velho continente estava prestes a experimentar uma violenta transformação.

Quando a celeste visão se dissipou, finalmente, num ponto muito alto do azul, os pequenos voltaram a si, reencontrando diante dos olhos, as ovelhas pastando em volta, tranquilamente. E já a saudade da celeste visita lhes enchia o coração. No entanto, ali mesmo decidiram guardar segredo sobre o acontecido. E, à hora habitual, reuniram os animais e regressaram ao povoado. A noite ia esten-

dendo as suas sombras pelos montes, oferecendo-lhes ainda mais paz...

Mas como poderia a pequenita Jacinta guardar o segredo? Nessa mesma noite, em incontido alvoroço, disse à mãe: «Ó mãe, vi hoje Nossa Senhora na Cova da Iria!» e perante a incredulidade da mãe ainda se esforçava por fazer-se acreditar. E contava, na sua linguagem infantil como era a aparição: «Era uma Senhora tão bonita, tão linda!...» O Francisco ajudava a reconstituir a conversa. Os irmãos mais velhos faziam troça. Só o pai, o sr. Marto, ia pensando que sim senhor, que podia ser verdade: «Os cachopos mentir? Mas os pequenos eram tão contrários a isso!». Mas chegou a hora da deita e mais ninguém se importou com o caso. Daí a pouco os três pastorinhos sonhavam com a celeste visita do meio-dia.

Inevitavelmente, no dia seguinte, todo o povoado sabia da história contada pela Jacinta. Ao dar pelo falatório, a Lúcia ficou atónita mas confirmou a narração da prima. E os

caiu num domingo, a preceder a festa da Ascensão, e os pastores foram, como de costume, depois de cumpridos os deveres dominicais, procurar os melhores pastos para as ovelhas. Com o saqu沿海 da merenda às costas, meteram ao caminho da Cova da Iria, onde o pai de Lúcia tinha uma pequena leira. Iam devagarinho, rindo e folgando, e deste modo chegaram perto do meio-dia. Como era hábito, rezaram e comeram, guardando apenas qualquer coisa para o regresso, lá para a tardinha, e foram brincar. O divertimento do dia consistia na construção de casinhas com pedras. Ajudado pela Lúcia e pela Jacinta, o Francisco era o arquitecto e o pedreiro das obras.

Mas nesse dia a casita não ficou concluída. De súbito, na calma completa do dia, brilhou um relâmpago. Porém, coisa estranha, ao relâmpago não se seguiu o trovão habitual, e os três amigos, que já se preparavam para voltar para casa, verificaram que o céu estava limpo de núvens. Como poderia ser uma tempestade, sem nuvens negras e feias, assim com o sol a brilhar no meio-dia? Após outro clarão, numa das azinheiras, a dez passos, nem tanto, uma estranha imagem agora um lindo rosto, sorrindo tristemente. A Lúcia mostra-se corajosa e pergunta, na sua linguagem simples: «Donde é Vocemecê?» Respondeu a linda Senhora, de uma beleza como nunca se tinha visto: «Sou do céu.» A Lúcia afoita-se a perguntar ainda: «E



Nesta pequena igreja foram baptizados os três videntes de Fátima.

dias que se seguiram foram passados pelos pastoritos na expectativa do dia 13 de Junho. Os dias custavam a passar e as crianças começaram a fazer os seus primeiros sacrifícios: quando sentiam mais fome, chegada a hora da merenda, em vez de comerem davam os seus alimentos às ovelhas; mas depressa repararam que o melhor seria oferecer a merenda aos outros pastores, ou a umas crianças da Moita que andavam a mendigar de porta em porta. A catequese, aprendida em três aparições do Anjo e na recente visita da Senhora, começava a fazer sentir os seus efeitos nas almas inocentes dos videntes... Entretanto vieram também as primeiras dificuldades com os outros. A vizinhança gozava. O pároco de Fátima mantinha a mais absoluta reserva, aliás natural.

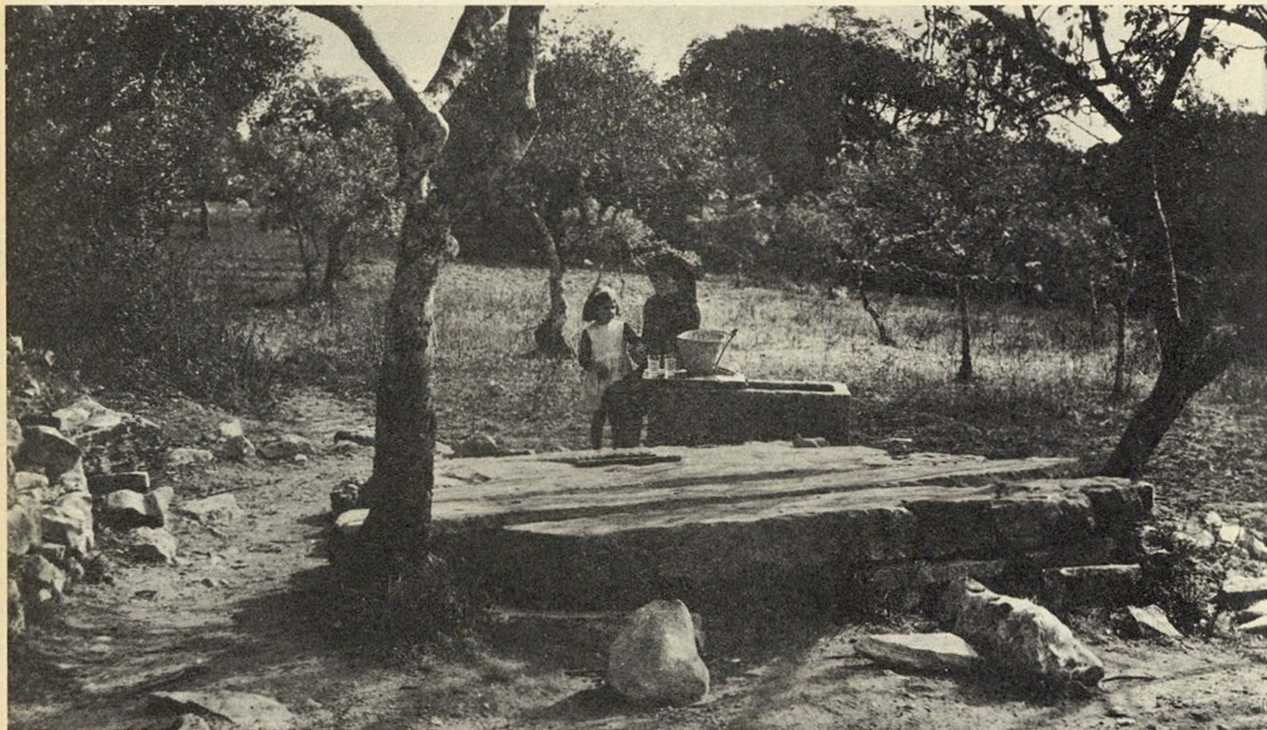
#### JUNHO: EM VEZ DOS FOGUETES, OS PASTORES ESCOLHERAM REVER A SENHORA

Chegou finalmente a festa de Santo António. Preparava-se a festa do orago da freguesia. Depois da missa cantada haveria festa rija com muitos foguetes, música, bodo, arraial! Mas as crianças cedo se dispuseram a sacrificar a festa, apesar de tão bonita, para rever a Senhora da Cova da Iria. Quando lá chegaram já estava muita gente, a maior parte desconhecidos, a quem havia chegado a notícia da aparição de Maio e queriam ver os pastores e oferecer-lhes coisas. Contudo os pequenos videntes nada quiseram aceitar, a não ser três laranjas. A sua preocupação era a visita da Senhora. Daí a nada, o povo ajoelhado nas moitas, perto da pequena carrasqueira, ouvia a Lúcia, as mãos postas em oração e os olhos cravados num ponto da azinheira, perguntando: «Vocemecê mandou-me vir aqui. Faça o favor de dizer o que me quer.» A resposta só a ouviram a Lúcia e a Jacinta. O resto da gentinha somente entendia como que um zumbido de



Casa onde nasceu a vidente Lúcia

## 13 de Maio caiu num domingo a preceder a festa da Ascensão



Junto do Poço do Arneiro, onde os videntes gostavam de brincar, deu-se a aparição de 19 de Agosto

abeta. A Senhora recomendava a recitação de uma nova jaculatória, entre os mistérios do terço: «Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; e levai todas as almas para o céu, especialmente as que mais precisarem». E, prosseguindo o diálogo com a Lúcia, anunciou a morte do Francisco e da Jacinta. A Lúcia, essa deveria ficar ainda mais algum tempo, e deveria, até, aprender a ler e a escrever, «porque Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar» estabelecendo no mundo a devoção ao Imaculado Coração de Maria». Abrindo as mãos, a aparição mostrou então a imagem do seu Coração Imaculado: à frente da palma da mão direita estava um coração cravado de espinhos. E daí a pouco, a visita terminava: a Senhora regressava suavemente às alturas...

Com o correr dos dias, a novidade ia-se espalhando por toda a região: os pastorinhos de Aljustrel tinham voltado a ver a aparição da azinheira, que lhes comunicara um segredo, o qual passava a ser a maior preocupação de todos os que procuravam as crianças para saber coisas novas. O prior da freguesia mantinha a sua prudente reserva, «não fossem coisas do demónio»... No entanto, um mês volvido, estavam na Cova da Iria duas ou três mil pessoas, aguardando os videntes para lhes tocarem simplesmente, ou para lhes pedir intercessão junto da Senhora, por um doente, um cego ou um parafítico.

### UM SEGREDO: SACRIFÍCIO É O PREÇO DA SALVAÇÃO

Em 13 de Julho, os crentes tinham preparado, para a visita da Senhora, um arquito de madeira, com duas lanternas, na azinheira do costume. O povo apertava em volta, querendo ver também a Aparição. Os videntes

eram assediados com pedidos da multidão: quase toda a gente tinha uma cura a pedir, um milagre para rogar. De súbito, quando o sol estava no meio-dia (sensivelmente à uma e meia da tarde), a Senhora aproximou-se, no seu manto luminoso. «Vocemecê que mequer?», interroga, como sempre, a Lúcia, saindo de um torpor embevecido. Responde a Visão: «Quero que voltem aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhe poderá valer».

Atreve-se então a Lúcia a fazer um pedido justificado pelos rumores entre o povo. Pede um milagre para que todos acreditem nas aparições. O pedido é justo e a Senhora atende-o: «Continuem a vir aqui todos os meses: Em Outubro direi quem sou e o que quero. E farei um milagre que todos não-dever para acreditarem». Posto isso, chegava a ocasião de apresentar os pedidos de curas e conversões. Uma vez mais a Senhora afirma que satisfará alguns — mas outro não. No entanto era necessário continuar a rezar o terço. Seria o preço do milagre.

E o diálogo continuou ainda. A Senhora confiou as videntes o seu segredo, que, no entanto, só seria revelado parcialmente pela Lúcia, depois da morte da Jacinta e do Francisco. Era necessário que os videntes se sacrificassem pelos pecadores. Depois, os pastorinhos são surpreendidos com a visão terrífica do Inferno. Após alguns instantes de pânico, a Senhora soeça os pequenos: «Vistes o Inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção do meu Imaculado Coração. Se fizerem o que eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar, mas se não deixarem de ofender a Deus, começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma

luz desconhecida, sabe que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o mundo dos seus crimes, por meio da guerra, da fome, e da perseguição à Igreja e ao Santo Padre».

E continuando: «Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a Comunhão Reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem os meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja: os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará; o Santo Padre consagrará — ne-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz. Em Portugal conservar-se-á sempre o Dogma da Fé. Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim podeis dizê-lo.»

A longa entrevista terminou pouco depois. A Lúcia fitava o azul do céu, e repetia: «Lá vai, lá vai ela!...»

A notícia, espalhada pela multidão, foi a toda a parte. Frequentemente, vinha gente de todos os lugares, para ver os pastorinhos, para os interrogar, para lhes pedir também uma intercessão junto da Senhora, ou simplesmente para gozar o espectáculo. Era pior que uma tempestade: em breve as hortas, das quais as famílias dos videntes tiravam o alimento de todos os dias, ficavam destruídas, sem qualquer hipótese de recuperação. Naturalmente, as famílias andavam alarmadas e as crianças é que sofriam com isso: a Lúcia particularmente, por ser a mais velha. Os golpes surgiam de todos. E em breve até os rebanhos tinham que ser vendidos, por não haver quem os guardasse. Lá se iam a *branca*, a *pomba*, a *mansa* e os cordeirinhos que eram o maior enlevo da Jacinta. E para cúmulo, muita gente aproveitava para dar à

Lúcia uma bofetada, uma beliscadura ou um pontapé. Aquilo, está bem de ver, podia ser obra do diabo! Mais pequenitos, a Jacinta e o Francisco estavam mais livres destes castigos corporais que, no entanto, ávidos por oferecer sofrimentos pelos pecadores, invejavam por vezes à prima.

#### UM TABLADO ENORME ONDE SE DESEENROLA UM DRAMA...

Fátima transformava-se pouco a pouco, num tablado enorme, onde um estranho drama se desenrolava, com três actores principais e centenas de figurantes. Entre estes, ao lado do povo anónimo, revestia-se de especial importância, o administrador do concelho de Ourém, Artur de Oliveira Santos. Desde muito jovem se interessara por questões políticas e pelo jornalismo, tendo até fundado na sede do concelho um jornalzinho de interesse local: «O Ouriense». A sua ascensão foi rápida: quando nomeado administrador de Vila Nova de Ourém tinha apenas, 26 anos e já percorrera um longo caminho. Estava lançado. Era a personalidade mais influente e temida do concelho — ao mesmo tempo presidente da Câmara Municipal e substituto do juiz da Comarca. O povinho, como era natural, sentia um certo receio de chegar à sua presença. Representava o Poder...

Entretanto, chegavam-lhe ordens superiores: era necessário liquidar Fátima. Ele próprio, tomando o caso a peito foi a casa da família Marto. Também ele queria ir ao milagre, respondeu ao espanto do pai da Lúcia, admirado por vê-lo por aquelas paragens. Até os convidava para irem de carro, que lá chegariam mais depressa, sem canseiras escusadas. Ainda que desconfiadas, as crianças tomaram lugar no carrito, puxado por um cavalo. Mas o trém não tomou a estrada da Cova da Iria: numa reviravolta súbita, dirigiu-se para Ourém. Aí chegado, o carro deteve-se diante da casa do administrador Artur de Oliveira Santos.

Havia um quarto preparado para os pequenos, onde deveriam aguardar, até se decidirem a dizer o segredo. No entanto, a longa

espera não seria tão dura como os pastorinhos já futuravam. A hora do almoço, apareceu no quarto a esposa do administrador, D. Adelina dos Santos, que lhes serviu uma boa refeição e os deixou depois passar a tarde com os seus filhos, em inocentes brincadeiras. Depois, para que melhor suportassem a solidão do cárcere improvisado, emprestou-lhes alguns livros com belas gravuras.

E foi somente no dia seguinte que se iniciaram os longos e fatigantes interrogatórios. Todos queriam saber o famoso segredo. A tudo recorreram, mas nada demovia a firmeza do videntes. Era um segredo, e segredo permanecería, custasse o que custasse. Entretanto, voltava a manifestar-se a bondade da mulher do administrador: à hora das refeições nada faltava às crianças. Ao fim da tarde, depois de nova sessão de interrogatórios, foram os pastorinhos conduzidos à cadeia pública, tendo-lhes sido dito que ali ficariam até estar pronto um caldeirão de azeite a ferver. Como é natural, o terror apossou-se das três crianças, que viam chegada a última hora de vida. Choravam a bom chorar, e nem os presos de coração empedernido podiam ficar indiferentes às suas lágrimas. Era preciso parar com aquele ohoro, já que eles não queriam revelar o tal segredo. Talvez que uma boa dança os animasse. E se bem o pensaram, melhor o fizeram, os presos da cadeia de Ourém: daí a nada havia um baile pegado na pequena cela cheia de gente. A Jacinta, secando as lágrimas rebeldes, pôs-se a dançar o fandango com um preso gigantesco.

Subitamente, porém, a Jacinta lembrou-se de que a hora não era para danças: fez-se séria, tirou a medalha que tinha ao pescoço e pediu que a colocassem na parede, num prego que lá havia. Ajoelhou então no lajedo frio da cela e começou a rezar o terço, logo imitada pela Lúcia, pelo Francisco e por todos os presos.

Mas não chegou a acabar a recitação daquele terço em ambiente tão insólito: esperava os videntes um novo interrogatório, que, dizia-se, culminaria, se não revelassem o segredo, num caldeirão de azeite a ferver. Contudo, nada moveu os pequenos videntes. E o segredo ficou segredo, até que, alguns anos mais tarde, recebendo inspirações do Alto, a

Lúcia o revelou parcialmente. No dia seguinte, o administrador Oliveira Santos, vencido pela firmeza dos inocentes pastores, reconduziu-os a Fátima.

No dia 13, apesar da ausência dos pastorinhos, muita gente se juntou na Cova da Iria, ao redor da azinheira ornamentada pelo arco de madeira. A multidão, ainda maior do que em Julho, esperou em vão, embora alguns dissessem ter visto, cerca do meio-dia, uma nuvem rosada e um relâmpago, e que, depois, se ouviu um trovão. Mas faltava a presença dos videntes. Desta vez não haveria diálogo na Cova da Iria.

Diálogo... O diálogo aconteceria daí a alguns dias, no domingo, 19 de Agosto. Depois da missa, os videntes foram à Cova da Iria para rezar o terço. A tarde, a Lúcia deveria ainda pastorear o gado, aproveitando a hora mais fresca. As crianças queriam encontrar-se para mais uma tarde de convívio. Mas nessa tarde a mãe da pequena Jacinta não a deixou ir, porque queria cuidar mais especialmente da sua higiene. Saíram, pois, sem ela: a Lúcia, o Francisco e o João, irmão mais velho do pequeno.

Desta vez, o passeio foi até aos Valinhos, um lugar da serra, ao sul da Cova da Iria. E foi nesse lugar, pelas quatro horas da tarde, que os pequenos deram pelos sinais que anunciavam, habitualmente, as visitas da Senhora: um arrefecimento súbito, enfraquecimento da luz do sol e o relâmpago. A Lúcia pressentia qualquer coisa. E a Jacinta que ali não estava! Era preciso chamá-la. Mas o João não queria afastar-se: também ele queria ver a Senhora. E só depois de a Lúcia lhe ter oferecido dois vinténs, o rapaz se decidiu a partir, correndo, para procurar a Jacinta, que chegou nos primeiros segundos da aparição.

Nesta aparição, a Senhora reafirmou que faria um milagre, em Outubro, para que todos acreditassem. Recomendou que se fizessem dois andores. Falando com a Jacinta, disse: «Um leva-o tu com a Jacinta e outras duas meninas vestidas de branco. O outro leve-o o Francisco com três meninos também vestidos de branco. Aos novos pedidos de curas, a resposta mantinha-se: uns seriam atendidos e outros não. E antes de regressar ao azul, a Virgem recomendava ainda



A afluência de curiosos cedo começou a animar a povoação de Fátima, a um quilómetro da Cova da Iria

a oração: «Rezai; rezai muito pelos pecadores!»

Foi depois de Agosto que os pequenos pastores começaram a entregar-se às mortificações que inventavam dia a dia. Bebiam água suja, tendo à vista água cristalina e apetitosa. Um dia, a Lúcia descobriu que uma corda à cintura seria um suplício grande. E logo os outros dois a imitaram, usando também um cilício. Constituiu também grande sacrifício privarem-se da fruta, de que tanto gostavam.

#### POUCO A POUCO AUMENTAVA O NÚMERO DOS QUE ACREDITAVAM

Apesar do desprezo de muitos e da indiferença do pároco de Fátima, ia aumentando o número dos que acreditavam. Em 13 de Setembro, um autêntico mar de gente invadiu a Cova da Iria. Todos os caminhos levavam gente para o lugar das aparições. Os campônios rudes desbarretavam-se ao chegar às vizinhanças da carrasqueira do milagre, e toda a gente se ajoelhava, rezando com fervor. De súbito, a atmosfera refrescou e o sol ficou pálido, até ao ponto de se verem as estrelas. O ambiente adensa-se. Todos querem pedir: «Que me cure o meu filho que é cego!» «E o meu que é aleijadinho!» «E o meu que é surdo.» «Que me traga o meu marido, o meu filho que andam na guerra.» «Que me dê saúde, que não posso sofrer mais!». Esperando uma palavra da Senhora que viria do Céu, todas as misérias físicas da Humanidade ali estavam, expostas sem falsas vergonhas. Reza-se o terço, presidido pela Lúcia. A breve trecho, porém, o relâmpago anuncia a celeste visita, que vem insistir na necessidade da oração, «para alcançarem o fim da guerra». E lembra que não falem em 13 de Outubro, para todos acreditarem finalmente, em face do milagre. A uma pergunta de Lúcia, respondeu a Senhora que metade do dinheiro ali deixado pelo povo devia servir para ajudar a construir uma capela no lugar das aparições. Antes de regressar ao azul do Céu, faz uma pequena advertência contra a vaidade: a Lúcia anunciou que umas pessoas lhe haviam entregue «duas cartas para vosemecê e um frasco de água de colônia», e a visão respondeu simplesmente: «Isso de nada serve para o Céu...».

#### OUTUBRO: MILHARES DE PESSOAS AJELHARAM DIANTE DO SOL EM MOVIMENTO

O dia 13 de Outubro estava perto, finalmente, ante o verdadeiro pavor das gentes de Aljustrel e outros arredores de Fátima. De toda a parte muita gente se dirigia à Serra de Aire, arrostando com a incomodidade dos transportes e o próprio tempo já pouco convidativo. No dia 13, muito antes do meio-dia, já se encontravam milhares de pessoas na Cova da Iria. Nunca se vira, para aquelas bandas, um tão grande ajuntamento: seriam 60, 60, 70 mil pessoas? Era, e isso é certo, uma amálgama: ao lado dos que acreditavam, havia os descrentes, os que ali estavam apenas para trocar — e para actuar, se a prova decisiva do anunciado milagre não viesse demonstrar que algo de sobrenatural ali se passava.

A Imprensa da época, fazendo troça dos acontecimentos, havia, ao contrário do que era sua intenção, chamado ainda mais a atenção para esse ponto de Portugal desconhecido em todos os mapas.

Chovia. A terra, pisada por tanta gente, era um lamaçal. A multidão era tão grande, que foi o cabo dos trabalhos para as crianças chegarem junto da azinheira ornamentada pelas varas de madeira, com as duas pequenas lanternas. Os relógios eram consultados com impaciência. Quando os ponteiros se uniram, marcando o meio-dia, um calafrio percorreu a multidão. Seria verdade? Mas o momento não chegara ainda. E só ao meio-dia solar, os três videntes deram pelo relâmpago, anunciando a chegada da Virgem, para a úl-

# Os espectadores que se encontram mais perto gritam: Milagre! Maravilha!

tima visita.

Era chegada a hora do último diálogo. O povo tremia. Muita gente ia abandonando, desiludida, o lugar inóspito, sem beleza. Seria verdade? Ou seria antes uma fantoohada? Ou ainda brincadeira de garotos? Entretanto, junto da carrasqueira, indiferente ao que se passava à sua volta, a Lúcia falava com a Aparição que anunciava finalmente quem era: «Eu sou a Senhora do Rosário». E afirmava:

«Quero dizer-te que façam aqui uma capelinha em minha honra, que continuem a rezar o terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para as suas casas! Pouco mais se passou. A Senhora despediu-se, uma última vez, e regressou à sua morada celeste, retirando-se para os lados em que o sol nasce. Suspensa ainda, a Lúcia exclamava: «Lá vai ela, lá vai ela!» Mas, de súbito, uma nova visão deslumbrou os pastorinhos, esmagados pelo sobrenatural: a Sagrada Família, depois Cristo, a Senhora das Dores, a Senhora do Carmo. De cabeça erguida, transfigurada, a Lúcia gritou para o povo: «Olhem para o Sol!». Ohegara o milagre anunciado...

Toda a gente olhava para o céu que se despir de nuvens e aparecia agora azul sem mácula. Na extensa reportagem que o jornalista Avelino de Almeida publicaria no «Século» de 14 de Outubro (jornal que na véspera publicara um artigo do mesmo autor ridicularizando Fátima), o enviado do jornal de Lisboa dava conta do que vira na Cova da Iria. Acerca do Sol, escreve: «O astro lembra uma placa de prata fosca e é possível fixar-lhe o disco sem o mínimo esforço. Não queima, não cega. Dir-se-ia estar-se realizando um eclipse. Mas eis que um alarido colossal se levanta, e aos espectadores que se encontram mais perto, se ouve gritar: — Milagre, milagre! Maravilha, maravilha!».

Deixara de chover. A multidão verificava com espanto que se encontravam todos enxutos, quando minutos antes o temporal era desfeito. Terminavam os acontecimentos da Cova da Iria. A multidão começou a regressar, esmagados uns, ainda descrentes outros. Mas algo de extraordinário se passara, isso era certo. O milagre ultrapassaria a serra abrupta, porque o mundo esperava a Mensagem. E Fátima projectaria a luz da sua mensagem no mundo inteiro.

#### A ÚNICA ESPERANÇA CHAMAVA-SE PAZ

— Vosemecê quem é e o que me quer?

Assim interrogava Lúcia, perante a maravilhosa aparição já anunciada pelo Anjo de Portugal, entre Abril e Outubro de 1916, na Loca do Cabeço e no Poço do Arneiro.

O céu coberto de nuvens pluviosas ganhou serenidade. Uma névum mais branca do que a neve, algo transparente e com forma humana, surpreendeu as três crianças. Jacinta e Francisco ouviram as palavras reveladoras. Ouviram mas não falaram.

O diálogo estabeleceu-se, apenas, com Lú-

cia. «Não temais. Sou o Anjo da Paz. Orai comigo. Orai». Todos repetiram as orações, orações piedosas, sem termos rebucados.

Trinta anos volvidos, Lúcia pode dizer, nas suas memórias: «A força da presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava, quase por completo. Parecia privar-nos até do uso dos sentidos corporais, por um grande espaço de tempo. Nesses dias, fazíamos as acções materiais, como que levados por esse mesmo sobrenatural que a isso nos impelia. A paz, a felicidade que sentíamos era grande, mas só íntima, completamente concentrada a alma em Deus. O abatimento físico que nos prostrava também era grande».

O mundo vivia horas de angústia, momentos de sobressalto. Uma guerra enorme, sangrenta, dividia os homens e as nações. A única esperança chamava-se Paz. Longe do bulício, ausente da tragédia, Fátima permanecia recolhida, na sua vida secular, uma aldeia de gente da serra, ignorada ainda de tudo e de todos, cumprindo o seu destino de povo simples e cristão, através da sucessão dos dias e das noites.

— Vosemecê quem é e o que me quer?

«Não tenhais medo, eu não vos faço mal. Não tenhais medo. Sou do Céu».

Nas suas cartas ao antigo bispo de Leiria, Sr. D. José Alves Correia da Silva, cartas que em breve serão publicadas na íntegra, Lúcia descrevendo ao prelado a diferença existente entre as Aparições do Anjo e as Aparições de Nossa Senhora, acentuou: «Produziram em nós efeitos bem diferentes as aparições da Nossa Senhora. A mesma alegria íntima, a mesma paz e felicidade. Mas, em vez do abatimento físico, que antes experimentaríamos, uma certa habilidade expansiva. Em vez do aniquilamento na divina presença, um exultar de alegria. Em vez da dificuldade do falar, um certo entusiasmo comunicativo».

Entusiasmo comunicativo foi o toque misterioso da graça, nas almas e nos corações dos zagalitos. Cumprir uma missão. Anunciar um caminho.

#### «É PRECISO QUE SE EMENDEM»

«Sou a Senhora do Rosário. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados. Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido».

13 de Outubro de 1917. A Cova da Iria transformara-se num mar de gente, que viera de todos os pontos do País. Um mês antes houve uma chuva de rosas brancas, como flocos de neve que não tocavam o chão, que se desfaziem a certa altura, como por encanto.

«É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados. Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido». Enquanto estas palavras solenes, pura essência da verdade revelada, eram ouvidas pelas crianças, a multidão atônita viu, no rápido intervalo de dez minutos, o sol girar sobre si mesmo, como um disco de fogo, projectando em todas as direcções feixes de luz. A tal ponto que, da terceira vez, pareceu desprender-se do céu é precipitar-se sobre o povo que gritava «Milagre! Milagre! Milagre!...»

A 13 de Julho, antes de se elevar, em direcção ao nascente, até desaparecer na imensa distância do céu, a visão confiara um «segredo», um vaticínio sobre a marcha da Humanidade e os destinos dos homens e que só foi, parcialmente, revelado ao público em 1942. Mas, para além deste «Segredo», a Virgem afirmou, nesse mesmo dia: «Continuem a vir aqui todos os meses. Em Outubro direi quem sou e o que quero, e farei um milagre que todos hão-de vir a acreditar...».

O milagre aconteceu. Todos assistiram à força do sobrenatural. Uma mensagem, um programa de vida, um meio de salvação do mundo actual, com raízes na essência do Evangelho era, ao mesmo tempo, comunicada. A terra inteira já a conhece. Quando a puser em prática, os homens serão mais humanos.

A CORDA TINHA TRES NÓS...

«A corda tinha três nós e estava manchada de sangue» — diz Lúcia nas suas Memórias,

a propósito do cilício que Francisco e Jacinta usaram até serem acometidos pela doença mortal.

O Anjo de Portugal, que entre Abril a Outubro de 1916 lhes surgiu na Loca do Cabeço e no Poço do Arneiro, recomendará-lhes: «Oferecei a Deus, constantemente, orações e sacrifícios». A 13 de Junho, a Virgem, após dizer: «Sacrificai-Vos pelos pecadores...», abriu as mãos e um feixe de luz, parecendo penetrar a terra, mostrou aos pastorinhos — conforme declarou Lúcia numa das suas cartas a D. José Alves Correia da Silva — «um grande mar de fogo e mergulhados nele os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, as quais flutuavam no incêndio, levadas pelas chamas que delas mesmas saíam, juntamente com nuvens de fumo caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faúlhas nos grandes incêndios, sem peso nem equilíbrio, entre gritos de dor e desespero que horrorizavam e faziam estremecer de pavor. Os demónios distinguiram-se por formas asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasas».

A recomendação do Anjo e a Visão do Inferno levaram as crianças à prática da mortificação. A tal ponto, que a própria Virgem, a 13 de Setembro, lhes aconselhou: «Deus está contente com os vossos sacrifícios mas não quer que durmais com a corda apertada à cinta. Trazei-a só durante o dia».

Já sob o signo de uma vida de amor a Deus e ao próximo, a 13 de Outubro, no momento em que o povo assistia ao «milagre do Sol» a «Senhora, vestida toda de branco» espargindo luz, disse quem era e o que queria.

«Sou a Senhora do Rosário» e, ao declarar depois a sua vontade, recomendou: o «perdão dos pecados», «emendando a vida própria e alheia» e a «vida na graça de Deus», através da penitência e da oração. Penitência, por todos os pecados e por tantos crimes que ofendem a Deus e levam muitas almas ao inferno; oração, pela conversão dos pecadores, pela salvação das almas e pela paz do mundo.

Dois meios essenciais na economia da salvação — a mudança integral da vida, atra-

vés da qual se realiza o *homem novo* do Evangelho. Eis, em resumo, a génese da mensagem de Fátima, a grande lição e o único caminho para o conturbado mundo do nosso tempo.

#### «UMA SENHORA MUITO BONITA COM UM VESTIDO BRANCO QUE DAVA LUZ»

«Era uma senhora muito bonita. Tinha um vestido branco que a tapava do pescoço até aos pés. Mas era um branco que dava luz...»

«...Tinha sobre o vestido branco um manto branco, mas um branco que dava luz...»

«...Não sabemos se estava calçada, se estava descalça, porque os pés eram brancos e davam luz. Parece que vinha descalça. Parece que trazia uns pequenos sapatos...»

«...As contas do Rosário que trazia nas mãos, também, eram brancas e davam luz...»

«...Tinha as mãos postas à altura do peito, com as mãos erguidas. E derramava luz...».

Foi com estas palavras, simples, espontâneas, e cheias de luz, que Lúcia, Jacinta e Francisco descreveram a Visão, a miraculosa visão, que, de Maio a Outubro, lhes surgiu, junto da azimheira, confiando-lhes graças e louvores, pedindo-lhes súplicas e orações.

Maria Carreira, mais tarde conhecida pela Maria da Capelinha (uma mulher do campo, do lugar da Moita, e que desde a edificação da Capela das Aparições, até 21 de Março de 1949 — data em que faleceu — tomou conta das ofertas e dos vários encargos da referida capela, e mais tarde do Santuário), com as esmolas dos peregrinos colocara, ao fundo daquele pequeno templo, um crucifixo.

Faltava, porém, um testemunho da presença da Virgem.

#### «ESTA MUITO BEM IMITADA MAS NOSSA SENHORA ERA MUITO MAIS BONITA!»

A imagem de Nossa Senhora de Lourdes fora feita tal como Nossa Senhora de Lourdes apareceu em Lourdes, conforme a descrição de Bernardete. Nossa Senhora da Sal-

lete, tal como apareceu em La Salette. Nossa Senhora de Guadalupe, tal como apareceu em Guadalupe.

O cônego Dr. Manuel Nunes Formigão (Visconde do Montelo), professor do Liceu de Santarém, interrogara os Videntes. Ouvira as suas declarações. Apurara a verdade. As crianças, isoladamente, confirmaram as características da Senhora (anunciada por um Anjo na Loca do Cabeço e no Poço do Arneiro), que apareceu sob os ramos da Azimheira.

Um indivíduo de Torres Novas, Gilberto Fernandes dos Santos, que acompanhava de perto a evolução dos acontecimentos, cumprindo uma promessa, resolveu oferecer, para a Capela das Aparições, a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Escreveu para Braga, para a Casa Fânzeres e encomendou a imagem que deveria ser feita, tal como indicava numa carta, ou seja: de acordo com os depoimentos dos pastorinhos. Seria em madeira e teria um metro de altura, a fim de caber dentro do nicho já existente na parede da Capela das Aparições. O cônego Formigão foi, também, a Braga, pessoalmente para indicar os pormenores da figura da Virgem.

«Sim, está bem. Está muito parecida. Está muito bem imitada. Mas Nossa Senhora era mais bonita...» Perante o Padre Manuel Bento Moreira, pároco de Fátima e perante outras pessoas assim se pronunciou Lúcia, ao ver a Imagem da Virgem, na antiga igreja da sua freguesia.

Havia sido feita por intermédio da referida Casa Fânzeres de Braga, pelo escultor José Ferreira Thedim, e chegara à estação de caminho de ferro de Torres Novas, dentro de uma grande caixa, na primeira semana de Maio de 1920. O secretário do Administrador do Concelho, Arthur Virgílio Arez de Vasconcelos, devido à ordem que aquela autoridade recebera do Governador Civil de Santarém, mandara ohamar o Sr. Gilberto Fernandes de Carvalho para lhe dizer não ser permitido realizar um cortejo processional com a imagem, a caminho da Cova da Iria. Pouco antes, vários desacetos na capital do Ribatejo, alusivos a Fátima, obrigaram-no a tomar aquelas medidas. Para mais, o então Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo, proibira qualquer manifestação relacionada com o culto da Virgem que aparecera aos pastorinhos.

A imagem continuou, deste modo, guardada em casa dos pais do indivíduo que a encomendara, na Rua Cândido dos Reis, vulgo Rosso do Carmo, porta 47.

Um dia, de madrugada, dentro de um carro de bois, a caixa que encerrava a imagem da Virgem — que posteriormente correu o mundo, perante multidões de olhos marejados de lágrimas — seguiu a caminho de Fátima, por entre alfaias agrícolas e molhos de feno, só chegando ali às 10 horas da manhã e ficando depositada num edifício paroquial, fronteiro à sacristia da igreja. Foi precisamente nesse local que Lúcia exclamou: «Sim. Está bem. Mas Nossa Senhora era mais bonita...».

#### PADRE CRUZ: UM DOS PRIMEIROS CRENTES DE FÁTIMA

Durante as Aparições, numa ocasião em que muito poucos acreditavam nas revelações dos zagalitos, numa ocasião em que a própria Igreja se mantinha em atitude de prudente reserva e de expectativa em face do desenrolar dos acontecimentos, Lúcia, Jacinta e Francisco tiveram a visita de um sacerdote que também os interrogou e lhes ensinou orações. Foi o Padre Cruz, essa bondosa figura a quem o povo recorria nos momentos difíceis e que, após a sua morte, tem realizado graças que lhe vão conferindo dotes de santidade.

Esse mesmo Padre Cruz, na manhã de 12 de Maio de 1920, chegou a Torres Novas, indo, em seguida, num «char-a-bancs», com um grupo de dez peregrinos a caminho de Fátima. Pela estrada rezaram o terço e, no outro dia, o pároco Manuel Bento Moreira, na sacristia da sua paróquia, benzeu a imagem que só a 13 de Junho, no mesmo carro



Em 13 de Outubro de 1917, aconteceu o milagre do sol, de que muitas testemunhas conservam ainda hoje uma recordação viva





A imagem mostra Lúcia com seus pais e irmãos, em 1918

## Puseram cinco bombas mas só explodiram quatro. A bomba colocada na azinheira não rebentou

em que fora conduzida de Torres Novas para Fátima, deu entrada na Cova da Iria, e foi colocada num pequeno altar que Maria Carreira mandara construir na capela das Aparições.

Entre muitas outras pessoas, D. Cecília Augusto Queirós presenciou este fenómeno maravilhoso. Cada vela que iluminava a Virgem mudava de cor, periodicamente. Um foco de luz colorida incidia sobre a imagem e as velas passaram a dar chamas em colorido: azul, vermelho, lilás, amarelo, roxo, todas as cores do arco iris. Nenhuma vela tinha a mesma cor, no mesmo momento.

A 6 de Março de 1922 foi dinamitada a Capela das Aparições. Puseram ali cinco bombas, mas só rebentaram quatro. A bomba que ficara no sítio onde existira a pequena azinheira, que servia de trono a Nossa Senhora, não explodiu! A imagem não estava lá, nessa altura. Só aparecia nos dias 12 e 13 de cada mês, pois ficava guardada, primeiro, em casa de Manuel Gonçalves, no Montelo; e, depois, em casa de Maria Carreira, na Moita.

Uma vez restaurada a Capelinha, que passou a ser vigiada, de noite e de dia, por numerosos peregrinos, a imagem ali ficou preciosamente no lugar onde se vê hoje e onde as multidões imploram as graças da Mãe do Céu.

### AS MULHERES PORTUGUESAS AGRADECEM A PAZ

A segunda grande guerra apavorava o mundo, espalhando as lágrimas e o luto em

milhares e milhares de casas. A Europa dir-se-ia engolfada num mar de sangue. Portugal estava na iminência de ser arrastado para a catástrofe.

Em Maio de 1942, o Padre Domingos da Apresentação Fernandes, então Assistente Nacional da Juventude Católica Feminina e depois bispo de Aveiro, em cuja diocese faleceu há quatro anos, lançou a ideia de se fazer uma coroa de ouro oferecida pelas mulheres portuguesas à Virgem.

A iniciativa foi, entusiasticamente, acolhida. Volvido algum tempo, a comissão organizadora tinha em seu poder: 171 pulseiras de corrente, 180 brincos, 48 escravas, 109 cordões delgados, 31 fragmentos de alianças, 28 correntes, 334 alianças, 31 fragmentos de alianças, 442 anéis, 269 medalhas, 104 botões, 55 alfinetes e 129 objectos vários, o que perfazia 7800 gramas de ouro.

As pedras preciosas que não se tornaram utilizáveis ou adaptáveis foram trocadas. Três mestres de joalheria, três cravadores e outros artifices da casa «Leitão & Irmão», de Lisboa, durante alguns meses elaboraram o trabalho, que é uma obra-prima de ourivesaria, concebida na orientação estética da valiosa custódia de Belém e de outras peças do património artístico português.

E a coroa de ouro de Nossa Senhora de Fátima, surgiu, com 950 brilhantes, de 76 quilates; 1400 rosas, de 20 quilates, 260 turquezas; 313 pérolas, 33 safiras, 13 esmeraldas pequenas, 1 esmeralda grande de 1,97 quilates, 1 ametista, 17 rubis e 4 águas marinhas. Em suma: uma magnífica coroa com 2650 pedras e 313 pérolas, 1,2 quilos de peso; 24 centímetros de alto e 25 centímetros de diâmetro.

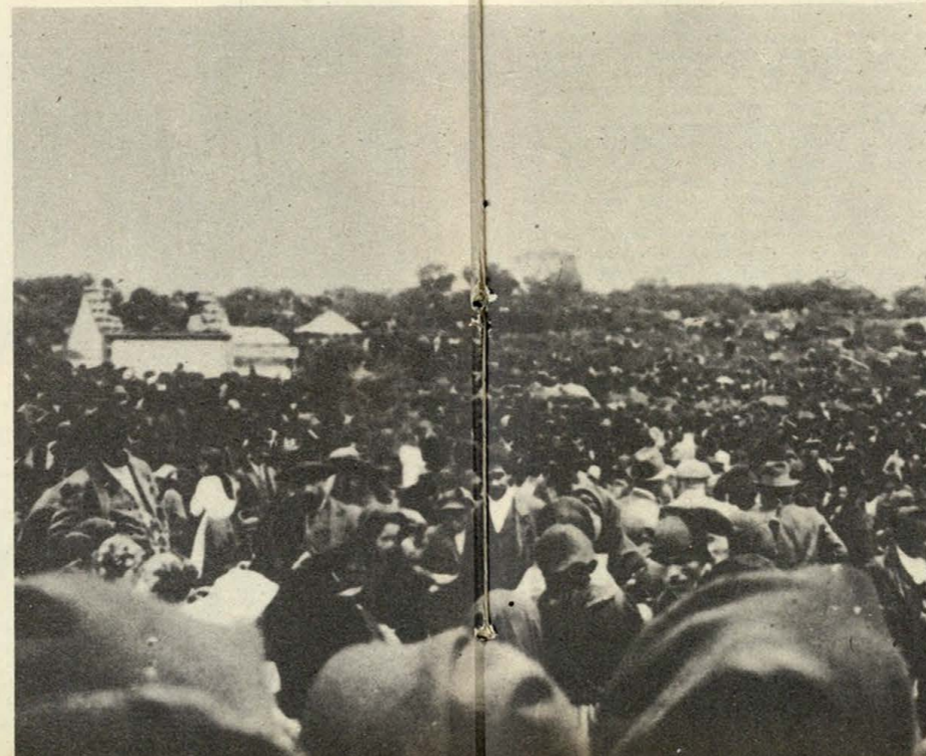
Em 13 de Maio de 1946 foi a imagem da Virgem solenemente coroada pelo Cardeal Aloisio Mazzella, delegado do Papa Pio XII.

Coroava a imagem esta lindíssima coroa, símbolo de gratidão das mulheres de Portugal, a Nossa Senhora de Fátima, e em cujo oiro e pedras preciosas existem as cintilações de glória do sol das mais belas manhãs da Cova da Iria.

### SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE LOURDES E FÁTIMA — FALA UMA TESTEMUNHA DE 1917

A dezassete quilómetros da Cova da Iria, descendo a estrada que serpenteia na serra de Aire, encontramos a Batalha, onde vive um dos sobreviventes de 1917. É o Dr. Pereira Gens, médico da vila do mosteiro, que nos recebe na sua residência, onde evoca o tempo em que, ainda escolar de Coimbra, no início do seu curso de Medicina, ouviu falar dos três pastorinhos que afirmavam ter visto Nossa Senhora sobre uma pequena carrasqueira. Tinham chegado as férias e o estudante descansava. Em Julho resolveu ir à serra, para ver com os seus próprios olhos.

Uma pequena capela foi construída, em 1919, com o dinheiro oferecido pelos primeiros peregrinos, de acordo com o desejo expresso pela Senhora. Em 1922, a peregrinação a Fátima estava no auge. Na madrugada de 5 para 6 de Março desse ano, foram colocadas quatro bombas de dinamite na capela, que ficou destruída.



Era portanto uma das duas ou três mil pessoas que estavam na Cova da Iria em 13 de Julho de 1917. Em Agosto não pôde ir porque devia ajudar um irmão, professor primário, na realização dos exames numa das vilórias da serra. No entanto, mesmo assim, viu os pequenos videntes, que estavam ali perto. Em Setembro e Outubro, o jovem estudante voltou à Cova da Iria. Anos volvidos, o Dr. Pereira Gens tomava conta do gabinete médico de Fátima, onde haveria de presenciar casos espantosos de curas que a medicina nunca soube explicar. E porque muito meditou, o Dr. Gens está hoje em condições de entender, como poucos, o significado de Fátima e da sua Mensagem.

Resultante de uma longa e profunda meditação, é a observação que nos faz acerca das diferenças entre Fátima e Lourdes, e a forma como as respectivas mensagens foram apresentadas. Diz-nos o Dr. Pereira Gens: «Ambas têm como mensageira a Mãe de Deus, que, em pessoa, vem ao encontro dos homens de boa vontade, convidando-os a pautar a sua vida segundo os preceitos da Lei de Cristo, fora da qual não existe paz nem salvação possíveis. Uma e outra pregam o mesmo tema, que ao mesmo tempo as assemelha e irmana com a Mensagem Evangélica: «oração, sacrifício e fé». Mas nelas há também qualquer coisa que as distingue e diferencia». E esclarece:

«Além, em Lourdes, é um ruído que anun-

A destruição da capela originou uma peregrinação de desagravo em 13 de Março de 1922, em que estiveram na Cova da Iria cerca de 10 mil pessoas

cia a primeira aparição; em Fátima é um relâmpago. Lá, Bernardette é despertada sobretudo pelos sinais sensíveis e a eles se prende mais demoradamente: de joelhos, arasta-se sobre a terra, e beija-a repetidas vezes; mastiga ervas amargas; escava com as mãos, à procura do grande testemunho da água, que vê, finalmente, irromper com espanto de todos. E este é, sem dúvida, um dos grandes sinais de Lourdes. Em Fátima, as coisas passam-se de maneira inteiramente diversa: Lúcia é atraída pelas manifestações transcendentais. «O hem para o sol», exclama ela em Outubro; e é realmente a luz do astro-rei que, desde os primeiros dias, guia e prende a atenção dos peregrinos, constituindo, na verdade, um dos grandes sinais de Fátima. Em Lourdes, as atenções das pessoas que assistem às aparições concentram-se sobre Bernardette, cujos menores movimentos, gestos e atitudes, notam pormenorizadamente e por vezes imitam. Em Fátima, tudo é mais simples. As pessoas alheiam-se da presença de Lúcia e dos seus companheiros, e quando Lúcia diz: «Lá vem Ela!», notam a diminuição sensível da luminosidade. E como por esse motivo, podem fitar o sol à vontade, prescutam avidamente o firmamento, procurando o rasto da Aparição que se aproxima, o mesmo fazendo, quando, no final, Lúcia anuncia a sua retirada».

Prossegue o Dr. Gens: É diferente o clima; diferente é também a receptividade. Lourdes é a França, positiva e prática: «Voulez-vous avoir la bonté de mettre votre nom par écrit?», pede Bernardette à Aparição. Fátima é Portugal, terra de fé simples e arrebatada, de olhos sempre postos no alto: «domde é vossemecê?», pergunta a Lúcia enlevada. Em Lourdes, às palavras subtis, a Aparição res-

ponde formalizada: «Ce n'est pas nécessaire...». Em Fátima, à pergunta alvoroçada, que irrompe do coração, torna singelamente: «Eu sou do céu...». «Se fôra entre nós», comentava o Dr. Fisher, grande apóstolo de Fátima na Alemanha, «ter-lhe-ia sido necessário apresentar o seu bilhete de identidade».

Em Lourdes, a Virgem tem diante de si a pequena Soubrour; mas Ela deseja sobretudo atingir a França polida e subtil: «Voulez-vous avoir la gentillesse de venir ici pendant quinze jours?». Em Fátima, sabendo que está em Portugal a Senhora exprime-se mais confiada e singelamente: «Venham aqui, durante seis meses, neste mesmo dia e hora...».

«Lá, aparece no recôncavo da gruta de Massabielle, no vale aprazível do Gave, às portas de uma cidade; em Fátima, sobre a copa de uma pequena azinheira, na paisagem agreste do planalto duma serra, lugar deserto, árido e pouco acessível».

Num livro já posto à venda, o Dr. Pereira Gens expõe estes conceitos, judiciosas considerações que lhe foram sugeridas por muitos anos de meditação. Nessa obra, descreve o que viu, até à criação do gabinete médico de Fátima, do qual seria encarregado desde logo. E noutro livro que está preparando, o Dr. Gens dará conta do que os seus olhos viram, durante anos e anos. Será, certamente, um extraordinário documento: Fátima vista do gabinete do médico...

#### ERA UM ARQUITO DE MADEIRA...

O arco de madeira que alguns anónimos crentes colocaram sobre a pequena carrasqueira da Cova da Iria, foi a primeira manifestação de culto à Senhora de Fátima. Dois anos depois, em 1919, correspondendo aos pedidos da Virgem, construía-se a capelinha, uma paupérrima construção em forma de cubo, com três metros de aresta. Pouco a pouco, com uma segurança crescente, Fátima foi-se impondo a Portugal e, transpondo as limitadas fronteiras do rectângulo do ocidente europeu, tornou-se conhecida em todo o mundo.

Silenciosamente, pela voz humilde de três crianças sem instrução, a Mensagem foi irradiando para toda a parte. A pequena capela que recorda o local onde a Senhora apareceu escutou já todas as línguas que se falam sobre a Terra. Dos quatro cantos do globo, ali estiveram peregrinações — transformando Fátima no altar do Mundo. Mas não foi fácil a expansão de Fátima. Aconteceu porque Fátima não é uma realização humana.

Na noite de 6 de Março de 1922, um grupo de energúmenos dinamitou a pequena capela, com quatro bombas. Uma semana depois, no dia 13, reuniam-se na Cova da Iria cerca de dez mil pessoas, em peregrinação de desagravo. Mas não era suficiente: em 13 de Maio desse ano, a multidão que esteve em Fátima ascendeu a 60 mil pessoas. Era já uma reparação ao nível nacional. Já não era apenas a voz fraca dos videntes humildes a impor Fátima, impunha-se então a voz possante das multidões. E, caso curioso, até a acção dos elementos adversos contribuía para a expansão de Fátima, e, por consequência, para a intensificação do seu culto.

Em 1917, a diocese de Leiria estava sob a jurisdição do Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo. Este, ao saber das aparições, proibiu absolutamente ao clero, qualquer participação. Em 3 de Novembro seguinte, D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo de Mitilene e vigário geral na ausência do eminente purpurado ordenou um inquérito, cujo relatório, contudo, só foi apresentado em 28 de Abril de 1919.

No ano seguinte foi restabelecida a diocese de Leiria. Em 5 de Agosto de 1920, tomava conta da diocese o bispo D. José Alves Correia da Silva. Foi este quem adquiriu o terreno da Cova da Iria, mais de 125 mil metros quadrados. Nada menos do que o dobro da Praça de São Pedro, em Roma...

E foi em 1921 que o Bispo concedeu autorização para ser celebrada missa campal, em

## Pouco a pouco a Igreja rende-se a Fátima

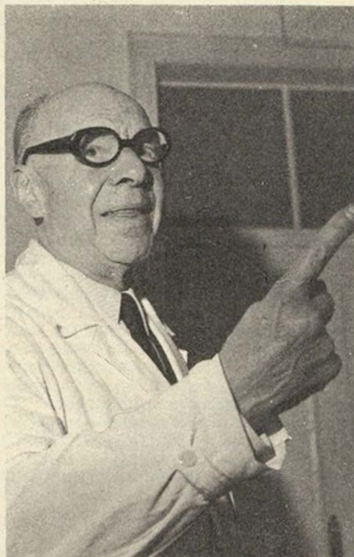
favor dos peregrinos, os quais, até então, assistiam a ela e recebiam os sacramentos na igreja paroquial de Fátima, de onde iam, depois, em peregrinação à Cova da Iria.

Em 13 de Maio de 1922, publicou-se o decreto que abria o processo canónico dos acontecimentos de Fátima, e nomeava, para o efeito, uma comissão de 7 membros. O jornal «A Voz de Fátima» apareceu em 13 de Outubro, com aprovação eclesiástica. O jornalzinho tirava então 3 mil exemplares. Hoje faz edições em quase todos os idiomas falados no globo.

Mas só dez anos depois das aparições, em 26 de Junho de 1927, se vê o prelado de Leiria tomar parte oficial numa cerimónia na Cova da Iria, inaugurando uma via-sacra. Quase um ano decorrido, o Arcebispo de Évora, D. Manuel da Conceição Santos, benzeu a primeira pedra da basílica de Fátima. Em 1929 foi inaugurado o primeiro dos dois albergues do Santuário, destinado aos doentes que demandavam a Cova da Iria, procurando obter alívio para o corpo.

A comissão nomeada em 1922 trabalhou conscienciosa, mas lentamente. E só em 13 de Outubro de 1930, na Cova da Iria, diante de uma multidão de mais de cem mil pessoas, o Bispo de Leiria leu a sua Carta Pastoral, declarando «dignas de Fé as aparições da Cova da Iria, de 13 de Maio a Outubro de 1917» e permitindo o culto oficial de Nossa Senhora de Fátima. A grande peregrinação de 13 de Maio de 1931 presidiada pelo Cardeal Patriarca, com todo o episcopado foi a grande consagração.

Em 13 de Maio de 1947, a «Virgem Peregrina» parte de Fátima para uma peregrinação mundial. Em Fevereiro de 1950, no dia em que o comboio especial da «Virgem Peregrina», depois de percorrer a Índia che-



Dr. Pereira Gens, um dos testemunhos de 1917

gou à fronteira com o Paquistão, foi assinada a paz entre os dois países em guerra. Na Primavera de 1952, uma imagem que era venerada clandestinamente em Moscovo, desde Março de 1950, foi entronizada publicamente na igreja das embaixadas.

Moscovo... Faz-nos lembrar um episódio ocorrido há alguns anos e que a seguir descrevemos.

#### «...ENTÃO TUDO É FALSO E O NOSSO SACRIFÍCIO FOI INÚTIL!»

O russo reparou que o português não fora à missa nesse domingo. Eram ambos alunos de Universidade do Cabo, na África do Sul, e entre os dois nascera uma amizade sincera, que ultrapassava os bancos da universidade. E a confiança que se instalara nas relações entre os dois amigos, fez o russo perguntar ao português:

— Não foste hoje à igreja?

— Não, respondeu o português, não tive ocasião. Estive para ir de manhã, depois ao meio-dia, e o tempo foi passando...

Decidiu-se então o russo a contar a sua história. Pertencia a uma família de russos brancos, católicos. O regime de Moscovo perseguia ferozmente a religião. A perseguição estava no auge, Lenine ditava ainda a sua lei. A foice e o martelo eram, mais do que nunca, o símbolo do anti-Cristo. Os que confessavam a sua religião eram enviados para a Sibéria a expiar o crime de acreditar em Deus e seguir a Sua Lei. E o estudante russo da Universidade do Cabo, contou que viu os pais e a irmã deportados para as estepes, enquanto o irmão o acompanhava numa incorporação forçada no Exército Vermelho. Nunca mais soube nada dos entes queridos, a não ser que foram mortos. O crime de ser cristão só pudera ser expiado com a morte!

Um dia, em plena batalha, viu o irmão cair ferido, a seu lado. Era na estepe. Os socorros eram rudimentares e os remédios um bem precioso. Os católicos seriam deixados ao abandono, como o último dos homens, mais afastados do que os cães.

À míngua de cuidados, sofrendo horrivelmente, o irmão morrerá a seu lado, sem que nada nada pudesse fazer. Desde esse momento, já nada o prendia à Rússia. A família fora vítima da perseguição, fora morta pelo anti-Cristo. Decidiu fugir. Desertar, era agora um dever. E fugiu. Durante quatro meses percorreu as estepes, alimentando-se de raízes, até que, um dia, alcançou a fronteira com a Turquia. Estava salvo. Os turcos ofereceram-lhe asilo e a liberdade tornou-se para ele como que uma vida nova. Arranjou trabalho numa fábrica, e de tal modo se notabilizou, que os patrões o mandaram estudar numa Universidade.

Ao chegar ao fim da sua narrativa, feita com os nervos tensos, a rebentar sob a pele, o russo perguntou:

— Sabes porque agentei? Porque aguentamos nós tudo isto e muito mais? Sabes porque é que na Rússia a Esperança não é apenas uma palavra?

Explicou então:

— Porque pensamos, porque nos disseram que em Fátima se reza por nós. Mas se tu, que és português e católico, não vais à missa ao domingo; se tu, que tens Fátima na tua terra, faltas à missa, então tudo é falso e o nosso sacrifício inútil...

#### FOI FATIMA QUE SE IMPÔS A IGREJA

«Não foi a Igreja que se impôs a Fátima. Foi Fátima que se impôs à Igreja», proclamou com suma verdade e autoridade, em Outubro de 1942, na Cova da Iria, aos microfones da Emissora Nacional, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal Patriarca de Lisboa. Estas palavras revestem-se de um sentido muito especial. O ilustre antístite, a mais representativa figura da Igreja em Portugal, pouco depois de ocupar o alto cargo que desempenha na hierarquia eclesiástica, conferiu

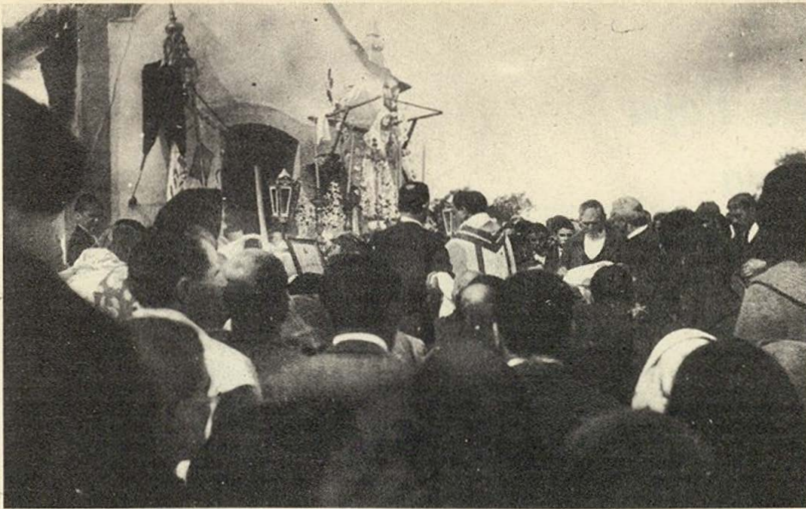


Imagem da primeira missa campal celebrada na Cova da Iria

autenticidade às Aparições de Fátima, definiu o milagre da Cova da Iria. Foi em 1930.

Anteriormente a sua atitude fôra de reserva. Ele próprio acentuou, com a autoridade e dignidade que o caracterizam, no prefácio à obra «Fátima — esperança do mundo» de Gilbert Renault: «Fui dos que, ao princípio, não quiseram considerar o facto miraculoso, Professor de História, estava precavido contra as fáceis construções milagreas, pela austera disciplina de uma formação crítica. Já tinha destruído no meu ensino a lenda de alguns milagres... Mas Fátima impôs-se pela evidência de uma acção sobrenatural, que (não receio afirmá-lo) dificilmente encontra paralelo na história das intervenções marianas. O glorioso Paul Claudel falou da «irruption brutale» do sobrenatural em Fátima. E, com efeito, há, ali, um conjunto de manifestações e de revelações miraculosas tais que bem denunciavam a excepcional importância de Fátima no plano da Providência...»

Mas Fátima desde que há meio século foi visitada por uma «Senhora mais brilhante do que o Sol», deixou de ser uma desconhecida aldeia nas contrafortes da Serra de Aire. Transformou-se na mais fulgurante estrela de todas as manhãs da terra portuguesa. Uma palavra de sete letras ergueu-se a todo o mundo. Roma — talvez mesmo antes de Portugal — viu surgir a «luz vibrante e profunda, no constelado espaço das alturas celestiais...»

O Papa Bento XV, em Maio de 1920, nomeia D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria. Sempre atento, ordena ao Núncio Apostólico acreditado em Lisboa, mons. Achilles Locatelli que indagou o que se passa, sobre os factos miraculosos, tendo este, a 1 de Novembro de 1920, visitado o local das Aparições. A 21 de Janeiro de 1927, a Santa Sé concede o privilégio de uma missa votiva na Cova da Iria, onde, desde 13 de Outubro de 1921 já era permitido rezar o Santo Sacrifício, na Capela das Aparições, sendo primeiro oficiante o Padre Afonso Soares. A 3 de Junho de 1928, «L'Ossevatore Romano» publicou uma grande reportagem acerca de Fátima.

Por seu turno, Pio XI também se manifestou, no decurso do seu breve pontificado, o mais favorável possível às Aparições. Assim, a 9 de Janeiro de 1929, oferece a professores e alunos do Colégio Português de Roma estampas de Nossa Senhora de Fátima; a 6 de Dezembro, do mesmo ano, benze a imagem da Virgem para o Colégio Português de Roma; a 1 de Outubro de 1930 concede indulgências aos peregrinos; e, a 10 de Junho de 1933 reconhece, em carta ao Episcopado Português, a missão de Nossa Senhora de Fátima.

## PIO XII: O PAPA DE FÁTIMA

Todavia dos cinco últimos Papas o que mais se debruçou sobre Fátima, o que mais alargou o seu culto ao mundo inteiro, foi, sem dúvida, Pio XII.

Pouco depois de ocupar o trono de S. Pedro, a 13 de Junho de 1940, num momento em que o mundo vivia intensamente o dramatismo da segunda guerra, através da encíclica «Saeculo Exeunto Octavo» formula preces por intercessão de Fátima. A 13 de Outubro de 1941, ordena que a Sé a construir em Nampula seja dedicada a Fátima; a 30 de Outubro de 1942, consagra o mundo à devoção de Fátima; no dia de Nossa Senhora da Conceição, do mesmo ano, repete, em S. Pedro, a consagração do Mundo ao Coração de Maria.

Seguidamente, a 4 de Maio de 1944, institui a festa do Coração de Maria e fixa 22 de Agosto para a respectiva celebração litúrgica; a 8 de Junho de 1945, dirige a D. José Alves Correia da Silva uma carta em que o louva pelo zelo manifestado por Fátima; a 8 de Maio de 1950, declara, a mons. Colgan, fundador do Exército Azul: «Já passou o tempo em que se poderia duvidar de Fátima»: e, a 30 e 31 de Outubro de 1950, vê repetir, nos jardins do Vaticano, o «Milagre do Sol», tal como se verificara, a 13 de Outubro de 1917, na Cova da Iria!

Fátima é, para Pio XII, uma constante devoção. A 4 de Junho de 1951, concede uma audiência a peregrinos portugueses, falando-lhes das Aparições; a 13 de Maio de 1952, preside à reza do terço, através do Rádio Vaticano; a 7 de Julho, do mesmo ano, em carta aos Russos consagra-os ao coração de Maria; a 12 de Novembro de 1954, concede à igreja do Santuário o título e dignidade de Basílica; e a 15 de Setembro de 1956, torna D. José Alves Correia da Silva assistente ao sólio pontifício em atenção ao que fizera por Fátima.

O Papa João XXIII quando Patriarca de Veneza, quando era o Cardeal Angelo Roncalli, presidiu à grande peregrinação de 13 de Maio de 1956, efectuada na Cova da Iria. Milhares e milhares de peregrinos ainda se recordam da extraordinária homilia que proferiu, aos pés da Virgem, no decorrer da missa solene de que foi oficiante.

Através do seu pontificado voltou a revelar o mesmo apreço pela Virgem que surgiu aos zagalitos. A 4 de Agosto de 1959, declara Nossa Senhora de Fátima padroeira da Diocese de 9 de Julho, na Argentina; a 13 de Dezembro de 1962, proclama Nossa Senhora de Fátima padroeira principal da diocese de Leiria, anteriormente sob a invocação de Santo Agostinho; e, pela sua morte lega ao Santuário da Cova da Iria a sua cruz peitoral.

E Paulo VI? A 21 de Novembro de 1964, ao encerrar a terceira sessão do Concílio, na Basílica de S. Pedro, elege a virgem «Mãe da Igreja» e concede a Fátima a «Rosa de Ouro», distinção magnífica que é entregue, oficialmente, a 13 de Maio de 1965, pelo cardeal Fernando Cento, antigo núncio apostólico em Lisboa, durante muitos anos, e grande amigo de Portugal e dos Portugueses.

Recentemente, a 1 de Março, Paulo VI nomeou o cardeal D. José da Costa Nunes legado «a latere», para as manifestações que em Maio assinala o início do 50.º aniversário das Aparições na Cova da Iria. É uma elevada mercê honorífica. É uma missão que, apesar de essencialmente transitória e com poderes restritos aos limites do seu mandato, simboliza uma representação do Papa, como se fosse ele em sua própria pessoa...

A próxima presença de D. José da Costa Nunes em Fátima, além de numerosas circunstâncias dignas de assinalar, impõe-se, ainda, pelo facto de se tratar de um Príncipe da Igreja que irá falar à multidão de peregrinos na mesma língua em que a Virgem se dirigiu aos três pequenos pastores, confiando-lhes uma mensagem onde está consubstanciada e renovada a essência do Evangelho.

## QUE É FEITO DE LÚCIA?

Já dissems atrás quem são os videntes de Fátima. Lúcia, Jacinta e Francisco, três crianças nascidas em Aljustrel, uma das aldeias do sopé da Serra de Aire. Três crianças, filhas de duas famílias aparentadas entre si, não só por laços de sangue, como, também, por afinidades de hábitos, aquele apego à terra que enraíza as pesosas nas mesmas usanças, nas mesmas alegrias e ansiedades.

Francisco morreu a 4 de Abril de 1919. Dois meses antes, a 20 de Fevereiro, após um longo e doloroso sofrimento, Jacinta faleceu em Lisboa, no Hospital de D. Estefânia. Das crianças que viram e ouviram o Anjo de Portugal e a Senhora do Rosário ficou, apenas, no mundo, Lúcia.

Sobre Jacinta e Francisco muito se escreveu. A reconstituição da vida destes zagalitos está feita e refeita, em centenas de artigos publicados em jornais e revistas, e, também, em livros. É o caso de «Jacinta», do cônego José Galamba de Oliveira, obra que o cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, numa expressiva síntese definiu como um trabalho modelar e imprescindível para o conhecimento da personalidade dos pastorinhos, na pureza e beleza das suas almas.

E Lúcia? Que é feito dela? Onde está? Como vive? Que novas relações tem tido com o sobrenatural?

Eis algumas das muitas perguntas que todo o mundo católico formula, em torno da única sobrevivente e principal testemunha dos miraculosos acontecimentos. O poeta Augusto Santa Rita, no seu «Poema de Fátima», teve, a propósito de Lúcia, este significativo poema:

Lúcia ainda vive! Onde paira  
Seu místico arzinho etéreo?!  
Ninguém o saiba! Mistério!  
Que a humana razão desvaira,  
E ri do que é sério!

Vive por nós... para nós...  
— (e isto se saiba sómente!) —  
P'ra que a Deus Onnipotente,  
Suba ao Céu, por sua Voz,  
A prece de toda a gente!

Vive entre almas portuguesas,  
Com Deus, em graça imortal,  
Para reunir, em suas rezas,  
Mesquinhas paixões acesas:  
Os erros de Portugal!

Sim. Lúcia ainda vive. A sua história, porém, não está feita. A existência de quem quer que seja, só ganha verdadeiro significado perante os homens quando se desliga do mundo.

Mas Lúcia está ausente do mundo, vai para meio século. Desde 17 de Maio de 1921 — há, portanto, quase quarenta e seis anos.



# Pio XII foi o grande Papa de Fátima

uma vez que o falecido bispo de Leiria D. José Alves Correia da Silva recomendara a sua entrada numa ordem religiosa, deu entrada no Asilo do Vilar da Congregação das Doroteias, no Porto.

A fundadora desta comunidade, a Beata Paula Frassinetti, ao lançar as bases do seu instituto, quis para ele o espírito da Companhia de Jesus, que, perfeitamente, corresponde ao duplo objectivo de santificação própria e de apostolado, através de um género de vida simples e comum, regulando as as penitências e austeridades, segundo as possibilidades físicas e as condições de trabalho sem, contudo, perder de vista o atractivo ou as necessidades espirituais de cada alma.

Feitos os seus primeiros estudos, Lúcia, que a 8 de Julho de 1924, compareceu perante os investigadores canónicos, no Asilo do Vilar, para prestar esclarecimentos sobre as Aparições, no prosseguimento do inquérito aberto pelas autoridades eclesiásticas a 3 de Maio de 1922, Lúcia, demonstrando sempre a maior piedade, prudência e zelo, ingressa, em 1935, como Postulante, no Instituto das Doroteias, em Tuy.

A sua ascensão espiritual para Deus intensifica-se. Adquire uma crescente amplitude e autenticidade. O seu afastamento das mesquinhas limitações da vida quotidiana, faz projectar luz mais radiosa na sua alma.

## NAS DOROTEIAS: UMA VIDA DE «ORAÇÕES E DE UNIAO COM DEUS»

A entrada de Lúcia nas Doroteias foi decisiva para o seu progresso espiritual, pois a regra exige de cada irmã uma vida assídua de «oração e de união com Deus», «de abnegação absoluta e perpétua», «de pureza de coração», «de renúncia, de pobreza, de desapego totais», «de caridade ilimitada», «de obediência perfeita».

Assim, a 10 de Dezembro de 1925, tem nova visão da Virgem, durante a qual Ela lhe pede que publique a Devoção dos primeiros sábados. Os seus confessores e directores espirituais, Padres José Aparício e Bernardo Gonçalves, ambos da Companhia de Jesus, verificam nela as qualidades e atributos de quem vive só para Deus, implorando do Céu a es-



D. José Alves Correia da Silva foi, durante muitos anos, até à sua morte, o bispo de Leiria — o bispo de Fátima



1926. Muita gente acorreu nesse ano à Cova da Iria, para ver o lugar onde Nossa Senhora apareceu aos três pastores da serra de Aire

perança, a paz e a fraternidade para os homens e para os povos.

A 2 de Outubro de 1926, veste o hábito de noviça. A 17 de Dezembro de 1927 comunica aos Padres José Aparício, S. J. e Bernardo Gonçalves, S. J., uma parte do «segredo», daquele «segredo» que a virgem lhe transmitira em Julho de 1917.

Ascensão permanente. Devoção exemplar. A 3 de Outubro de 1928 emite os primeiros votos e, em Junho do ano seguinte, novamente a Virgem lhe aparece, em Tuy, solicitando-lhe a consagração da Rússia ao Coração de Maria, feita pelo Papa, D. José Alves Correia da Silva tem conhecimento do facto. A 3 de Outubro de 1934, emite votos perpétuos.

Regressa a Portugal, em 1936, ficando no Colégio do Sardão em Vila Nova de Gaia, onde, nesse ano, por ordem de D. José Alves Correia da Silva faz um relato da vida de Jacinta e de Francisco. Volvidos dois anos, redobra os seus esforços para obter a consagração da Rússia. Pio XII está ao corrente de tudo.

1942 é um ano em que o nome de Lúcia surge nos jornais de todo o mundo. É o momento em que são tornadas públicas as duas primeiras partes do «Segredo»: visão

do Inferno, previsão da 2.ª guerra mundial, promessa condicional da conversão da Rússia e protecção especial para Portugal. Uma onda enorme de curiosidade e de interesse faz com que as mais diferentes pessoas, dos mais diferentes países, procurem avistar-se com Lúcia. A vidente é abalada na tranquilidade da sua vida interior.

Durante dois dias, a 20 e 21 de Maio de 1946, após 25 anos de ausência de Fátima, Lúcia vai à Cova da Iria dar esclarecimentos sobre as Aparições. Até então não havia voltado à terra da sua infância...

A congregação das Doroteias não possibilita a Lúcia a paz de que tanto precisa. Continuamente lhe aparecem pessoas a querer saber coisas, ora relacionadas com Fátima, ora relacionadas com o Mundo, ou ainda, relacionadas com a vida privada de cada qual... Só uma ordem de clausura poderia sustentar a onda de curiosidade doentia que rodeava Lúcia.

A vidente manifesta o seu desejo ao Papa Pio XII e, a 24 de Março de 1948, entra no Convento de Coimbra. Por que motivo teria ido para Coimbra, havendo casas daquela comunidade em vários outros pontos do País, inclusive na Cova da Iria?

Esta ordem, desde 1928, em Viana do Castelo, já tinha sido restaurada para as religiosas em Portugal. Havia, com efeito, em 1948, conventos em Coimbra, em Fátima, no Monte Estoril e no Porto.

Todavia, quando da reforma do Carmelo, Santa Teresa de Ávila estipulou que deveriam

existir, em cada mosteiro, somente, treze monjas. Até ali, aquele número era ilimitado. Depois, houve autorização para residirem, nas comunidades, vinte irmãs, podendo, em casos canonicamente autorizados, haver, ainda, mais uma.

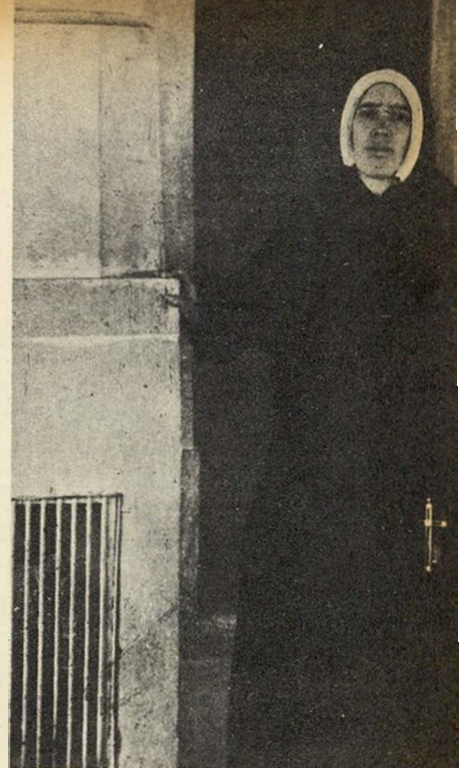
As religiosas do Carmelo estabeleceram-se em Coimbra em 1933. Mas o actual Convento de Santa Teresa, onde se encontram as carmelitas — que desde 1910 fora ocupado por uma Companhia Militar de Saúde, dependente do Ministério do Exército — só foi posto à disposição da comunidade por despacho do Gabinete da Presidência do Conselho, de Março de 1946. Realizaram-se, logo, as obras de readaptação do edificio à vida claustral que foi iniciada em Janeiro de 1947, com um acto solene a que presidiu o prelado diocesano D. António Antunes e a que assistiu o então Ministro da Guerra, hoje general Santos Costa.

Em 1948, ao ingressar Lúcia no Carmelo, o Convento de Coimbra deveria ser, entre os vários outros do País, o que tinha, possivelmente, lugar disponível para aquela religiosa.

#### CLAUSURA PAPAL NO CARMELO DE COIMBRA: CONTEMPLAÇÃO E ASCESE

Se as Doroteias impunham uma vida rigorosa, o Carmelo é bastante mais rigoroso. A clausura papal, aliada às maiores renúncias e sacrifícios constitui o elemento indispensável para a contemplação e acese.

Lúcia, a 31 de Maio de 1948, toma o hábito



Lúcia, na capela das Aparições, junto do pilar que indica o ponto onde a Senhora apareceu

Lúcia antes da partida para o Convento de Vilar, no Porto



e, um ano depois, professa com o nome de Maria Lúcia do Coração Imaculado.

Ali está em regime de abstinência perpétua: Os jejuns começam no Convento a 14 de Setembro e duram até à Páscoa. Durante esse tempo, o jantar é às onze horas e a consoada às seis. Esta deve compor-se de sopa ou legumes cozidos, de fruta e de pão. Podem, contudo, nesse período utilizar-se todos os alimentos magros: peixe, ovos e lacticínios.

Ao chegar a Quaresma, os ovos e os lacticínios não são servidos à mesa comum, excepto aos domingos. As postulantes, qualquer que seja a sua idade, não estão sujeitas aos jejuns da Ordem, que uma judiciosa prudência suaviza, mesmo às noviças, a fim de as habituar, gradualmente, ao regime. O sono não é interrompido, pois as Matinas e Laudes rezam-se às nove horas da noite.

Cerca das vinte e três horas as irmãs vão dormir até às cinco e meia da manhã. As vigílias não são da regra. Podem ser permitidas, como obra supererrogatória, e fazem-se em circunstâncias excepcionais, entre outras, na noite de quinta para sexta-feira Santa.

As Constituições de Santa Teresa permitem duas horas de recreio por dia, depois das duas refeições: ao meio dia e à noite. O respeito e o afecto que, durante ele, as irmãs testemunham umas às outras, tornam estas horas de folga úteis, e agradáveis.

A alegria exterior que mostram é pura e verdadeira, porque é a exteriorização espontânea da paz e do contentamento do coração. Durante esta hora de recreio, excepto aos domingos e dias de festa, ocupam-se de trabalhos manuais: serviço de costura e bordados, quer para os officios do mosteiro, quer para satisfazer encomendas, mediante uma retribuição, que deve servir para a manutenção da comunidade.

Eis a vida de Lúcia, actual Madre Maria Lúcia do Coração Imaculado. D. José Alves Correia da Silva, pouco antes de morrer declarou: «Da irmã Lúcia é cedo para falar. A Igreja nem aos Santos canoniza em vida. É uma religiosa enamorada da vida contemplativa e um instrumento nas mãos de Deus.»

# Lúcia: uma vida de contemplação e ascese

## UM SEGREDO EM TRÊS PARTES

«Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo...»

A Aparição, nesse longínquo dia 13 de Julho de 1917, antes de se retirar, pediu a Lúcia para rezar e repetir esta oração, após o terço:

«Ó meu Jesus perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas para o Céu, principalmente as que mais precisarem...»

Um «segredo» ficou na alma de Lúcia e de Francisco. Jacinta morreu sem o saber. Francisco despediu-se do mundo, sem se pronunciar sobre as reveladoras palavras!

Só muitos anos mais tarde, já em Pontevedra, é que a Virgem autorizou Lúcia a dar conhecimento do caso aos directores espirituais: Foi no ano de 1927.

Em 1939, Lúcia adoeceu gravemente. Recendo a morte da vidente, o então bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, pediu-lhe que esboçasse o «Segredo». Lúcia assim fez. Em Abril de 1942, no 25.º aniversário das Aparições na Cova da Iria, durante o Congresso da Juventude Católica Feminina, em Lisboa, aquele prelado anunciou as duas partes do «Segredo» de Fátima, que, pouco antes em Itália, o Cardeal Schuster, arcebispo de Milão, já havia referido sumariamente, no texto de uma expressiva carta pastoral, acerca dos destinos do Mundo.

As duas partes conhecidas do «Segredo» de Fátima são: *castigos de Deus para os nossos pecados e meios para evitar esses castigos.*

A primeira, alude a uma guerra horrível, precedida de uma noite iluminada por uma luz desconhecida — fome, perseguição à Igreja e ao Papa, erros espalhados no mundo pela Rússia, várias nações aniquiladas. Para além da vida, suplicios do Inferno, do qual os pastorinhos tiveram uma pavorosa visão. A outra parte recomenda a devoção ao Coração de Maria, posta em prática por meio da devoção reparadora dos primeiros Sábados e da consagração da Rússia, ao mesmo Coração Imaculado.

O principal castigo da outra vida é o inferno. Para o evitar, a Virgem dá como garantia o seu Imaculado Coração. Ela própria declarou a 13 de Julho de 1917: «Vistes o inferno para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração...»

Os desvarios dos homens clamam a justiça de Deus. A guerra, pior que a de 1914 a 1918, o comunismo ou erros espalhados no

mundo pela Rússia com o seu cortejo de guerras e perseguições à Igreja, o martírio dos cristãos, as amarguras dos últimos Papas, o aniquilamento de várias nações, todos estes flagelos, preditos na terceira aparição, poderiam ter sido evitados.

Quando é que Nossa Senhora veio pedir a consagração da Rússia e a comunhão reparadora dos primeiros Sábados? Em três aparições sucessivas, nos anos de 1925, 1926 e 1927. A consagração da Rússia ao Coração Imaculado solicitou-a em Junho de 1929. Se se tivesse propagado a tempo a devoção dos primeiros Sábados e a Rússia tivesse sido consagrada ao Coração de Maria, a guerra não teria surgido, ameaçadora e voraz...

## A TERCEIRA PARTE DO «SEGREDO» FOI ESCRITA NOS FINS DA GUERRA

Mas regressemos no «Segredo». E a terceira parte? Foi escrita nos fins da guerra e entregue, pelo então bispo da Gurza, actual arcebispo de Cízico, Sr. D. Manuel Maria Ferreira da Silva, ao Sr. D. José Alves Correia da Silva, que, na sua escrivãinha, no Paço de Leiria, o teve guardado muito tempo.

A revista Life publicou em 20 de Dezembro de 1948, uma reportagem, na qual se vê uma fotografia do antístite com uma carta na mão em que se distinguem estas palavras: «Este envelope com o seu conteúdo será entregue a Sua Eminência o Cardeal D. Manuel, Patriarca de Lisboa, depois da minha morte. Leiria 8 de Dezembro de 1940. D. José».

Faleceu D. José Alves Correia da Silva a 4 de Dezembro de 1957. Em 1960, data prevista para a abertura do envelope, o jornalista João Coito, chefe de redacção do «Diário de Notícias», procurou o Cardeal Cerejeira que, numa entrevista publicada naquele jornal, em 25 de Janeiro, declarou: «Não tenho conhecimento do «Segredo» de Fátima. Não foi consultado sobre o assunto e apenas soube que não seria divulgado em 1960, pelas notícias publicadas nas jornais.» O eminente purpurado, noutro passo declarou: «Esse documento deve estar no Vaticano e Sua Santidade deve conhecer o seu conteúdo».

Em Janeiro de 1967, o redactor do Diário de Notícias, António Valdemar, numa entrevista com o actual bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, perguntou ao prelado: «Quando faleceu D. José Alves Correia da Silva, D. João Pereira Venâncio era bispo coadjutor de Leiria há vários anos. Recebeu, naturalmente, instruções do seu antecessor sobre o documento ou documentos que constituem o «Segredo»? Um silêncio ou a recusa a esta pergunta levaram o jornalista a inquirir de novo: «Onde se encontra a terceira parte do «Segredo»? Em Portugal? No estrangeiro? Resposta: Sobre este assunto limito-me a dizer, e a repetir mais uma vez, que esse documento está na posse da autoridade eclesiástica a quem compete tê-lo».

«E já teria sido aberto? insistiu o jornalista. «Não sei», afirmou, lacónicamente, D. João Pereira Venâncio.

Um grande mistério pairava sobre a terceira parte do «Segredo», quando a «Reuters» e a «France Pressen» comunicaram, em Fevereiro último, que o Cardeal Alfredo Ottaviani, pró-perfeito da Sagrada Congregação da Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício) e peregrino de Fátima, em 13 de Maio de 1955, ia fazer um depoimento acerca das revelações feitas por Nossa Senhora, a Lúcia, na Aparição de 13 de Julho e noutros contactos sobrenaturais, com a mesma vidente em Tuy.

François Laffrey, num grande semanário parisiense abordara, anteriormente, a questão. Contudo, duas entrevistas de António Valdemar, com D. Ernesto Sena de Oliveira, arcebispo-bispo de Coimbra sobre Lúcia, e, outra, com D. João Pereira Venâncio, a propósito da terceira parte do «Segredo», agitam de tal modo a opinião pública do País e do Estrangeiro, pelos documentos inéditos que continham e pela premência com que foram ladeados certos aspectos do problema, obrigando, deste modo, a Igreja a tomar uma atitude e a romper o silêncio, o profundo silêncio que envolvia tão delicado assunto.

A 11 de Fevereiro, de facto, na aula magna do Instituto Maria Assunta, de Roma, após uma conferência de D. Manuel Gonçalves Cerejeira e de breve alocação do Padre Carlos Balia, presidente da Academia Mariana Internacional, o pro-perfeito da Sagrada Congregação da Doutrina da Fé, prestou os esclarecimentos que julgou oportunos.

O eminente purpurado acentuou a certa altura: «O segredo de Fátima só pode ser conhecido actualmente pelo Santo Padre Páulo VI. O texto do segredo contido na carta lacrada foi confiado, pelo Bispo de Leiria, ao Papa João XXIII, que guardou o mistério contido na carta até ao túmulo, havendo julgado oportuno conservá-la fechada».

Continuando o cardeal Alfredo Ottaviani sublinhou, ainda, que a parte da mensagem que não permanece secreta («já contém tudo o que pode interessar ao Mundo», visto que Nossa Senhora pediu «orações e penitência», dando a entender que estas eram os dois meios de evitar «teríveis sanções». E, acrescentou: «O Mundo só se tem dedicado às indagações do «Segredo», mas não meditou, nem também pensou, devidamente, no que fora dito por Nossa Senhora, em linguagem aberta e clara».

Tão expressivas declarações dispensam qualquer comentário.

A poesia, a grande e verdadeira poesia, está quase sempre ausente das palavras. É um movimento interior que nasce nas almas e se destina, apenas, às próprias almas.

Muitos poetas, contudo, afirmaram-se em obras do mais expressivo recorte literário, perante a realidade que Fátima significa, evocando a figura dos Pastorinhos, o sortilégio das Aparições, as ondas sempre crescentes de peregrinos, enfim, a renovação que Fátima operou nos destinos espirituais de Portugal.

Transformaram, em suma, em palavras, os anseios e as preces à Virgem — protectora de uma Pátria e peregrina do mundo.

São poetas de todos os países, de todas as escolas e tendências estéticas, e, ainda, das mais variadas diretrizes ideológicas. Uns são de formação católica, como Mons. Moreira das Neves, o celebrado autor do «Mendigo de Deus» e de «A Tarde e o Céu», que exclamou:

«Voz da Cova da Iria nas alturas,  
Voz das Alturas místicas e sóas,  
Feita de brandas melodias puras,  
Como nunca vibraram noutra voz;

Voz dos pastores de olhos de ouro e amora,  
Voz dos astros a arder em lamaréu:  
— Num milagre de luz, Nossa Senhora  
A fez p'ra todo o sempre voz do Céu.

E nunca mais na terra dolorida,  
Deixou a voz de Fátima de andar,  
Tanto mais escutada e repetida,  
Quando o mundo precisa de rezar.

Além de Mons. Moreira das Neves, outros poetas que são, também, homens da Igreja, sentiram a fascinação do mesmo apêlo. E o caso do cônego Dr. Manuel Nunes Formigão (Visconde do Montelo), o primeiro historiador da Cova da Iria; do Padre Diniz da Luz do Rev.º Sr. Agostinho Veloso S. J. no seu livro «Parábolas de Sempre»; do Padre Augusto Nunes Pereira, do Padre Manuel de Albuquerque, do Padre José Balsa, do Padre António de Magalhães S. J., discípulo de Leonardo Coimbra e continuador do «Criacionismo», e de tantos e tantos mais, alguns figuras predominantes da hierarquia eclesiástica, como o Cardeal Spellman que rezou, em 1950, na Cova da Iria, juntamente com peregrinos americanos, um poema, que escrevera de propósito:

*Senhora de Fátima,  
Virgem Poderosíssima,  
Virgem de renome Universal!  
Vós gloriái-vos na piedade  
E conquistais pela Oração.*



*Rezai, por este mundo que perece  
Morrendo pelos ódios;  
E de frustradas ansias  
Se deixa morrer.*

*Salvai o Mundo pelo que podeis  
Salvai-nos pecadores  
Pela Vossa misericórdia...*

Grandes poetas portugueses que já têm o nome assinalado na História da Literatura são, por outro lado, autores de inúmeros versos que foram integrados, e muito justamente, no florilégio de Fátima. Pode dizer-se — sem o perigo de errar — que os principais poetas do século XX e, sobretudo laicos, se inspiraram na mensagem dimanada da Cova da Iria.

Da geração que reage contra o simbolismo afrancesado de Eugénio de Castro, a fim de estabelecer o nacionalismo literário de génese garreteana, temos Afonso Lopes Vieira que, na linha de «O Pão e as Rosas» fez as poesias que o maestro Ruy Coelho incluiu nessa admirável «Oratória de Fátima», conhecida em todo o mundo.

Cantou o poeta:

*Digam ao povo, por ai,  
que eu vim livrá-lo do mal:  
que seja bom e que reze  
p'la terra de Portugal.*

*Nos cinco meses chegados,  
a treze de cada mês,  
Voltem, aqui, pastorinhos,  
p'ra eu falar com vocês.*

E, ainda:

*Fátima, nome bendito,  
já saiu de Portugal:  
já se estendeu pelo mundo  
e atravessou todo o mar.*

*E esta serra portuguesa  
é, neste mundo a penar,  
uma vela, vela acesa,  
ante a Senhora no altar.*

Também da mesma geração, António Correia de Oliveira, além do seu livro «Azinhreira em flor», compôs este soneto digno de figurar em qualquer antologia:

*«Orai! Rezai comigo, de mansinho:  
— Avé, Maria! Lâmpada da Altura!  
Ó Torre de Marfim! ó criatura  
Que a Deus criaste: e não sofreu sózinha...»*

*Palavras de oiro, e empúrpuras de linho,  
Orai à Mãe de Deus que nos procura,  
A encher de estrelas nossa noite escura,  
A encher de pontes o abismal caminho:*

*Rezai: — Ó Virgem Santa que veste  
De além do Sol, da Fátima celeste,  
A nossa agrura, que, outra vez, floria!*

*Em lírios sejas, ó Mãe!; o chão de abrolhos,  
Em hinos seja; e nunca mais Teus olhos  
Se entristeçam por nós ... Avé Maria!*

Qua quer destes poetas escreveu com o coração. Qualquer destes poetas não acreditou, somente, na realidade que Fátima significa. Todos os anos, nos dias grandes das grandes peregrinações, Afonso Lopes Vieira e António Correia de Oliveira, enquanto vida e forças tiveram, manifestaram a sua fé como Srevitas. Os seus versos têm, portanto, o calor de quem viveu, sentiu e amou Fátima, profundamente.

Avelino de Almeida um dos maiores jornalistas portugueses que para as colunas do «Século» foi incumbido das duas primeiras reportagens sobre Fátima, em Outubro de 1917, Avelino de Almeida que, nessa altura, interrogou os pastorinhos e muitas pessoas da multidão, se afluíu à Cova da Iria era, também, um poeta de sensibilidade delicada como se poderá ver nas suas «Loas a Nossa Senhora do Cabo do Círio de Sintra». A descrição dos acontecimentos nessa longínqua manhã que foi um clarão para todo o mundo, a descrição que faz do Milagre do Sol é indiscutível obra de poeta ...

Depois de Afonso Lopes Vieira e de António Correia de Oliveira outros poetas, de outras escolas, se debruçaram perante a revelação suprema de Fátima.

*Dá-me essa luz que em febre e desalinho  
Eu entrevi, um dia, certa vez  
Em teu olhar ... aponta-me o caminho.*

*Vem remir-me, salvar-me, por quem és  
Oh toda rescedente a rosmarinho  
Com cinco pombas místicas aos pés.*

Assim se manifestou Mário Beirão, grande poeta da «Águia», companheiro de Teixeira de Pascoais, de Jaime Cortesão, de Augusto Casimiro e de Vila Moura. E Alberto de Monsaraz, poeta dos momentos altos da Pátria, não ergueu igualmente versos lindos como estes?

*Que os portugueses sofram, pouco importa;  
Mas Portugal. — Senhora — a glória morta,  
Dai-lha, outra vez, no sol que a aurora traz.*

*E enquanto a Europa louca se esfacela,  
Fremente de ódio, ao menos possa ela,  
A Pátria, nossa mãe, florir em paz.*

Luis de Almeida Braga, um dos doutrinadores do «Integralismo Lusitano», da pleiade de António Sardinha, Alberto Monsaraz, Hipólito Raposo e José Pequito Rebelo, e de quem se conhecem raríssimas poesias e estas só a propósito de Coimbra, não hesitou, no alvorecer da manhã de 13 de Maio de 1946 em fazer tão belas redondilhas:

*Ó Senhora Aparecida  
Entre os ramos da azinhreira,  
Como luz do Céu descida  
Ou rosa duma roseira.*

*Ó Senhora Aparecida  
Em ermo triste, a pastores,  
Toda de branco vestida  
No arco das sete cores.*

*Ó Senhora Aparecida  
Para dar a Paz ao Mundo,  
Unir esta à outra vida  
Em seu sentido profundo.*

*Ó Senhora Aparecida  
Na noite da perdição  
Nesta hora amanhecida  
Ficai-Vos Aparição!*

Dir-se-ia que para poetas como Mário Beirão, Alberto de Monsaraz e Luis de Almeida Braga — um prosador e um filósofo que Fátima transformou em poeta — a Cova da Iria é o símbolo da esperança que se renova e se perpetua.

Poetas da geração do «Orpheu», que a partir de 1915 abriram novos rumos à sensibilidade portuguesa, não ficaram indiferentes a Fátima como, por exemplo, Armando Cortês Rodrigues que depois dos poemas e sonetos profanos que publicou naquela re

vista sob o heterônimo de Violante de (Isneiros, se converteu num poeta dos caminhos de Deus e da exaltação das coisas simples. Um poeta irmão de António Correia de Oliveira, de António Sardinha, de Lopes Vieira e de Mário Beirão. Escreveu, vai para vinte anos, num jornal dos Açores, sua terra natal, quando da visita da Virgem peregrina às Ilhas:

«O Sol doirou os teus cabelos  
E os teus cabelos caíram-te ao longo do corpo  
Numa carícia branda.

O luar ungiu as tuas mãos  
E as tuas mãos adorneceram-te no regaço

O mar encheu os teus olhos  
E os teus olhos ganharam o segredo das  
[águas inquietas  
E foi neles que eu senti mais fundo  
O mistério do longe e da minha solidão.

Autênticos poemas são, igualmente, os vitrais que José Almada Negreiros, outropoeta de «Orpheu», realizou para a Igreja de Fátima em Lisboa, primeiro templo de arquitectura moderna construído em Portugal!

Acerca dos poetas do «Orpheu» é justo apontar, ainda, neste grupo, Augusto Santa Ritta, camarada de Fernando Pessoa, de Mário de Sá Carneiro, Alfredo Guisado e Luís de Montalvor e irmão de Guilherme Santa Ritta — o Santa Ritta Pintor. Embora não tenha colaboração nos dois números da tão falada revista, Augusto Santa Ritta, pertence a grupo e a maior parte da sua actividade criadora foi conhecida consoante a orientação preconizada por aqueles renovadores.

preconizada por aqueles renovadores. Augusto de Santa Ritta, no seu «Poema de Fátima», descreveu melhor que ninguém os

«Três pastorinhos, os formosos lírios,  
Estes lírios puros de infinita graça,  
Três almas eleitas, três acesos lírios  
Três velas a arderem no altar onor da graça;  
Essência evolado, flor dos mártírios,  
Bálsamo divino de toda a desgraça...»

E quantos, quantos e quantos mais até a geração da «Presença». Américo Cortez Pinto, nesse expressivo «Romance de Santa Iria e dos Três Pastorinhos»; Ramiro Guedes de Campos no soneto «A Procissão das Velas» — «Correm rios de sangue em todo o mundo

## Fátima 50 anos depois: mensagem que permanece

Nascem rios de luz em Portugal.»;

Olegário Mariano, embaixador do mais puro e enternecido lirismo luso-brasileiro; Oliveira San-Bento, Pedro Homem de Melo — «As mãos com que nos guias são estradas /Que levam Portugal a todo o mundo»; e Vitorino Nemésio, que recordou sentimentamente o «Anjo da Loca» e a «Virgem da Covã» proclamando:

«Intacta volve com sinais de lume  
A uma covã de setos e azinheiras.  
E sem mais nada simplesmente assume  
O Céu. Defronta os véus das derradeiras  
Estrelas; deixa um rasto no vale dorido  
E descansa no Filho condóido.»

Por ocasião do 36.º Congresso Eucarístico, levado a efeito no Rio de Janeiro, António Botto, poeta do vício, da boémia proibida, teve um momento de reflexão e implorando a protecção da Virgem, na evocação da sua Pátria distante, querendo afastar-se dos abismos da tristeza e da tragédia que cobriam de sombras a sua vida, realizou — num gesto, talvez de remissão da sua culpa —

«Fátima, poema do Mundo», obra muito pouco vulgarizada em Portugal, mas que teve grande audiência no Brasil, onde morreu António Botto, na maior das desgraças.

Esse poema que mereceu o «imprimatur» do cardeal Sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, a 27 de Junho de 1946, é todo ele um cântico vibrante, comovido, a Fátima e sua mensagem. Começa, ali, o poeta por nos dizer quase que numa confidência:

«Eram apenas três crianças  
Risonhas, a colherem no campo  
Os malmequeres que nascem  
Pela mão da Providência,  
E vão enfeitar altares  
De capelinhas perdidas  
Ao mesmo tempo que os ninhos  
Espalhados por beirais  
Pelas árvores frondosas  
E à sombra dos laranjais  
Entornavam melodias  
Castas e puras harmonias ...»

Por último, com a mesma emoção, com os olhos turvos de lágrimas, grita:

Pelo campo enfeitado ficou a brilhar o verbo  
Na criação da ideia,  
Que a brilhar se confundia com tanta flor que  
[nascia

Porque tudo se apagara  
E tudo em névoas se escondia,  
Para viverem sem se verem  
Aquela figura excelsa  
Que a pouco e pouco desaparecia.»

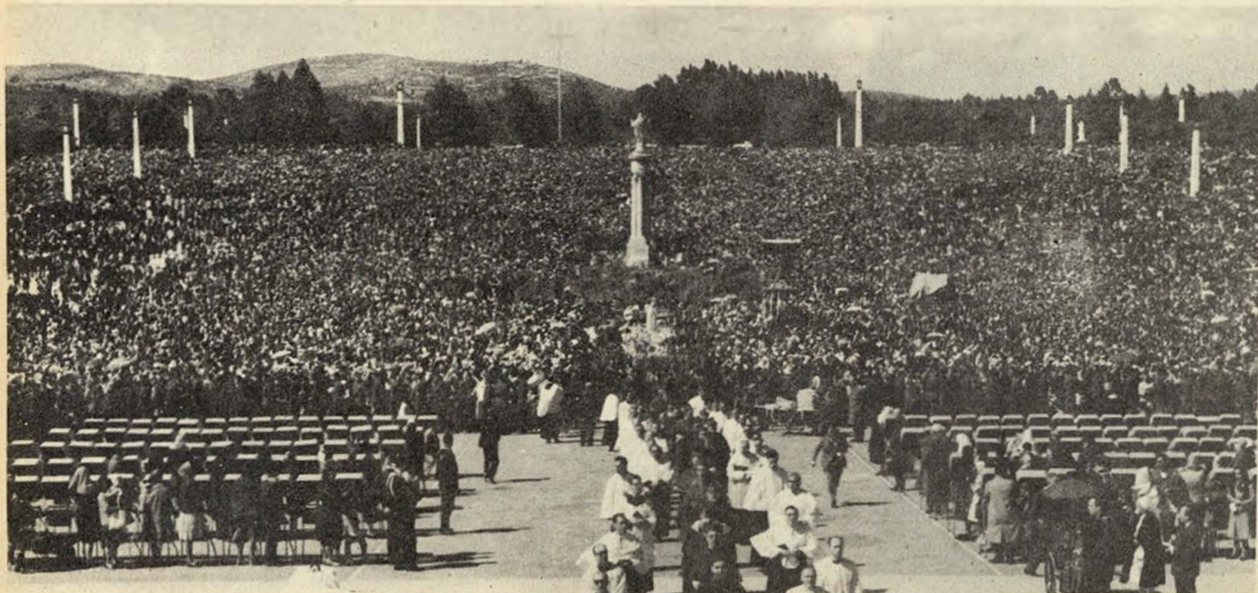
E, num derradeiro apelo:

«Depois veio a respiração  
Do contentamento pronunciado  
Pela correria da multidão  
De povos de todos os cantos  
Em frequente peregrinação  
A Cova sagrada da Iria.»

O terço, as velas, a oração  
Agradeciam milagres na profunda gratidão.»

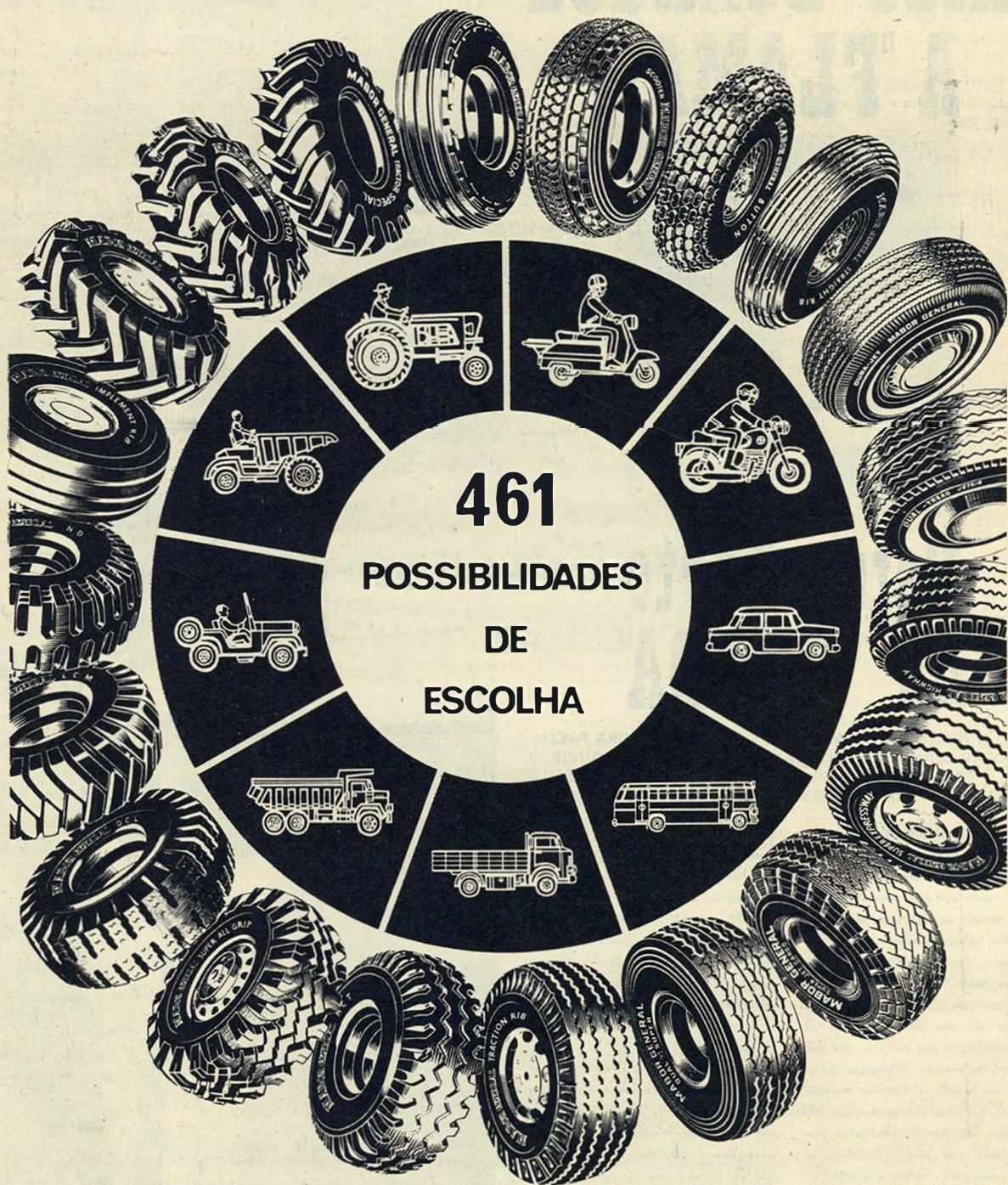
Portugal para Camões num verso dos «Luíadas» ficou a ser «onde a terra se acaba e o mar começa...»

Se Fátima já existisse, como ficou a existir depois de 1917, o poeta ao evocar os campos vizinhos de Aljubarrota e a floresta rendilhada de mármore da Batalha não deixaria, também, de cantar na Serra de Aire «onde a terra acaba e o Céu começa ...»



Vai repetir-se o espectáculo de Fé no Altar do mundo

# O SOL NASCE PARA TODOS



Os **3** exclusivos **MABOR** : *DURAGEN* • *GEN-TAC* • *NYGEN*  
GARANTEM maior duração • maior segurança • maior flexibilidade  
maior quilometragem original • maior número de recauchutagens



**O PNEU PORTUGUÊS COM MAIS ANOS DE EXPERIÊNCIA**

# CHICO BUARQUE "A FLAMA":



## Estou farto da "BANDA"

CHEGO A PORTUGAL AO MEIO-DIA E DAÍ A UMA HORA FAZEM-ME POSAR DIANTE DE UMA BANDA. À NOITE VOU OUVIR O FADO E OS PRÓPRIOS GUITARRISTAS QUEREM TOCAR A «BANDA». TENHO DE CONFESSAR: ESTOU FARTO DA «BANDA».

**C**HICO BUARQUE DE HOLLANDA não virou «ídolo». Apesar do êxito, o autor da «Banda» quer ser uma pessoa como as outras. Atende os repórteres sem o orgulho das grandes vedetas. Aos vinte e dois anos, tem um rosto quase infantil, onde brilha um meio-sorriso confiante. Com toda a franqueza, conta que conseguiu ser um aluno brilhante na escola primária e que foi piorando gradualmente no Ginásio (é como se chama o liceu no Brasil), e também na Universidade, no curso de arquitectura, que frequentou até ao 3.º ano. «Fui piorando tanto que parei!...». Hoje, já célebre, não pensa voltar a estudar arquitectura. As plantas foram definitivamente substituídas pela música.

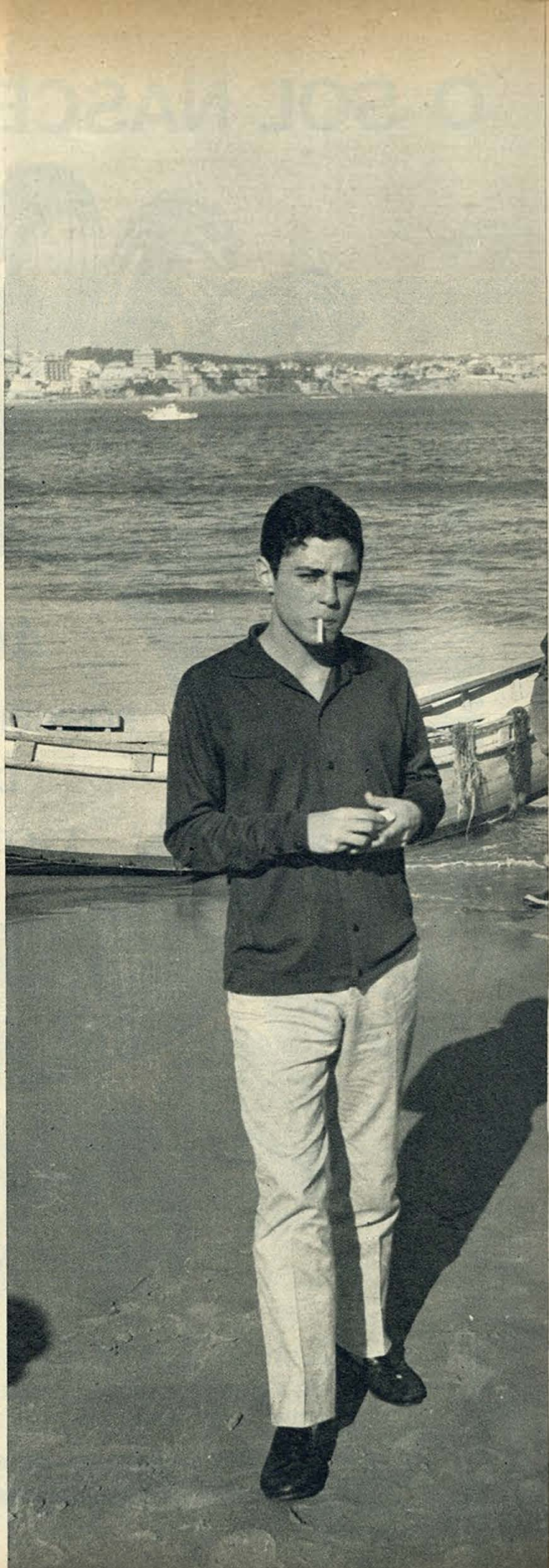
Ainda «guri», gostava de andar pelas ruas de S. Paulo jogando a bola com os outros rapazes. A música acontecia quando calhava. Aos oito anos cantava os êxitos da época e já compunha versos. Fazer versos é ser poeta? Chico acha que não. Ser poeta é algo mais, algo que não sabe definir, mas a que

atribui um sentido profundo. A música é outra coisa, capaz de surgir à flor da pele, entre uma cantiga, uma lágrima e um sorriso. Diz-nos:

— O povo brasileiro é muito musical e eu depressa aprendi os ritmos e me meti neles... Nós, no Brasil, fazemos música durante todo o ano: no S. João, no Natal, no Ano Novo, na Páscoa, em todas as festas... Na escola, na fábrica ou no escritório.

Assim, de improviso, nasceram dezenas e dezenas de canções de Chico Buarque. Começou com uma «bossa» que não lhe deixou recordação. Passou ao «sambão». Entretanto, integrado no Teatro da Universidade Católica (TUCA), esteve em Portugal, há quase um ano. Ninguém deu por ele. Era uma figura igual a tantas outras do grupo. Os fotógrafos pouco ou nada se importaram com a sua figura de adolescente. Era apenas o autor da música da peça «Vida e Morte, Severina». Não era notícia.

É estranho: os brasileiros são normalmente faladores. E Chico Buarque fala pouco. Confia-nos:





Chico Buarque tentou falar com os pescadores de Cascais, mas não foi capaz de entender uma palavra... No entanto, «a sua sacem é uma maravilha!» (em cima). O autor da «Banda» passou em Cascais numa «charrette». E gostou (em baixo)



— Dantes, também eu era muito falador. Depois, pouco a pouco, fui murchando. E, agora, gosto bastante mais de escutar ou de cantar... Às vezes, preciso de estar sôzinho, pensando simplesmente. Outras vezes preciso de sair, de deambular pelas ruas, de contactar com gente, de conversar...

Da outra vez que esteve, entre nós, Chico Buarque não era notícia. Agora, trazia consigo uma auréola de fama. Era como se ele próprio trouxesse o Brasil para nos mostrar, entre as notas arrancadas ao violão, no seu olhar límpido de menino, na sua voz algo velada.

Toda a gente conhece «A Banda». Mas agora Chico trouxe também uma novidade: o «Mug», um boneco que lhe «dá» sorte. «Acredito que me dá sorte, mas não sei porquê», afirma convencido. «O «Mug» é o seu amigo mais sincero e fiel. Sendo um boneco sem alma, é capaz de escutar todas as confidências e é incapaz de uma traição. Confirma:

— É para mim um amigo verdadeiro, e acredito que me dá sorte. Se o perdesse seria um desgosto grande.

Chico Buarque de Hollanda faz parte de um movimento que procura renovar a música popular brasileira, pretendendo «uma maior abertura com o povo, mergulhando o povo nas nossas raízes». É o M. M. P. B. (Moderna Música Popular Brasileira). A música de Chico Buarque representa um retorno ao samba, à música que nasce no coração de cada brasileiro, nas favelas e nos arranha-céus — em toda a parte onde existe um brasileiro. «A Banda» surgiu de súbito. Agradou: bateu recordes, vendendo mais de cem mil discos, e ultrapassou as fronteiras, agradando também em Espanha, na Itália, em França, em toda a América do Sul. E em Portugal, claro.

— Antes de mais, sou um autor. Não penso no êxito. Quando faço música, quando escrevo uma nova canção, ou quando a canto, não estou pensando no êxito, diz.

De todas as suas canções a que até hoje mais êxito alcançou foi, sem dúvida, a «Banda». Quase toda a gente sabe entoar: «Estava à toa na vida / o meu amor me chamou / p'ra ver a banda passar / cantando coisas de amor... O ritmo ficou. E a banda não passou.

Talvez por isso, Chico já não pode com a «banda». Banda para aqui, banda para acolá! O êxito veio com a «Banda», é certo, mas o seu autor sente que a hora da banda passou. Chico Buarque já não anda à toa na vida.



# MODA

## ELA E ELE NO "BOWLING"



**ELA** tem uma saia de linho cor de areia com cintura descida e cinto com fita dourada. Camisola de algodão verde com riscas no tom da saia.

**ELE** usa um blusão cor de pelo de rato com camisolão de algodão às riscas, cinzentas e amarelo mostarda. Cinto largo num dos tons das riscas. Calças de veludo.

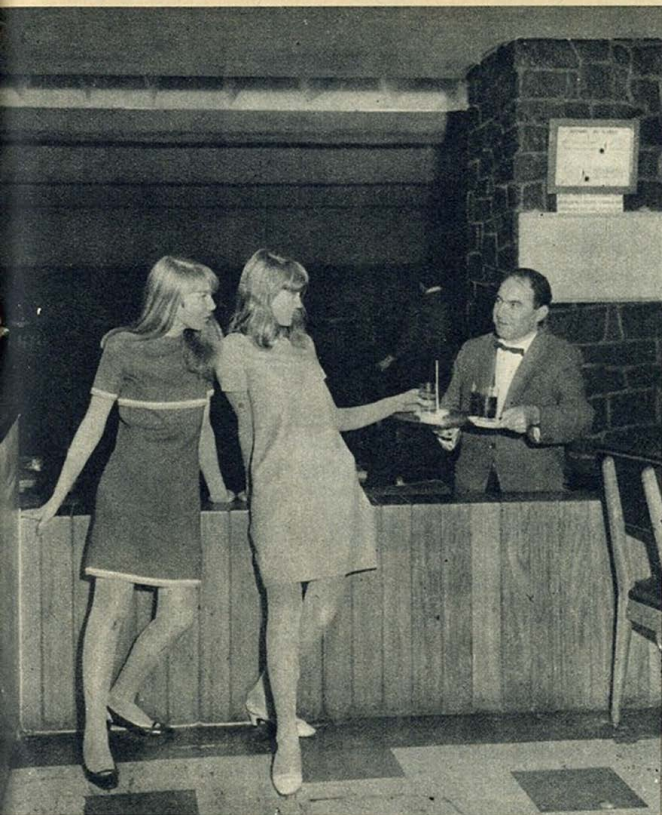
Modelo «sing-sing», para **ELE** que se compõe de camisola de algodão com riscas encarnadas e azuis. Calças em fibra grená. Cinto largo, fazendo contraste. Modelo prático, de estilo camiseiro para

**ELA** que segura a bola. A outra veste uma saia de linho cor-de-rosa, «evasée», pespontada, com quatro rachas e duas galas nas costuras dos lados. A camisola é azul forte e rosa no tom da saia. Adorno lançou as sus canções e agora, também, os seus modelos como o que vemos à direita: blusão castanho de veludo «cotelé» com botões dourados e gola tipo colarinho de camisa. Calças azeitadas de riscas cinzentas e no tom do blusão. ▼

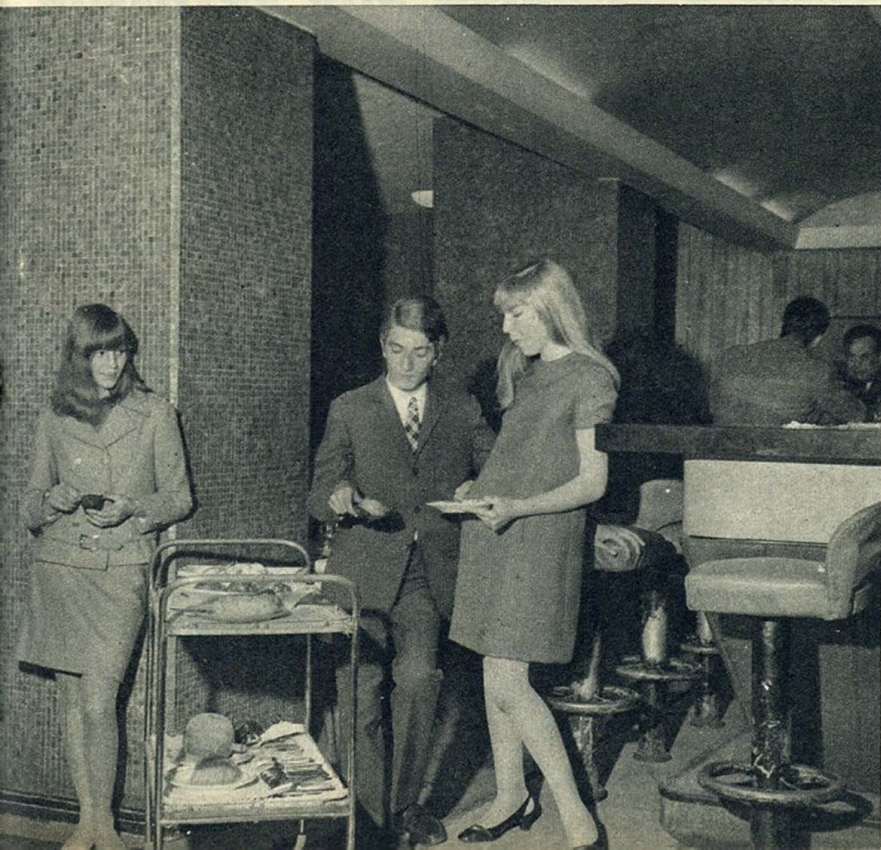


**ELE** (Luis Filipe) veste um casaco de veludo preto, tipo inglês, cintado, com duas rachas e botões de «ncora.

**ELA** (Fátima) mostra-nos um vestido em «crepon», «ceise». de linho «evasée», tendo na orla folhos franzidos sobrepostos. No decote uma tira em viés. Piedade, de costas, veste um modelo de cores vivas em «chiffon» de estilo império. A saia é plissada, e dupla. No decote um viés subido e debaixo das cavas um outro que remata com um laço nas costas.



**ELA** com um modelo amarelo em crepe de algodão, de linha direita, tendo à frente um pom-pom executado com cordões formando triângulos. Na saia, o mesmo motivo. À direita, um vestido cor de mel, em crepe de algodão de estilo império, com vivos (no corpo e na saia) amarelos e brancos.



**ELA** (Piedade) vestia um modelo em «crepon» de algodão com riscas multicolores de estilo «redingote» camiseiro com botões dourados. Na orla tem uma tira em viés. Elvis Presley é o nome deste conjunto americano, apresentado por (Luis). E em popelina de duas faces, sendo a exterior «beige» claro e a outra de escocês. Camisa em popelina de riscas.

**ELA** veste um saia-e-casaco desportivo, de estilo militar, pespontado, com botões dourados, em linho cor de areia.

**ELE** apresentou um fato tipo inglês em «ped-de-pouca» castanho, casaco levemente cintado e calças pata de elefante.

**ELA** um vestido em «piquet» de lã vermelho vivo, de linha «redingotes», com pespontos formando algibeiras.

A meda para os mais jovens marcou encontro com os nossos leitores num ambiente original — as pistas de «Bowling» do restaurante «Bólide», onde a nossa reportagem foi surpreender as imagens que publicamos.

ELAS — MODELOS CARÓCHINHA  
ELES — MODELOS ROSICLER

FOTOS RAUL NASCIMENTO  
REPORTAGEM MARIA JOANA



«A EQUIPA DA VITÓRIA»: Joaquim Giesteira, Guarda-redes. 28 anos. Natural de Matosinhos. Altura: 1,78. Peso: 70 kgs. Representou o Varzim e o Trofense. José Lapa Pinto Moreira. Defesa. 21 anos. Natural de Vila Nova de Gaia. Altura: 1,82. Peso: 76 kgs. Jogou no Candal. F. C. Porto, e no Benfica. Mário Cristóvão dos Santos Augusto. Defesa. 28 anos. Natural do Porto. Altura: 1,71. Peso: 73 kgs. Actuou no Penafiel e no F. C. Porto. Virgílio de Assunção Gomes. Médio-defesa. 37 anos. Natural de Santo Tirso. Jogou no Guimarães. Jaime de Oliveira Fernandes Viana. «Armador». Natural de Lisboa. Altura: 1,69. Peso: 66 kgs. Representou o Belenenses, Braga, Setúbal, Marinhense e Salgueiros. (Casado). Fernando Ferreira (Ferreirinha). «Armador». 31 anos. Natural de Santo Tirso. Altura: 1,61. Peso: 68 kgs. Jogou no F. C. Porto, Braga, Guimarães e Leixões. (Casado e «capitão» da equipa). Sebastião Lopes de Oliveira. Defesa, 26 anos. Natural do Porto. Jogou no F. C. Porto. Noé Pinheiro de Castro. Avançado-centro. 32 anos. Natural da Póvoa do Varzim. Altura: 1,75. Peso 79 kgs. Jogou no F. C. Porto e no Varzim. José Ferreira Raimundo. Extremo-direito. 32 anos. Natural de Lisboa. Altura: 1,75. Peso: 74 kgs. Representou o Casa Pia, Sporting, Beira-Mar, Corunha, Salgueiros, Feirense, Setúbal, Português de Cavacas, Desportivo da Gáliza e Boavista. Amândio Costa Gonçalves. Extremo-esquerdo. 24 anos. Natural de Arganil. Jogou no Benfica e Navág. António da Rocha Moraes. Avançado. 32 anos. Natural de Vila Nova de Gaia. Peso: 63 kgs. Altura: 1,67. Jogou no F. C. Porto e Braga. Francisco Vieira Dionísio. Guarda-redes. 29 anos. Natural do Cartaxo. Jogou no Desportivo de Azambuja, Águias Vilafranquense, Desportiva Vilafranquense e Guimarães. Eduardo António Moreira das Neves (IRIA). Médio. 23 anos. Natural de Ermesinde. Jogou na Maia, Académico António Duarte Carneiro. Avançado. 22 anos. Natural do Porto. Altura: 1,75. Peso: 73 kgs. Jogou no F. C. Porto e no Feirense. Sidónio Sousa Oliveira. Defesa, 27 anos. Natural de Crestuma (Gaia). Altura: 1,67. Peso: 77 kgs. Jogou no Salgueiros.

## TIRSENSE: SALTO PARA O "TERRAÇO DAS ESTRELAS"

O Tirsense acaba de assegurar o seu ingresso na próxima Nacional da I Divisão. Pela primeira vez na história da prova, vão ver-se as camisolas negras do Clube de Santo Tirso. Por isso mesmo, a bela vila minhota, agora, rezeja de contentamento. Uma carreira brilhante que remata com o ingresso no escalão maior

REPORTAGEM ANÍBAL JORGE MENDONÇA  
FOTOS JOSÉ RUIZ

do futebol nacional. Justificadamente. A posição do clube começou a destacar-se há precisamente dois anos. Da primeira Divisão Distrital, o Tirsense lançou-se numa «cavalgada» que

visava o Nacional da I Divisão. Com o esforço de todos — atletas, treinador, dirigentes e massa associativa — logrou-se o que era uma velha aspiração das gentes de Santo Tirso.

— Julgo que mesmo a actual equipa do Tirsense será capaz de aguentar o impacto dos jogos da I Divisão. Isto, porém, não significa que possamos apresentar-nos com o «plantele» actual. Não. Precisamos de mais homens. De mais seis ou sete. De mais alguns que, como estes, sentem como é forçoso entregar-se de coração à luta desportiva,

lógicamente exigida. Estou contente. A população de Santo Tirso também, — disse-nos António Teixeira, o orientador da turma tirsense.

Este técnico conta no seu «palmarés» um facto de assinalado destaque: por todos os clubes por onde passou conseguiu a sua ascensão à categoria superior. É um homem que, devotadamente, sem alardes, se dedica ao trabalho sem se deixar embalar por favores da sorte.

Em Santo Tirso, há alegria. As gentes reconhecem a entrega que, ao longo do Campeonato Nacional da II Divisão, os briosos jogadores tiveram de fazer para conquistarem a posição actual — mas passados estes momentos de contentamento, de festa justificada, é bem preciso que a serenidade tome conta da maioria (e, principalmente, dos dirigentes) para que não se peça o que não era justo solicitar-se nem a turmas traquejadas nas andanças na I Divisão Nacional, onde os métodos e os sistemas são bem diferentes.

O «salto» que a equipa deu granjeou-lhe uma admiração geral, mais ainda, necessariamente, pelo facto quase inédito (igualável só ao do Varzim) de somente em duas épocas ter passado do «regional» ao «Nacional». Este pulo significa esforço, boa vontade e elevado sentido de amor clubista. Aquilo que a vila de Santo Tirso, toda a população adepta, espera que venha a verificar-se no próximo ano, quando a turma defrontar aqueles que estão no sector dos «melhores» do futebol português.

«Os homens da vitória». Todos os jogadores que contribuíram para que o Tirsense pulasse para o chamado «Terraço das Estrelas».



Ferreirinha, Júlio Teixeira, António Teixeira (treinador), Noé e Moraes: quatro atletas e um treinador que conseguiram fazer ascender à categoria superior todos os clubes por onde passaram.



A preparação da equipa representativa de Santo Tirso prossegue hoje com a mesma intensidade e com o mesmo cuidado verificados no início do Nacional da II Divisão. António Teixeira, pacientemente, vem inculcando um sólido espírito de sentido desportivo em todos os atletas que se encontram ao serviço do grupo de Santo Tirso.

Estamparia Fecoli, Lda.

ESTAMPARIA  
ACABAMENTOS



SANTO-TIRSO

## TOTOBOLA

CONCURSO N.º 33  
7 de Maio de 1967

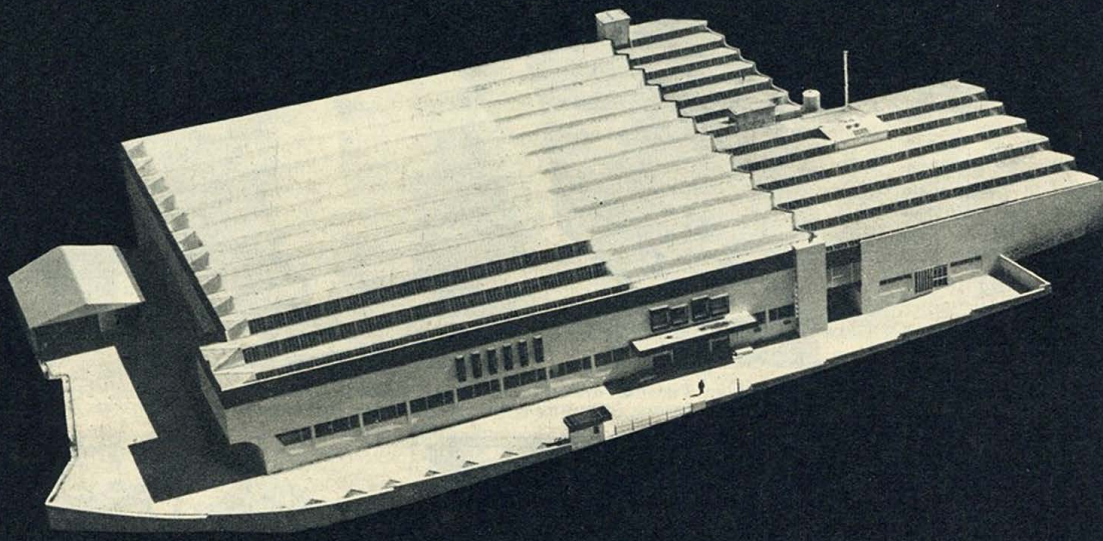
- |                                 |   |
|---------------------------------|---|
| 1. BELENENSES-SETUBAL .....     | 2 |
| 2. BEIRA-MAR-BENFICA .....      | 2 |
| 3. GUIMARAES-SANJOANENSE .....  | 1 |
| 4. LEIXÕES-PORTO .....          | 2 |
| 5. VARZIM-BRAGA .....           | x |
| 6. SPORTING-ACADEMICA .....     | 1 |
| 7. CUF-ATLÉTICO .....           | 1 |
| 8. SALGUEIROS-LEÇA .....        | 1 |
| 9. OLIVEIRENSE-TIRSENSE .....   | 2 |
| 10. OVARENSE-TORRES NOVAS ..... | x |
| 11. TORRIENSE-BARREIRENSE ..... | 1 |
| 12. LEÕES-PORTIMONENSE .....    | x |
| 13. SEIXAL-LUSITANO .....       | 1 |





**supercorte** empresa de confecções, l.<sup>da</sup>

TELEFONE 54252 — S. MARTINHO DO CAMPO — MINHO II — PORTUGAL



Telefone 5 42 52

S. MARTINHO DO CAMPO — MINHO II  
PORTUGAL

## EXPORTADORES DE:

CAMISAS  
SHIRTS  
CHEMISES  
HEMDEN

PIJAMAS  
PYJAMAS  
PIJAMAS  
PYJAMAS

CALÇAS  
TROUSERS  
PANTALONS  
HOSEN

ROBES  
DRESSING GOWNS  
ROBES  
DAMEN BADEMANTEL

ANORAKS  
ANORAKS  
ANORAKS  
ANORAKS

**em foco**  
**com**

**CAMISAS**  
**triple marfel**  
pat. trubenised

popelines TRYPLIN. DOUBLE-FOUR • **TERGAL**®

# TOTOBOLA 13



**ser TOTALISTA  
é concretizar  
sonhos de felicidade**



**PRODUÇÕES**



# LANÇA MOREIRA

APRESENTAM A SUA  
ACTUAL LINHA  
DE PROGRAMAS

**AOE DOMINGOS:**

Em Rádio Clube Português, Lisboa — Às 12.02 — «GOLC1...» (Revista desportiva, com Mário Cília, Horácio Santos, Pereira de Sousa e José Manuel); às 13.30 — «Boa Música e... bom Apetite», com Ana Lúcia e Pereira de Sousa; às 16 — Relato de um jogo de futebol; às 20.15 — «Comentador desportivo», com Vitor Ferreira de Melo.

Em Rádio Clube Português, Porto — Às 15.00 — Relato de um jogo de futebol.

Nos Emissoras Associados de Lisboa (Rádio Voz de Lisboa e Clube Radiofónico de Portugal) — Às 16.00 — Relato de um jogo de futebol.

Nos Emissoras do Norte Reunidos — Às 16.00 — Relato de um jogo de futebol.

No Clube Radiofónico de Portugal — Às 19.00 — «No Ar... bola a rolar» (Síntese da jornada desportiva, entrevistas, comentários, resultados do dia, informações de última hora, com Mário Cília, Fernando Soromenho, Horácio Santos, Pereira de Sousa, Rui Manuel e José Manuel).

**AS 2.ª E 6.ª FEIRAS:**

Em Rádio Voz de Lisboa — Às 24.00 — «Motores em Marcha», com Ana Lúcia e Horácio Santos. Coordenação de Ferreira de Melo.

**PRODUÇÕES LANÇA MOREIRA**

**LISBOA** **PORTO**

**FLAMA**  
ACTUALIDADE  
INTERNACIONAL

Dias depois, o «Daily Mail» desfazia os boatos: tratava-se, apenas, de uma simples amiga de infância, Angela Pan, australiana, que o herdeiro do trono conheceu em casa do tesoureiro do Palácio Real, Ty-

## CHAMA-SE ÂNGELA E TEM 28 ANOS A LOIRA AMIGA DO PRÍNCIPE CARLOS

A peça chamava-se «Os Anjos Caídos» (Noel Coward) e a assistência no «Vaudeville Theatre», de

pon. Aliás, o filho deste, Anthony, também se sentou no teatro, ao lado de Ana.



A SAÍDA DO TEATRO, CARLOS E ÂNGELA — ROMANCE QUE SE DESMENTE

Londres, a mais seleccionada possível; entre outros, a princesa Margarida, irmã da rainha Isabel, seu marido Lord Snowdon, o Príncipe herdeiro, Carlos e sua irmã, Ana.

A saída, os curiosos repararam que o príncipe era acompanhado por uma jovem loira, de fãscante beleza. Imediatamente, os rumores começaram.

ELA TEM 28 ANOS E CHAMA-SE ÂNGELA. SEGUIRAM DO TEATRO PARA CASA DA PRINCESA MARGARIDA



### PÉS doridos calos latejantes



**Acabe com as suas misérias**

Sentirá um alívio imediato mergulhando os seus pés num banho curativo de Saltratos Rodel (sales cientificamente doseados e maravilhosamente eficazes). Esta solução benzefaja faz desaparecer as suas misérias. liberta os seus pés, torna-os frescos e leves. Calos e calosidades são amolecidos e tiram-se com mais facilidade. Esta tarde mesmo, um banho aos seus pés de Saltratos Rodel, Amanhã o andar tornar-se-á um prazer. À venda nas farmácias, drograrias, perfumarias e em todas as boas casas. Preços módicos.

**PORTO**  
**ANDRESEN**

*Mais de um século  
de reputação mundial*



**ANDRESEN**



Ele pensa: "À vontade  
e despreocupado..."  
Ela pensa: "Sempre tão elegante..."  
Ambos sabem:  
"Esta camisa mantém-se impecável  
durante todo o dia!"

# Million Look

## A camisa que tem todos os trunfos

Poderá uma única camisa ter todos os trunfos?

Todas as qualidades do algodão?

Todas as vantagens da moderna fibra Vestan?

Mais: poderá possuir aquela  
elegância natural e sem problemas que

oferece uma sensação de superioridade

a qualquer hora do dia, a qualquer hora da noite?

Use Million Look hoje, amanhã, sempre -

ficará seduzido por esta camisa

(e deslumbrará a mulher a seu lado!)



**LEGLER vestan**<sup>®</sup>

+ 65% ALGODÃO

# FLAMA

ACTUALIDADE NACIONAL

## GUINÉ: ROSTOS DE UMA GUERRA

ESFORÇO DENODADO, HORAS DE INSÔNIA, QUILOMETROS PALMILHADOS — A LUTA NA GUINÉ PROSEGUE SEM QUARTEL. MILITARES DE TODOS OS RAMOS DAS FORÇAS ARMADAS, GENEROSOS NA SUA JUVENTUDE, CUMPREM A SUA COMISSÃO DE SERVIÇO, ROMPENDO CAPIM, SENTINDO O ROSTO CORTAR-SE NAS LIANAS AGUÇADAS DA MATA VIRGEM. ALI, MAIS UMA VEZ, OS REPÓRTERES DE CAMUFLADO DOS SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO (QUE AMÁVELMENTE NOS CEDERAM ESTAS IMAGENS) OS FORAM SURPREENDER. SÃO MOMENTOS DRAMÁTICOS, ARRANCADOS AO QUOTIDIANO DO SOLDADO PORTUGUÊS.



SURPREENDIDO PELO FOGO INIMIGO, O MILITAR VOLTA PARA O PERIGO UMA EXPRESSÃO DE ESPANTO.



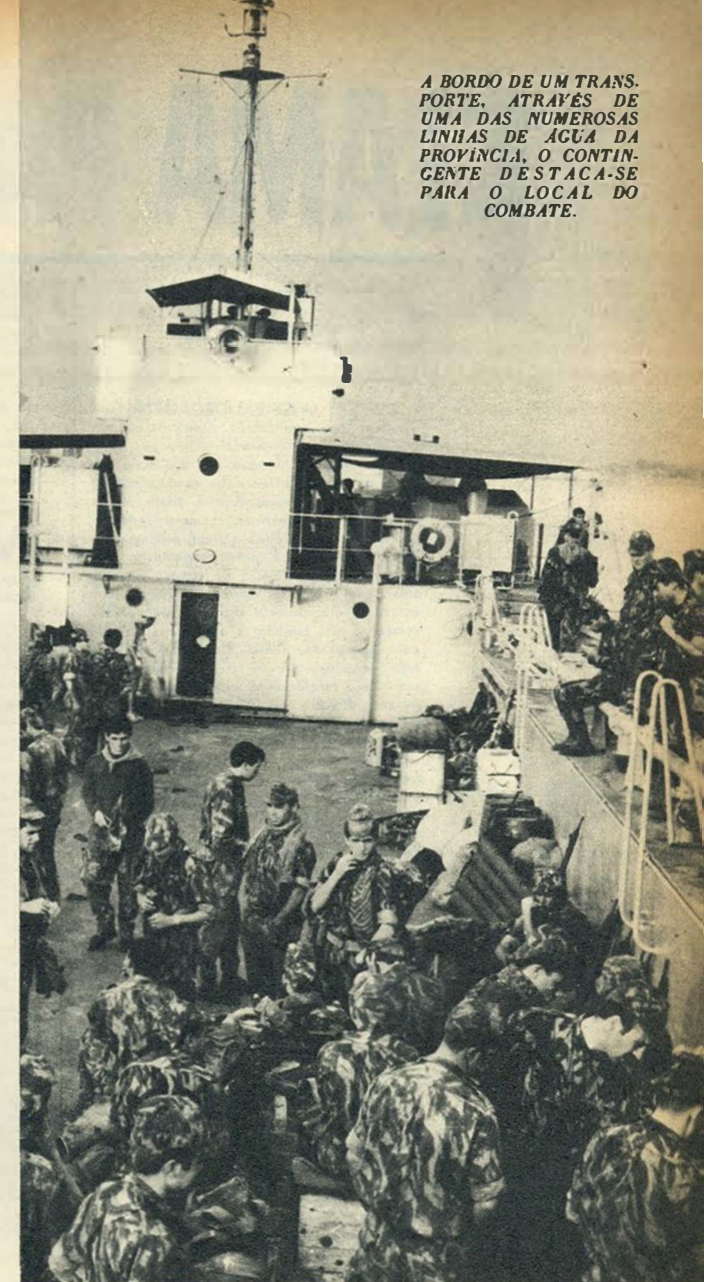
UMA PAUSA NO ESFORÇO DIÁRIO. MAS LOGO PROSEGUEM



VAI COMEÇAR... O GRUPO DE COMBATE REUNE-SE NA BASE. ANTES DE MAIS UMA OPERAÇÃO.



DETERMINAÇÃO. O ROSTO DO SOLDADO INDIGENA. DE METRALHADORA ÀS COSTAS. REVELA UM FIRMES PROPOSITO.



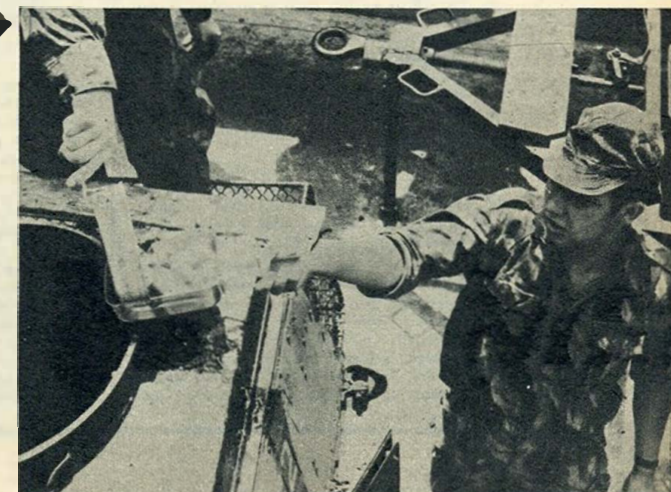
A BORDO DE UM TRANSPORTE, ATRAVÉS DE UMA DAS NUMEROSAS LINHAS DE ÁGUA DA PROVÍNCIA, O CONTINGENTE DESTACA-SE PARA O LOCAL DO COMBATE.



A PATRULHA, PROGREDINDO NA PICADA, ACABA DE TRANSPOR UM ABATIS. OS ROSTOS ESTÃO MARCADOS PELO CANSAÇO.



ORA DO RANCHO: APÓS UMA OPERAÇÃO, O APETITE É REDOBRADO.



O INIMIGO PODE ATACAR A QUALQUER MOMENTO. OS ROSTOS DESTA GUERRA, MARCADOS PELO ESFORÇO E PELA TENSÃO NERVOSA DE MUITAS HORAS DE ANGSTIA, AGUARDAM



# FLAMA PARA SI

## Cinema

CARLOS DE PONTES LEÇA

### ROBERT WISE EM DECADÊNCIA?

— Com uma publicidade alicerçada no extraordinário êxito comercial obtido por «Música no coração», chegou até nós mais um filme de Robert Wise: «The sand pebbles», crismado em Portugal com o título inadequado de «Yang-Tsé em chamas». Independentemente do referido clamor propagandístico, grande era a nossa curiosidade por ver esta nova realização do famoso cineasta americano a que se deve não apenas esse agradável divertimento chamado «Música no coração», mas também a obra-prima que dá pelo nome de «West Side Story» (cabe aqui perguntar porque teria a publicidade omitido a referência a esta última película — sem dúvida, uma das melhores de toda a história do cinema).

No entanto, «Yang-Tsé em chamas» decepcionou-nos profundamente. E estamos em crer que esta impressão é compartilhada por grande parte dos espectadores que acorrem a vê-lo, na expectativa de admirarem uma obra excepcional.

O defeito do filme não está na realização propriamente dita. Robert Wise dá-nos aqui, mais uma vez, uma prova inofensível da sua excelente técnica de «mise-en-scène». Dominando o ofício com experimentada valentia, Wise tem — dentro do estilo clássico americano — um perfeito sentido do movimento cinematográfico — não apenas do movimento que é produzido pela deslocação da câmara, mas também, e sobretudo, do que resulta da montagem dentro de cada sequência.

Quanto a nós, o defeito reside no argumento e no guião, elaborados com base num romance de Richard McKenna. Porquê semelhante extensão, tamanha acumulação de pontos mortos que nada acrescentam ao conteúdo fático e emocional do filme? Não conhecemos o citado romance, mas, de qualquer maneira, estamos convencidos de que teria sido possível e conveniente condensar mais a acção. A história de «The sand pebbles» não tem pólos de interesse suficientes — em número e intensidade expressiva — para ser contada num filme que demora mais de três horas a projectar. A duração excessiva de «Yang-Tsé em chamas» só poderá explicar-se por uma lamentável deturpação do conceito de super-produção — que é algo mais do que uma fita com metragem muito superior à normal... Neste ponto, não podemos deixar de inculpar Robert Wise, que é não só realizador mas também produtor do filme.

De «The sand pebbles» fica-nos, como elemento positivo e além de já referido mérito da encaenação — a notável qualidade da fotografia (em Panavision e Cor de Luxe) assinada por Joseph Mac Donald.

O resto é pouca coisa: desde a menagem vagamente pacifista (saré que, realmente, se queria fazer a condenação de heroísmo inútil?) até à interpretação, caracterizada pela vulgaridade (um Steve McQueen esforçado mas convencional, uma Candice Bergen muito simpática mas pouco definida no seu híbridismo entre Grace Kel-

ly e Romy Schneider, uma Marayat Andriane prometedora mas não inteiramente aproveitada, mais convincentes os desempenhos de Richard Attenborough e do chinês Mako).

E ainda um último reparo: para quê um tão acentuado recurso à violência? Imagens como as do martírio de Po-Han ou as do combate de boxe estão marcadas por uma morbidez que reputamos de mau gosto, e absolutamente desnecessária.

## Música

JOÃO PAES

### CONCERTOS SINFÓNICOS —

Entre a ópera e o Festival Gulbenkian de Música a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional (o nosso tão requested pau-paratoda-a-obra-sinfónica-decente) alonga a sua actividade às sociedades de concertos. Suedem-se então (agora) em ritmo acelerado (à frequência de dois por semana) concertos sinfónicos com solistas ou maestros estrangeiros, pratos-fortes (no consenso da maioria dos assinantes, pelo menos) das respectivas temporadas. Nesta crónica apenas me poderei referir aos três primeiros, ficando os restantes para as semanas que vêm.

Destes três concertos, houve dois para o Círculo de Cultura Musical e um para a Sociedade de Concertos de Lisboa. Este, do ponto de vista do rendimento da orquestra, foi incomparavelmente superior aos outros



WOLFGANG SCHNEIDERHAN

dois. Dir-se-á que o facto de ele ter sido dirigido por um maestro estrangeiro (o norte-americano David Zinman) terá influido nos resultados, pela maior importância dada neste concerto ao conjunto das obras sem solista, relativamente às outras, dirigidas por um maestro português (Silva Pereira) e em que os solistas eram as «estrelas». Mas são os resultados que interessam; e estes indicam que a nossa Sinfónica sob a batuta de Zinman funcionou sempre como um corpo coeso e animado, louvor extensivo à peça com solista (a nossa admirável Helena Costa) desse programa — o Concerto n.º 1 para piano e orquestra de Beethoven — que foi autêntica música concertada, diálogo ou debate, que não o monólogo subservientemente acompanhado que tantas vezes desfil-

gura as feições características desta belo género musical. Nas obras só para orquestra — «Romeu e Julieta», de Tchaikovsky e Sinfonia n.º 8, de Dvorák — confirmaram-se os invulgares dotes revelados pelo maestro Zinman na época transacta; como condutor e como intérprete, frise-se.

Nos dois concertos do Círculo (na realidade, cinco concertos com dois tandems interpretativos), as peças só para orquestra saíram um tanto descuradas, merecendo apenas que se mencione a execução do lírico «Poema de Dezembro», de Lopes Graça. Nessas peças com solista, a orquestra oscilou entre o bom (no Bach e no Saint-Saens) e o mau (no Tchaikovsky). Passando às «estrelas»: uma delas autêntica, de primeira grandeza — o violinista austriaco Schneiderhan; a outra, o pianista russo Sokolov, que despontou o ano passado ao vencer o Concurso Tchaikovsky — o seu brilho é, naturalmente, ainda limitado e Intermitente. Em Schneiderhan tudo é lógico, exacto e convergente; nos seus Bach (Concerto em Mi) e Mozart (Concerto em Lá), concepção e realização confundem-se e afirmam-se no todo como no ínfimo pormenor — cada instante, embora perfeito em si, vale tão-só pela sua integração no devir da obra. Tal não é evidentemente o caso de Sokolov, cujos 16 anos entusiastas encendearam o público. É verdade que a primeira peça que se lhe ouviu (o 2.º Concerto de Saint-Saens) foi de longe a melhor executada, com pormenores de interpretação muito notáveis, por exemplo na construção dinâmica e agónica do Scherzo. Mas daí a sancionar as imperfeições de «acabamento», os élan sentimentais, ou os «efortes» esmagados no Concerto n.º 1 de Tchaikovsky, ou ainda o sacrifício da vida rítmica essencial ao «final» do 5.º Concerto de Beethoven — vai um abismo, no qual faço questão de me não precipitar.

## Livros

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

### VOCABULARIO E ORTOGRAFIA

— ia terminando o século XVI e o bom Duarte Nunes de Leão (que viria a falecer já no século seguinte, em 1608) escrevia no prólogo da sua ORIGEM E ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA: «Tão indecente é sair da boca de um homem de alto lugar e nobre criação uma palavra rústica e mal composta, como de uma banha de ouro ou rico esmalte arrancar uma espada ferrugenta. E porque não causam menos fealdade os erros que se cometem escrevendo corruptamente que os que se cometem falando, mas muito maior (porque a escritura fica sempre viva e manifesta, e as palavras passam, como coisa momentânea, que não permanece) compus em minha verde idade um livro de ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA, EM QUE REDUZI A ARTE E PRECEITOS O QUE NUNCA TEVE ARTE NEM CONCERTO, o qual de todos os homens doutos foi bem recebido (...). Nosso o SUBLINHAMO...»

Ao que «nunca teve arte nem concertos» — ou seja a ortografia portuguesa — dedicou o Prof. F. Rebelo Gonçalves não pequena parte do seu precioso labor corvado agora

pelo VOCABULÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA (LII+1124 páginas; Colmbre Editora) obra indispensável onde quer que se escreva, desde o escritório do comércio ou indústria ao do literato, das redações às repartições públicas e ninguém me diga que nunca teve dúvidas ortográficas que ficasse resolvida pela consulta de um único vocabulário ou dicionário corrente, já que o VOCABULÁRIO a que podemos chamar oficial, o VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO RESUMIDO DA LINGUA PORTUGUESA (alís deve também ao insigne mestre Rebelo Gonçalves e ao ilustre filólogo brasileiro Prof. Sá Nunes) é muito resumido e data de 1947 enquanto que o VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LINGUA PORTUGUESA (ambos saídos dos trabalhos de Academia das Ciências de Lisboa e de comissões luso-brasileiras de que faz parte o Prof. Rebelo Gonçalves), de 1940, está desactualizado.

Nas CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES do novo e já indispensável magnífico trabalho que é o VOCABULÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA anuncia-nos, «para outra altura (...) se puder ser, a publicação especial, separada, de um volume que pensamos denominar INTRODUÇÃO AO VOCABULÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA». Esperamos avorçadamente que a «outra altura» seja um futuro muito próximo e que o «SE PUDER SER» se converta num imperativo «TER DE SER» para quem tem obrigações de zelar pela nossa cultura cuja base e alma é a língua nacional e não apenas a pessoa de abnegado autor do VOCABULÁRIO, livro que desejaríamos ver nas mãos de todos os que escrevem português (escrevem... e falam!).

Este desejo tem apenas uma dificuldade prática: o VOCABULÁRIO do Prof. Rebelo Gonçalves é necessariamente caro para as bolsas particulares; para já, como demoraré forçosamente nova edição com eventual patrocínio oficial ou particular que pudesse tornar o volume acessível imediatamente a todos que dele necessitam, porque não decidem os beneméritos editores facilitar a sua aquisição como sucede para obras de preço avultado? No entanto, se todas as Instituições públicas e particulares adquirirem EM MASSA este indispensável VOCABULÁRIO, é natural que a edição se esgote rapidamente e torne possível outra mais popular. Se assim não for é que teríamos de que nos desgostarmos!

Seja como for, os povos da Língua Portuguesa ficam devendo ao insigne mestre que é o Prof. Rebelo Gonçalves um favor impar, um régle presente.

## Filatelias

RUI RAMALHO RIBEIRO

**MIL SELOS DE PORTUGAL** — Agradei este significativo número da «Fila» para anotar que, segundo a numeração cronológica do catálogo Eládio de Santos, e de edição pela firma francesa Yvert & Teller, entre outros estrangeiros, os nossos Correios emitiram, no transacto primeiro de Dezembro, o seu milésimo selo para franquia normal.

Não carece de especial relevância o facto

de que o quinto valor da série comemorativa «Cientistas» ter sido catalogado com o número mil. No entanto, ocasionalmente meditação acerca da longa história dos nossos C.T.T. e, no aspecto filatélico, um novo pensamento sobre aquele já antigo paradoxo: os primeiros selos de Portugal figuram entre as preciosidades da filatelia clássica mundial, não somente pela sua actual raridade mas por possuírem elevado carácter gráfico e artístico, ao passo que os modernos... bem, nem vale a pena mais dizer.



De 1 de Julho de 1853, dia em que iniciaram a circulação os nossos dois primeiros selos (taxas de 5 e 25 reis, reproduzindo a effigie da rainha D. Maria II), até hoje, medeliam quase cento e catorze anos. Prosseguindo em rudimentares operações aritméticas, e acoltando os números dos catálogos mencionados, deduzo que, em média, os nossos Correios não chegaram a emitir nove selos por ano. Se depois considerar que a Inglaterra, primeiro país a generalizar o uso de selos adesivos para prévia cobrança de taxas postais (1/5/1840), na ocasião do nosso milésimo selo, apenas tinha emitido 420, e que, noutros exemplos por números também aproximados, o Brasil possuía 800, a Espanha e a França 1500, e a Rússia 3200 (!), facilmente concluo que é razoável o quantitativo de selos portugueses circulados até à data.

Creio não oferecer dúvidas a ninguém, mormente aos que praticam filatelia, o anacronismo do presente sistema de emissões dos nossos C.T.T.. Desde há muitos anos que os selos portugueses se limitam a cumprir a sua finalidade primária, não sendo utilizados, em absurdo contraste com métodos da maioria das administrações postais, incluindo as consideradas idóneas, como veículos divulgadores de enorme alcance popular, que o são na realidade. Mas hoje vivemos uma época de constante e febril evolução. Porque não continuar, portanto, a acalentar esperança de, em breve, poder começar a coleccionar selos nacionais coerentes com as possibilidades e ideais de Portugal?

## Artes

NELSON DI MAGGIO

**MUITAS EXPOSIÇÕES, MAGROS RESULTADOS** — Estamos ainda em plena temporada artística. As exposições de arte continuam num ritmo e periodicidade morosa, de frouxidão, sem vitalidade. Não existem programas nem ideais de largo alcance. Uma apatia e vil tristeza apodera-se das salas oficiais e privadas. Os salões colectivos estendem o seu laço conhecido de vulgaridades e de impotências as exposi-

ções individuais não oferecem a mínima nota de originalidade criadora. O público retrai-se e o crítico deve cumprir (por responsabilidade intelectual) uma tarefa afiliva. O resultado, magríssimo, numa ronda pelas galerias lisboetas é o seguinte:

«Operação 1 e 2» (Galeria Quadrante), foi uma conferência-objecto a quatro vozes (Ana Hatherly, E. M. de Melo e Castro, José



GRAVURA DE JÚLIO POMAR

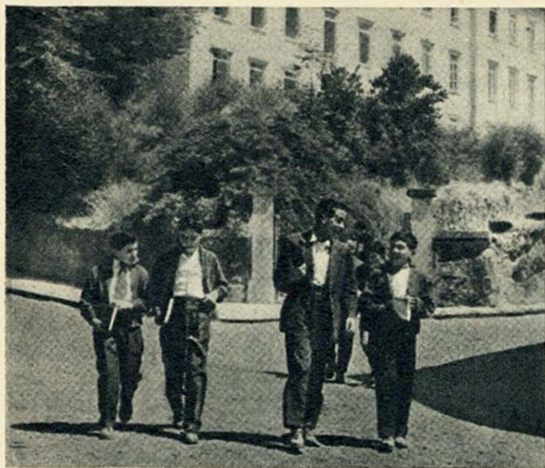
Alberto Marques e Jorge Paixinho), com uma prévia introdução de José Augusto França, onde se apresentaram as «Estruturas Poéticas» — o último livro — de Ana Hatherly e obras experimentais de Ana Hatherly, António Araújo, Melo e Castro, José Alberto Marques e Pedro Xisto. O espectáculo inaugural não foi feliz e a improvisação pareceu demasiado calculada. O contacto com o público nunca se efectuou com naturalidade e uma barreira de intelectualismo impediu a desejável comunicação. No entanto, e apesar dos defeitos, esta exposição-espectáculo despertou a curiosidade das camadas mais novas de público e suscitou a polémica, o que é muito significativo.

«Sete Pintores Espanhóis» (Embaixada de Espanha), é uma selecção feita por Carlos Areán. O conjunto é muito desigual e pouco (ou nada) ilustrativo das actuais tendências plásticas no país vizinho. Só as obras «pops» de Anzo, seguras e eficientes, e um menor medido as estruturas «ops» de Manuel Barbadillo, merecem ser consideradas. Na Gravura, foi apresentada uma retrospectiva de Júlio Pomar, desde o ano de 1951 até 1965, onde evidencia uma lenta transformação formal (desde o neo-realismo inicial até uma pseudo-abstracção) mais aparente do que real. A Exposição de Abril (S.N.B.A.) é uma outra manifestação da falsa actividade dos dirigentes da Casa dos Artistas, incapazes de renovar a fundo as esclerosis normais que ameaçam atacar e imobilizar toda a organização. Uma nota simpática foi a Exposição Universitária de Artes Plásticas, onde entre muitos talentos incipientes, destacavam-se as obras de Eduardo Batarde Fernandes, Noronha de Costa, Isabel Laginhas, entre outros. Humberto Lebroto (Galeria de «Diário de Notícias») repete, com a monotonia e com solvência oflinal, a lição já monótona de João Hogan.

## CRÓNICAS

# COLÉGIO DA VIA-SACRA

Ensino Primário, Curso dos Liceus e Grande Lar Académico para Rapazes



INTERNATO ♦ SEMI-INTERNATO E EXTERNATO

DIRECTOR: CÓNEGO DR. AURÉLIO ESTEVES VAZ

Rua 5 de Outubro (Estrada de Mangualde) — Telef. 22281  
VISEU

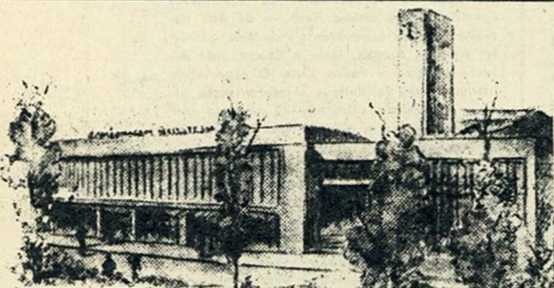
## OBJECTIVOS DESTE COLÉGIO :

Orientar o RAPAZ de hoje para assumir com dignidade as tarefas de hoje — É EDUCAR — a coisa mais importante e necessária dos nossos dias.

O COLÉGIO DA VIA-SACRA amplie-se renova-se, progride — para EDUCAR BEM ...Rasga horizontes humanos e cristãos... ensinando

- a seguir o caminho do Bem e da Verdade
- a pensar com justeza
- a estudar com afinco
- a querer com brío
- a servir com lealdade
- a conviver com aprumo
- a aguentar com virilidade e
- espírito cristão a adversidade...

## PREÇOS QUE NÃO RECEIAM CONFRONTO



## CAMIONAGEM RIBATEJANA, LDA.

(Telef. 69 e 639)  
SANTARÉM

Filial em LISBOA: Rua da Palma, 273 — Telef. 86 02 08

MODERNOS AUTOCARROS PARA EXCURSÕES

AGÊNCIA DE VIAGENS:

- Reserva de hotéis
- Passagens aéreas, marítimas e terrestres para as SUAS VIAGENS

Serviço de RESTAURANTE  
(Ar condicionado)

- BANQUETES
- CASAMENTOS

PREFERIDO PELAS AGÊNCIAS DE TURISMO  
(Telef. 456)

Agência RENAULT — O CARRO DOS NOSSOS DIAS



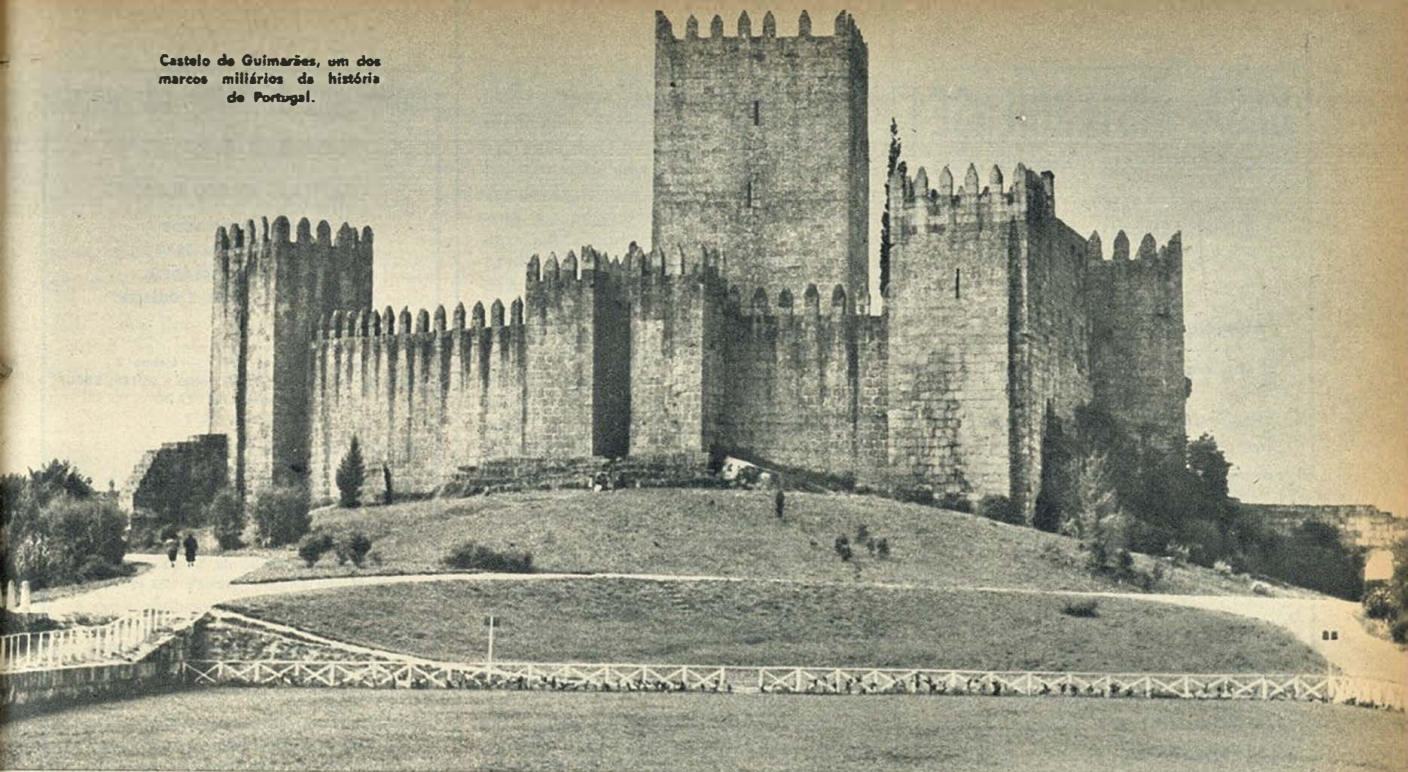
Máquinas de costura — Radiadores e Caldeiras para aquecimento central — Ferros de engomar — Caloríferos — Fogões de cozinha — Banheiras, Lavatórios colectivos e outro material sanitário de ferro esmaltado — Marmitas e equipamento complementar para grandes cozinhas — Material para lavandarias — Bombas centrifugas e manuais — Tornos de bancada de ferro fundido — Ventoinhas para forjas — Motores de explosão de pequena cilindrada — Abrigos para bicicletas, motorizadas e motocicletas — Acessórios para linhas de alta tensão — Tubos para canalizações e outros usos — Obra de ferro fundido normal e de ferro maleável — Galvanizações de artigos de ferro

Indústrias A. J. Oliveira, Filhos & C.ª, L.ª

# OLIVA

S. JOÃO DA MADEIRA

Castelo de Guimarães, um dos marcos miliários da história de Portugal.



# PORTUGAL: UMA PRESENÇA NO "MIL"

REPORTAGEM DE A. LOPES DE OLIVEIRA

**A**O acabarmos de percorrer agora, numa fatigante jornada, o Norte e o Centro do País, auscultação do vigor e ressurreição do trabalho nacional, ficou-nos a agradável sensação que não tem sido letra morta o que a nossa revista tem mostrado aos portugueses o labor que vai por aí fora. Assim, a «Flama» na sua linha de rumo, em boa hora definida e traçada, deseja afirmativamente dizer ao País que o seu pensamento está com todo o Portugal e que pretende ser o intérprete da voz de todos que espalhados pelo Mundo falam a bela língua de Camões. Lisboa não é só Portugal. Todo o guarnecimento do espaço lusitano tem merecido e continua a merecer as nossas atenções. Por isso, a presença no «MIL» — como verdadeira chamada geral — das regiões disseminadas pelo País, é como uma rendida homenagem que a «Flama» presta a todos quanto mourejam na terra que nos foi berço e será tumba.

Não nos é possível, por falta de espaço, falar-vos de terra por terra. Fomos para um planeamento geral, agrupando regiões. É um estudo aligeirado o que fizemos e, não ficou completo por falta de tempo. Porém, repararemos esse mal ocupando-nos futuramente do que ficou por fazer. Também noutra oportunidade iremos aos núcleos de portugueses disseminados pelo Mundo, levar um pouco o calor humano da Pátria. Há fenómenos que se passam comumente em todas elas: o da emigração («coqueluches» do nosso tempo), o êxodo compreensível dos campos para os grandes aglomerados (ocupação na febre de urbanismo, mais rentável ao capitalismo), a deslocação de bandos migratórios para regiões que melhor remuneram o trabalho agrícola, a permanência nas fileiras no nosso Exército, de mancebos que criam hábitos diferentes de vida e que já não concebem depois agarrar na enxada e no arado, etc.

## RIBATEJO — SOL DA LEZÍRIA O HOMEM VENCE A NATUREZA

**D**EFINIDA por uma linha de serranias (Aire, Candeeiros, Montejunto) ainda pelos contrafortes das serras (Ansião, Alvaiázere, Vermelha, Alvelos e

Moradal) que dão origem às bacias do Zêzere e do Nabão. Eis o Ribatejo, região que se desenvolve, numa planura, semelhante à alentejana. Razão para o aproveitamento de pastos para o gado. É ali que residem as grandes ganadarias e o apartamento de gado bravo para os redondéis da «Festa Brava». O campino, de pampilho em riste, de bar-

rete verde e de jaleca encarnada, é o grande senhor da «arte de Marialva», desta incommensurável campina, onde expõe a vida, num permanente jogo.

O ribatejano vive quase exclusivamente do campo, mas com aflitivos e grandes problemas, devido às cheias, que afectam as culturas. Em anos catastróficos o Ribatejo

SEGUIE

# CASA CISTERCIENSE

LOUÇAS REGIONAIS / ANTIGUIDADES

CASA ESPECIALIZADA  
EM ARTESANATO ONDE O BOM  
GOSTO NÃO FALTA

Sucursal:

Antiguidades e objectos de arte

PONDEROSA • CERCAL 3

Estrada Nacional n.º 1 — Km. 57  
Telefs. 42534 / 42551

Raymundo Ferreira Daniel, Lda.

R. ALEXANDRE HERCULANO, 51 — TELEF. 42113  
ALCOBAÇA

MODAS • CONFECÇÕES

RESINAGEM NACIONAL

S. A. R. L.

INDUSTRIAS E EXPORTADORES  
DE PRODUTOS RESINOSOS

ALCOBAÇA

Telegr.: BANCARIA — Telef. 42159 e 42160

## SICMEL

- ◆ Equipamento para Cerâmica
- ◆ Equipamento Hoteleiro
- ◆ Serralharia Mec. e Civil
- ◆ Máq. Agrícolas

ALCOBAÇA — TELEF. 42351

## Recauchutagem Alcobaca

De MANUEL TRINDADE AMBRÓSIO

Agente da «Goodyear»

Rua Frei António Brandão, 145  
Telef. 42237 — ALCOBAÇA

## LÄSLI

R. ALMIRANTE CÂNDIDO DOS REIS, 51  
TELEFONE 22051 CALDAS DA RAINHA

COMPLETA GAMA DE CORES PARA CADA GOSTO  
PARA CADA TRABALHO UM TIPO DE FIO

ELIAS & PAVA, LDA.

Fábrica de azulejos, louças domésticas, de faianças e de porcelana, louças domésticas e sanitárias em grés, louças decorativas e artísticas de faiança e louça de barro

FERVENÇA / TEL. 42301 / ALCOBAÇA

ressente-se economicamente. Não obstante viver da terra, hoje desvia-se para o desenvolvimento industrial. Assim, a zona industrial de Lisboa (Sacavém ao Carregado) penetra em cheio na terra ribatejana, e é talvez por isso que ele tente rasgadamente novos horizontes. No Carregado, há montagem de automóveis. Também na zona compreendida entre Abrantes, Rossio de Abrantes, Alferrarede e Tramagal, existe um acentuado e exemplar movimento de grandes empresas metalúrgicas e montagens de carros. Por toda a região há serrações e resinosos, descasque de arroz e moagem de cereais, preparação de cortiças, preparação de massas de tomate, destilações de aguardente, de curtumes, de lacticínios, de penção de lãs, de fição e tecidos, de papel, etc. Das indústrias extractivas, além das lenhites e sal-gema (Rio Maior) pratica-se a indústria do sal ao longo do curso inferior do Tejo. Há, por toda a região, larga difusão da indústria de cerâmica e fabricam-se em Alhandra cimento e produtos químicos (soda e derivados), não falando noutros sectores de actividade industrial. Enfim o Ribatejo já não é só campos a perderem de vista!

As feiras, principalmente de gado, são famosas e já entraram nos hábitos de nacionais e de estrangeiros. Toda gama de tons dos seus aguerridos trajes transformam-se em verdadeiras paradas de bom gosto e de festa tipicamente portuguesa. Ao acaso recordemos a de S. Martinho, da Golegã, a de Todos-os-Santos, no Cartaxo, as de Coruche, Ponte de Sor, Chamusca, Atalaia (Vila Nova da Barquinha), Sardeal, de S. Brás e de S. Matias, em Abrantes, de S. Gregório em Torres Novas, do Milagre em Santarém e Entroncamento, em Chouto (Chamusca), em Samora Correia, da Feira Franca na Golegã e nas Golegas, na Azambuja e em Salvaterra de Magos, em Sobral (S. Vicente de Paúl), de Santo António em Vila Nova da Barquinha, em Alcanena, em Rio Maior, a de Santo Aleixo, no lugar do Beco (Ferreira do Zêzere), em Alcobertas (Rio Maior), a dos Tabuleiros em Tomar, as da Vindima em Alpiarça, em Tremez (Santarém), em Minde (Alcanena), dos Mártires em Constância, em Marmeloira, em Alcaneda, a de S. Bartolomeu ou também conhecida pela Feira dos Burros em Valada, em Torre do Bispo (S. Vicente de Paúl), em Santa Cita (Tomar), em Alvega (Abrantes), a de S. Miguel em Ferreira do Zêzere e Coruche, em Benavente e Marinhais (Salvaterra de Magos), em Santa Iria (Tomar), a de S. Simão no Sardeal, a do Colete Encarnada em Vila Franca de Xira, a da Piedade em Santarém, a dos Passos em Almirim, em Areias (Ferreira do Zêzere), a de Ascensão em Bemposta, Abrantes e Areias (Ferreira do Zêzere), e tantas outras que se realizam em todas as localidades do Ribatejo, numa esfusante nota de cor e de vida deste grande povo. Mas a sua festa mais expressiva e que é bem uma síntese da laboriosa vida de todo o Ribatejo está com toda a fidelidade na FEIRA NACIONAL DE AGRICULTURA, que decorre de 1 a 18 do próximo mês de Junho, em Santarém, que passa a ser assim a grande sala de visitas do País.

## COMPANHIA DE PAPEL DO PRADO, S. A. S. L.

CAPITAL: 60 000 000\$00

PAPEIS DUPLICADOR  
PAPEIS DE IMPRESSÃO  
PAPEIS DE EMBALAGEM  
CARTOLINAS (SIMPLES E DUPLICES)

SEDE EM LISBOA:

Rua do Telhal 12-3.º — Lisboa 2  
Telefones: 59120, 59125 (4 linhas), 59129, 58607  
Telegramas: PELPRADO  
Apartado 2019

DEPÓSITO EM LISBOA:

Rua Pereira Henriques, n.º 1 — Armaz. 7 Lx. 6  
Telefones: 381052, 383674

DEPÓSITO DO NORTE:

Rua Sporting Clube de Coimbra, 8-10  
V. N. de Gaia — Telefone: 02 393088

FABRICAS:

PRADO, MARIANAIA (TOMAR) — LOUSA —  
VALE MAIOR (ALBERGARIA-A-VELHA)

## ESTALAGEM VIRIATO CONSIDERADA DE UTILIDADE TURÍSTICA

Situação privilegiada — Média altitude — Em plena Beira Alta na região demarcada dos Vinhos do Dão, centro de maravilhosas excursões, entre as Serres de Estrela e do Caramulo servida por magníficas estradas com pavorosas deslumbrantes, a 8 kms. de Viseu e a 9 de Mangualde.  
PISCINA NATURAL NO RIO DÃO



## CAVES CASTELAR, LDA.

EXPORTADORES

ESPUMANTES — ESPUMOSOS  
VINHOS DE MESA  
AGUARDENTES — LICORES

★

Telef. 74461 — Sangalhos  
AVELÂS DE CAMINHO

## LANIFI CÍOSO P ERERINHO, L.ª

FABRICANTES DE LANIFICIOS

FABRICA DE TECELAGEM, COM 23 TEARES MECÂNICOS. ESPECIALIZADA EM CASEMIRAS, TIRILENES E ARTIGOS DE SENHORA

Beira Baixa/Telef. 59/Cebolais de Cima

## GRÁFICA DE S. JOSÉ DE MONTEIRO & VILELA, LDA.

TIPOGRAFIA — PAPELARIA — LIVRARIA  
E ARTIGOS DE ESCRITÓRIO

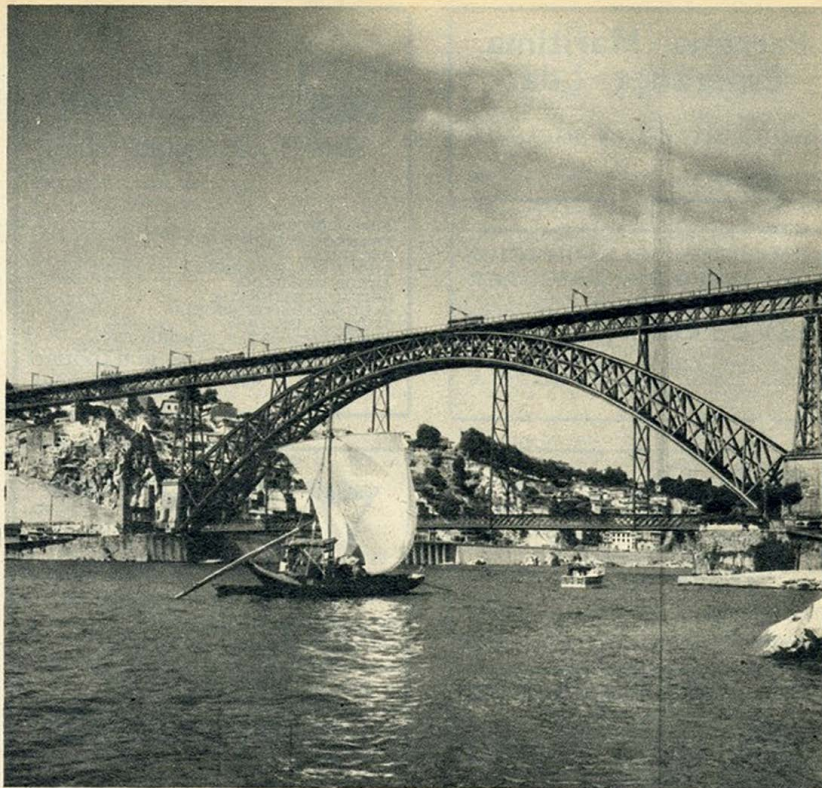
Av. Marechal Carmona, 6163 Apartado 29  
Telefone 523 CASTELO BRANCO

Todo o Ribatejo é nota vibrante de folclore apresentado por ranchos populares com prestígio mundial, sobretudo pela apresentação do *landango*, dança electrizante, que apaixona as multidões, em que o dançarino «transforma os pés em bilros», segundo o pensamento do musicógrafo nor-tenho Armando Leça.

Com tanta atracção o Ribatejo abre as suas portas ao Turismo que não é exclusivo desta ou daquela região. Portugal, de norte a sul, é um País predestinado pelos dons de que a Natureza o dotou, é um tesouro que ainda não está convenientemente revelado no Mundo.

## BEIRA-LITORAL, CENTRO DA ESPIRITUALIDADE PORTUGUESA

Num centro de estudo dos mais importantes do País, com Universidade em Coimbra, de largas tradições e onde se mantém hem acesa a praxe académica, Aveiro, a «Veneza Portuguesa», com a ria, ímpar particularidade da nossa terra, marca uma posição relevante na economia nacional, onde reside a maior frota bacalhoeira. Figueira da Foz com a sua praia da clari-idade e esperanças no seu futuro industrial (uma unidade de celulose, a inaugurar em 6 de Junho, próximo, que deverá ser uma das maiores de Europa) também muito pro-



O «Rebelo» e a ponte D. Luiz são duas notas típicas da capital do Douro Litoral, o Porto

### Domingos de Matos Romãozinho

INDUSTRIAL  
DE LANIFICIOS  
ARTIGOS  
DE SENHORA

Beira Baixa — CEBOLAIS DE CIMA  
(PORTUGAL)  
Telefones 7



CAVES  
S. JOÃO

S. JOÃO DE ARADIA

mete, e Leiria, que prospera a olhos vistos.

É a região do País onde estão assentes os mais expressivos monumentos da nacionalidade. Para se conhecer verdadeiramente a História Pátria teremos que nos deslocar até lá. Aliás não é difícil, pois é servida, e bem, por todos os meios de transporte. São dignos de visita alguns dos pontos pitorescos mais aprazíveis: a serra do Arestal, o Vale do Vouga, o Buçaco, a Lousã e a sua serra, o caminho turciculento para Penacova, Arganil e abas da Serra da Estrela, a formação de rara e inconfundível beleza do grupo constituído por Figueiró dos Vinhos, Avelar, Castanheira de Pera e Pedrógão, Fátima (Altar do Mundo), Vila Nova de Ourém, as Barragens da Hidro-Eléctrica do Zêzere, a Serra da Boa Viagem, vendo-se a imensa baía de Buarcos, Vieira de Leiria com o seu areal, enfim, uma série de circuitos em que se revela aos nossos olhos um eterno mundo de beleza. O turista não se cansa de ver e de sentir todo o encanto e graciosidade da terra portuguesa.

O traje é variado de região para região. Assim, na zona serrana há a capucha de Sever do Vouga até à encosta do Caramulo, a contrastar com o chapelinho elegante da Murtoseira. Depois, notamos a garridice das faixas vermelhas da gandareza de Vagos e de Mira. Curiosa a veste da pescadeira de Vieira, de «canos» nas pernas, blusa solta de cabeção, saia cingida a meio, a diferenciar-se da dos arredores de Leiria, que tem a cinta muito subida, seios altos, saia de serguilha azul lançada pelas costas, como se formasse capote, lenço vermelho de ramagens e chapéu de copa alta, sem aba.

### A NOVA CASA DOS LEILÕES DE Augusto Virgílio de Sousa

Leitão assado à Bairrada  
Bons Vinhos e Petiscos / Almoços e Jantares  
ACEITAM-SE ENCOMENDAS / Telefone 52960  
PENEIREIRO / MEALHADA / A N A D I A

### Companhia Progresso Figueirense

CONCESSIONARIA DO MERCADO  
ENGENHEIRO SILVA

Em anexo:  
CAMARAS FRIAS E DE CONGELAÇÃO  
FABRICA DE GELO

Telefone 22861 / FIGUEIRA DA FOZ

### Ferragens Reunidas de Águeda

ANTÓNIO RIBEIRO NETO

Fábrica de Ferragens para Malas, Móveis  
e Construção

APARTADO 3 — TELEF. 64150 — TELEG. «FRAL»

ÁGUEDA — Portugal

### LIVROS ANTIGOS

COMPRAM-SE

Anteriores a 1850, qualquer assunto e quantidade, em todo o País. Rápido.  
ESCREVER:

APARTADO 21 / ALCOBAÇA

## Parceria Marítima Esperança, Lda.

PESCA e SECAGEM de BACALHAU  
Gafanha da Nazaré - Telefone 22643 - AVEIRO

## ARMAZENS DE LANIFICIOS E FIOS PARA TRICOTAR

### Alves & C.ª, S. ucr

(JOSE LOPES ESTEVES)  
Telefone: 23476 Telegramas: «Lanificios»  
VISEU

## BRINCA

OURIVESARIA — JOALHARIA  
RELOJOARIA  
PRATAS DE ARTE

Rua Formosa, 51 Tel. 22515 VISEU

## Grémio do Comércio do Concelho de Aveiro



Alvarás de 12 de Dezembro de 1960  
e de 12 de Junho de 1961  
JURISDIÇÃO — Concelhos de:  
Aveiro, Agueda, Albergaria-a-Velha,  
Anadia, Estarreja, Ilhavo, Mealhada,  
Murtosa, Oliveira do Bairro, Sever  
do Vouga e Vagos  
Sede: Rua do Conselheiro Luis de  
Magalhães, 25 e 27 — AVEIRO  
Telefone 22259

## BORGES

UMA DAS MAIORES ORGANIZAÇÕES DAS BEIRAS  
SERVIDA POR TRES MODELARES  
ESTABELECIMENTOS  
CONFECÇÕES, ENXOVAIS DE NOIVA  
«LANGERIES», e CAMISARIA  
VISEU

## STAND DIAS

de **Albertino dos Santos Marques Dias**  
Agente das famadas motorizadas SACHS S. I. S.  
Compra e venda de Motorizadas, Motos e  
«Scooters», novas e usadas de todas as marcas.  
Oficina de reparações em Motos, Motorizadas  
e «Scooters»  
OFICINA e STAND: Rua Cândido dos Reis, 30 e 19-A  
Telef. 24490 AVEIRO



## Caves Lagôa

SOCIEDADE DOS VINHOS  
LAGOA, LDA.  
AVELAS DE CAMINHO  
Telefone 97396 — ANADIA

ESPUMANTES NATURAIS  
VINHOS FINOS E LICORES  
XAROPES E AGUARDENTES

## RESTAURANTE ESTRELA DA CURIA

**Alvaro Simões Morgado Júnior**  
ESPECIALIDADE EM PRATOS REGIONAIS  
Telefone: 62239 (Rede da Mealhada)  
CURIA — ESTRADA NACIONAL



## RESTAURANTE SOL E SOMBRA

de PINTO & SIMÕES, I.D.A.

VINHOS DAS MELHORES  
PROCEDENCIAS

### Especialidades:

FRANGO DE CHURRASCO  
BACALHAU NA BRASA  
BIFE A SOL E SOMBRA  
ARROZ DE MIODOS  
LEITÃO A BARRADA  
CALDEIRADA DE ENGUIAS  
SAVEL A LUTADOR  
LAMPREIA A SOL E SOMBRA, ETC.

ESTRADA DO FURADOURO  
OVAR Telef. 52519



A SECCAO DE OPTICA  
DA FARMACIA CONFIANÇA  
OFERECE-LHE A EXPERIENCIA  
DE MILHARES DE OCULOS  
EXECUTADOS

UMA OFICINA DAS MELHORES  
MONTADAS NO PAIS

## Farmácia Confiança

RUA FORMOSA Telefone 22048 VISEU

## Santos, Martins & Lima, L.da



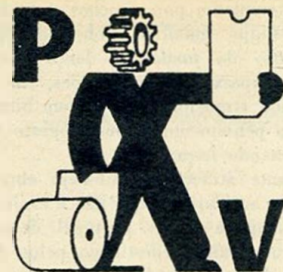
FABRICA MECANICA  
CALÇADO DE CRIANÇA

Apartado, 23 VILA DA FEIRA  
Telefone, 96406 PORTUGAL

## HOTEL GRÃO VASCO

1.ª CLASSE

VISEU



## Sociedade Transformadora de Papéis Vouga, Lda.

PAPÉIS DE EMBALAGEM / CARTÃO,  
SACOS DE PAPEL CELOFANE,  
PLÁSTICOS / METALIZADOS,  
CARTONAGENS

//

Telefone 967428  
S. PAIO DE OLEIROS

ESPUMANTE

*Príncipe Real*

MAIS UMA MEDALHA DE OURO



Prestigioso Prémio de  
CONCURSO INTERNACIONAL  
DE VINHOS EM BUDAPESTE  
entre muitas nações concorrentes



**CAVES IMPÉRIO** - BANGALHOS  
LOCAL: RUA DO QUINTO - 8. DA PICARIA, 71. PORTO

## BENTO JÁCOME DE SOUSA

CAMIONAGEM  
Transporte de mercadorias para qualquer ponto do País  
Pequena e grande tonelagem  
Concessionário da carreira entre VALADO - SANTARÉM  
Rua Estêvão Martins, 17  
Telefone 42330 — ALCobaça

## JOÃO PEREIRA SAMPAIO

OFICINA DE REPARAÇÕES  
Compra e venda de carros em 2.ª mão, com garantia  
ESTAÇÃO DE SERVIÇO SONAP  
SERVIÇO PEUGEOT E HANOMAG  
Avenida Bernardino Lopes de Oliveira, 62 - E  
ALCOBAÇA /// Telef. 48289

Não falemos no trajo ostentado pelas tricanas, com o xaile que só elas elegantemente sabem traçar, o estudante de Coimbra afogueado na sua capa negra, franjada, o moliceiro, e outros tipos de indumentária, que emprestam a tudo uma nota poética e um tradicionalismo que não morrerá.

Nota-se também um surto industrial com instalação de unidades fabris de várias ordens. Em S. João da Madeira é um dos centros mais activos de vários tipos de indústria, alta metalurgia (como a Oliva), calçado, chapelaria, cartonagens, plásticos, guarda-sóis, etc. Ovar, também é outro centro de desenvolvimento industrial de capital importância, zona excepcional de vinhos e espumantes, cerâmica e porcelanas, lactínios, etc.

Das inúmeras romarias salientamos: a de Nossa Senhora de Lurdes, na Carregosa, de S. Paio na Torreira, Nossa Senhora da Saúde na Costa Nova, a da Senhora das Dores em Verdémilho, a do Senhor da Serra, em Semide, a da Rainha Santa em Coimbra (não esquecendo a festa da Queima das Fitas, promovida pelos estudantes), a do Senhor dos Milagres nos Milagres (Leiria), etc. Também registamos as afamadas procissões dos Passos em Ovar, a da Cinza e de Santa Joana em Aveiro, além das peregrinações à Cova da Iria (12 e 13 de cada mês, mas com significado mais relevante em Maio e Outubro, este ano de maior gran-

deza pela comemoração do 50.º aniversário das Aparições de Nossa Senhora aos Pastorinhos).

A BEIRA-LITORAL tem larga profusão de praias e de nascentes minero-medicinais de primeira ordem. Através dos múltiplos ranchos folclóricos podemos aquilatar a riqueza da sua dança e do seu cantar.

## BEIRA ALTA A MAIS LUSITANA DAS REGIÕES

UMA das suas primordiais características é a de ter um alto relevo de solo e de larga abundância de correntes fluviais. Constitui um vasto maciço, que vai da Serra da Estrela às vertentes do Douro, e ainda às serras de Sicó e Arada, planaltos de Trancoso, Guarda e Sabugal até Espanha além das cumeadas do Caramulo e do Buçaco.

Como fio histórico não podemos esquecer que a BEIRA ALTA foi o reduto inquebrantável da fé nacional, por isso razão forte do carácter da sua gente: autenticidade e sobriedade, não deixando, porém, de ser alegre e jovial. Não há arquitetura monumental nos monumentos religiosos com excepção das Sés de Viseu e da Guarda, mas em sua compensação, os solares são sumptuosos. O Museu de Grão-Vasco em Viseu, tem um dos recheios artísticos dos

mais voliosos portugueses, ao mesmo tempo que afirma uma escola de pintura, famosa na sua época (Vasco Fernandes ou Grão-Vasco). Viseu é das cidades, que nos últimos tempos mais se tem desenvolvido, sem contudo conservar a parte de antanho. Do concuro da Sé podemos descortinar uma Alfama!

É uma região onde impera a indústria de lanifícios (Gouveia, Parada de Gonta, Mantegais, Seia, Mortágua), serração (Tondela, Santa Comba Dão, Carregal, Nelas, Tábua, Mortágua), lactínios, resinas, (Mortágua, Santa Comba Dão, Tábua, etc.). Existem, igualmente, vários jazigos de minério: urânio (Carregal e Nelas), estanho (Vila Nova de Paiva e Sabugal), volfrâmio (Vila Nova de Paiva). Em Molelos é o principal centro de olaria preta,

Dentre os romarias apontamos as da Senhora do Castelo (Mangualde), Senhora da Lapa (Sernancelhe), Santa Eufêmia (Santa Comba Dão), Senhora do Presépio (Castro Daire), Senhora do Calvário (Gouveia), Senhora das Fontes (Pinhel), etc. A feira de S. Mateus é das festas de maior popularidade de toda a Beira.

Esta região tem vasto repertório folclórico («Machadinhas», «Cana Verde», «Sirandinha», «Farrapeira», «Diga-me Pai», etc.). Vários etnógrafos coligiram os versos repentistas populares, ouvidos nos descantes nas romarias e nos campos de trabalho.

SEGUE



A Figueira da Foz em três dos seus curiosos aspectos: a cidade, a piscina e a serra



P R E F I R A

## Alcatifas da Lousã

Duas qualidades: SUPERTUFO (Pura lã) — EM FIBRA  
Largura até 4 metros. sem emendas

///

A VENDA NAS PRINCIPAIS CASAS DA ESPECIALIDADE

UM FATO DA MELHOR FAZENDA

CUSTAR-LHE-Á APENAS  
1 00\$00 POR MÊS

Rua dos Sapateiros, 92, 1.º, Dt.º — Telef. 3 40 11 e 32 35 03  
L I S B O A



**A SOCIEDADE DECORATIVA DE LOUÇAS DE BARCELOS, LDA.**  
 é uma Fábrica de Olaria que se impõe entre a indústria concelhia — pela variada colecção de Estatuária — pelo fino gosto — e pelo perfeito acabamento  
 Tem um fabrico esmerado de imagens em terracota  
**FABRICA — EXPORTAÇÃO**  
**GALEGOS, SANTA MARIA** Telef. 84158  
**BARCELOS**

**MANUEL NUNES DE CASTRO**  
**Telefone 4 24 05 MELGAÇO**  
 Materiais de construção — Ferro — Ferragens —  
 Tintas — Louças — Vidros — Artigos Eléctricos  
 e Sanitários — Utilidades Domésticas — Móveis  
 e Refrigerantes

**LOUÇAS DE BARCELOS**  
 DE  
**Francisco Ferreira Bogas**  
 LOUÇAS ARTÍSTICAS E REGIONAIS  
 GRANDE VARIEDADE EM PRESEIPOS  
**Galegos, Santa Maria BARCELOS**

**ARMAZÉNS RAIMUNDO**  
 PRAÇA CONDE DE AGROLONGO, 86-90  
 RUA DE SANTO ANTÓNIO, 36-40  
**Telefone 2 33 46 B R A G A**  
 LANIFÍCIOS — FAZENDAS BRANCAS  
 CAMISARIA - MALHAS - CONFECÇÕES

**JOSÉ MARIA PEREIRA**  
 Casa fundada em 1919  
**ARMAZEM DE CAFÉ, TORREFAÇÃO E MOAGEM**  
**MERCEARIA, FAZENDAS E MIUDEZAS**  
**Telefone 4 23 11 Teleg. ZÉ PEREIRA**  
**MELGAÇO — PORTUGAL**

**Paiva, Mendes & Ab rantes, Lda.**  
**Fábrica de Malhas «PALMAR»**  
 Fábrica — BARCELOS — Telefone 8 28 27  
 Escritório — RUA DO COVELO, 128-1.<sup>o</sup>  
 Telefone 4 24 02 — PORTO

**CORREIA & CARDOSO, LDA.**  
 Representantes no País, dos motores a petróleo Italianos  
**«CO.TI.EMME»**  
 Pulverizadores motorizados de n/fabrico «CAYADO»  
 Motores eléctricos nacionais e estrangeiros  
 Todas as Máquinas e Alfaias Agrícolas para a Lavoura. Agentes da MOBIL OIL PORTUGUESA. «GAS MOBIL»  
**BARCELOS** Telefone 82442

**MANUEL JOSÉ ESTEVES**  
 MERCEARIA FINA, FAZENDAS, CAMISARIA,  
 CALÇADO, MIUDEZAS, MÁQUINAS DE COSTURA  
**Telefone 4 22 73 MELGAÇO**

**COLÉGIO DE D. NUNO**  
 INTERNATO — SEMI-INTERNATO — EXTERNATO  
 Ensino Primário — 1.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> Ciclos liceais  
 e da Escola Técnica  
 ASSISTÊNCIA RELIGIOSA, MORAL E DISCIPLINA  
 Praça do Almada PÓVOA DE VARZIM  
 Telefone. 6 21 06

PASSE AS SUAS FÉRIAS NA  
**PÓVOA DE VARZIM**  
 E VISITE A  
**OURIVESARIA GOMES**

**CAFÉ ESTRELA**  
 SERVIÇO DE CAFÉ E SNACK BAR  
**MANUEL LOURENÇO**  
 Telef. 4 21 01 MELGAÇO

**A CONSTRUTORA METÁLICA**  
 Esta oficina encarrega-se de todos os trabalhos de serralharia mecânica e civil  
 de **HENRIQUE LOPES PEREIRA**  
 Lugar das Pontes — Tamel 5. Veríssimo  
 Telef. 8 23 50 BARCELOS

**EXTERNATO LICEAL DE MELGAÇO**  
 Educação dos dois sexos — Admissão aos Liceus e Escolas Técnicas — Teleescola e Ciclo Preparatório  
 CURSO LICEAL: 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> Ciclos  
 Telefone 4 23 44

**DROGARIA CENTRAL ADRIANO ANTÓNIO CERDEIRA**  
 Telefone 4 23 89 MELGAÇO  
 Tintas — Vernizes — Drogas — Ferragens —  
 Vidros — Louças — Materiais de Construção  
 Agente da Companhia de Seguros  
**TINTAS DYRUP A MUTUAL DO NORTE**

O melhor e mais moderno restaurante da actualidade — Visite-o...  
  
 Rua Filipa Borges — Telef. 82834  
**BARCELOS**

**Têxtil-Francisco Manuel Durães & Filhos, S. A. R. L.**  
 FIAÇÃO-TECIDOS  
 Fundada em 1892  
 ESPECIALIDADE EM FIOS CARDADOS, AGRINS E COTINS  
 Apartado 7 — Tel. 2490 e 2119  
**VALENÇA DO MINHO**

**MARIA DE LURDES CARVALHO MELGAÇO**  
 Fazendas, Calçado, Malhas, Miudezas,  
 Móveis, Máquinas de Costura (Oliva)  
**TELEFONE: 4 23 95**

**CORREIA & IRMÃOS, LIMITADA**  
**ARMAZÉM DE FAZENDAS BRANCAS E LANIFÍCIOS**  
 Avenida Dr. Sidónio Pais — Telefone 8 26 34  
**BARCELOS**

**CASA TOGA ABÍLIO MARTINS**  
 Fundada em 1898  
 Malhas, Miudezas, Fazendas, Camisas, Chapéus, Papeleria, Perfumarias, Novidades,  
 Artigos Fotográficos  
 Telefone 2132 **VALENÇA DO MINHO**

  
**CERÂMICA INFANTE D. HENRIQUE LDA.**  
 LOUÇAS REGIONAIS E DECORATIVAS EXPORTAÇÃO  
 Apartado 29 Telefone 84150  
 Galegos, Santa Maria BARCELOS - Portugal

**PENSÃO FLOR DO MINHO (O 27) de AMÂNDIO RODRIGUES**  
 DORMIDAS — ALMOÇOS — JANTAS  
 ESMERADO SERVIÇO DE COZINHA  
**NO CORAÇÃO DE VILA**  
 Rua Velha Tel. 42340 **MELGAÇO**

**FÁBRICA DE TECIDOS BRACARENSE**  
 DE  
**V.º de Ricardo da Conceição Amorim**  
 AVENIDA ARTUR SOARES  
 B R A G A Telef. 22731

  
**FÁBRICA CERÂMICA DE CANDIDO PINHEIRO DURÃES**  
 Fundada em 1918  
 Telefone. 84114 Apartado n.º 61  
 End. Teleg.: «Cerâmica»  
 LOUÇAS REGIONAIS E DECORATIVAS EXPORTAÇÃO  
 B ARTÍSTICAS - EXPORTAÇÃO  
 Galegos de S. Martinho  
**BARCELOS - Portugal**

**ALFAIATARIA VILAS DE Arlindo Augusto Vilas MELGAÇO**  
 LANIFÍCIOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS  
**RÁPIDA CONFECÇÃO**



Aveiro, a «Veneza Portuguesa», a ria é o coração da cidade

A BEIRA ALTA tem nascentes termominerárias de nomeada e sanatórios (Guarda e Caramulo), além de estâncias de repouso (Abrunhos e Urgeiriça) de proficuos resultados.

## DOURO-LITORAL JANELA ABERTA AO TURISMO

GRANDE cartaz é este DOURO-LITORAL com os melhores requisitos para atrair, ou melhor, para fixar o turista à terra. Paisagem comunicativa, máscula, arrebatadora. Servida dos melhores transportes, rápidos, o avião, em Pedras Rubras. Uma grande urbe — o Porto, centro extraordinário de actividades comerciais e industriais. O DOURO-LITORAL é um prodígio da Natureza, em que os pinheirais ensombram as estradas enquanto a vista se espria pela enorme extensão das areias loiras da praia. Quem não se recorda de contemplar o castelo da Feira, a ponte de Entre-os-Rios (confluência do Tâmega com o Douro), a claridade da Póvoa de Varzim e de Espinho (notas de modernidade em

que não faltam todas as distrações inclusivé Casinos, Piscinas, etc.).

Outras notas de alegria são dadas por outras praias que se estendem num fim que se perde de vista: Vila do Conde, Leça-da-Palmeira, S. Mamede-de-Infesta, Foz-do-Douro, Lavadores, Madalena, Valadares, Francelos, Miramar, Aguda, Granja, etc. Se acrescentarmos a estas as praias fluviais, de água doce: Corticeira e Senhor de Além, teremos um complexo pronto a todos os gostos e a todas as bolsas.

Também esta região é pródiga em estâncias termais, como as Caldas do Ramalhudo e das Murtas (no concelho de Amarante), as de S. Vicente e as da Torre, (Entre-os-Rios), as Caldas da Saúde (Santo Tirso), as de Aregos (no concelho de Resende) e as de S. Jorge (Feira).

É considerada como uma das zonas de maior população do País e de mais acentuada densidade demográfica, em íntima relação com o grande parcelamento da propriedade e com a intensa actividade industrial

O porto de Leixões é considerado o segundo do País e um dos mais importantes da Península Ibérica.

SE GUE



Tomar, a cidade-jardim. O rio Nabão e o Castelo, lá no alto, tornam-na mais bela

Lourenço José das Neves

CALÇADO NEVES

★

Telefone 22705

S. JOÃO DA MADEIRA

CONCHA DOCE

CO NFEITAR—SALA DE C HA

Com fabrico próprio

A Sala de estar dos Sanjoanenses

★

Tel. 23481 — S. JOÃO DA MADEIRA

FÁBRICA DE CALÇADO

LINER

VAZ DA SILVA & LIMA, LDA.

«LINER» — Calçado para homem e senhora

«LINITO» — Calçado para crianças

APARTADO 7

TELEFONE 22141

S. JOÃO DA MADEIRA

FÁBRICA MANUAL DE CALÇADO

ZÉCÍLIA

José Luiz da Silva

Telefone 22212

S. JOÃO DA MADEIRA

HOTEL PARQUE

(Nossa Senhora dos Remédios)

LAMEGO — Telefone 5

★

ABERTO TODO O ANO

Lopes e Filhos L.<sup>da</sup>

Calçado TIP-TOP

CUCUJÃES

Telefone 23410

Rede de S. João da Madeira

Construções Brasília, L.<sup>da</sup>

RUA 11 DE OUTUBRO

Telefone 23498

S. JOÃO DA MADEIRA

MERCEARIA A «VALENCIANA»

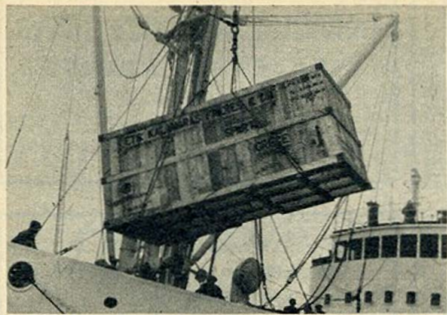
FÁBRICA DE CHOCOLATES E TORREFAÇÃO  
ARMAZÉM DE MERCEARIAS

FRANCISCO COSTA SUCRES, LDA.

CAFÉ FARRUCO

Sede: Avenida Dr. Tito Fontes

Tel. 9 / VALENÇA DO MINHO



Expansão  
da  
Indústria  
Portuguesa

EQUIPAMENTOS TÊXTEIS (TEARES MECÂNICOS) PARA A GRÉCIA  
FABRICADOS E EXPORTADOS PELAS FABRICAS METALURGICAS  
AUTO-MECÂNICA DA BEIRA, LDA. — CASTELO BRANCO



TELEFONE 49307

- Bobinadeiras automáticas para cones de diversos graus com parafinadores de pente mecânicos último modelo.
- Pneus máfil para contínuos.
- Umidificadores para fiações e tecelagens.
- Estruturas metálicas e serviços de serralharia.
- Transformações de todos os tipos de máquinas.
- Barcas inoxidáveis para tinturarias.
- Todos os serviços para fiações e tecelagens
- Estufas rotativas para secagem de cones.

camisas *Califa*

S. JOÃO DA MADEIRA ★ Telefones 22116 e 22117

**GRANDE CASINO DE ESPINHO**



ZONA DE JOGOS  
AUTORIZADA

(a 17 Km do Porto)

— O maior centro de divertimentos do Norte de Portugal

— Atrações internacionais. «Shows», boa música, gente elegante, bebida autêntica.

Hoje... e todas as noites.

**Colégio Nossa Senhora de Fátima**

(SEXO FEMININO) ALVARA N.º 811

INTERNATO E EXTERNATO  
ENSINO PRIMÁRIO, LICEAL E ARTÍSTICO

Directora: Dr.ª MARIA ADELAIDE BISPO DA SILVA CAIO

Avenida 28 de Maio — CASTELO BRANCO  
Telefone 43 Praça de Santiago

**António Alberto Pinheiro e Silva**



Rua Oliveira Júnior  
Telefone 2254  
S. JOÃO DA MADEIRA



**CAVES  
ALIANÇA**

Vinícola de Sangalhos, S. A. R. L.



LISBOA

AV. INFANTE D. HENRIQUE  
(CABO RUIVO)

TELEFS. 381596 E 382155

SANGALHOS

TELEFS. 74166 E 74167

**Fábrica de Celulose de Constância  
CAIMA PULP C.º L.ª**



FABRICO  
DE PASTAS  
QUÍMICAS AO  
BISSULFITO  
PARA A INDÚS-  
TRIA DO PAPEL

**Sociedade de Pesca Oceano, L.ª**

Telefone: SECADOURO 22925

Telegramas: SOTTOMAJOR

APARTADO 63

MORRACEIRA

///

FIGUEIRA DA FOZ

**Cortadoria Nacional de Pêlo, Lda.**

Sociedade organizada nos termos do Decreto-Lei n.º 33049, de 16-9-1943  
Telegramas: «Cortadoria» — Telefones: 23179-23071 (Gerência)

S. JOAO DA MADEIRA — (PORTUGAL)

INDÚSTRIAS DE CORTE E PREPARAÇÃO DE PELO DE COELHO E  
LEBRE — FABRICANTES DE COLAS E GELATINAS INDUSTRIAIS

# MINHO PITORESCO E LABORIOSO

O MINHO é bem o Jardim de Portugal, porta aberta ao Turismo. Ao pé dele, mora a Galiza, continuação da nossa provincia, com a mesma configuração de paisagem e o mesmo sentido de tipo humano e de vida. É tão certo isto, que João Verde traduz com fidelidade estes laços de parentesco nos seus inspirados versos: «Vendo-os assim tão pertinho / A Galiza e mail'o Minho / São como dois namorados / Que o rio traz separados / Quase desde o nascimento / Deixá-los, pois, namorar / Já que os pais para casar / Lhes não dão consentimento». Espera-se que, do entendimento e das relações de amizade, cada vez mais vinculados nos corações minhotos e galegos, resulte para bem de ambos, a permanência de turistas no nosso território. Não faltam as iniciativas, quer das entidades oficiais, quer das particulares. O ramo hoteleiro tem, neste momento, um papel primordial. É necessário investir essas unidades residenciais, confortáveis, elegantes, para todas as bolsas. Já não estamos no tempo em que a viagem era privilégio dos abastados.

O MINHO prepara a sua casa para receber condignamente o hóspede. Tem tudo à sua inteira disposição: belo clima, magnífica mesa, apreciável hospitalidade. Uma paisagem única no Mundo, com todos os cambiantes agradáveis à vista e à alma, desde a montanha à planície e ao areal. Há sítios paradisíacos: Santa Luzia (Viana do Castelo), Bom Jesus e Sameiro (Braga), Penha (Guimarães), Franqueira (Barcelos), Monte da Madalena (Ponte de Lima), Monte do Faro (Valença), o Gerez, a Ilha dos Amores (frente a Gondarém), e tantos outros bons bocados que há por toda a parte do Minho.

A cada passo, abrem-se as folhas da História. No falar, na indumentária, esta região é nos usos e costumes também pródiga em atractivos mas variando sempre, em Castro Laboreiro, Soajo, Famalicão, Guimarães, Fão, Afife, Esposende, Braga, Melgaço, termo Barcelos, etc. Acerca do riquíssimo folclore, que poderíamos adiantar? Está, a cada momento, bem patenteado nas feiras, nas romarias, nos próprios lugares de trabalho. Esfolhadas, espadeladas, sachas, vindimas, as «festadas», mordomarias, peditórios para santas e santos, eu sei lá, uma infinidade de manifestações e iluminação (à moda do Minho), os gaiteiros, «Zês Pereiras», e o foguetório (a pirotecnia minhota tem foros de internacionalidade).

Como nota de curiosidade, anotamos algumas das mais expressivas romarias minhotas, que já fazem parte do cartaz internacional: Senhora da Agonia (Viana do Castelo), Gualterianas e S. Torcato (Guimarães), S. João, Espírito Santo (Bom Jesus) e Senhora do Sameiro (Braga), Cruzes (Barcelos), S. Bento da Porta Aberta (Gerez e Paredes de Coura), Santa Rita (Caminha), Senhora da Bonança (Vila Praia de Ancora), S. Bonto (Seixas), Senhora da Peneda, Senhora das Neves, etc.

Se a montanha, com Castro Laboreiro e o Gerez, nos impressiona e nos empolga, também nos delicia os sentidos, todo o litoral, recortado por extensos areais e por curiosas penedias, de que são exemplos os emergentes Cavalos de Fão. Das praias, salientamos, entre outras, as de Moledo, Ancora, Viana, Belinho, Marinhas, Esposende, S. Bartolomeu, Apúlia.

O MINHO é uma fonte inesgotável de nascentes minerais e termais. Pode dizer-se

SEGUE



Quem é que não conhece a Rosa Ramalho, fiel representante dos barristas de Barcelos?

idepa

INDÚSTRIA DE PASSAMANARIAS, Lda.

Fábrica de etiquetas, cintos, suspensórios, galões, guarnições, elásticos, correias militares e diversas fitas.

AV. ALM. AMÉRICO TOMAS — Telefone 23327  
Teleg. IDEPA — S. JOAO DA MADEIRA



Armazéns Roma

António Ferreira da Silva

MODAS E NOVIDADES

Praça Luis Ribeiro, 189-191 — Telef. 22602  
S. JOAO DA MADEIRA



ARMAZÉM DE SOLAS E CABEDAIS

J. Martins Cavares & C.a, L.da

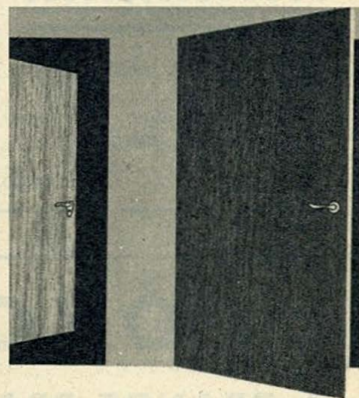
Telef.: Armazém 22237  
Telef.: Residência 22740  
Rua Padre Oliveira n.º 14  
S. JOAO DA MADEIRA

JOSÉ MARIA GOMES & FILHOS BRAGANÇA

Agentes distribuidores de material eléctrico e do GAS MOBIL

Correspondentes de: BANCO TOTVA-ALIANÇA, em Macédo de Cavaleiros  
PINTO DE MAGALHÃES, L.D.A., em Bragança  
ARMAZÉM DE MERCEARIA

Telef.: Bragança. 32 e 432 - Macédo de Cavaleiros, 123



THESE

Santos & C.a L.da

FÁBRICA DE PARQUETE  
MOSAICO — MÓVEIS  
E PORTAS

BOAVISTA — TELÕES

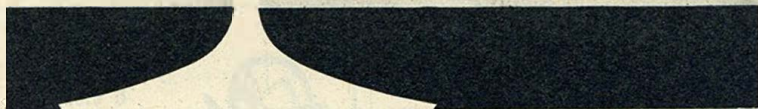
A MARANTE

Telefones 361 e 362

con  
de de  
amar  
ante

**AGUARDENTE  
VELHA**

*o final  
requintado  
de uma  
boa refeição*



**CAVES DA CERCA, LDA.**  
**AMARANTE**



**CAVES DA**

**Montanha**

**A. HENRIQUES, LDA.**

**ESPUMANTES NATURAIS**

*«A qualidade ao serviço  
do bom gosto...»*

**ANADIA**

**Telef. 52260**

**MIRVEL**

— DE —

**ANTÓNIO MIRANDA VELOSO**

//

**VIDROS NORMAIS E TEMPERADOS  
CRISTAIS E ESPELHOS  
CONTRAPLACADOS  
E MADEIRAS PRENSADAS**

**REVESTIMENTOS:  
TECTOS E LAMBRIS  
CROMAGEM**

**Tel. 2 31 63 — R. João Cabreira, 13  
C O I M B R A**



**«HOFELS»**

**CÁPSULAS  
DE  
ALHO**

**PRODUTO NATURAL  
ACTIVO CONTRA AS  
MANIFESTAÇÕES DE  
REUMATISMO, ARTRI-  
TISMO E VELHICE  
P R E C O C E**

**A venda  
nas farmácias**

**PEDIDOS DE LITERATURA AOS REPRESENTANTES:**

**SOLMIRCO**

**LARGO STA. BARBARA, 5-A — LISBOA-1**



**TIPOGRAFIA ALCOB ACENE, L.ª**

**ALCOBAÇA**

**TELEF. 42187**

**SOC. AUT. CRUZ DE CRISTO, L.ª**

**SERVIÇO COMBINADO COM A C. P.**

**Agente SACOR - CIDLA - AGRAN**

**ALCOBAÇA — TELEF. 42109**

**ABADIA DE ALCOBAÇA, LDA.**

*Compotas, Conservas, Doces, Cebéias e sumos de frutas  
Licores, Xaropes, Rebuçados e Caramelos  
Conservas de legumes, Pickles e Mostardas  
K L C O B A Ç A*

*Teleg. ABADIA // Telef. 4 22 29*

*Depósito no Porto: ABADIA DE ALCOBAÇA, LDA.*

*P. do Bonfim, 265 — Telef. 5 46 22*

*Depósito em Lisboa: MACHADO & OLIVEIRA, LDA.*

*R. do Funchal, 1-B — Telef. 73 54 29*

# PÓVOA DE VARZIM

**— A GRANDE PRAIA DE PORTUGAL**

**ZON ADE TURISMO · JOGO · CASINO**



**PISCINA — PARQUES DESPORTIVOS  
PRAÇA DE TOUROS — TIRO DE STAND  
3000 M. DE AREAL  
1500 CASAS PARA ALUGAR NA ÉPOCA  
HOTEL — RESTAURANTES  
PENSÕES — SNACK-BARES  
PROCISSÕES — FESTAS POPULARES  
FOLCLORE — CINEMAS — TEATROS  
BOITES  
COZINHAS E DOCES REGIONAIS**

**Camisolas Poveiras — Mantas de Farrapos**

**POSTO DE TURISMO — TELEFONE 62009**

que é a parte do País onde está concentrada toda a maior riqueza hidro-medicinal. Ao acaso, citaremos, as do Gerez, Caldelas, Peso de Melgaço, Monção, Taipas, Vizela, etc. Como águas de mesa, também, as há excelentes: Tenões (Braga), etc., e ainda, inumeráveis nascentes férreas e sulfurosas: Ancora, Lanhelas, Nogueira, Vila Mou, S. Pedro de Arcos, etc.

Últimamente, tem-se registado grande desenvolvimento industrial, principalmente em Braga, Barcelos, Guimarães, Famalicão, Riba d'Ave, Pevidem, Santo Tirso entre outras localidades. Não podemos esquecer que os pioneiros da indústria têxtil foram Narciso Ferreira e António José Lopes Correia: Nos



Os Pauliteiros, de Miranda do Douro (Duas Igrejas) que são sempre espectáculo.

nosso dias têm sido levantados grandes pavilhões industriais que pertencem a Manuel Gonçalves, Riopete, Albano Coelho Lima, Alberto Figueiredo Filhos, Calçado Campião Português, Flor do Campo, Sofit, Supercote, Marfil, Correia & C<sup>a</sup> Lda., Filda, etc. Algumas destas organizações têm montados excelentes centros sociais (Fundação Narciso Ferreira). Está também em grande desenvolvimento a construção de navios em Viana (Estaleiros), Caminha, Esposende e Fão. Em Barcelos, Fafe e Famalicão, há fábricas de fiação e tecidos de algodão. Guimarães (cutilaria, calçado, pentes, feragens), Braga (fundição de sinos e de imagens sacras), etc. Com carácter especificamente regional: em Barcelos, Prado, Alvarães, Viana (olaria), em Viana, Lanhelas, Ponte da Barca (pirotecnia), em Guimarães e Viana (ornatações e iluminações de arraiais e outras festividades públicas), em Viana (trajos regionais e bordados a lã, retrós, algodão, lantejola e vidrilhos, etc.). Com este surto industrial, vão-se criando grandes zonas habitacionais por toda a banda. As localidades estendem-se e valori-

zam-se de momento a momento. Algumas das mais importantes, como a capital do MINHO, Braga, cresce a olhos vistos, prosseguindo na obra deixada pelo comendador António Santos da Cunha, que deu a Braga uma Nova Braga. A Cidade-Satélite é já uma das grandes realidades bracarense, entre muitos outros empreendimentos. Também nos merecem uma palavra de carinho os homens de Melgaço (os «franceses de Melgaço») que com o suor do rosto, em França, vão alimentando o fogo sagrado de uma velhice tranqüila, depois em «Santa Terrinha» substituindo o colmo pela telha, contruindo casas airosas, que dão à paisagem uma cor gritante. Vieira do Minho é uma esperança promissora.

### TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO : UMA AGRESSIVIDADE QUE É ENCANTO

Até há bem pouco tempo a definição formulada pelo investigador Prof. Ezequiel de Campos resumia-se a isto: «As terras para lá do Marão estiveram quase ensimesmadas, com suas vilas e aldeias de casas amontoadas, os campos e as vinhas nos vales e nas encostas de em torno, e o resto a selva, nos caminhos largos até à povoação imediata». A orografia é o que impera (o belo horrível). Marão, Nogueira, Bornes e Padrela, são as grandes saliências, onde se encontra cerca de metade das altitudes superiores a 1000 metros, existentes no País. Depois é um louvar a Deus de nomes de montes e mais montes.

Toda esta região está envolvida pelos rios Douro e seus afluentes, que serpenteiam as grandes elevações e lhe emprestam beleza e riqueza.

### SEGUE

O Minho é fonte inesgotável de riquíssimo folclore. Ei-los, sorridentes, os noivos, na parada do traje que todos os anos se realiza.



No dia da inauguração (4-XII-1966) de duas grandes camionetas transportadoras junto ao belo escadório do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego.

# TRANSPORTES

DE

## ARTUR PEREIRA TRINDADE

Uma empresa ao serviço da Nação.

A melhor organização de grandes camionetas-frigoríficas para transporte de frutas e todos outros produtos alimentares para o País e Estrangeiro, em magníficas condições. Importador de maçãs da França para Portugal. Trabalha em íntima colaboração com o Grémio dos Produtores de Frutas, de Vila Franca de Xira (cabendo uma palavra de elogio ao seu presidente, Sr. António Fernando Maria Luizello, pelo muito que tem contribuído para a valorização da fruta portuguesa) e com a Junta Nacional de Frutas, de quem não pode esquecer o seu presidente, Sr. Eng.º José Duarte Amaral, grande impulsor do prestígio da fruta portuguesa nos países estrangeiros.

ESCRITÓRIOS:

Avenida 5 de Outubro, 43

Telefone 127

RESIDENCIA:

Rua Colomela Telefone 16

L A M E G O

Num vai-vém contínuo, de fora e dentro de Portugal, as camionetas são cuidadosamente carregadas por pessoal competente.





### EXTERNATO DELFIN FERREIRA

RIBA D'AVE — TELEFONE 93102



CURSOS INFANTIL, PRIMÁRIO E LICEAL  
PARA RAPAZES E MENINAS

### Sociedade Têxtil Albano Coelho Lima, Lda.

FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DE LINHO E ALGODÃO  
ESPECIALIDADE EM PANOS PARA LENÇÓIS

Teleg. COELIMA - Telef. P. P. C. 40141 - APARTADO 5 - PEVIDEM - PORTUGAL

### CRUZ & C.<sup>A</sup>, LDA.

LIVRARIA CRUZ

127, Rua D. Diogo de Sousa, 133 — Telefones 22011-22398  
Filial: Avenida Central, 28 e 30, Telefone 22011 — BRAGA



### RESTAURANTE TURISMO DE BARCELOS

UMA JANELA DEBRUÇADA SOBRE O CAVADO

Serviço completo de restaurante e salão de chá

TELEF. 82479

### TABACARIA ELEGANTE

TABACOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS — ARTIGOS PARA FUMADORES  
REVISTAS — GELADOS — TOTOBOLA — PERFUMARIAS

SERVIÇO DE ENGRAXADORIA PERMANENTE

Rua 5 de Outubro, 28 — Telef. 62889 — PÓVOA DE VARZIM

### RABANADAS POVEIRAS

ESPECIALIDADE DA PÓVOA DE VARZIM NO

RESTAURANTE LEONARDO

TODOS OS DIAS E A QUALQUER HORA

NÃO RESERVE A SUA ENCOMENDA PARA A ÚLTIMA HORA

Telef. 62349 — PÓVOA DE VARZIM

### Sociedade Artística Manufactura de Borracha, Lda.

ESPECIALIDADES EM:

Anilhas de borracha e Borracha líquida para o fecho hermético das latas de conservas alimentícias, óleos minerais, etc., etc. — Solda, em fio e fita. Fábrica de bisnagas de estanho puro, chumbo estanhado e alumínio, para produtos de beleza e farmacêuticos, pastas dentífricas, etc., etc.

Escritório e Fábrica: RUA DAS ANTAS — Telef. 2415 — VALENÇA DO MINHO

### CASA CONDESSA

CÂMBIOS — TABACOS — LOTARIAS

SEDE: AVENIDA MIGUEL DANTAS — TELEFONE 2474

SUCURSAL: NO EDIFÍCIO DA FRONTEIRA — Junto à Ponte Internacional

VALENÇA DO MINHO



AS BELAS INSTALAÇÕES DO HOTEL TOCAIO NO GRANDE CENÁRIO DO MARÃO

### HOTEL TOCAIO

Uma das mais modernas unidades hoteleiras do País, debruçada sobre o Marão. Hotel preferido pelos estrangeiros. Máximo conforto. Ambiente agradável. Todos os quartos com casa de banho, telefone, aquecimento e ar condicionado. Serviço de «bar» excelente. Requitado serviço de cozinha.

AV. CARVALHO ARAÚJO • VILA REAL • TELEFS. 23106-23107

### AUTO-VIAÇÃO DE MELGAÇO, LDA.

Telef. P. P. C. 42157

MELGAÇO

Concessionários de carreiras regulares de passageiros Modernos, cómodos e luxuosos autocarros para serviço de aluguer e excursões no País e no estrangeiro

### EXTERNATO LICEAL DE MONÇÃO

EDUCAÇÃO PARA OS DOIS SEXOS

CURSOS:

Admissão aos Liceus e Escolas de Ensino Técnico

Liceal para 1.º, 2.º e 3.º Ciclos

### COSTAS & QUINTELA, LDA.

FÁBRICA DE SERRAÇÃO — CARPINTARIA MECÂNICA — MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

PALHA DE MADEIRA — ETIQUETAS DE MADEIRA — Em branco e impressas

TELEFONE 82742 — BARCELOS

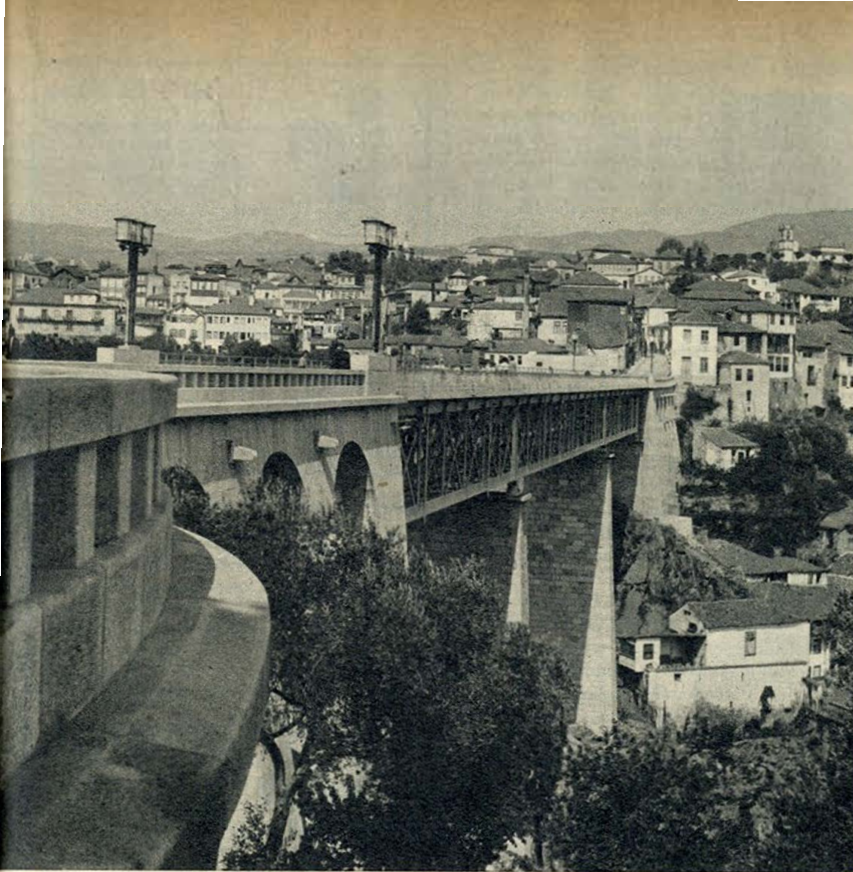
### Armazém de Tecidos São Pedro, Lda

FAZENDAS BRANCAS E LANIFÍCIOS

AVENIDA COMBATENTES DA GRANDE GUERRA, 142 e 146

TELEF. 82257 — APARTADO 21

BARCELOS



Vila Real — Um aspecto geral, através de uma das suas entradas

Sem indústria, tem, no entanto, uma excelente produção mineral de incalculável valor (só o concelho de Bragança possui para cima de 50 minas e o de Torre de Moncorvo, para cima de 40). Extrai-se além de ferro (justificava-se uma Siderurgia), o volfrâmio, prata, cobre, estanho, crómio, chumbo, arsénio, zinco, antimónio, etc.

Essencialmente agrícola, é a grande região do vinho do Porto. Ramalho, a propó-

sito, da bacia da Régua, escrevia, algures, na sua obra «Farpas»: «A mais rica, a mais fértil, a mais abundante região agrícola de Portugal, de que o pingue e risonho vale de Jungueiros é a expressão superlativa e culminante». Segundo cálculos recentes a produção vinícola desta região está calculada de 100 a 1000 litros por km<sup>2</sup> (distrito de Bragança), 1000 a 5000 (Miranda), de 5000 a 10 000 (Vila Real). Durante muito tempo, este néctar foi a parcela primordial da exportação portuguesa. Continua ainda, hoje, a ocupar posição cimeira na lista das nossas exportações.

Também esta região é rica em pecuária. Em Montalegre e Boticas, cria-se a raça «barrosã», no Marão denomina-se «maronês», e em Miranda do Douro, o de «raça mirandesa».

Eis uma região merecedora de estudos etnográficos, pois abundam nela usos e costumes de épocas remotas. O seu falar também tem cunho de tradicionalismo. Ainda se falam os dialectos «mirandês» (Miranda do Douro) «riodonorês» (Rio de Onor), e o «guadramilês» (de Guadramil). Também são curiosas as suas danças e cantares, especialmente a «dança dos paulitos» ou «dos pauliteiros mirandeses», bailado pelo agrupamento das Duas Igrejas, dirigido pelo folclorista e escritor António Maria Mourinho, agrupamento que tem sido lá fora o cartaz etnográfico português. E já que falamos de agrupamentos não podemos esquecer o de Barqueiros (Mesão Frio), também com grande nomeada no estrangeiro.

SEGUIE



O célebre escadório do Bom Jesus do Monte, em Braga, que nos conduz à mais bela estância de repouso da nossa terra.

AGENTE DA FIBRA CRYLOR — LA CAXEMIL  
Fazendas, malhas, peúgas, guarda-chuvas,  
miudezas, etc.

Tapetes em lã — Tapetes de Caspélio

**CASA ALVARINHO**  
DE

**ALVARO PALHARES**

ESPLANADA Telef. 2356 VALENÇA

**DANIEL DA SILVA**

TELEFONE, 82633

R. Duque de Bragança, 41 a 45 - BARCELOS  
Adubos, materiais de construção, tintas e  
Motores agrícolas

AGENTE DOS

MOTORES ELÉCTRICOS RABOR  
E DA COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO

**COLÉGIO D. DIOGO DE SOUSA**

(PARA RAPAZES)

Telefones, 2 32 00 e 2 36 44

**B R A G A**

**PENSÃO FLÓRIDA**

Telef. 2106 — VALENÇA DO MINHO

APOSENTOS DE PRIMEIRA ORDEM

COZINHA INTERNACIONAL

Peça «Bacalhau à Flórida»

e «Sarrabutho à Moda do Minho»

**CASA DOS TAPETES**

de Gonçalves & Fernandes, Limitada

FAZENDAS E MIUDEZAS — NOVIDADES  
TAPEÇARIAS, CAMISARIA E MALHAS

AVENIDA MIGUEL DANTAS VALENÇA

Telefone 2342

**FÁBRICA DE MALHAS**

**SAMPEX, LDA.**

Casal de Nil BARCELOS

Telefone 8 28 51



**CASA PARIS**

CALÇADO — LANIFICIOS  
MODAS — NOVIDADES

**JAIME AFONSO**

Telef. 42264 — MELGAÇO

**CASA MATINHOS**  
DE

**António J. de Sousa Matos, Suc.<sup>ta</sup>**

ESPECIALIZADA EM BORDADOS REGIONAIS  
E FATOS À VIANESA

Largo João Tomás da Costa, 5 — Telefone 22761

VIANA DO CASTELO PORTUGAL



VENHA CONNOSCO A CESTONA

## EXCURSÕES

visitando Toledo, Cuenca, Mosteiro de Pedra, Cidade Encantada Zaragoza, 15 dias nas melhores termas de Espanha (tratamento ao fígado) partida 16 de Junho, preço desde 3.200\$00.

Inscreeva-se: **VIAGENSA**

Rua Almirante Reis, 6 Tel. 62146

**PÓVOA DE VARZIM**



## RESTAURANTE NÁUTICO

- COZINHA TÍPICA REGIONAL
- COCINA TIPICA DE LA REGIÓN
- CUISINE TYPIQUE REGIONALE
- TYPICAL REGIONAL COOKERY

LÍMIA-PARQUE — TELEFONE 22330

**VIANA DO CASTELO**

## J. C. Mendes Andrade & C.<sup>a</sup>

FÁBRICA DE MALHAS S. MATEUS

MEIAS, PEÚGAS E SOQUETES  
DE  
MOUSSE, NYLON, LÃ E ALGODÃO  
PARA  
SENHORA, HOMEM E CRIANÇA

Telefone 49232

F A F E

## Afonso, Lopes & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

«MOAGENS DO LORETO»

FARINHAS ESPOADAS, RAMAS E  
SÊMEAS DE CENTEIO, FARINHAS  
DE TRIGO E FARINHAS PARA  
GADOS.

R. Alexandre Herculano — Tel. 58/77

Telegramas FARINHAS

**BRAGANÇA**

No Barroso, ainda há homens que usam «croça» de ombros, socos fechados e cara-puça, ou chapéu redondo, e mulheres de capa, com o «corucho» pela cabeça (capucha, nome que os montalegrenses lhe dão) e socos abertos, as «Honras de Miranda», capote, espécie de gabão, enriquecido com recortes, tiras de bordados, alguns deles caprichosamente confeccionados (Miranda do Douro), etc.

Em várias terras pratica-se a troca de géneros por géneros, de mercadoria por mercadoria. A culinária também é de atender. Mencione-se o célebre «caldo de castanhas», as alheiras de Mirandela e de Bragança, as amêndoas cobertas da Torre de Moncorvo e o presunto de Lamego. Como artesanato registre-se: oleiros, de Tourencinho e de Vilar de Nantes, que trabalham no barro preto. Nesta região fabricam-se: socos, «croças», cestos e obra de castanho.

Apontemos algumas romarias, que têm valor etnográfico: de Santa Bárbara (Boticas), Senhora da Saúde (S. Pedro de Agostem), Nossa Senhora dos Remédios (de 5 a 8 de Setembro, em Lamego — uma das maiores do País), Ascensão (Mondim de Basto), Senhor da Piedade (Montalegre), Senhora da Guia (Ribeira de Pena), Senhora do Rosário (Sabrosa), Salvador do Mundo (S. João da Pesqueira), Senhora da Ribeira (Valença do Douro), Senhora da Saúde (Valpaços), Nossa Senhora da Veiga (Vila Nova de Foscôa), Santa Bárbara (Miranda do Douro, em que figura o andor do Menino Jesus da Cartolinha, tão venerado pelo povo mirandês), Santo António (Vila Real), etc.

Muitos escritores têm-se debruçado a escrever sobre a paisagem humana desta região das mais castiças, entre eles Ferreira de Castro, Amândio César, Miguel Torga, Abade Baçal, etc.

Esta região parece-nos de grande interesse turístico. Aliás, todo o Portugal tem uma grande arma a explorar: o Turismo. E, Trás-os-Montes, com todo o seu valioso tipismo é bem digna de recomendação para uma demorada visita de estudo.



Miranda do Douro, rua típica, da época do quinhentos



## Estatuária Barcelense

GALEGOS, S. MARTINHO  
Apartado n.º 14  
BARCELOS - Portugal  
Telefone 84121

FABRICANTES DE LOUÇAS  
REGIONAIS E ARTÍSTICAS

## Sociedade Industrial de Alfaias Agrícolas, Lda.

FÁBRICA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Secção de Vendas e Sede: Av. Dr. Oliveira Salazar, 26  
Fábrica: Bairro St.ª Marta (Junto à Estação)  
Stand de Exposição. Av. Dr. Oliveira Salazar, 45-46  
Telefone 82486 P. P. C. BARCELOS



**Doçaria  
Luzitana**

Rua Francisco Sanches  
Jardim de St.ª Bárbara  
Telefone, 23300 - BRAGA  
Fabrico esmerado de todas as qualidades de doce  
Serviço de Casamentos,  
Baptizados  
e Portos de Honra

## EDUARDO DA CONCEIÇÃO AMORIM & FILHOS

PARAMENTOS E ARTIGOS DE IGREJA  
Casa Fundada em 1866  
ENVIAMOS AMOSTRAS E ORÇAMENTOS  
91. Rua do Souto, 97 Telefone 22725  
BRAGA (Portugal)

## LONDRES EM BRAGA

ALFAMATARIA PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

Lanifletos Sobretudos  
Nacionais Gabardines  
e Estrangeiros Zambrenes  
Avenida Marechal Gomes da Costa, 728  
Telefone 22961 — BRAGA

## CASA LOUREIRO

SEBASTIÃO SANTOS DA CUNHA,  
LIMITADA

Rua Dom Diogo de Sousa, 31 - 35

Tel. 24164/7 BRAGA

C A Ç A  
P E S C A  
EXPLOSIVOS

O maior sortido  
aos melhores preços

## EXTERNATO DE S. GONÇALO

Para rapazes e meninas:  
Primário, admissão aos liceus e escolas  
técnicas e 1.º e 2.º ciclos liceais.

Telef. 20 AMARANTE



AS CONSERVAS DE PEIXE  
DA MARCA

“AVEIRO”

IMPUSERAM-SE A CONSIDERAÇÃO DOS  
CONSUMIDORES NACIONAIS E ESTRAN-  
GEIROS PELA ALTA QUALIDADE  
DO SEU FABRICO

EXIJA-AS  
NO SEU FORNECEDOR HABITUAL

FABRICANTE SE EXPO EADO RES:

EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, S. A. R. L.

Estrada da Barra, 9 — AVEIRO

Telefones 23 111/2/3

End. Teleg. SALGUEIROS

## Fábricas Aleluia

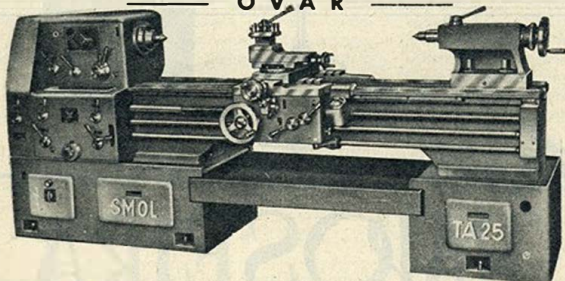
AZULEJOS  
LOUÇAS

Rua Rodrigo da Fonseca, 70-r/c-E.  
Telefone 54872 — LISBOA

Galeria de Paris, 96-1.º  
Telefone 27012 — PORTO

Telefone 22061 (3linhas)  
AVEIRO

SOCIEDADE METALÚRGICA OVARENSE, LDA.  
OVAR



TORNOS MECÂNICOS PARALELOS  
DE ALTO RENDIMENTO E PRECISÃO



Pastelaria e Confeitaria Avenida

— DE  
ANÍBAL RAMOS

SALAO DE CHA  
Especialidade em ovos moles

Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 84 a 90  
Telefone 23289 — AVEIRO

ARC

ARMANDO RODRIGUES DE CARVALHO

RUA DO CARMO, 81

VISEU

TELEFONE 22744

BOMBAS  
DILÚVIO

TODOS OS MOTORES DE REGA E SEUS ACESSÓRIOS



TAVARES

Apresenta  
as últimas criações  
no pronto a vestir

Modelos exclusivos

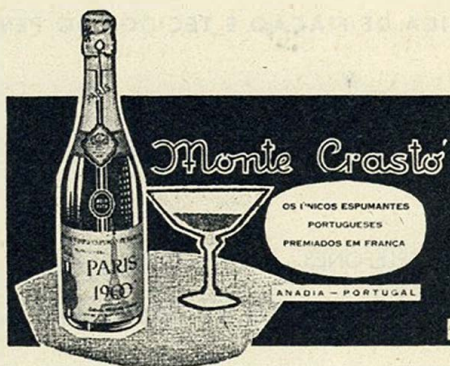
R. Formosa — R. Direita  
VISEU — Tel. 22642-PPC

EXTERNATO DE SANTA MARIA

PARA MENINAS E RAPAZES

1.º, 2.º E 3.º CICLOS LICEAIS  
INSTRUÇÃO PRIMARIA  
TELESCOLA

VILA DA FEIRA — Telefone 96305



PÓVOA CINE

CINE-TEATRO GARRETT

DUAS CASAS AO SERVIÇO DOS ESPECTÁCULOS E DA

PÓVOA DE VARZIM

CASA TRINDADE

ANTÓNIO PEREIRA DA TRINDADE

ANTIGUIDADES

Compra e venda — A casa mais importante do centro do País

Praça Dr. Oliveira Salazar, 59 e 60 — Telefone 42243

ALCOBAÇA - Portugal

**Correia & C.<sup>a</sup>, Lda.**

**SEDAS IBIS**

**DEL AËS—MINHO II**

TELEFONE 93391

**Fábrica de Malhas TOR**

**TORRES & C.<sup>A</sup>, LDA.**

Santa Marta — BARCELOS

ARTIGOS DE ALGODÃO, NYLONS E MOUSSE — INTERIORES E EXTERIORES  
PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA — LANGERIES E CINTAS PARA SENHORA

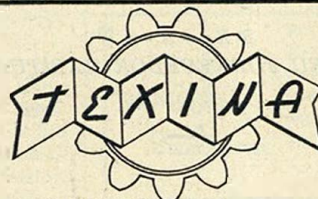
TELEFS. 82288/89

**Correia & Filhos, Lda.**

**FIAÇÃO CORFIL**

**DEL AËS—MINHO II**

TELEFONE 93446



FÁBRICA DE MALHAS INTERIORES E EXTERIORES

**Têxtil Vale do Cávado**

S. A. R. L.

APARTADO, 15 — TELEFONE, 82808 — BARCELOS (PORTUGAL)

FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DO PEVIDÉM

**Alberto Rodrigues de Figueiredo & F.ºs**

TELEFONES: 42247 - 42248 - 42250

APARTADO 8 — PEVIDÉM

**Externato Municipal de Fafe**

para meninos e meninas

1.º E 2.º CICLOS DO ENSINO LICEAL

Telefone 49355

F A F E

**Recauchutagem Lameca**

DE

**CARVALHO & SEBASTIANA**

RECAUCHUTAGEM E RECHAPAGEM DE PNEUS

Telefone 265

LAMEGO

*Não há boa garrafeira...*



**sem**

*Espumantes Naturais*  
**RAPOSEIRA**

NA HORA DA REVOLUÇÃO CULTURAL A CHINA VERMELHA ASSISTE À LUTA DE DOIS HOMENS QUE FORAM AMIGOS E SE TRANSFORMARAM EM IRREDUTÍVEIS ADVERSÁRIOS POLÍTICOS.

# LIU CHAO CHI E MAO TSÉ-TUNG



## TRAVÃO CONTRA ACELERADOR

**Q**UEM é este homem contra o qual a propaganda chinesa se desencadeia com uma violência rara, e que é designado pelo epíteto do «alto dirigente que se comprometeu com o capitalismo»? Que, um dia, foi classificado de «Kruschev chinês» para, no dia seguinte, lhe chamarem o «Tito da China»? Este homem a quem milhões de manifestantes exigem a demissão e a execução? Que força, que ideias e factos representa para que resista durante oito meses à pressão conjunta dos

cutros membros da velha guarda bolchevista? As perguntas formuladas põem em evidência o carácter enigmático, extraordinário, do drama que tem Liu Chao Chi como protagonista — um duelo gigantesco, que ultrapassa, aparentemente, a sorte de uma pessoa e compromete o destino de uma das maiores nações do mundo.

A vida de Liu, segundo os seus melhores biógrafos, não é certamente a de um «burguês capitalista». Confunde-se com a história do partido, com a expansão da revolução chinesa! Nascido em 1898, 1900 ou 1905, Liu é originário daquela mesma província, fértil em arroz — o Hunan — que viu nascer Mao Tsé-Tung. Como este, descende duma família de camponeses da classe média. Inscreveu-se, em 1916, na Escola Normal de Changsha, foco do pensamento liberal, que Mao frequentou, também, de 1913 a 1918. Pode, pois, supor-se que os dois futuros dirigentes, amigos, e, depois, inimigos, se conheceram nesta altura. Enquanto Mao permaneceu em Changsha como mestre, Liu, em

1920, dirigiu-se à turbulenta cidade de Xangai, onde se filiou na Liga «ultra» da juventude socialista e tomou contacto com os emissários russos do Kamintern. Estes conduziram-no, em 1921, à URSS, a fim de frequentar a Universidade dos Trabalhadores do Extremo Oriente. Ali, Liu converteu-se ao leninismo, aderindo ao Partido Comunista chinês, imediatamente a seguir à sua formatura.

Em 1922, Liu volta a Xangai onde o Partido o utiliza em trabalhos sindicais. Organiza greves com eficácia, o que lhe vale ser nomeado, em 1925, vice-presidente da Federação Nacional do Trabalho, ascendendo, em 1922, a membro do Comité Central. Depois do desastre de Xangai, provocado por instruções insensatas de Estaline, os caminhos de Mao e Liu, que até então seguiam paralelamente, afastam-se. Mao escolhe a guerrilha de camponeses, organiza a base de Kiangsi e, quebrando, em 1934, o cerco das tro-

Por **FRANÇOIS FEJTO**

partidários de Mao, no exército, nos jornais, ao assalto dos guarda vermelhos, de todos os rebeldes revolucionários?

Enfim, onde pretendem chegar os adversários de Liu, que lançam contra ele a difamação, a calúnia, a chantagem, como Estaline procedeu contra Trotsky e os

SEGUIE

# MAO CONTRA LIU



LIU E MAO, NO TEMPO EM QUE ESTAVAM DE ACORDO.

pas de Chiang-Kai-Chek, organiza a famosa «Linha Marcha» para Noroeste, onde se torna chefe efectivo do partido. Liu permanece em território controlado pelos nacionalistas. Mergulha na clandestinidade.

Organiza, por seu turno, também, grupos de guerrilheiros, mas a sua especialidade era a estruturação da máquina clandestina do partido e dos sindicatos, a subversão e organização de núcleos, nos centros urbanos.

Esta divisão do trabalho entre duas formas distintas da mesma luta assegurará a implantação do partido e, mais tarde, a vitória do comunismo em todo o país. Em 1932, Liu encontra-se com Mao, durante algum tempo, no Kiangsi; é nomeado membro do Comité Político. Depois, em 1934, retoma o trabalho ilegal nos meios operários, organiza manifestações anti-japonesas em Pequim, dirige com competência o Comité do partido no Norte, explora com inteligência o descontentamento patriótico pela política de adiantamento de Chiang-Kai-Chek.

Durante a guerra anti-japonesa e todo o período de Yenan, que coincidiu com a expansão impressionante do movimento comunista (40 000 membros em 1937, 1 200 000 em 1945), Liu dirige o movimento clandestino. Entretanto, demorou-se algumas vezes em

Yenan de 1936-1939. E, então, que publica o seu famoso livro «Como ser um bom comunista», obra hoje classificada de revisionista e de inspiração hurguesa, e outros estudos: «Sobre o carácter da classe do homem» (1941), «Sobre a luta no interior do Partido» (1941); «Sobre o Partido» (1945) e que o mostram, a despeito de tudo o que possam dizer hoje, um leninista ultra-ortodoxo, convencido, como Estaline, de que os quadros — isto é, a solidez da máquina — decidem tudo.

Em 1941, Liu serve como comissário político junto do novo 4.º exército comandado por Chen Yie (hoje acusado de conivência com ele). Enfim, depois de vinte anos de trabalho clandestino, é chamado ao centro de Yenan e entra no Secretariado composto por cinco membros, entre os quais Mao, Chu Teh e Chou En-Lai. Com efeito, passa a ajudante de Mao, quando o chefe do partido se dirige a Chungking para negociar com Chiang-Kai-Chek. É encarregado, em 1948, de condenar, em nome do Partido chinês, a «heresia» de Tito.

Ele não esquece sublinhar, ao mesmo tempo, o direito de cada partido elaborar uma política adaptada às suas próprias condições de luta. Diz-se que ele é pró-soviético. Como Mao, é, antes de tudo, chifrês.

Depois, vem a vitória no dia 1 de Outubro de 1949, Liu é nomeado — depois do prestigioso Chu Teh, e antes da sr.ª Soong, viúva de Sun Yat-Sen que representa o laço com o passado — vice-presidente do primeiro governo da República Popular. Enquanto Mao reina, pensa, profetiza, Liu organiza e governa, para dar ao país conquistado uma armadura burocrática, centralizada e mais branda que a do modelo soviético. Preside à escolha dos quadros — dos mesmos quadros que, hoje, a julgar pelos ataques de que são alvo, lhe permanecem fiéis e para os quais ele é o símbolo da ordem e da segurança. Chamam-lhe agora o «Kruschev da China». Já não é o seu Estaline?

Liu não acompanhou Mao quando este, em fins de 1949, se dirigiu a Moscovo para desfazer a desconfiança de Estaline e concluir, com a URSS, o tratado de aliança, que, teóricamente, está em vigor. No entanto, viu Estaline pouco antes da morte deste por altura do XIX Congresso, em Outubro de 1952. Em 1954, foi nomeado Presidente do Comité Permanente da Assembleia Nacional e continuou a fiscalizar o trabalho dos sindicatos. Foi vice-presidente da Federação Sindical mundial (F.S.M.), desempenhou um papel de primeiro plano no Congresso do Partido,

em 1956; em Maio de 1958, apresentou o grande relatório sobre a mobilização do trabalho rural. Em Dezembro de 1958, Mao anuncia ao país o seu desejo de se dedicar inteiramente à vida do partido e ao trabalho teórico e de deixar por consequência o cargo de presidente da República. Em Abril de 1959, Liu foi chamado a substituí-lo nesse lugar. E eis que, oficialmente, se tornou o «n.º 2». Na altura, ninguém supôs que esta promoção significava um recuo de Mao, e resultante de divergência de ideias. Ainda que Liu fosse sempre considerado o mais «pró-russo» da direcção chinesa, pareceu apoiar Mao incondicionalmente, em 1959, quando expulsou da direcção pró-soviética o marechal Peng Teh-Luai, e em 1960, quando Mao lançou a sua ofensiva ideológica contra Krushev. Na verdade, nada, absolutamente nada, permitiu concluir, até há muito pouco tempo, a existência duma oposição séria entre Mao e o seu ajudante; os observadores não deixam de sublinhar a coesão notável da direcção de Pequim que contrastava tão vantajosamente com os abundantes sinais de desunião dados pelo Kremlin.

Hoje, a imprensa chinesa pretende fazer acreditar que o conflito ideológico remonta a tempos longínquos: desde 1937, na véspera da guerra anti-japonesa, Liu teria preconizado uma política de «capitulação» — de cooperação com Chiang Kai-Chek; em 1946, recuando o poderio americano, ter-se-ia oposto a uma guerra civil (que, rote-se, foi também desaconselhada por Estaline). Depois de 1950, disse-se também, Liu quis prolongar a política de cooperação com os capitalistas nacionais. Citam-se, a este propósito numerosas declarações que ele fez na altura, para o consolidar e o lisonjear. Em 1953, Liu teria desaprovado a colectivação; em 1958, a política das grandes uniões. Seria ele, também, o responsável pela política de reparação de 1959-1963, que implicou muitas concessões aos pequenos camponeses e artifices; enfim, teria preconizado, depois da queda de Krushev, a reaproximação com a URSS.

Em que se pode acreditar, no meio de tantas revelações? A política da China popular — como a da URSS — seguiu sempre em zigue-zague, com período de endurecimento pró-esquerdista (nacionalização, colectivação, comunas populares) e períodos oportunistas, de espera, de cooperação. É possível! — ainda que a verdade seja susceptível de outras interpretações — que, no decurso de debates que precederam estas diferentes viagens, Liu, homem de organização por temperamento conservador (Estaline também foi conservador) adoptou quase sempre posições de prudência contra um Mao, revolucionário fogoso e implacável de Yen-an, o «profeta armado» de estilo trotskista. Mao terá sido sempre um esquerdista, Liu, da direita. Tende-se a acreditar presentemente que Liu foi sempre o travão, Mao o acelerador. O facto é que «travão» e «acelerador» coexistiram durante muito tempo e foi em conjunto que puseram a máquina a trabalhar. A separação, a ruptura chegou ao fim de 1965, quando Liu e a maioria do Comité Central, onde dominam os seus partidários, pareceram convencer-se que a política de intransigência doutrínaria de Mao, em opinião da URSS, dos outros países comunistas, e mesmo do povo chinês, era aventureira, que levava a China ao isolamento progressivo e talvez à catástrofe.

A força de Liu está em que ele tem a maioria dos quadros, do partido e da administração.

Mao é muito orgulhoso, muito habituado a comandar, muito imbuído da consciência da sua missão universal, para se inclinar diante do veredicto da maioria, e está aí o inevitável galope dos acontecimentos, é aí que reside a chave da revolução cultural, da campanha dos «guarda vermelhos», conduzida desde Agosto de 1966, com tão grande fanatismo, pelo maoísta dedicado que é o marechal Lin Piao. O objectivo desta campanha, que atingiu agora o seu apogeu, é conduzir o Comité Central, a poderosa máquina do partido, a reprovar Liu e os seus colaboradores, proscrevendo-se diante de Mao, para seguir a sua política.

Para fazer pressão sobre a maioria, Mao e os seus partidários dispõem dos meios de informação — Imprensa, Rádio — e duma parte das Forças Armadas, sobretudo, a polícia. São os senhores da rua. A maioria de Liu parece estar desarmada; a sua única força reside no facto de serem eles os únicos que conhecem os mecanismos e têm competência para dirigir a administração, a economia. Sem a cooperação da máquina de Liu a China paralisaria. Aos gritos da multidão, às ameaças, às tentativas de formação de brigadas, os quadros opõem uma silenciosa resistência, muito eficaz. Para quebrar esta resistência, para desalojar Liu, Mao teria que recorrer à força, liquidar os velhos quadros, como Estaline depurou, em 1937, os veteranos bolchevistas. Se, até agora, Mao recuou diante deste método, é porque não ignora os riscos da operação. A China mergulha já na anarquia e os esforços de Chou En-Lai para refazer a ordem numa base de compromisso, parece terem-se frustrado.

(Serviço da FRANCE PRESSE por FRANÇOIS FEJTO, exclusivo da «FLAMA» em Portugal).

OS LIVROS DE MAO TSÉ-TUNG INSPIRAM CARTAZES, JUNTO DOS QUAIS OS «GUARDA-VERMELHOS» SÃO INSTRUÍDOS



# FUTEBOL:

## CAPITAL DA GEOGRAFIA DESPORTIVA PORTUGUESA

REPORTAGEM EMÍLIO PRAÇA



É matéria de facto que o futebol ocupa, hoje, na vida portuguesa, um lugar proeminente: aproveitado como cartaz turístico, movimento, por outro lado, rics de dinheiro, sobretudo na «feira» dos jogadores e dos técnicos, e constitui-se em único espectáculo capaz de ariastar multidões, todos os dias. Assim, de há muito que o futebol, através do Benfica, anda associado a duas coisas que são retintamente portuguesas ou, pelo menos, sentidas como tal — o fado e o vinho.

E o futebol (que, como espectáculo, pode ter beleza, diga-se) é, hoje, caracterizado por um clima de entusiasmo desmedido, coloridamente cubístico de alienação total.

Joga-se futebol de norte a sul do país, em toda a parte. O futebol é mesmo o único desporto que existe em todos os distritos da Metrópole. Não concluiremos, contudo, que Portugal é um país de futebolistas porque, por futebolistas, não entendemos os que «jogam» nas bancadas, domingo à tarde. Com efeito, para uma população total de 8 292 975 habitantes (3 507 753 habitantes, dos 5 aos 29 anos) temos 17 905 praticantes de futebol, o que dá uma percentagem de pouco mais de 0,2 por cento. Mas o futebol ocupa uma situação de priviledio ao lado das restantes trinta e três modalidades referidas no «Primeiro esboço da Carta Desportiva», publicada na revista «Educação Física, Desportos e Saúde Escolar», do Ministério da Educação Nacional, e de onde

são extraídos os números (referentes a 1962/63) agora utilizados. Assim, veremos na referida «Carta Desportiva» que o futebol é seguido, e não de muito perto, pelo andebol, com 13 599 praticantes, e pelo basquetebol, com 10 314. Enfim, na totalidade, temos 108 790 praticantes desportivos na Metrópole, distribuídos por trinta e quatro modalidades, o que, relativamente à população, significa uma percentagem de pouco mais de 1,3 por cento.

Concluiremos que não é de modo nenhum satisfatória a nossa situação desportiva, pelo menos de um ponto de vista quantitativo. Apesar disso, merecem divulgação os resultados da análise da estatística gímnodesportiva (utilíssima) que o Fundo de Fomento do Desporto trouxe a público, no intuito de «mostrar, através dos números, o panorama real das actividades de educação física».

E, enfim, a propósito daquele «pouco mais de 1,3 por cento» atrás referido, parece-nos poder falar-se de subdesenvolvimento desportivo que, segundo o prof. José Esteves, se define de acordo com algumas características sociológicas verdadeiramente originais:

● baixas percentagens de praticantes desportivos no conjunto dos registos federativos e em comparação com a população do país;

● grande expansão para a modalidade futebol que usufrui de um número elevadíssimo de estádios (em Lisboa, há mais do

que em Paris e do que em toda a Dinamarca);

● uma imprensa desportiva com extraordinária expansão e vitalidade (e categorial);

● nos actuais programas do ensino liceal, há menos horas para a educação física do que há trinta ou quarenta anos;

● desporto de mincias para as grandes massas acastirem sentadas.

Evidentemente que estas características não são exclusivas, nem o caso português é «filho único» de uma orientação nitidamente latina, influenciada pelo futebol. Mas, por agora, vamos dar atenção a mais alguns números da citada «Carta Desportiva», referentes apenas ao território metropolitano (a «Carta» abrange ainda os distritos das Ilhas Adjacentes).

Vimos já que as três modalidades com mais praticantes são o futebol, o andebol e o basquetebol. As modalidades «antipodas» são o montanhismo, com 45 praticantes (todos no distrito de Castelo Branco), a caça submarina, com 80 praticantes (distrito de Lisboa) e tiro ao arco, com 91 praticantes (distrito de Lisboa). Esta última informação — a distribuição por distritos — não é pormenor para passar despercebido a quem folheie os quadros e mapas que acompanham a «Carta Desportiva». Com efeito, os cidadãos 108 790 praticantes desportivos como estão repartidos pelos nossos 89 mil quilómetros quadrados? Até que medida as assimetrias do urbanis-

mo em Portugal têm influência no desporto? Também, neste caso, (e para utilizarmos um conceito hoje muito vulgarizado) poderemos falar «da grande Lisboa» e o desporto português?

### PARA UMA GEOGRAFIA DO DESPORTO

Actualmente, Portugal é, na Europa ocidental, o país com menor percentagem de população vivendo em cidades com mais de 100 mil habitantes. Já segundo o último censo populacional (1960), apenas 13,4 por cento dos habitantes da Metrópole viviam em cidades daquele tipo. Na mesma altura, entre os países europeus com mais de dois milhões de habitantes, Portugal era o único que tinha apenas duas cidades com mais de 50 mil almas: Lisboa e Porto; e dos 1 105 654 habitantes nestas duas cidades, 72 por cento habitavam em Lisboa.

Estes ligeiros apontamentos apenas pretendem chamar a atenção para o que é suficientemente conhecido e sentido: as distâncias (sociais, económicas, culturais, etc.) que mediam entre Lisboa e o resto do País. A este propósito, recordem-se os artigos publicados no jornal «Diário de Lisboa», entre 28 de Novembro e 7 de Dezembro do ano passado, sob o título geral «Portugal, país macrocéfalo».

Os fenómenos são, aqui, interdependentes e apresentam, muitas vezes, uma relação de causa-efeito. E se, de uma maneira

geral, podemos falar da «grande Lisboa» («Portugal, país macrocéfalo»), porque não havíamos de ter, em Lisboa, a «grande cabeça» do desporto?

Efectivamente, verificamos que, das 34 modalidades anotadas na «Carta Desportiva», só uma não existe no distrito de Lisboa: montanhismo. (Resolvam-se os casos da caça, columbófila e esqui que a «Carta» não assinala em nenhum distrito). E o distrito de Lisboa tem, segundo o Quadro 55 da «Carta», 45 286 praticantes desportivos (39,71 por cento em relação ao total), situando-se, assim, a uma distância grande do distrito que vem em segundo lugar, o do Porto, com 20 981 praticantes (18,4 por cento em relação ao total).

Por outro lado, segundo o Quadro 53 da «Carta» que vimos utilizando, o distrito de Lisboa detém o monopólio das seguintes modalidades: bñhar, boxe, caça submarina, motociclismo e tiro ao arco. Supomos que, neste «Primeiro Esboço da Carta Desportiva», não estão registados todos os números; aliás, na introdução lamenta-se que, embora em número reduzido, algumas entidades com responsabilidades na condução da educação física não tivessem prestado a colaboração que se tornou indispensável com vista à efectivação da citada análise. Caso contrário, é possível que desaparecesse o monopólio do distrito de Lisboa em algumas das modalidades, talvez em todas, mas a sua vantagem em relação aos outros

distritos continuaria incólume, distante.

Eis agora, por ordem decrescente do número de praticantes desportivos, a situação dos dezto distritos: Lisboa — 45 286 praticantes; Porto — 20 981; Faro — 4 960; Coimbra — 4 854; Santarém — 4 633; Setúbal — 4 633; Aveiro — 4 107; Braga — 3 356; Leiria — 2 606; Beja — 2 214; Evora — 2 070; Viseu — 2 068; Portalegre — 1 579; Castelo Branco — 1 453; Viana do Castelo — 1 419; Guarda — 1 255; Vila Real — 855; Bragança — 553.

Como se vê, são do interior — e alguns, dos mais afastados de Lisboa — os distritos situados no fim da classificação. Mas se elaborássemos mais algumas listas relativas a outros sectores que não o do desporto, pela mesma ordem decrescente, verificar-se-ia que a colcação dos distritos seria quase idêntica. Por exemplo, sabe-se (últimos dados estatísticos apurados pelo Grémio dos Importadores de Automóveis do Sul) que os distritos de Lisboa e Porto dispõem de 164 660 automóveis do total de 280 000 e de 37 500 veículos comerciais, num total de 90 000, correspondendo, respectivamente, a 59 e 42 por cento dos parques nacionais. Seguem-se os distritos de Aveiro (13 590 e 5 890) e Setúbal (11 960 e 4 500). Os distritos de menor densidade automóvel são Bragança (2 450 e 870), Vila Real (3 800 e 1 470) e Viana do Castelo (3 800 e 1 130). Recorde-se ainda que Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Vi-

seu, Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Beja e Faro constituem zonas não industrializadas, apresentando uma maior predominância do sector agrícola. Temos ainda que nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Leiria, Beja e Faro, o rendimento por cabeça e por ano é inferior a 5 800\$00, ao passo que no de Lisboa, o mesmo rendimento atinge 15 544\$00, no do Porto, 10 324\$00, no de Aveiro, 7 308\$00, etc.

A «rarefação» do interior verifica-se, pois, no campo desportivo — quer se trate de desporto escolar, federado e corporativo. E Lisboa encontra-se à frente, em qualquer dos três sectores: escolar — 22 013 praticantes; federado — 18 432; corporativo — 4 841. No pólo oposto, está Bragança que, também aqui, é bem um símbolo do «interior»: desporto escolar — 459 praticantes; desporto federado — 94 praticantes.

O desporto corporativo (com 9 664 praticantes) beneficia apenas os distritos de Braga, Castelo Branco, Coimbra, Evora, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém e Setúbal.

Quanto às instalações gímnodesportivas, a estatística (Quadro 69 e ss. da «Carta») está a par dos números que temos vindo a apresentar. Neste campo, Lisboa só não leva a palma em parques de campismo (1), pois os distritos de Coimbra, Faro, Leiria e Porto têm 3 cada um e o de Setúbal, 2. Mas, para um total de 1 205 instalações gímnodesportivas existentes na Metrópole, o distrito de Lisboa conta com 283, seguido apenas pelo

do Porto, na classe das centenas, com 383, multificando à frente do de Santarém com 86; Bragança, com 27; Vila Real, com 19; Portalegre, com 17; e Viana do Castelo, com 9.

Ainda a propósito de instalações gímnodesportivas, acentua-se que, num total de 1 205, 366 são campos de futebol (só o distrito de Lisboa tem 69), sendo o distrito de Portalegre o que menor número tem: 4. Os distritos de Viana do Castelo e Evora apresentam 5 campos de futebol, Bragança e Vila Real, 6.

A respeito de futebol, acrescentamos ainda que, em 1963, existiam 17 905 praticantes, sendo o distrito de Portalegre, o que apresentava maior número de praticantes por campo — 136, situando-se no pólo oposto, o de Bragança com 13. Pelo meio, Lisboa e Porto, com 63 e 62, respectivamente, Evora, com 106, Coimbra, com 72, etc.

Finalmente, podemos concluir, rapidamente, que «barramos com características «macrocéfalias» no desporto nacional: por um lado, é o futebol que atrai a maior parte dos desportistas, consome, naturalmente, a maior parte do dinheiro, exige todas as energias; por outro lado, temos «a grande Lisboa», absorvente, dominadora, capaz de aumentar, dia-a-dia, os desniveis existentes de há muito. E, aqui, o problema desportivo é apenas um aspecto menor de um complexo de problemas, se não uma consequência. O crescimento de Lisboa não pode ser imobilizado; mas é possível atenuar-lhe a marcha pela criação de outros pólos de progresso que permitam o desenvolvimento global do País.

PELO «OLYMPIA» PASSARAM OS MAIORES NOMES DO «MUSIC-HALL». JUNTO DE BRUNO COQUATRIX, VEMOS JOSEPHINE BAKER (A DIREITA) E EDITH PIAF (EM BAIXO).



# O "OLYMPIA" DE PARIS FEZ 70 ANOS

A SALA DE ESPECTÁCULO ONDE DECORREM AS OLIMPIADAS DO «MUSIC-HALL» (PORTUGAL PARTICIPA COM AMÁLIA — SIMONE — «OURO NEGRO») FOI CONSTRUÍDA POR UM CATALÃO FRANCÊS QUE QUERIA DAR AOS PARISIENSES ESPECTÁCULOS DIFERENTES DO «CAFÉ-CONCERTO». O ACTUAL PROPRIETÁRIO, É O GRANDE «SENHOR SHOW» DA EUROPA.

REPORTAGEM ABÍLIO ABRANTES  
FOTOS CHARLES ICHAI



O NOSSO CORRESPONDENTE (A DIREITA) COM BRUNO COQUATRIX, O «SENHOR ESPECTÁCULO».



AS ARRUMADORAS E VENDEDORAS DO «OLYMPIA», SÃO TÃO ELEGANTES COMO MODELOS DE ALTA COSTURA

PARIS — Maio — Escrever sobre o «Olympia» e os seus setenta e quatro anos, é fazer a história do «music hall» e do primeiro lugar público onde se produziu este género de espectáculo, que mais tarde se estendeu pelas quatro partes do mundo.

Depois de 1893 (cande a vela, o petróleo, o gás e a electricidade iluminaram sucessivamente artistas e espectadores) o «Olympia», como uma grande nau, tem sido agitado por muitos ventos contrários, soprados por várias épocas e tendências, mas a todos tem sabido resistir.

A sala está instalada num dos pontos mais concorridos de Paris, mesmo ao pé da Ópera, a dos passeios da Praça da Concórdia e da Igreja da Madalena. Foi mandada construir por um catalão francês, Oller, que, dotado já do sentido do espectáculo, pensou oferecer ao público francês um local diferente dos característicos «cafés-concertos», ao tempo, refúgio para os amadores de música.

A maior dificuldade para Oller surgiu no momento de baptizar o novo género.

O entendimento cordial entre a França e a Inglaterra estava na moda. Todos os estabelecimentos comerciais tinham um nome anglo-saxão e o snobismo ia ao exagero de haver nessa época mais, James, Patrick, Betty ou Mary do que Jean, Claude, Paul, Régine ou Denise. E o jovem catalão, inteligente e audacioso, precisava de encontrar um título sugestivo e comercial ao mesmo tempo, e que o público compreendesse.

O Oller (que por sinal não falava nem conhecia a língua inglesa) resolveu associar duas palavras que, no conjunto nada queriam dizer «music» e «hall», e que, a seu ver, seria um novo estilo de divertimento, numa sucessão de atracções sem ligação aparente.

O mais curioso é que os americanos continuavam a chamar a este género de espectáculos «vaudeville» (um termo bem francês) e os ingleses «variety theater». O «music-hall» existia e tinha significado somente

para os franceses. Só em 1954 (sessenta e um anos depois) os americanos e ingleses compreenderam e adoptaram o termo assim como todos os outros países.

As boas coisas têm sempre um fim e por isso a história do edifício construído pelo catalão, num terreno até então consagrado às crianças, e onde existia um grande jardim com vários carroceis e outros divertimentos, termina tragicamente numa noite luarenta de Agosto de 1927. Um pavoroso incêndio consumiu, numa rápida fracção de tempo, todo o material existente, deixando somente, e por triste ironia do destino, as paredes mestras que aliás são as dos nossos dias.

A biografia de Oller e da sua actividade junto do «Olympia» termina com este desastre. Somos pois forçados a pensar que o criador do termo «music-hall» tenha abandonado para sempre a sua mais «boa pérola».

A segunda fase do «Olympia» (e que não seria a última) nasceu sob os desígnios e o querer de Jacques Hein, um homem desde sempre ligado à «Sétima Arte», que resolveu, ao mandar reconstruir a sala, dotá-la das técnicas mais modernas existentes ao tempo, transformando-a em cinema. Na respectiva inauguração, foi projectado o primeiro filme falado vindo dos estúdios americanos (o cantor de jazz), interpretado por Al Johnson.

Estava escrito que o «Olympia» não alcançaria êxito como «sala escura» e teria que voltar ao passado, desta vez com um prestígio que passaria além-fronteiras.

Em 1952, Bruno Coquatrix tomava a direcção da nau (anos depois havia de vogar, uma vez mais, em mar encapelado) mais por um capricho pessoal do que por uma necessidade, pois no momento em que lhe foi proposta a exploração da sala, já Coquatrix tinha montado num pequeno teatro a dois passos, uma opereta, «Le Baratin», de que foi autor, e que, passado algum tempo, e como uma experiência, passou a ser repre-

sentada no «Olympia», o que se fez durante três anos consecutivos.

Inteligentemente, Coquatrix verificou que o público iria da mesma maneira como na sala onde fora estreada. Não havia dúvidas. A sentença tinha sido lançada à terra. Era preciso continuar e, por isso, o grande «patrão» resolveu, depois de terminada a época de teatro, passar um filme e em fim de sessão oferecer ao público variedades.

Mas como dois teatros ao mesmo tempo é sempre empresa difícil, quer seja em Paris, ou em Lisboa, o «Tsar» do «music-hall» resolveu continuar durante uns meses com o «Olympia», como cinema, aliás, não por muito tempo, pois o desejo de impor «um novo estilo de divertimento numa sucessão de atracções como preconizara Oller», era a sua constante preocupação. Por isso, durante algumas semanas, como um alquimista, procurou com alguns elementos, reinstalar o «music-hall» nos hábitos parisienses.

E foi assim que o «Olympia» abriu as suas portas, definitivamente, aos consagrados artistas das épocas transactas: Piaf, Yves Montana, Charles Trenet, Maurice Chevalier, Josephine Baker e um outro punhado de nomes ainda hoje lembrados com saudade.

Mas a guerra prejudicou também o espectáculo.

E então que uma época surge no «music-hall». É uma nova geração começa a engrossar as linhas desfalcadas. E por ali se estrearam Marcel Amont, Gilbert Bécaud que se integraram havia pouco na canção. E tantos outros.

No entanto, a situação, apesar deste «baão de oxigénio», continuava a fazer perigar a existência do «Olympia».

Embora os antigos começassem a aparecer ao público parisiense, os principais artistas estrangeiros (especialmente americanos) recusavam deslocar-se a França. Deu-se então, a reviravolta com o nascimento do «yé-yé» e que serviu para lançar muitos jovens e valorizar os consagrados que se tinham encostado à «sombra dos leucos». Por isso, pode-se afirmar que esse ritmo, como o «rock» ou o «twist» salvaram o «music-hall» da ruína, havendo, depois de sete anos, uma perfeita estabilidade na procura de material humano, o que permite encarar o futuro sem apreensões.

Bruno Coquatrix, natural de Lille, depois de ter escrito centenas de canções, algumas operetas populares e de êxito certo, de ter sido chefe de orquestra e empresário de Piaf, (e de ter desenhado mesmo o seu vestido de cena) de Lucienne Boker e de Tino Rossi, fez ressurgir «como Phénix», o «music-hall», ao ponto de não se poder falar em carreira internacional neste género sem um triunfo no «Olympia» tendo também os artistas nacionais necessidade de passarem lá, pelo menos uma vez todos os dois anos, para reencontrarem e auscultarem o seu público.

Coquatrix não pára um só instante. Hoje, em Portugal, amanhã na América, na semana seguinte na Rússia ou na Polónia. São-lhe precisos 300.000 quilómetros por ano para descobrir novas atracções e organizar novos programas. O seu império aumenta e torna novas fórmulas. Assim, e depois de Janeiro deste ano, Coquatrix abriu, numa das dependências do «Olympia», preparadas para o efeito, uma escola para novos «recrutados». Além de cursos de canto, os alunos têm, também, aulas de dança e de acrobacia. Um professor especializa-lo, uma vez por semana, dá-lhes noções sobre o comportamento moral que um artista deve ter na sua vida, quer privada, quer pública. Já em Novembro os examinadores (B. C. e o público) vão apreciar o aproveitamento de trinta alunos escolhidos dentre quinhentas inscrições.

Coquatrix (cinquenta e seis anos) afirma que o «music-hall» deve aprender-se como qualquer outro «métier». Entre o disco e a cena existe uma transmissão completa que tem provocado muitas das vezes grandes e gratas desilusões.



ESTE CARTAZ ANUNCIA O MAIOR ACONTECIMENTO DO «MUSIC-HALL» EUROPEU — AS «OLIMPIADAS», EM QUE PORTUGAL, COMO SE VÊ, TEM LUGAR DE DESTAQUE.

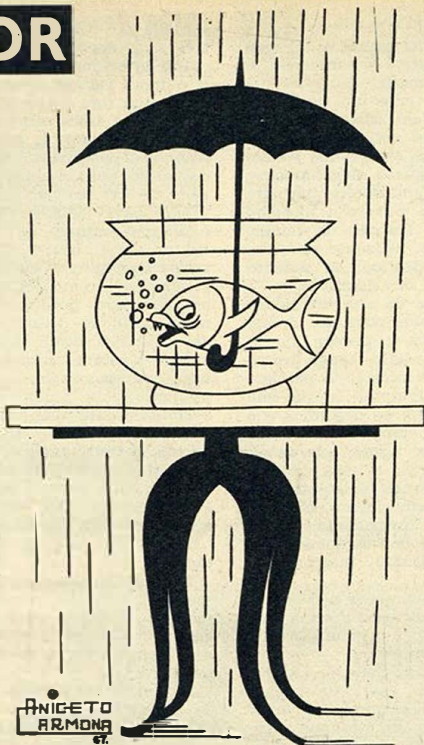
A FACHADA (MODESTA) DO «OLYMPIA» EM PARIS



# HUMOR



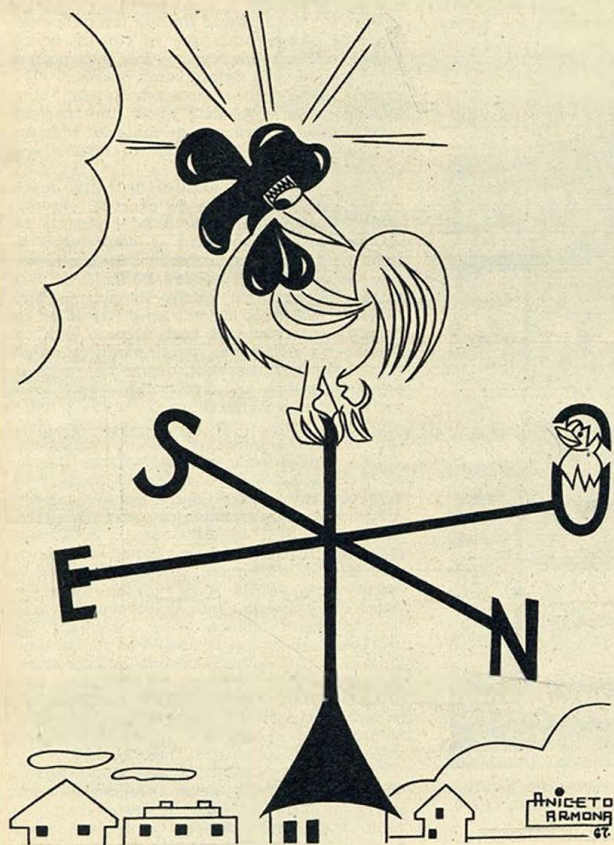
ANICETO CARMONA



Para a nossa rubrica de graça desenhada, o nosso colaborador Aniceto Carmona recolheu de alguns dos melhores humoristas nacionais anedotas inéditas, especialmente executadas para «NÚMERO MIL», que encontraremos nas páginas que se seguem.

ANICETO CARMONA 67

SEM LEGENDA...



ANICETO CARMONA 67

SEM LEGENDA...

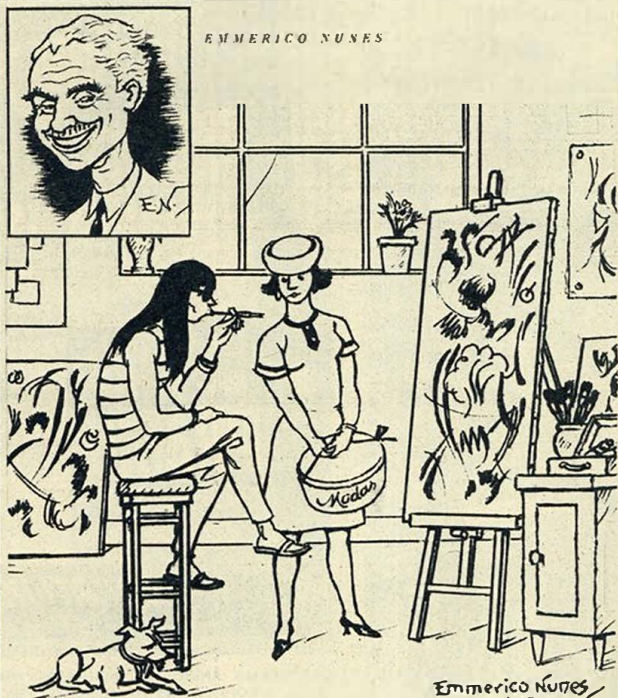
JOÃO BENAMOR



João Benamor

— Então muito obrigado e até breve!

EMMERICCO NUNES




Emmericco Nunes 1962

— Vê, venine Engrácia, este é um dos últimos trabalhos de meu marido...  
— Eu tenho um primo que também faz destas coisas. Está já há anos internado no Júlio de Matos.

  
**Triumph**  
INTERNATIONAL



*Poesie* F

A SUPREMA ELEGÂNCIA PASSA POR  **Triumph**

exito adept.

# HÁ 20 ANOS·NOVO RUMO PARA O TOUREIO NACIONAL SURGIRAM OS PRIMEIROS 3 MATADORES DE TOIROS PORTUGUESES

Vinte anos passaram. Até então, (1947) várias circunstâncias, entre elas a falta de apoio dos aficionados e das empresas, impediram a existência de matadores de toiros portugueses. A esse desejo, acalentado durante dois séculos, por uma minoria, faltava-lhe o esteio e o estímulo do grande público, descrente das possibilidades dos seus conterrâneos nas proezas dos Romeros, onde uma lei iníqua abastardara a corrida de toiros, transformando-a num espectáculo «sui generis»: a toirada.

Com toiros embalsados e corridos, é a farsa sentimentalona da ausência da morte do hastado em pleno redondel, o ambiente não era propício ao aparecimento de matadores de toiros nacionais, embora tivessem surgido, por vezes, autênticas e esplêndidas vocações que se podiam ter realizado.

Foi Augusto Gomes o primeiro português que tentou de facto impor-se como «espada», apresentando-se como novilheiro em Pamplona, na tarde de 21 de

Junho de 1942. Uma colheita grave em Tafalla, cerceia-lhe as ambições. Volta depois a Espanha, onde foi o primeiro novilheiro português a torear em Madrid (1946) e, no Inverno desse ano, prossegue a temporada por praças sul-americanas, tomando a alternativa de matador em 10 de Agosto de 1947, em Constantina, das mãos de António Bienvenida e perante o testemunho de El Choni, até que, motivos vários, o levaram a renunciar à alternativa em 1950.

Caberia a Diamantino Viseu a honra de ser o primeiro português a «doutorar-se» em tauromáquia em terras de Espanha, o que se verificou em Barcelona, a 23 de Março de 1947. Presidiu à cerimónia «Gitanillo de Triana» e como testemunhas estiveram António Bienvenida e «Parrilla».

Com Diamantino (o gesto valoroso de A. Gomes diluía-se na incompreensão) rasga-se de vez o horizonte tauromáquico nacional e acredita-se que podemos ombrear com espanhóis e mexicanos na lide apurada de reses

bravas. Apresenta-se, pela primeira vez, em 19 de Junho de 1944, em Toledo. Os êxitos sucedem-se tanto por Portugal como no país vizinho até culminarem na Feira de Sevilha de 1946, temporada que resultou triunfal e propícia para a efectivação da alternativa que se verificaria no princípio da época seguinte.

Mil novecentos e quarenta e sete foi para Manuel dos Santos decisivo. Como Augusto Gomes, que tirara a alternativa de bandarheiro em 17 de Junho de 1937, Manuel dos Santos passou também por essa prova (26 de Julho de 1944). Toureava de Verão (como bandarheiro ou aspirante a novilheiro) e, durante o Inverno, com o dinheiro ganho nos toiros, estudava na Escola Comercial de Tomar. Em Abril de 1947, teve de decidir-se. Na Maestranza de Sevilha, perante reduzido grupo de convidados da empresa (entre os quais figurava Juan Belmonte) o goleganense prestou provas, caso que se verificava pela segunda vez

na história do toureio, e agradeceu. Veio a Feira de S. João, em Badajoz, 26 de Junho de 1947. Manuel dos Santos toureia a sua primeira corrida em Espanha. O triunfo alcançado (três orelhas e um rabo) consagra-o definitivamente. E surge o baptismo de sangue: 16 de Agosto de 1947, em Coruche, onde grave cornada o obriga a perder inúmeras corridas.

Em Dezembro, segue para o México. E, na tarde de 14 desse mês, na praça «México» da capital, recebe a alternativa de matador de toiros, que lhe é dada por Fermín Espinosa «Armúllita», na presença de Carlos Arruza. Quando triunfava e a praça em uníssono acompanhava a orelha sua primeira faena, «Vanidosos», da ganadaria de Pastejé, colheu-o tão gravemente que se recebeu pela vida do jovem «diestro».

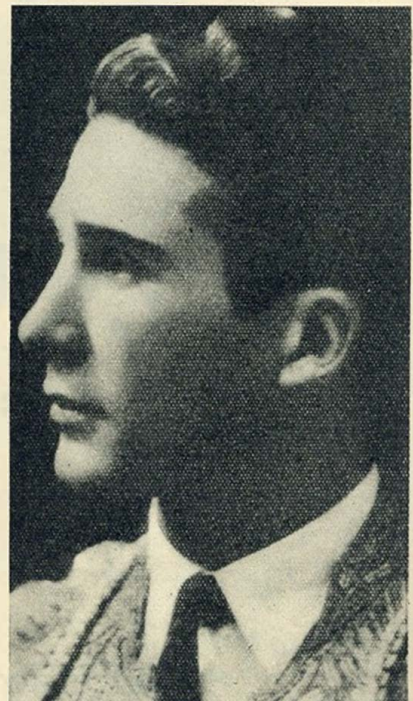
Estes os factos que aconteceram em 1947 e marcaram, de forma iniludível, o rumo da Festa de Toiros em Portugal, os quais nos apraz registar, volvidos vinte anos.



AUGUSTO GOMES



DIAMANTINO VISEU



MANUEL DOS SANTOS

# HUMOR



PARGANA



— Oh! Avô, o que é um atleta?...  
— É um homem forte demais para trabalhar.



MOREIRA RILJO



VÊS?!...  
É ESTE O BARCO  
QUE QUERO METER  
NA GARRAFA QUE  
TE PEDI...



OFERECE-LHE

O método  
perfeito  
para conseguir  
a mais fascinante  
das profissões  
modernas



NA AVIAÇÃO



EM SUA CASA



NAS TELECOMUNICAÇÕES



NAS FABRICAS

## APRENDA RÁDIO e TELEVISÃO



Em sua própria casa, nas horas livres e com pouco dispêndio

Teoria



MILHARES DE IMAGENS  
foram utilizadas para tornar mais  
simples e agradável a aprendizagem

Prática



CONSTRUIR  
pelas suas próprias mãos com material for-  
necido conjuntamente com as lições não só  
torna mais compreensível a teoria como e  
fará viver a mais fascinante aventura nos  
domínios da técnica.

**GRÁTIS!**

peça hoje mesmo, sem qualquer compromisso o folheto infor-  
mativo do curso de rádio e televisão por correspondência

CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA • R. D. Estefânia, 32 - Lisboa - Telef. 57395

*Mme Campos*

**MÁXIMO  
PRESTÍGIO**

**EM TRATAMENTOS E  
PRODUTOS DE BELEZA**

**Coiffure-Manicure-Pedieure**

**AV. DA REPÚBLICA, 42-1. - TELEF. 76 91 71**  
AV. DA LIBERDADE, 35-2. - RUA ALEX. HÉRCULANO, 24

**A «FLAMA»  
SEGUE NOS COMBOIOS  
DA C. P.  
PARA OS QUATRO CANTOS  
DO PAIS**

# NOTÍCIAS DO DOIS "MIL"

Ai por volta de 1965 (daqui a 18 anos) a «Flama» chegará ao número dois mil. Pretende-se, nessa altura, comemorar o acontecimento com uma edição especial cujo volume será tão fácil de manusear como é o «Anuário Comercial» de Lisboa e arredores.

A exemplo dos requerimentos para as casas de renda económica ou dos questionários a pedir subsídios diversos, também a nossa Redacção obriga a entregar os papéis com a antecedência de 18 anos...

Eu fui encarregado de revelar ao povo as notícias da semana no domínio do espectáculo lisboeta. Exigiram-me seriedade e muita actualidade. Faço as duas coisas ao mesmo tempo sem grande esforço.

E faço também as notícias.

POR CAUSA DO MIL DA «FLAMA» TENHO QUE FICAR AQUI ENTALADO...

## DICIONÁRIO MILIONÁRIO

**MIL** — Dez vezes cem, nem mais nem menos. Chamem-lhe também um milhar. Número que segue o novecentos e noventa e nove e que antecede o mil e um.

**Milenário** — Que tem mil anos. Poderia dar exemplos de coisas, casos e figuras já milenárias ou de outras que virão a ser, se Deus nos der vida e saúde.

**MIL-folhas** — Especialidade da indústria de pasteleria cuja designação não pode ser, todavia, confirmada. Ao que conste, nunca pessoa alguma, nem o próprio pasteleiro, se deu ao trabalho de conferir, folha por folha, todas as folhas do mil-folhas. É um nome em que se acredita.

**MIL-reis** — Antiga unidade monetária de Portugal e do Brasil que, pelo menos em Portugal, continua a ser usada. Embora se considere um exagero, a verdade é que há muito boa gente que na posse de cinco escudos diz que tem cinco mil reis...

**Milipede** — Que possui muitos pés. Milipede seria Eusébio se fosse possível satisfazer o desejo dos sócios do Benfica. Eusébio-milipede teria um pé no Inter, outro no Real, outro no Benfica e ainda sobejavam pés para o que desse e viesse...

**MILionária** — É a «Flama» a partir de hoje. Tal como os milionários de outra qualidade de papel impresso, também a «Flama» não dá, não troca, não vende, nem aluga. Quem quiser ser MIL que espere. Nós também esperamos.

**MIL maneiras de cozinhar bacalhau** — Seria uma inqualificável afronta para o bom povo que nos lê dissertar sobre este tema. Pois se não há bacalhau para cozinhar de uma só maneira...

**MILho** — Nome popular geralmente atribuído à «massa» da nossa algebeira ou, como diria o filósofo Mateus, àquilo «com que se compra os melões». É, também, o nome de uma planta da família das gramíneas. As galinhas e os pombos, cujo vocabulário é diferente do nosso, chamam-lhe um figo...

**coMILão** — Aquele que come muito. Interesseiro, trapaceiro. Embora seja difícil, assim de cor, citar exemplos de comilões famosos seria, no entanto, fácil, arranjar meia dúzia (ou mais) de trapaceiros-interesseiros populares que também, ou até por isso mesmo, não deixam de ser comilões.



ERA UM HOMEM QUE VALIA POR MIL. CHAMAVA-SE MIL-HOMENS...

NA TROPA CHAMAVAM-LHE O «MIL». ELE PERTENCIA À MILÍCIA DE INFANTARIA LEVEIRA...

Provérbio: VALE MAIS UM PÁSSARO NA MÃO DO QUE MIL. NÃO CABIAM...

VOCÊS SABIAM QUE AS «MIL E UMA NOITES» É UM CONJUNTO DE 15 CONTOS?

...E ESTE NÚMERO DA «FLAMA» QUE POR COINCIDÊNCIA SE PUBLICA NO ANO DA GRAÇA DE MIL 967?...

**TEATRO** — Enquanto não está terminada a reconstrução do Teatro Nacional, cujo espectáculo de estreia está marcado para os primeiros dias de 1986, a Companhia vai repor o «Camarada Miússov», que obteve grande êxito há 18 anos. No Teatro Vasco Santana, entretanto, deu-se um facto inédito: no espectáculo de ontem à noite estavam quatro espectadores na fila A e dois na fila B. As outras filas estavam sózinhas. Sabe-se também, que Vasco Morgado continua com três Companhias contratadas sem dar trabalho a nenhuma. Amigos próximos deste empresário dizem que ele continua empenhado em fazer bom teatro. Até hoje, ninguém duvidou.

**TELEVISÃO** — A TV vingou-se: Mário Castrim completou, no sábado, 20 anos de actividade como crítico da televisão. Interrogado pela nossa reportagem, disse: «Não estou arrependido, não senhores. Graças à TV foi possível, nestes 20 anos, ouvir cinco bons concertos, dois recitais de poesia, um programa de fados de Coimbra e ver dois encontros de basquetebol. Também gostei muito de uma entrevista com um Director dos «Galitos» de Aveiro e lamento que tenha acabado o «siscorama» e o «Robinson Crusoe». Inquirido, depois, sobre os programas que fazem falta na nossa TV, M.C. respondeu: «Bem, gostaria de ouvir mais concertos, mais recitais de poesia, fados de Coimbra e desafios de basquetebol. Ah, e se pudessem entrevistar outra vez o Director dos «galitos» de Aveiro, ficava muito grato...»

**CANÇÕES** — Artur Garcia regressa hoje de Londres onde, como se sabe tomou parte no Festival da Eurovisão. A sua canção «O Regresso da Porta Secreta» ou «Água Mole em Pedra Dura», que obteve dois grandes pontos foi muito apreciada pelos empresários e jornalistas presentes. Todos eram da mesma opinião: «O Regresso da Porta Secreta Ou...» merecia o terceiro lugar, merecia o segundo lugar, merecia, mesmo, o primeiro lugar. Não obstante o peso dos seus 46 anos completos, Artur Garcia cantou muito bem. Quando soube dos resultados da votação afirmou à «France Presse»: «Já calculava. O júri foi influenciado por motivos alheios ao Festival...» Entretanto, a Imprensa estrangeira, salienta o facto do júri português ter sido o causador da demora na transmissão do programa. «Realmente, diz um crítico, não cabe na cabeça de ninguém dar um ponto a cada um dos cinquenta concorrentes...»



# QUEM TEM KAPA NÃO ME ESKAPA

**FLAMA**  
N.º 102 / ANO XXII / 24 DE SETEMBRO DE 1967 / 1.500

A PARTIR DESTE NÚMERO COMEÇAMOS A PUBLICAR OS CÚPONS DESTINADOS A ESCOLHER AS "RAMHAS" DA RÁDIO E DA TV-66 E, ANDA, O GRANDE PREMIO DO DISCO DAS INDICATIVAS QUE PROPORCIONAM VALIOSOS PREMIOS AOS NOSSOS LEITORES.

**ROBERT HORTON: 'O HOMEM QUE PERDEU A MEMÓRIA'**

OLHA, FILHO, TEMOS PEÇA: O PAPÁ, TRAZ SUBSIDIO!

Laura Alves e Vasco Morcado Jr.

**FLAMA**  
N.º 101 / ANO XXII / 24 DE SETEMBRO DE 1967 / 1.500

**FERNANDO PESSOA MORREU HA 30 ANOS**

ENCONTRO COM A EQUIPA DO F.C. DO PORTO  
REPORTAGEM NOS ACÓDROS  
GILB' DEPOIS DE ESPANHA ANDO CÁ A PENSAR EM IR COM O RUI DE SOUSA P'RA JAMAICA...

MARIA DULCE

**FLAMA**  
N.º 102 / ANO XXII / 24 DE SETEMBRO DE 1967 / 1.500

**O BARÃO**  
STEVE FORREST: ANTI-LARIANO DETECTIVE DA TV

NESTE NÚMERO:

SOU MAIS DO QUE ESTE AQUI DO LADO, SOU ALDRABÃO!

1966: UM ANO PASSADO EM REVISTA  
GENTE QUE FOI NOTICIA

VISITE COM A FLAMA

**FLAMA**  
N.º 101 / ANO XXII / 24 DE SETEMBRO DE 1967 / 1.500

ESPECIAL 21.º ANIVERSÁRIO

CALVARIO: O REI DIZ QUEM E

CENTENAS DE PREMIOS PARA OS LEITORES

POSSO DIZER A FRASE?  
POSSO DIZER O DISCO?  
POSSO DIZER O NOME?  
POSSO SAUDAR UMA PRIMA?

**FLAMA**  
N.º 101 / ANO XXII / 24 DE SETEMBRO DE 1967 / 1.500

NESTE NÚMERO:  
\* TONY DE MATOS NA PRIMEIRA PESSOA  
\* AS NOVIDADES DA RTP PARA A ÉPOCA DE INVERNO

**SPORTING-BENFICA FRENTE A FRENTE**

DÁ-ME UMA VONTADE DE RIR QUANDO ME FALAM NOS FESTIVAIS DA EUROVISÃO...

FRANK SINATRA

**FLAMA**  
N.º 102 / ANO XXII / 24 DE SETEMBRO DE 1967 / 1.500

OÍÇAM! OÍÇAM!  
O VENTO MUDOU  
...E ELA NÃO VOLTOU

**PÁSCOA FELIZ**

**FLAMA** Sensacional!  
N.º 102 / ANO XXII / 24 DE SETEMBRO DE 1967 / 1.500

**"O SANTO"**

CONCURSO RELAMPAGO

'O SANTO' "FLAMA" OFERECE 300 ROMANCES DE LESLIE CHARTERIS BASTA RESPONDER AO QUESTIONÁRIO QUE PUBLICAMOS NESTE NÚMERO

ROGER MOORE: NA TV ELE É "O SANTO"

QUE SERÁ FEITO DO MEU AMIGO VARATOJO?

**FLAMA**  
N.º 102 / ANO XXII / 24 DE SETEMBRO DE 1967 / 1.500

**ADAMO:**  
TODA A EUROPA A SEUS PÉS

\* RECORDAMOS AS GRANDES IMAGENS DO ANO QUE FICOU  
\* PRINCESA MARGARIDA DA HOLANDA O PRIMEIRO CASAMENTO REAL DE 1967

ASSINE AQUI!

E EU, AONDE ASSINO?

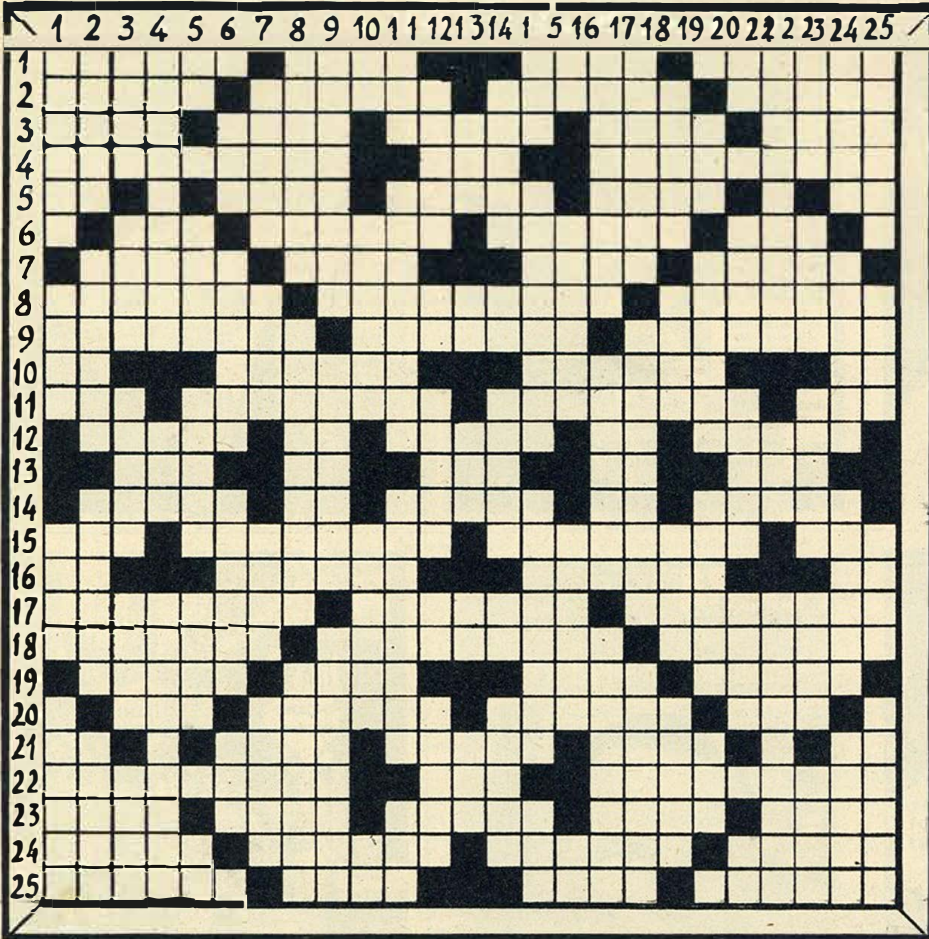
**FLAMA**  
N.º 102 / ANO XXII / 24 DE SETEMBRO DE 1967 / 1.500

LISBOA É ALEGRE! ADOREI O TEJO, A PONTE, O CÉU AZUL E O MARQUES VIDAL...

# PALAVRAS CRUZADAS

## PROBLEMA GIGANTE DE "FLAMA"

A. COSTA RAMOS (N.º 860)



**HORIZONTAIS:** 1 — Oculta; pesquisa; pequeno mamífero desdentado da ordem dos tatus; o conteúdo de um copo. 2 — Extinguir; cataplasma; sacerdotes; algazarra. 3 — Alerce africano; projectil; período; operar; lugarejo de indígenas (bras.) 4 — Remanescer (ant.); nome de homem; aparelho com que se malaxam certas substâncias (manteiga, queijo, etc.). 5 — Ficas; come com sofreguidão; célebre novela de Chateaubriand, cuja acção se passa nas selvas americanas; renques; dado que. 6 — Feição; crítica mordaz; estêreis; parceiro. 7 — Sacos de pano ou couro; quantidade; labaredas; esburacados. 8 — Civilizadas; homogêneas; disfarces. 9 — Irmanam; aparelhos para limpar cereais; companheiro. 10 — Produz; doutrinar; símio; único. 11 — Composição poética destinada ao canto, amargosas; bateria que defende o fosso; causa. 12 — Rica; ao mesmo tempo (ant.); sortes; utensílio de padejar; subleva. 13 — Ergo; não; semelhante; viração; insignificância. 14 — Respeita; igual (abrev.); venturas; basta; problema cuja solução é difícil ou impossível. 15 — Nome de mulher; vacalhoira (pl.); transposição de termos num raciocínio; costela inferior do boi. 16 — Letra grega; açaimas; reza em comum pelos mortos; preposição. 17 — Sacudidos; adereços; cidade siciliana muito conhecida pelas provas desportivas de automobilismo. 18 — Encher completamente; substância que se encontra no casco do salgueiro (pl.); que fala. 19 — Charão (pl.); espécie de dança portuguesa; acrescentar; substância gordá e consistente das vísceras abdominais de alguns animais (pl.). 20 — Mulos; pessoa a quem falta um braço; sem sons; mofou. 21 — Popa; ocasião; ulceração da membrana das fossas nasais, com pus fétido; a outra vida; Mocidade Portuguesa (abrev.). 22 — Desanimar; guisado de camarões e ervas, temperado com azeite-de-dendê e pimenta; gatafunhos. 23 — Íntimos; laja; aprova; composições musicais cantadas; bamba. 24 — Irmãos; alfaiate (ant.); inimigos (ant.); simples. 25 — Daprime; monarcas; sulcar; folha do pinheiro.

**VERTICAIS:** 1 — Vila do concelho de Brega;ilharga; bolos de farinha de arroz e azeite de coco; actividade. 2 — Casas; título do soberano do Japão; nome de homem; calculam a olho. 3 — Unem; leito; notável; prendem; boneca de trapos. 4 — Alegorias que encerram doutrina moral; levanta; que contém nozes. 5 — Aspecto; vulgar; curral de bois (prov.); navegas; santos (abrev.). 6 — Convenientemente; peixe espárida; rinocerontes; doçura. 7 — Tolos; enxada; ave de rapina; espécies de padiolas para transportar doentes. 8 — Movimento suave das águas nas costas africanas, no Algarve, etc. que muitas vezes ocasiona violenta arrebentação das águas (pl.); família de peixes teleosteos ápodos, com vários géneros, cujo tipo é a moreia; fustigar. 9 — Ostentações; energia; contracção de duas vogais de sílabas diferentes, numa só, no interior de uma palavra. 10 — Alto aí!; cópias; espécie de crocodilo; pronome pessoal. 11 — Composição musical; guarneceras de arame; sal resultante da combinação do ácido rosólico com uma base; célebre povoação francesa que deu nome a um santo cura. 12 — Toca o apito; seguir; situações; medida itinerária chinesa; cause mau humor. 13 — Ovário; nota musical; contracção da preposição em e o artigo as; Acção Católica; nome de uma letra. 14 — Além; semblante; ocultam; graça; espécie de tartaruga (bras.). 15 — Margem; grandes araras pretas; concerto musical de noite ao ar livre; nome de mulher. 16 — Utensílio; incólumes; entesado; caminhar. 17 — Com modos de dama; feitor; templo judaico. 18 — Mimos; dormitórios; trólei. 19 — Sinal cabalístico (pl.); animal doméstico; vereador municipal; entes. 20 — Chefe etíope; longínqua; planta vivaz e medicinal (pl.); dificuldade. 21 — Aqueles; pancadaria; refeição que os primeiros cristãos faziam em comum; bordo (planta); nota musical. 22 — Bazo-fiar; nome de homem; referente a cubículo. 23 — Primeiro rei mouro de Sevilha, chefe da dinastia dos Abaditas; centro da cristandade; toro (bras.); joieiro; ave galinácea (bras.). 24 — País (gíria); fascine; gordos; faca comprida para cortar erva (Angola). 25 — Ligares; alburno; querer bem a; célebre universidade da Suécia.

NO NÚMERO 1.000 DA «FLAMA», ARMÉNIO DA COSTA RAMOS APRESENTA AOS NOSSOS LEITORES UM PROBLEMA GIGANTE DE PALAVRAS CRUZADAS. ENTRE TODOS OS CONCORRENTES QUE ENVIAREM A SOLUÇÃO CERTA DESTE PROBLEMA ATÉ AO DIA 30 DO CORRENTE MÊS DE MAIO, SORTEAREMOS OS SEGUINTE PRÉMIOS: 6 GARRAFAS DE VINHO DE MESA ROSÉ BARROS, 3 GARRAFAS DE VINHO DO PORTO BARROS, 2 GARRAFAS DE BRANDY BARROS, GENTIL OFERTA DA FIRMA BARROS, ALMEIDA & CA. — VILO NOVA DE GAIA, PARA ONDE DEVEM SER REMETIDAS TODAS AS DECLARAÇÕES.

**Solução do problema n.º 859**  
 — Naturalizaras — eras —  
 ruas — Lima — fel — c — a  
 p — mal — em — tal — ara  
 — RP — l — Veríssimo — i  
 — ir — ura — i — ema — em  
 — bis — e — Eça — i — ame  
 — ar — mar — a — ata — an  
 — t — Veríssimo — t — ir —  
 lar — ovo — na — soa — s —  
 i — a — dar — mede — uva —  
 roda — orientalismos.

# HUMOR



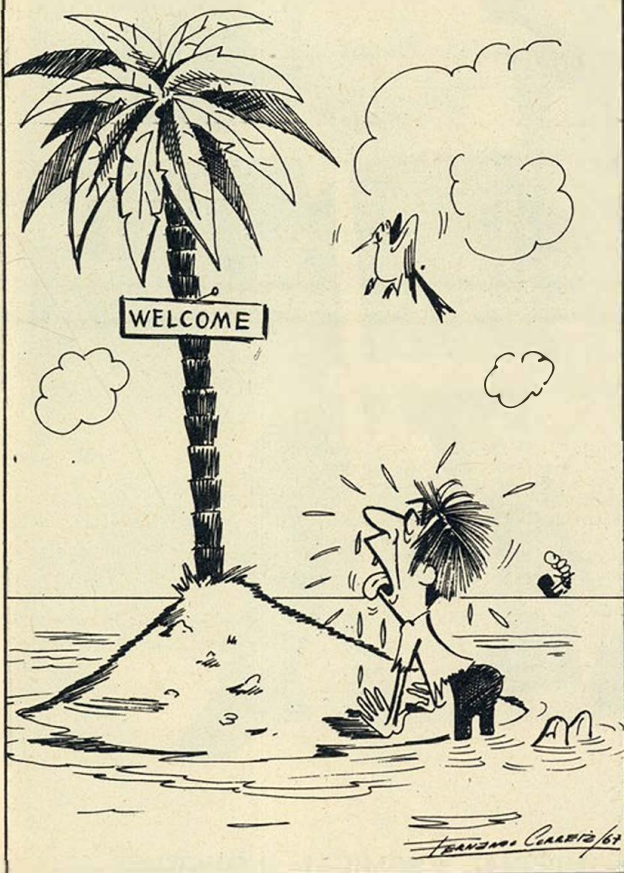
VORTON



— Que sorte que você tem!... Vamos agora mesmo para o hospital...



F. CORREIA



## Ele merece toda a sua confiança

# NOVA EMBALAGEM!



**É PURO  
É FRESCO  
É LEVE**

Porque o óleo Fula dá-lhe Pureza, Frescura e Leveza garantidas — na nova embalagem. Estudada cientificamente, a nova embalagem é mais leve, mais resistente, dá ao óleo Fula proteção total e garante a sua pureza absoluta.

Para fritos, saladas e grelhados. V. escolhe o Fula, um óleo puro e fresco. V. sabe que pode confiar nele!

✿ Cápsula inviolável — garantia de pureza absoluta.



o óleo Fula tem a cor do Sol



Que há de diferente  
no novo vestuário infantil  
de **'TERYLENE'** ?

A enorme variedade,  
a abundância de padrões e de cores  
— para vestidos encantadores,  
para calças que duram imenso!  
As crianças que vestem 'Terylene'  
brincam com mais à-vontade.  
... E mostram o bom gosto,  
o cuidado,  
o sentido prático da Mãe.

**'Terylene'** marca o rumo



**'TERYLENE'** É UMA MARCA REGISTADA DA IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES LTD.



# O meu "Bolo de Laranja"

sõ fica mesmo como eu gosto  
feito com Vaqueiro!

*A Vaqueiro deixa-o saboroso, muito fino e macio!*

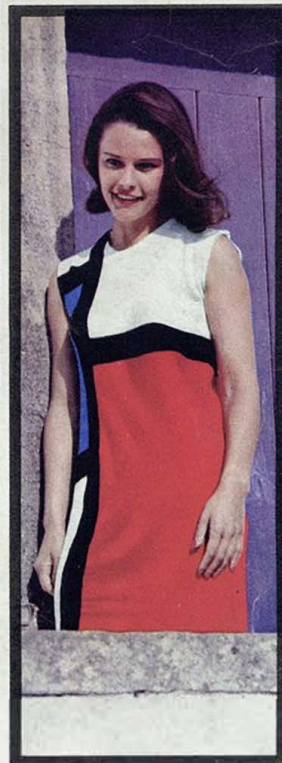
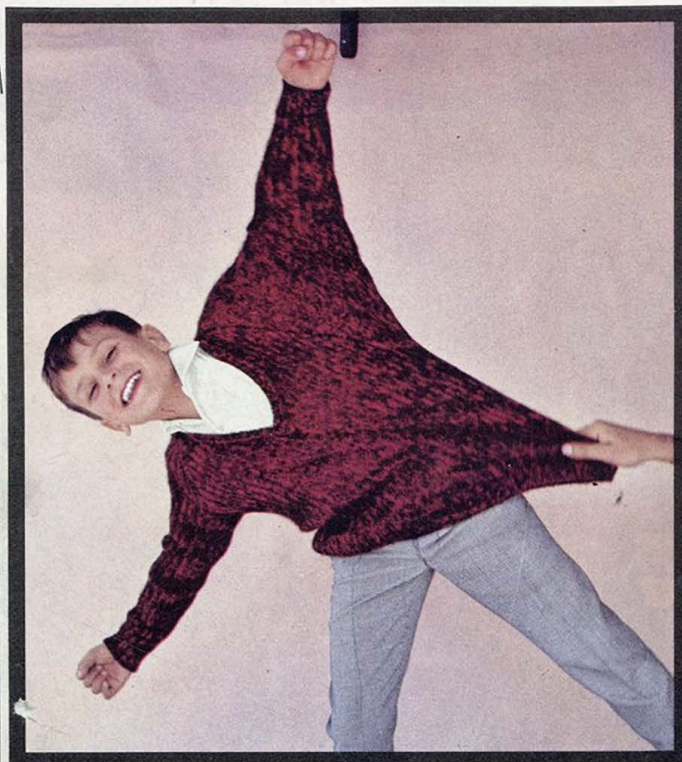
Em casa da Sr.<sup>a</sup> D. Ana Maria Trindade Martins Parraça o bolo de laranja é dos que são sempre recebidos por todos com guloso entusiasmo. Realmente é um bolo óptimo porque a Sr.<sup>a</sup> D. Ana Maria o prepara com todo o cuidado e com Vaqueiro!

**Vaqueiro torna tudo mais apetitoso**





a  
**WOOLMARK**  
garante o segredo da melhor lã  
**PURA Lã VIRGEM**\*



A WOOLMARK é o símbolo mundial de qualidade para os artigos de pura lã virgem. Isso significa que ela é uma garantia para os consumidores que ao adquirirem **fiOS de tricot de pura lã virgem** desejam usar o que distingue a melhor e a mais bela lã produzida no mundo: suavidade, conforto, elasticidade e riqueza permanente das cores. A WOOLMARK é cientificamente controlada e defendida pelo Secretariado Internacional da Lã, organismo independente e imparcial.



CONFIE NA WOOLMARK

**PURA Lã VIRGEM**  
natural, leve, inimitável

\* É pura lã porque não tem mistura de outras fibras; é lã virgem porque não foi recuperada de artigos já usados. Ela conserva assim todas as suas qualidades naturais.